



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA

ELISABETE SAMPAIO ALENCAR LIMA

**NAS SENDAS DA CRIAÇÃO LITERÁRIA DE MOREIRA
CAMPOS:
EDIÇÃO GENÉTICA E ESTUDO CRÍTICO-FILOLÓGICO DE
CONTOS INÉDITOS DO AUTOR**

Salvador
2016

ELISABETE SAMPAIO ALENCAR LIMA

**NAS SENDAS DA CRIAÇÃO LITERÁRIA DE MOREIRA
CAMPOS:**

EDIÇÃO GENÉTICA E ESTUDO CRÍTICO-FILOLÓGICO DE
CONTOS INÉDITOS DO AUTOR

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Letras,
do Programa de Pós-Graduação Literatura e Cultura
(PPGLitCult), da Universidade Federal da Bahia
(UFBA), como requisito parcial à obtenção do título
de Doutora

Orientadora: Profa. Dra.: Rosa Borges dos Santos

Salvador
2016

ELISABETE SAMPAIO ALENCAR LIMA

**NAS SENDAS DA CRIAÇÃO LITERÁRIA DE MOREIRA
CAMPOS:**

**EDIÇÃO GENÉTICA E ESTUDO CRÍTICO-FILOLÓGICO DE
CONTOS INÉDITOS DO AUTOR**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de doutora em Letras, do Programa de Pós-Graduação Literatura e Cultura (PPGLitCult), da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 9 de setembro de 2016.

Rosa Borges dos Santos _____
Orientadora, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil

Sílvia Maria Guerra Anastácio _____
Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil.

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz _____
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Brasil.

Maria Neuma Barreto Cavalcante _____
Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil.

Elza Assumpção Miné _____
Universidade de São Paulo (USP), Brasil.

A meus pais que sempre foram exemplo de superação

AGRADECIMENTOS

A Deus por ser minha força;

Aos meus pais pelo incentivo;

À minha irmã Nat por sempre traduzir meus resumos;

À minha irmã Maira por entender a minha ausência algumas vezes;

Ao meu cunhado Hamilton pela ajuda com as burocracias da vida acadêmica;

À Bia por existir;

À Hulda pela ajuda técnica;

À minha orientadora pela paciência e dedicação;

Às professoras da banca pela leitura e colaboração;

Aos colegas da UFBA;

Aos funcionários da UFBA, em especial Thiago e Ricardo, sempre solícitos;

A todos os professores que contribuíram para que este dia chegasse;

À Camila e Aninha por tornarem minha estadia em Salvador mais animada;

À FAPESB pelo incentivo financeiro.

“Acho o conto um excelente exercício de despojamento. Cada palavra tem de ser justa como um bordado delicado.”

(João Guimarães Rosa – manuscrito de uma entrevista à sua prima Maria das Graças – Arquivo Pessoal – IEB-USP)

RESUMO

O arquivo pessoal do escritor cearense José Maria Moreira Campos, oficialmente doado pela família à Universidade Federal do Ceará, em 2007, encontra-se depositado na Biblioteca do Centro de Ciências Humanas da referida Universidade e compõe o Acervo do Escritor Cearense. O conjunto desses documentos possibilita, além da consolidação da memória do escritor, a elaboração de edições e estudos no âmbito da Filologia e da Crítica Genética. A descoberta de contos inéditos do escritor despertou nosso interesse em estudá-los criticamente, a partir de uma leitura filológica, e apresentá-los através de uma edição genética. Para cumprir esse objetivo, revisamos o conceito de arquivo e memória, a fim de entender como as informações encontradas no arquivo pessoal do escritor poderão nos ajudar a compreender melhor a sua biografia, a recepção de sua obra e seu processo criativo. Assim, a biografia do escritor é vista através de entrevistas publicadas em jornais e em livro e da documentação encontrada em seu arquivo pessoal. Apresentamos a edição genética vertical de seis contos inéditos, a saber: *Os caminhos*, *A nova empregada*, *O elevador de carga*, *A mágoa*, *A mecha de cabelos* e *O suposto filho*, constituída pela descrição, transcrição linearizada dos testemunhos e considerações sobre as rasuras dos testemunhos. Nosso objetivo, com esta tese, é apresentar, através da edição e do estudo crítico-filológico das rasuras e momentos genéticos dos contos inédito do autor, o processo criativo de Moreira Campos sob o olhar da Filologia e da Crítica Genética, e mostrar como as narrativas foram construídas e quais elementos foram retirados dos contos para que se tornassem mais concisos.

PALAVRAS-CHAVE: Filologia. Crítica genética. Processo de criação. Arquivo pessoal. Edição genética.

ABSTRACT

The personal archive of Ceará writer José Maria Moreira Campos, officially donated by the family to the Federal University of Ceará, in 2007, is deposited in the Social Sciences Center Library of that University and composes the Acquis Writer Cearense. All these documents allows, in addition to the writer's memory consolidation, the development of studies and issues within the Philology and Genetic Criticism. The discovery of unpublished short stories of writer sparked our interest in studying them critically, from a philological reading, and present them through a genetic issue. To meet this goal, we review the concept of file and memory in order to understand how the information found in the personal file of the writer may help us better understand your biography, the reception of his work and his creative process. Thus, the biography of the writer is seen through interviews published in newspapers and books and documents found in his personal file. Here is the genetic vertical edition six unpublished short stories, namely: *Os caminhos*, *A nova empregada*, *O elevador de carga*, *A mágoa*, *A mecha de cabelo* and *O suposto filho*, constituted by the description, linearized transcript of the evidence and consideration of erasures the testimonies. Our goal with this thesis is to present, through editing and critical-philological study of erasures and genetic moments of unpublished author's short stories, the creative process Moreira Campos under the gaze of Philology and Genetic Criticism, and show how narratives were built and which elements were taken from the stories to become more concise.

KEYWORDS: Philology. Genetic criticism. Creation process. Personal archive. Genetic edition.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Busto de Moreira Campos.....	31
Figura 2 – Fotografia de Moreira Campos e D. Zezé.....	32
Figura 3 – Fotografia de Rachel de Queiroz com Moreira Campos	32
Figura 4 – Carta de Aluizio Medeiros, Aurélio Buarque e Braga Montenegro para Moreira Campos.....	33
Figura 5 e 6 – Carteira de identidade de Moreira Campos.....	34
Figura 7 – Manuscrito do conto <i>A nova empregada</i>	35
Figuras 8, 9 e 10 – Álbum <i>O que dizem dele, O que dizem a ele</i> , organizados por Zezé.....	36
Figura 11 – Recorte de jornal, <i>O povo</i> 30 de novembro de 1957	37
Figura 12 – Livros que compõem a biblioteca de Moreira Campos.....	38
Figura 13 – Fac-símile do testemunho 1, <i>Os caminhos</i> , f.1.....	71
Figura 14 – Fac-símile do testemunho 1, <i>Os caminhos</i> , f.2.....	72
Figura 15 – Fac-símile do testemunho 1, <i>Os caminhos</i> , f.3.....	73
Figura 16 – Fac-símile do testemunho 2, <i>Os caminhos</i> , f.1.....	74
Figura 17 – Fac-símile do testemunho 2, <i>Os caminhos</i> , f.2.....	75
Figura 18 – Fac-símile do testemunho 3, <i>Os caminhos</i> , f.1.....	76
Figura 19 – Fac-símile do testemunho 3, <i>Os caminhos</i> , f.2.....	77
Figura 20 – Fac-símile do testemunho 4, <i>Os caminhos</i> , f.1.....	78
Figura 21 – Fac-símile do testemunho 4, <i>Os caminhos</i> , f.2.....	79
Figura 22 – Fac-símile do testemunho 5, <i>Os caminhos</i> , f.1.....	80
Figura 23 – Fac-símile do testemunho 5, <i>Os caminhos</i> , f.2.....	81
Figura 24 – Fac-símile do testemunho 6, <i>Os caminhos</i> , f.1.....	82
Figura 25 – Fac-símile do testemunho 6, <i>Os caminhos</i> , f.2.....	83
Figura 26 – Fac-símile do testemunho 6, <i>Os caminhos</i> , f.2 verso.....	84
Figura 27 – Fac-símile do testemunho 7, <i>Os caminhos</i> , f.1.....	85
Figura 28 – Fac-símile do testemunho 7, <i>Os caminhos</i> , f.2.....	86
Figura 29 – Fac-símile do testemunho 8, <i>Os caminhos</i> , f.1.....	87
Figura 30 – Fac-símile do testemunho 8, <i>Os caminhos</i> , f.2.....	88
Figura 31 – Fac-símile do testemunho 8, <i>Os caminhos</i> , f.2 verso.....	89
Figura 32 – Fac-símile do testemunho 1, <i>A nova empregada</i> , f.1.....	92

Figura 33 – Fac-símile do testemunho 1, <i>A nova empregada</i> , f.2.....	93
Figura 34 – Fac-símile do testemunho 1, <i>A nova empregada</i> , f.3.....	94
Figura 35 – Fac-símile do testemunho 1, <i>A nova empregada</i> , f.4.....	95
Figura 36 – Fac-símile do testemunho 2, <i>A nova empregada</i> , f.1.....	96
Figura 37 – Fac-símile do testemunho 2, <i>A nova empregada</i> , f.2.....	97
Figura 38 – Fac-símile do testemunho 2, <i>A nova empregada</i> , f.3.....	98
Figura 39 – Fac-símile do testemunho 2, <i>A nova empregada</i> , f.4.....	99
Figura 40 – Fac-símile do testemunho 3, <i>A nova empregada</i> , f.1.....	100
Figura 41 – Fac-símile do testemunho 3, <i>A nova empregada</i> , f.2.....	101
Figura 42 – Fac-símile do testemunho 3, <i>A nova empregada</i> , f.3.....	102
Figura 43 – Fac-símile do testemunho 4, <i>A nova empregada</i> , f.1.....	103
Figura 44 – Fac-símile do testemunho 4, <i>A nova empregada</i> , f.2.....	104
Figura 45 – Fac-símile do testemunho 4, <i>A nova empregada</i> , f.3.....	105
Figura 46 – Fac-símile do testemunho 4, <i>A nova empregada</i> , f.3, verso.....	106
Figura 47 – Fac-símile do testemunho 5, <i>A nova empregada</i> , f.1.....	107
Figura 48 – Fac-símile do testemunho 5, <i>A nova empregada</i> , f.2.....	108
Figura 49 – Fac-símile do testemunho 5, <i>A nova empregada</i> , f.3.....	109
Figura 50 – Fac-símile do testemunho 1, <i>O elevador de carga</i> , f.1.....	113
Figura 51 – Fac-símile do testemunho 1, <i>O elevador de carga</i> , f.2.....	114
Figura 52 – Fac-símile do testemunho 1, <i>O elevador de carga</i> , f.3.....	115
Figura 53 – Fac-símile do testemunho 2, <i>O elevador de carga</i> , f.1.....	116
Figura 54 – Fac-símile do testemunho 2, <i>O elevador de carga</i> , f.2.....	117
Figura 55 – Fac-símile do testemunho 2, <i>O elevador de carga</i> , f.3.....	118
Figura 56 – Fac-símile do testemunho 2, <i>O elevador de carga</i> , f.4.....	119
Figura 57 – Fac-símile do testemunho 3, <i>O elevador de carga</i> , f.1.....	120
Figura 58 – Fac-símile do testemunho 3, <i>O elevador de carga</i> , f.2.....	121
Figura 59 – Fac-símile do testemunho 3, <i>O elevador de carga</i> , f.3.....	122

Figura 60 – Fac-símile do testemunho 3, <i>O elevador de carga</i> , f.4.....	123
Figura 61 – Fac-símile do testemunho 1, <i>A mágoa</i> , f.1.....	126
Figura 62 – Fac-símile do testemunho 1, <i>A mágoa</i> , f.2.....	127
Figura 63 – Fac-símile do testemunho 2, <i>A mágoa</i> , f.1.....	128
Figura 64 – Fac-símile do testemunho 2, <i>A mágoa</i> , f.2.....	129
Figura 65 – Fac-símile do testemunho 2, <i>A mágoa</i> , f.3.....	130
Figura 66 - Fac-símile do testemunho 1, <i>A mecha de cabelos</i> , f.1.....	133
Figura 67 – Fac-símile do testemunho 1, <i>A mecha de cabelos</i> , f. 1, verso.....	134
Figura 68 – Fac-símile do testemunho 2, <i>A mecha de cabelos</i> , f.1.....	135
Figura 69 – Fac-símile do testemunho 2, <i>A mecha de cabelos</i> , f.2.....	136
Figura 70 – Fac-símile do testemunho 1, <i>O suposto filho</i> , f.1.....	138
Figura 71 – Fac-símile do testemunho 1, <i>O suposto filho</i> , f. 2.....	139
Figura 72 – Folha de rosto de <i>O elevador de carga</i>	168

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – <i>Corpus</i>	19
Quadro 2 – Contos inéditos coleção <i>Centenário</i>	20
Quadro 3 – Momentos genéticos dos testemunhos de <i>Os Caminhos</i>	69
Quadro 4 – Momentos genéticos de <i>A nova empregada</i>	92
Quadro 5 – Momentos genéticos de <i>O elevador de carga</i>	113
Quadro 6 – Momentos genéticos de <i>A mágoa</i>	126
Quadro 7 – Momentos genéticos de <i>A mecha de cabelos</i>	133
Quadro 8 – Momentos genéticos de <i>O suposto filho</i>	138
Quadro 9 – Chave de leitura do confronto sinóptico.....	193
Quadro 10 – Confronto sinóptico de <i>Os caminhos</i>	194
Quadro 11 – Confronto sinóptico <i>A nova empregada</i>	205

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEC	Acervo do Escritor Cearense
UFC	Universidade Federal do Ceará
dat.	Datiloscrito
L.	Linha
Test.	Testemunho
Dir.	Direita
Esq.	Esquerda
f.	folha

LISTA DE OPERADORES CRÍTICOS UTILIZADOS NAS TRANSCRIÇÕES

< > acréscimo

[] supressão

<↑> acréscimo na entrelinha superior

<↓> acréscimo na entrelinha inferior

<←> acréscimo na margem esquerda

<[]> acréscimo e posterior supressão

[]/\ substituição por sobreposição, na relação [substituído] /substituto\

[]< > substituição à frente

[]<↑ > substituição por riscado ou datilografia de X acréscimo na entrelinha superior

[il] palavra ilegível

Ω deslocamento (desdobra-se em Ω1 Ω2 para indicar a sequência do deslocamento)

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	18
2	FRAGMENTOS DE UMA HISTÓRIA: MOREIRA CAMPOS POR SEU ARQUIVO	24
2.1	ESPAÇOS DE MEMÓRIA.....	26
2.1.1	“Um dia ele terá a sala dele e esse acervo irá pra lá.”	29
2.2	VIDA E OFÍCIO DE ESCRITOR NA TRAMA DO ARQUIVO.....	43
3	EDIÇÃO GENÉTICA DE CONTOS INÉDITOS DE MOREIRA CAMPOS	58
3.1	<i>Os caminhos</i> -- descrição dos testemunhos	65
3.1.2	Transcrição dos testemunhos de <i>Os caminhos</i>	72
3.1.2.1	Testemunho 1 de <i>Os caminhos</i>	72
3.1.2.2	Testemunho 2 <i>Os caminhos</i>	75
3.1.2.3	Testemunho 3 <i>Os caminhos</i>	77
3.1.2.4	Testemunho 4 <i>Os caminhos</i>	79
3.1.2.5	Testemunho 5 <i>Os caminhos</i>	81
3.1.2.6	Testemunho 6 <i>Os caminhos</i>	83
3.1.2.7	Testemunho 7 <i>Os caminhos</i>	86
3.1.2.8	Testemunho 8 <i>Os caminhos</i>	88
3.2	<i>A nova empregada</i> – descrição dos testemunhos	90
3.2.2	Transcrição dos testemunhos de <i>A nova empregada</i>	93
3.2.2.1	Testemunho 1 de <i>A nova empregada</i>	93
3.2.2.2	Testemunho 2 de <i>A nova empregada</i>	97
3.2.2.3	Testemunho 3 de <i>A nova empregada</i>	101
3.2.2.4	Testemunho 4 de <i>A nova empregada</i>	104
3.2.2.5	Testemunho 5 de <i>A nova empregada</i>	108

3.3	<i>O elevador de carga</i> – descrição dos testemunhos	111
3.3.2	Transcrição dos testemunhos de <i>O elevador de carga</i>.....	114
3.3.2.1	Testemunho 1 de <i>O elevador de carga</i>	114
3.3.2.2	Testemunho 2 de <i>O elevador de carga</i>	117
3.3.2.3	Testemunho 3 de <i>O elevador de carga</i>	121
3.4	<i>A mágoa</i> – descrição dos testemunhos	125
3.4.2	Transcrição dos testemunhos de <i>A mágoa</i>.....	127
3.4.2.1	Testemunho 1 de <i>A mágoa</i>	127
3.4.2.2	Testemunho 2 de <i>A mágoa</i>	129
3.5	<i>A mecha de cabelos</i> – descrição dos testemunhos.....	132
3.5.2	Transcrição dos testemunhos de <i>A mecha de cabelos</i>.....	134
3.5.2.1	Testemunho 1 de <i>A mecha de cabelos</i>	134
3.5.2.2	Testemunho 2 de <i>A mecha de cabelos</i>	136
3.6	<i>O suposto filho</i> – descrição do testemunho	138
3.6.2	Transcrição do testemunho de <i>O suposto filho</i>.....	139
3.6.2.1	Testemunho 1 de <i>O suposto filho</i>	139
4	ESTUDO CRÍTICO DOS TESTEMUNHOS DE CONTOS INÉDITOS DE MOREIRA CAMPOS	142
4.1	Estudo crítico dos testemunhos genéticos de <i>Os caminhos</i>.....	143
4.2	Estudo crítico dos testemunhos genéticos de <i>A nova empregada</i>.....	159
4.3	Estudo crítico dos testemunhos genéticos de <i>O elevador de carga</i>.....	167
4.4	Estudo crítico dos testemunhos genéticos de <i>A mágoa</i>.....	172
4.5	Estudo crítico dos testemunhos genéticos de <i>A mecha de cabelos</i>.....	175
4.6	Estudo crítico do testemunho genético de <i>O suposto filho</i>.....	179
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	183
	REFERÊNCIAS.....	186
	APÊNDICE A – Chave de leitura do confronto sinóptico.....	193

APÊNDICE B – Confronto sinóptico <i>Os caminhos</i>	194
APÊNDICE C – Confronto sinóptico <i>A nova empregada</i>	205

Modelo de ficha catalográfica fornecido pelo Sistema Universitário de Bibliotecas da UFBA para ser confeccionada pelo autor

Lima, Elisabete Sampaio Alencar

Nas sendas da criação literária de Moreira Campos:
edição genética e estudo crítico-filológico de contos
inéditos do autor / Elisabete Sampaio Alencar Lima. --
Salvador, 2016.

211 f. : il

Orientadora: Profa. Dra. Rosa Borges dos Santos.

Tese (Doutorado - Doutorado em Literatura e Cultura)
-- Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras,
2016.

1. Filologia. 2. Crítica Genética. 3. Processo de
criação. 4. Arquivo pessoal. 5. Edição genética. I.
Santos, Profa. Dra. Rosa Borges dos. II. Título.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O trabalho que realizamos volta-se para o estudo do processo criativo de seis contos inéditos do escritor cearense José Maria Moreira Campos, que constam do seu arquivo pessoal, custodiado pelo Acervo do Escritor Cearense da Universidade Federal do Ceará (AEC-UFC). Ao organizar a **Série manuscritos**, encontramos um total de dezesseis narrativas inéditas, das quais separamos seis para compor o *corpus* de nossa pesquisa. Vimos que, em sua maioria, são textos com mais de uma versão¹, em média com três ou quatro folhas, e nem todos possuem título. As marcas deixadas por Moreira Campos nos manuscritos e a extensão de cada narrativa, tornam essa documentação uma rica fonte para o estudo de seu processo criativo.

Moreira Campos comenta em entrevista (SENA, 1993) que vê em sua obra duas fases distintas: a primeira, de contos extensos, com até treze páginas, muitas personagens e descrições minuciosas de fatos, ambientes etc., a segunda apresenta contos que não ultrapassam três páginas, e com uma escrita direcionada para um texto mais conciso. Diante disso, pretendemos investigar, sob o olhar da Filologia e da Crítica Genética, como o escritor trabalhava para atingir sua meta: torná-los mais concisos. Para tanto, desenvolvemos um estudo crítico das transformações genéticas registradas nos manuscritos dos contos inéditos selecionados.

José Maria Moreira Campos, um dos maiores representantes da Literatura Cearense do século XX, nasceu em 6 de janeiro de 1914, em Senador Pompeu (CE). Seu pai, Francisco Gonçalves Campos, era funcionário da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (atual DNOCS), e, por esse motivo, a família precisou morar em várias cidades do Nordeste até fixar-se em Lavras da Mangabeira (CE).

Em 1930 mudou-se para Fortaleza, no ano seguinte perdeu seu pai e um ano depois faleceu sua mãe. Ingressou no curso da Faculdade de Direito do Ceará, bacharelando-se em 1946. Licenciou-se em Letras Neolatinas em 1967, na antiga Faculdade Católica de Filosofia do Ceará. Iniciou-se no magistério ensinando Português, Literatura e Geografia em colégios da capital. Em 1965, começou a lecionar na Universidade Federal do Ceará no Curso de Letras, como titular de Literatura Portuguesa. Foi integrante do Grupo Clã² e membro da Academia Cearense de Letras. (SOUZA; PONTE, 1996).

¹ Consideramos versão o estado em que o texto encontra-se após serem inseridas modificações.

² Clube de Literatura e Arte (Clã) – grupo fundado em 1943 que reuniu, no Ceará, os autores da chamada Geração de 45 do Modernismo (BENEVIDES, 1976).

Publicou dez livros de contos: *Vidas marginais* (1949), *Portas fechadas* (1957), *As vozes do morto* (1963), *O puxador de terço* (1969), *Contos escolhidos* (1971), *Contos* (1978), *Os doze parafusos* (1978), *10 contos escolhidos* (1981), *A grande mosca no copo de leite* (1985), *Dizem que os cães veem coisas*, este último teve quatro edições, duas em vida e duas póstumas (1987; 1993; 1995; 2002). Em 1976, publicou o seu único livro de poesia, *Momentos*. Teve sua obra traduzida para o inglês, francês, italiano, hebraico e alemão.

Faleceu em Fortaleza, no dia 7 de maio de 1994 e quase 10 anos após a sua morte, em 2003, a professora doutora Maria Neuma Barreto Cavalcante elaborou o projeto *O Arquivo Pessoal de José Maria Moreira Campos*: memória de uma vida criativa para concorrer à vaga de Professora visitante na Universidade Federal do Ceará. Tal projeto visava à organização do arquivo pessoal do escritor, que passou então a ser o primeiro fundo a compor o Acervo do Escritor Cearense (AEC-UFC).

A seguir, apresentamos dois quadros com o detalhamento das narrativas não publicadas e que integram a série Manuscritos do Arquivo Pessoal de Moreira Campos. O primeiro, com o *corpus* de nossa tese e, o segundo, com os contos que estão sendo preparados para publicação na coleção *Centenários no Acervo do Escritor Cearense*³. Carolina Campos, neta do escritor Moreira Campos, escolheu os contos que estavam sem modificações autorais para compor o volume da referida Coleção, logo não foi possível incluí-los em nosso neste trabalho.

Quadro 1 – Corpus

	Contos	Testemunhos⁴
1	<i>Os caminhos</i>	8
2	<i>A nova empregada</i>	5
3	<i>O elevador de carga</i>	3
4	<i>A mágoa</i>	2
5	<i>A mecha de cabelos</i>	2
6	<i>O suposto filho</i>	1

³ Essa coleção foi criada para comemorar o centenário de nascimentos de José Maria Moreira Campos e de Antonio Girão Barroso – cujos arquivos pessoais foram doados ao AEC-UFC – e tem como proposta publicar textos inéditos ou reeditar obras já esgotadas dos autores supracitados.

⁴ Suporte em que o texto é transmitido. A diferença entre versão e testemunho será discutida na terceira seção deste texto.

Quadro 2 – Contos inéditos destinados à coleção *Centenários no Acervo do Escritor Cearense*

	Contos	Testemunhos
1	<i>Bingo em L</i>	1
2	<i>Meu menino</i>	1
3	<i>Lhe agradeço</i>	1
4	<i>Quinô Bogija</i>	1
5	<i>Submerso</i>	1
6	<i>Terra alheia</i>	1
7	<i>O inimigo de Moshé Dyan</i>	1
8	<i>O desejo íntimo</i>	1
9	<i>O último gesto</i>	1
10	<i>Coronel Leandro</i>	1

Nossa tese filia-se à linha de pesquisa Crítica e Processos de Criação em Diversas Linguagens do Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia, e orienta-se para o estudo de manuscritos inéditos de Moreira Campos pelas áreas de conhecimento da Filologia e da Crítica Genética.

Para a Filologia, os sentidos do texto se constroem a partir da sua materialidade e da sua história, logo, os elementos envolvidos no momento da sua produção e transmissão são primordiais para a compreensão desses sentidos. Cada etapa da construção textual – produção, retomada, correção, revisão, leituras, bem como os registros materiais dos momentos de escritura – interessa ao filólogo na interpretação das marcas deixadas pelo escritor em sua trajetória escritural. Nesse sentido, propomos uma leitura crítico-filológica dos manuscritos, em perspectiva material, cultural e de conhecimento (GRÉSILLON, 2007).

A Crítica Genética, por sua vez, fornece novos mecanismos de interpretação do processo criativo, por meio do estudo dos manuscritos, qualquer que seja sua extensão (fragmentos, textos incompletos), formas (manuscritos, datiloscritos) e suporte (folhas avulsas, cadernos, cadernetas, recortes). Utiliza também os paratextos (cartas, entrevistas) que contêm informações relevantes sobre o processo de criação, evidenciando a trajetória de escritura do texto. A interpretação desses manuscritos nos mostra que a construção de um texto nem sempre irá progredir de forma linear. Para Raymonde Debray-Genette (1988, p. 46):

A genética não destrói os princípios de uma poética narrativa, no entanto, ela mina a garantia que poderia dar o texto final com mais frequência do que a confirma. Ela torna sensível, não somente à variação, mas mais ainda, e é aí que já pode existir uma poética especificamente genética, ao(s) sistema(s) de variações.

A análise narratológica realizada por Genette (1988) mostrou que há um longo e tortuoso percurso entre as primeiras e as últimas linhas de um texto, um conflito que só pode ser visto através do estudo dos vestígios deixados nos manuscritos. Raymonde Debray-Genette diz ainda que o objetivo de uma crítica genética deveria ser chegar a “construir uma poética específica dos manuscritos, que talvez fosse semelhante a uma poética da escrita em oposição a uma poética do texto” (1979, p. 24). Essa análise do processo de escrita e de sua dinâmica interna diferenciava-se de uma abordagem que parte do texto final e que procura nos rascunhos somente uma explicação ou uma verificação de elementos estilísticos, estruturais, temáticos, legíveis no texto acabado. Citamos aqui o caso do estudo elaborado por Edgar Allan Poe (2011) relatando a sua experiência de construção do conto “O corvo”.

O estudo dos caminhos da criação permite ao leitor desmistificar a ideia romântica do gênio artístico, Edgar Allan Poe em *A filosofia da composição* (2011) fala sobre seu próprio processo criativo e destaca que nenhum detalhe da composição pode ser entendido como um acidente ou intuição, mas que é fruto de um pensamento preciso e rígido. Na mesma obra, comenta a questão da extensão do texto – embora ele se refira à extensão do poema, e em nosso caso, a do conto – devemos considerar sua opinião quando ele diz que a brevidade do texto está diretamente relacionada com a intensidade do efeito pretendido.

Para entender o processo criativo de Moreira Campos, utilizamos em nosso trabalho, a articulação entre a Filologia e a Crítica Genética a partir de um ponto comum, o manuscrito. A Crítica Genética interessa-se pelo eterno devir do texto, tendo como objeto não necessariamente um texto acabado, mas o processo de produção. Já a Filologia, busca o processo de transmissão desse texto, a fim de restituí-lo e fixá-lo, ou seja, ocupa-se do texto final, do produto. A conciliação entre as duas ocorre ao estudar-se o texto, desde as notas e rascunhos, considerando-se os elementos materiais e históricos que circundam essa produção, sem ser necessário escolher um único texto, mas buscando conhecer o processo. Isso posto, pretendemos realizar a edição genética e o estudo crítico-filológico a fim de mostrarmos como Moreira Campos construiu essas narrativas, identificando os elementos que foram retirados ou substituídos para tornar sua escrita mais concisa, de modo que ao final de nosso estudo esperamos poder evidenciar como ocorreu o processo de redução dentro dessas narrativas.

No estudo do tipo e topografia das rasuras e dos princípios gerais de escritura⁵ nos contos de Moreira Campos, levaremos em consideração a classificação proposta por Pierre-Marc de Biasi (2010) e Grésillon (2007). Desses dois autores utilizamos, respectivamente, os tipos de classificação das rasuras e a metodologia para compor a edição dos manuscritos inéditos. Do estudo feito por Luiz Fagundes Duarte (1993), trabalhamos com os princípios de redução e amplificação observados no estudo dos manuscritos, fazendo-lhes os devidos ajustes, conforme especificidade da situação textual a ser investigada. Ao falar da metodologia aplicada, mostraremos também os ajustes necessários para composição da edição, pois é sempre preciso fazer adaptações, uma vez que, segundo Tavani (1988, p. 55),

[n]ota-se uma como que não perfeita correspondência entre a teoria e a práxis, no sentido de que a teoria se revela demasiado abstrata para que seja diretamente transponível na prática, e a práxis se manifesta sempre – ou frequentemente – muito menos convincente que a teoria.

Em nosso caso, os ajustes ocorrem nos dois contos que possuem maior número de testemunhos, *Os caminhos* (8 testemunhos) e *A nova empregada* (5 testemunhos). Para visualizar melhor como se deu a redução nesses contos, construímos um quadro sinóptico (Apêndice A e B) de cada um deles comparando os trechos semelhantes. Além disso, por adotarmos a Filologia e a Crítica Genética, foi necessário mesclar alguns operadores da tese de Carvalho (2002) e de Anastácio (1999) para englobarmos todas as situações encontradas no texto.

Parte do referencial teórico sobre Crítica Genética e Filologia, aqui estudado, foi apresentada e discutida durante as reuniões do Grupo de Edição e Estudo de Textos (GEET), Equipe Textos Teatrais Censurados (ETTC), sob a coordenação da Profa. Dra. Rosa Borges, o que contribuiu para sanar dúvidas e nos ajudou enfrentar os desafios nas mais diversas situações textuais.

Diante do exposto, estruturamos a tese a ser apresentada da seguinte forma: (1) **Considerações iniciais**, na seção (2) **Fragmentos de uma história: Moreira Campos por seu arquivo**, por termos a Filologia como base de nosso estudo, em outras palavras, por realizarmos uma leitura que considera a historicidade e a materialidade do texto, apresentamos o contista Moreira Campos e seu arquivo pessoal, com os documentos que formam o seu dossiê, para trazer outras informações que possam nos ajudar a entender como se dava o processo criativo de Moreira Campos em seus textos. Desse modo, optamos por

⁵ Luiz Fagundes Duarte (1993) chama de *princípios gerais do processo de correção*, mas preferimos não utilizar o termo correção por nos remeter à noção de erro.

mostrar tais informações nessa segunda seção de nosso texto: realizamos uma síntese da trajetória de vida do escritor através dos documentos existentes em seu arquivo pessoal. Transcrevemos trechos de correspondências e de entrevistas publicadas em livro e jornais, nas quais ele discorre sobre fatos importantes de sua vida pessoal e de sua carreira literária. Destacamos também a opinião de críticos cearenses e de outros estados sobre suas obras. Falamos ainda a respeito da criação do Acervo do Escritor Cearense, dos trabalhos realizados com base na massa documental lá existente e sobre questões relacionadas à aquisição de espólios, organização e preservação da memória.

Na seção (3), **Edição genética de contos inéditos de Moreira Campos**, tratamos da metodologia utilizada e apresentamos a edição genética dos contos estudados em nossa tese, através da descrição física dos seus testemunhos, da transcrição linearizada, seguida de comentários sobre as rasuras neles encontradas.

Na seção (4), **Estudo crítico-filológico de contos inéditos de Moreira Campos**, fazemos nossas considerações a respeito dos mecanismos utilizados pelo escritor no processo de criação dos contos, identificando e interpretando quais as rasuras que se evidenciam nos diferentes testemunhos, já que nosso objetivo aqui é mostrar de que forma o escritor trabalhou na construção dessas narrativas. Reunimos ainda nesta seção algumas das leituras realizadas durante nossa formação acadêmica, mestrado e doutorado, principalmente aquelas que nos ajudaram a constituir, ler e interpretar o dossiê genético escolhido por nós.

Seção (5) **Considerações finais**, com comentários sobre o estudo aqui proposto e as **Referências**.

Acreditamos que nossa tese traz elementos essenciais para a compreensão da obra do escritor cearense, além de colaborar para a divulgação do Acervo do Escritor Cearense, pois mostra de forma circunstanciada a pesquisa realizada no AEC-UFC. Pensamos ser este o momento de mostrar a profissionais especializados os resultados obtidos em nosso trabalho e receber as necessárias e bem-vindas contribuições.

2 FRAGMENTOS DE UMA HISTÓRIA: MOREIRA CAMPOS POR SEU ARQUIVO

Resíduo

De tudo ficou um pouco
Do meu medo. Do teu asco.
Dos gritos gagos. Da rosa
ficou um pouco.
Mas de tudo fica um pouco.

[...]

Se de tudo fica um pouco,
mas por que não ficaria
um pouco de mim? no trem
que leva ao norte, no barco,
nos anúncios de jornal,

[...]

Um pouco fica oscilando
na embocadura dos rios
e os peixes não o evitam,
um pouco: não está nos livros.

De tudo fica um pouco.

[...]

Mas de tudo, terrível, fica um pouco,
e sob as ondas ritmadas
e sob as nuvens e os ventos
e sob as pontes e sob os túneis
e sob as labaredas e sob o sarcasmo

[...]

e sob as bibliotecas, os asilos, as igrejas triunfantes
e sob tu mesmo e sob teus pés já duros
e sob os gonzos da família e da classe,
fica sempre um pouco de tudo.

Às vezes um botão. Às vezes um rato.

(Carlos Drummond de Andrade, 1973, p.163-165)

“De tudo fica um pouco”, essas palavras de Carlos Drummond de Andrade no poema “Resíduo” (1973) captam a noção na qual está fundamentado o conceito de arquivar, ou seja, guardar esse pouco que ficou, daquilo que vivemos. Esses guardados, fragmentos de uma história que se vão acumulando ao longo de nossa vida, geralmente servirão como prova dessa existência, uma forma de lembrar o passado, recuperar momentos que se foram, mas que

não queremos esquecê-los. É através dos fragmentos encontrados no arquivo pessoal do escritor cearense Moreira Campos que reconstruiremos, a seguir, a sua história de vida.

José Maria Moreira Campos morreu aos 80 anos, mas a morte não significou seu esquecimento, pois Drummond: “Se de tudo ficou um pouco, mas por que não ficaria um pouco de mim?” (1973, p. 164) E ficou, na verdade, muito. Moreira Campos, aquele homem alto e franzino, resiste ao tempo através de seu legado: livros publicados, entrevistas, fotografias, a memória dos familiares e amigos, e, principalmente, pelo o que nos deixou em seu arquivo pessoal.

Os fragmentos de sua vida, depositados no Acervo do Escritor Cearense, nos ajudam a recontar sua história, com algumas lacunas, é claro, mas cada peça lá encontrada é parte de um grande painel da vida de Moreira Campos. Apresentamos uma biografia do escritor sem aprisioná-la em datas, mas seguindo os fatos que vão se revelando através das peças de seu arquivo pessoal: correspondências, documentos pessoais e do relato do escritor. Recorremos principalmente ao depoimento de Moreira Campos, de forma que teremos também as suas impressões sobre sua própria vida, bem como a opinião de amigos e críticos literários.

Estamos cientes de que é difícil reconstruir canonicamente toda a sua trajetória, mas temos condições, até esse momento, de contá-la sob nosso ponto de vista, a partir dos documentos recolhidos, desse modo, criamos uma biografia com base na massa documental existente em seu arquivo pessoal. Leonor Arfuch (2009, p. 373) fala sobre as semelhanças entre o arquivo e a biografia:

Uma primeira semelhança estaria justamente relacionada com o espaço e a temporalidade. O arquivo e a biografia são construídos a partir desse eixo indissociável, já que a simples lembrança ou vivência – como o texto, a fotografia, o objeto – trazem consigo o tempo e o lugar. Contudo, essa dimensão da experiência [...] se encontra distante da linha canônica de um devir datado, atestado, de uma concatenação harmônica de acontecimentos. Pelo contrário, o “ordenamento” do arquivo, [...] depende exclusivamente da trama, desse tecido caprichoso que tanto a memória como a escrita, ou a busca de indícios que aproxima o arquivista ao detetive, possam requerer. O relato não repõe uma ordem prévia da vida, a qual concebe como inexistente, já que se trata de uma ordem construída [...]. Recorrendo a Derrida, “o arquivamento, além de registrar, produz o próprio acontecimento”.

Tentamos seguir o rastro que ele deixou, pois o trabalho com arquivo permite uma construção peculiar da memória. Dito de outra forma, ao mesmo tempo em que possibilita a consolidação da memória, vai de encontro a uma memória cristalizada, interessa-se pelo eterno movimento de construção e destruição, a luta entre a pulsão de vida e a de morte (DERRIDA, 2001).

Além de reconstruir momentos dessa história de vida, o arquivo pessoal do titular permitirá ao pesquisador conhecer melhor o contexto em que viveu, tornando possível uma associação entre sua vida pessoal e sua produção literária. Tal associação fornecerá elementos que auxiliarão no entendimento e na reconstituição do processo criativo. A importância de trabalhar com fontes primárias, principalmente no campo da Filologia e da Crítica Genética, reside no fato de que o desnudamento dos arquivos pessoais dará mais confiabilidade ao texto fixado pelo editor e, em nosso caso, permitirá uma melhor compreensão do processo criativo de Moreira Campos.

Com base na documentação depositada nos acervos, o editor crítico de textos poderá fazer escolhas mais seguras, facultando ao leitor o texto editado.

A pesquisa de fontes primárias fornece, dessa forma, os subsídios necessários à fixação de formas de um determinado texto, resultado da leitura e interpretação do crítico textual, a partir da individualização e do estudo de cada testemunho. (SOUZA; MATOS; ALMEIDA, 2012, p. 126-127).

Moreira Campos, cidadão, marido, pai, professor e escritor apresenta-se a nós através do seu espólio, fonte primária insubstituível para conhecê-lo. Em um primeiro momento, mostramos como foi construído o AEC, e, posteriormente, deixaremos que Moreira Campos narre a sua própria história, muitas vezes recriada em seus contos.

2.1 ESPAÇOS DE MEMÓRIA

Antes do surgimento da escrita, o homem dependia da memória para transmitir oralmente seu legado, que passava de geração em geração, porém cada narrador inseria um elemento novo em sua história, enriquecendo-a, transformando-a. Dessa forma, a memória pode ser vista como ponte entre passado e presente. Mesmo após o surgimento da escrita, o homem continuou a depender da memória, uma vez que, para escrever, ele precisava lembrar-se do que registraria.

Mnemosyne, de acordo com Kury (1997, verbete), era, para os antigos gregos, uma das deusas primordiais, filha de Urano (Céu) e de Gaia (Terra), irmã de Cronos, o tempo, que a tudo devora, pois, para ele, o importante era construir o futuro. A única que se lhe opõe é *Mnemosyne*, que preserva, quando pode, a matéria sobre a qual é rainha – a memória. Responsável por ligar o passado ao presente, a memória dava aos poetas o poder de voltar ao passado e transmiti-lo à posteridade. Apenas a memória poderia conceder aos mortais a imortalidade, uma vez que, sendo sempre lembrados, eles nunca desapareceriam.

Cabia à *Mnemosyne* a decisão sobre o que seria lembrado e o que seria esquecido. É na busca para não se deixar vencer por *Lemosyne*, o esquecimento, e por Tântatos, a morte, que surgem os espaços de memória. *Mnemosyne* gerou com seu irmão, Zeus, as nove musas das artes que habitavam o templo a elas dedicado, o Museu e é através de suas filhas que a deusa garante a permanência, a imortalidade e o futuro dos homens. Para Meneses (2007, p. 10),

[a] caracterização mais corrente da memória é como mecanismo de registro e retenção, depósito de informações, conhecimento, experiências. Daí com facilidade se passa para os produtos objetivos desse mecanismo. A memória aparece, então, como algo concreto, definido, cuja produção e acabamento se realizam no passado e que cumpre transportar para o presente. Diz-se, também, que a memória corre o risco de se desgastar, como um objeto frível submetido a uma ação abrasiva; por isso é que é preciso não só ser preservada, mas restaurada na sua integridade original. E também se deixa aprisionar pelo esquecimento, pela ocultação, enreda-se em caminhos que não conduzem ao presente; portanto, tem que ser resgatada [...].

Para que a memória permaneça como um patamar a passos futuros precisa ser preservada e transmitida, sendo essa então a função dos lugares de memória. A expressão lugares de memória foi criada por Pierre Nora (1984) para identificar espaços que comportassem uma tríplice significação: **lugares materiais**, onde a memória social se ancorasse e pudesse ser apreendida pelos sentidos; **lugares funcionais**, aqueles que têm ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e **lugares simbólicos**, onde essa memória coletiva se revela. Dito isso, entendemos que estes são espaços que se constroem, que guardam as marcas da sociedade e/ou dos indivíduos que as criaram. Tais espaços podem ser um museu, uma biblioteca, um arquivo, uma sacristia, um cartório, monumentos etc., ou podem ser as paredes de uma gruta, as tabuinhas de argila, papiros, pergaminhos, livros, qualquer suporte sobre o qual foi depositada, através de signos linguísticos, a memória de alguém.

Esses espaços particulares ou públicos possibilitam a construção da memória coletiva⁶, “embora selecionada segundo uma perspectiva pessoal” (ECO, 2010, p. 45), pois abrigam documentos que nos permitem conhecer uma parte do passado, parte porque subsiste nesses lugares apenas o que restou da vida de quem os produziu ou reuniu.

Ao longo da vida, acumulamos papéis, objetos, cartas, fotografias, agendas, diários e outros materiais que, se isolados do conjunto, poderiam não ter sentido. Por exemplo: coleções de chaveiros, folhas secas dentro de um livro, tampas de vinho... Esse ato de reunir e

⁶ Para Ulpiano Bezerra de Meneses (2007, p. 15), memória coletiva seria “um sistema organizado de lembranças cujo suporte são grupos sociais espacial e temporalmente situados”.

guardar compõe o que Philippe Artières (1998, p. 11) chama de “arquivamento do eu” e responde a uma exigência social, ou intenção autobiográfica. Os documentos de identificação – certidões, diplomas, registros, documentos de identidade, vida escolar, fotografias – têm função prática, pois com esses papéis monta-se o *curriculum vitae*. Mas, além desse aspecto circunstancial, também é possível extrair deles, segundo Artières (1998, p.14) “lições do passado, para preparar o futuro, mas, sobretudo para existir no cotidiano.”

Não é diferente com pessoas que possuem destaque social, político ou cultural – músicos, escritores, artistas, cientistas. Todos formam seus acervos e felizmente alguns deles encontram-se dispostos a preservá-los e torná-los disponíveis para estudiosos e pesquisadores. As fotografias, por exemplo, contam muito sobre o momento histórico e a vida do titular. Observando sua biblioteca, acompanhamos seus interesses de leituras, o gosto pessoal e também as tendências e o desenvolvimento editorial de uma época. Se os livros carregam marcas de leitura do seu proprietário, tornam-se fontes preciosas para o estudo de suas referências e procedimentos escriturais.

Os manuscritos e rascunhos nos conduzem pelas sendas que o escritor percorreu para elaborar o seu texto. A correspondência com familiares e amigos, por seu caráter confessional, desempenha um papel importante para esclarecimento de dados atinentes à produção do escritor, tais como datas, gênese, personagens. A correspondência de Mário de Andrade, por exemplo, traz-nos o desenvolvimento das ideias modernistas desde o seu nascedouro, as dúvidas, as polêmicas, as contradições, as dissidências, a evolução. Através de suas cartas para os amigos, assimilamos de forma pulsante, viva, aquele momento revolucionário de nossa vida cultural (MORAES, 2000).

O conjunto desses documentos contribui para que entendamos melhor a memória individual do titular e o contexto em que viveu. Essas memórias individuais conformarão a memória nacional.

A preservação do legado de artistas e escritores é um ato responsável, que tem levado instituições a investirem na formação de pesquisadores e na aquisição de técnicas específicas. Familiares já confiam que o legado cultural herdado estará seguro e constituirá um verdadeiro celeiro de pesquisas, que permite ver na obra além do que foi publicado. No Brasil, há fundações que preservam espólios de uma só personalidade: Casa de Jorge Amado, Casa de José Américo, Fundação Câmara Cascudo, dentre outras. Até agora somente quatro instituições que estão ligadas a universidades abrigam os arquivos de diversos intelectuais e artistas e permitem a realização de pesquisas com esse material: o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP, fundado em 1962), o Acervo de

Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais (AEM/UFMG, fundado em 1989), o Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (DELFO/PUCR, fundado em 2008) e o Acervo do Escritor Cearense da Universidade Federal do Ceará (AEC/UFC, fundado em 2007).

Cada acervo tem a sua especificidade e demanda uma forma diferenciada de tratamento. Mas, para todos, há um procedimento comum: organizar, preservar, explorar e divulgar o conteúdo existente em todos eles.

Concordamos com Maria Zilda Cury (1995, p. 57-58), quando diz que

[a] organização de acervos e a abertura de suas portas a um público mais amplo, além do mais, indicam uma visão mais democrática das possibilidades de acesso à cultura e para uma tentativa de retomada da memória no seu aspecto efetivamente coletivo, comunitário.

Aqui, trataremos especificamente do Acervo do Escritor Cearense (AEC), fundo Moreira Campos, para conhecermos melhor os documentos lá encontrados e que nos ajudam a conhecer melhor o escritor e a sua produção literária.

2.1.1 “Um dia ele terá a sala dele e esse acervo irá pra lá.”

Essa frase foi dita pela esposa de Moreira Campos, Maria José Alcides Campos, Zezé, em entrevista a Ethel de Paula, em 1996, muito antes de ser idealizado o projeto que viria se concretizar um dia.

A criação do Acervo do Escritor Cearense, atualmente sediado no segundo andar da Biblioteca do Centro de Ciências Humanas, nasceu da iniciativa da Profa. Dra. Neuma Cavalcante ao escolher como objeto de pesquisa, no concurso para professora visitante da Universidade Federal do Ceará, a organização do acervo de um escritor cearense sob o título *O Arquivo Pessoal de José Maria Moreira Campos: memória de uma vida criativa*. Esse projeto visava a organizar e indexar os documentos pessoais do titular. Como resultado, mostraria as possibilidades de pesquisa que tais documentos oferecem e a necessidade de se incentivar a preservação de acervos particulares. O projeto recebeu apoio do Instituto de Cultura e Arte (ICA), então dirigido pela Profa. Dra. Angela Gutiérrez, que, também preocupada com questões relacionadas à preservação da memória, definira como uma das metas para a Casa de José de Alencar – sob a administração do ICA – torná-la um centro de referência para a pesquisa e a documentação da cultura cearense.

O fundo Moreira Campos foi entregue à professora Neuma Cavalcante, em 2005 – embora o processo de doação tenha se iniciado em 2004 – pela neta do escritor Patrícia Campos, que acondicionara os documentos em caixas numeradas e com a nomeação do conteúdo. Pelo fato de os documentos terem sido armazenados pela neta, não foi possível identificar como o próprio escritor organizou seus “guardados”.

Ainda durante o processo de doação do arquivo de Moreira Campos, sua filha Natércia Campos, também escritora e responsável pela doação, faleceu vítima de câncer. Carolina Campos, sua filha, pediu à professora Neuma Cavalcante que organizasse também o arquivo pessoal de sua mãe. Formou-se, então, uma equipe para realizar esse trabalho. Desenvolveram-se estudos em várias áreas para construir a base de organização e análise dos documentos do referido arquivo.

O arquivo de Natércia Campos começou a ser organizado em agosto de 2004, em sua residência. O material reunido pela família estava acondicionado em caixas e pastas numeradas. O primeiro contato com a documentação foi realizado por Isabel Gouveia e Terezinha Melo, sob a coordenação da Profa. Dra. Neuma Cavalcante. Após o inventário, no período de agosto a setembro de 2004, os documentos foram trazidos para uma sala no 2º andar da Biblioteca do Centro de Ciências Humanas. De janeiro a março de 2005, o material passou pela fase da higienização, mas com o recebimento de outros volumes entregues por Carolina Campos, a equipe precisou parar a higienização e catalogar a nova remessa, fase que durou de março a maio de 2005.

Paralelamente, foi feito o Inventário do Acervo de Moreira Campos, que junto ao de Natércia Campos, foi enviado aos familiares. Estes, cientes do conteúdo do espólio, relacionado no Inventário Prévio, elaboraram um termo de cessão em sistema de comodato, assinado por todos os filhos. No dia 2 de outubro de 2007, os dois acervos foram oficialmente entregues à Universidade Federal do Ceará, que promoveu uma solenidade no auditório de sua Reitoria.

Estiveram presentes os filhos, amigos e familiares de Natércia Campos e de Moreira Campos. A mesa foi composta pelo Magnífico Reitor professor Ícaro de Sousa Moreira, pelas professoras, Angela Gutiérrez, Vera Moraes e Neuma Cavalcante, e pela filha de Natércia, Carolina Campos. O termo de cessão à UFC foi assinado pelo Magnífico Reitor Ícaro Moreira, a curadora Neuma Cavalcante e as testemunhas Elisabete Sampaio, Isabel Gouveia e Terezinha Melo. Ainda durante a cerimônia foi lançado o livro *Tributo a Moreira Campos e Natércia Campos*, organizado pelas professoras do Departamento de Literatura da UFC e então diretoras da Casa de José de Alencar, Angela Gutiérrez e Vera Moraes que, desde o

início, reconheceram o valor da proposta e incentivaram o trabalho fornecendo material de consumo e divulgando essa iniciativa através da imprensa. Após a assinatura do termo, foi aberta a exposição “Acervos Culturais do Nordeste”, na sala de convivência da reitoria, com uma mostra dos Acervos (correspondências, fotografias, cadernetas, manuscritos, tapetes, prêmios) de Moreira e Natércia Campos.

Atualmente o AEC é composto por quatro fundos de arquivo pessoais: Arquivo Moreira Campos, Arquivo Natércia Campos, Arquivo Gilmar de Carvalho e Arquivo Antônio Girão Barroso, este último encontra-se ainda em processo de doação.

O fundo Moreira Campos é constituído de documentos relativos à sua vida e obra. Para Heloísa Bellotto, um arquivo pessoal é

[...] o conjunto de papéis e material audiovisual ou iconográfico resultante da vida e da obra/atividade de estadistas, políticos, administradores, líderes de categorias profissionais, cientistas, escritores, artistas etc. enfim, pessoas cuja maneira de pensar, agir, atuar e viver possa ter algum interesse para as pesquisas nas determinadas áreas onde desenvolveram suas atividades, ou ainda, pessoas detentoras de informações inéditas em seus documentos que se divulgadas na comunidade científica e na sociedade civil, trarão fatos novos para as ciências, arte e a sociedade. (BELLOTTO, 2006, p. 266)

Um arquivo pessoal é composto de objetos e documentos múltiplos, logo, não poderá ser tratado com códigos e tabelas de temporalidades preestabelecidas de arranjo e descrição, como ocorre com arquivos administrativos, mas isso não quer dizer que não se possa recolher, arranjar, descrever e divulgar a documentação existente em um arquivo como aquele.

Para organizar o conjunto de documentos do arquivo pessoal de Moreira Campos, fizemos o levantamento e a identificação de todos os elementos que o compõem e os classificamos inicialmente em séries, a saber: Objetos diversos; Fotografias; Correspondência; Documentação pessoal; Manuscritos; Álbuns; Matérias extraídas de periódicos e Biblioteca.

Série objetos diversos: constituída por comendas, prêmios, busto, beca de formatura. O material que compõe essa série é utilizado principalmente para a montagem de exposições.

Figura 1 – Busto de Moreira Campos, feito por E. Menezes



Fonte: Acervo do Escritor Cearense (AEC-UFC)

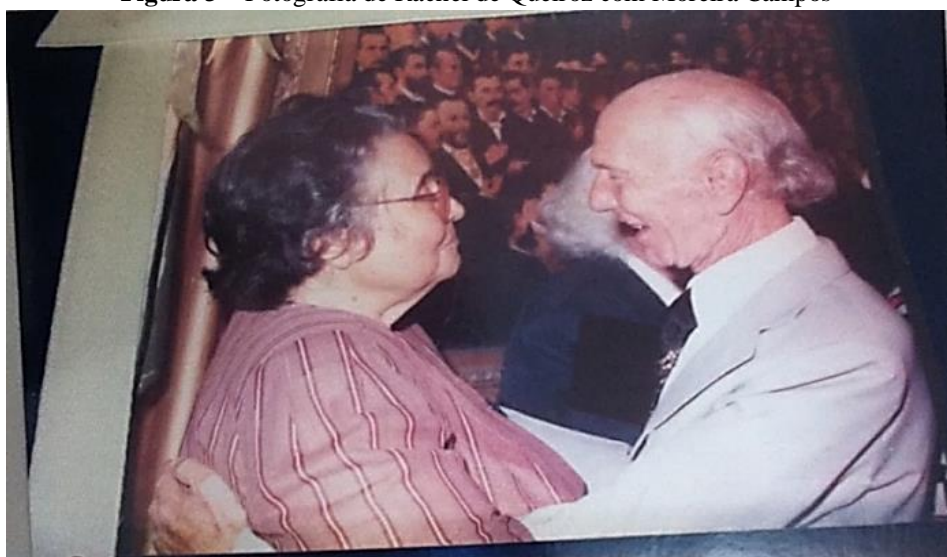
Série fotografias: registros de festas, premiações, reuniões com amigos e familiares. Retratam os costumes, a arquitetura da época, a moda, os acontecimentos sociais e poderão ser utilizadas em exposições, documentários e publicações.

Figura 2 – Fotografia de Moreira Campos e D. Zezé



Fonte: Acervo do Escritor Cearense (AEC-UFC)

Figura 3 – Fotografia de Rachel de Queiroz com Moreira Campos



Fonte: Acervo do Escritor Cearense (AEC-UFC)

Série correspondência: composta por cartas, cartões postais e telegramas trocados entre o autor e amigos, editores e familiares. As cartas – passivas ou ativas – de um acervo

nos dão uma visão das relações afetivas e intelectuais do escritor e, como consequência, da vida cultural da cidade. Essa série é relevante no estudo da produção de textos e a recepção das obras, pois ele recebia algumas cartas com a opinião de amigos, geralmente também escritores, como é o caso de Braga Montenegro, Aurélio Buarque e Aluízio Medeiros, sobre os contos que Moreira Campos estava escrevendo e outras com comentários sobre a obra recém-publicada. Muitas vezes, na correspondência com intelectuais, são discutidos assuntos de cunho literário, a opinião de outro autor sobre o texto a ser publicado. Esses comentários são preciosos na elaboração de textos acadêmicos e de biografias.

Figura 4 – Carta de Aluízio Medeiros, Aurélio Buarque e Braga Montenegro para Moreira Campos

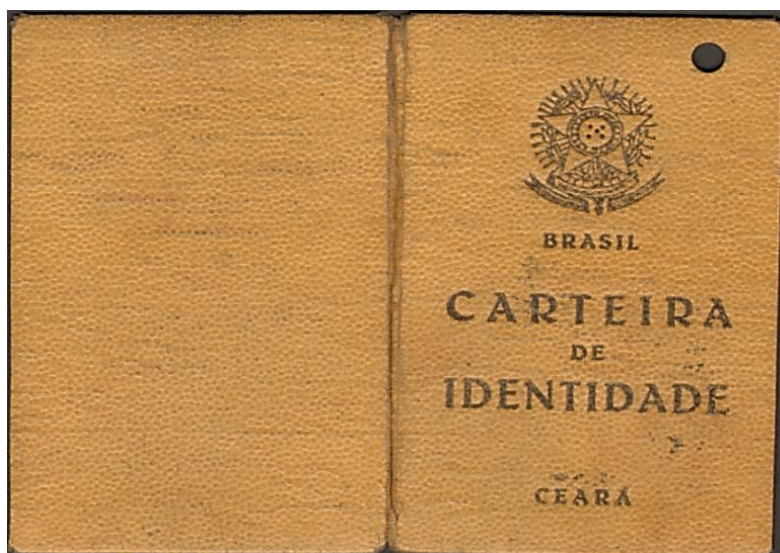


Fonte: Acervo do Escritor Cearense (AEC-UFC)

Série documentação pessoal traz a documentação relativa à vida de Moreira Campos: funcionário público, professor, escritor e cidadão. Esses documentos são indispensáveis para exposições e documentários e fonte para seus biógrafos, fornecendo-lhes dados precisos e até corrigindo algumas informações veiculadas erroneamente pela internet e por outros meios de

comunicação, como, por exemplo, a citar a data do falecimento do escritor como sendo 6 de maio de 1994.

Figura 5 – Carteira de identidade de Moreira Campos (capa)



Fonte: Acervo do Escritor Cearense (AEC-UFC)

Figura 6 – Carteira de identidade de Moreira Campos

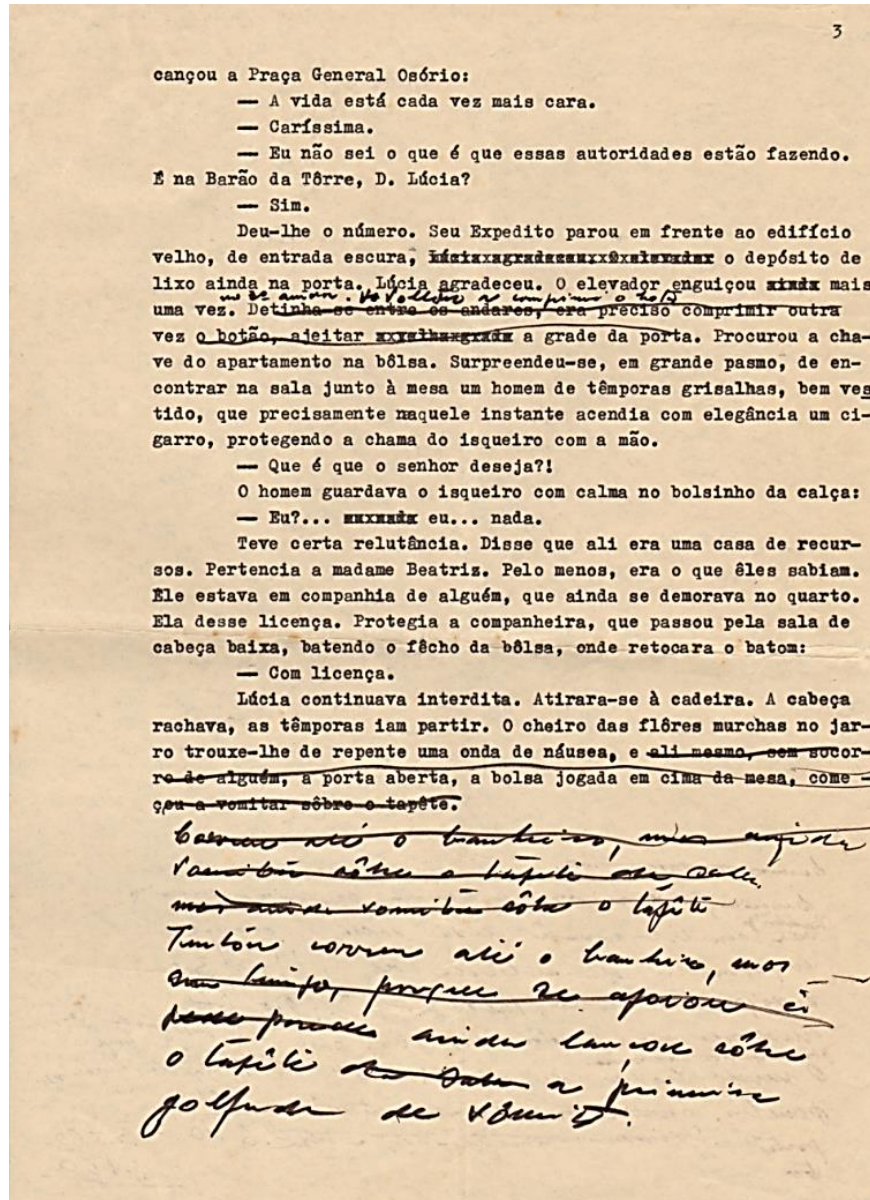


Fonte: Acervo do Escritor Cearense (AEC-UFC)

Série manuscritos: composta de documentos datilografados e manuscritos em diferentes estágios de elaboração: narrativas e poesias publicadas e/ou inéditas, em folhas avulsas e bloco de rascunho. Essa série nos possibilita desvelar os segredos do processo de

criação de Moreira Campos. Segundo Louis Hay (2007), “o manuscrito é o coração da gênese literária”. Do seu estudo poderão surgir edições genéticas, edições comentadas, edições críticas, que darão à crítica literária elementos seguros para análise da obra.

Figura 7 – Manuscrito do conto *A nova empregada*

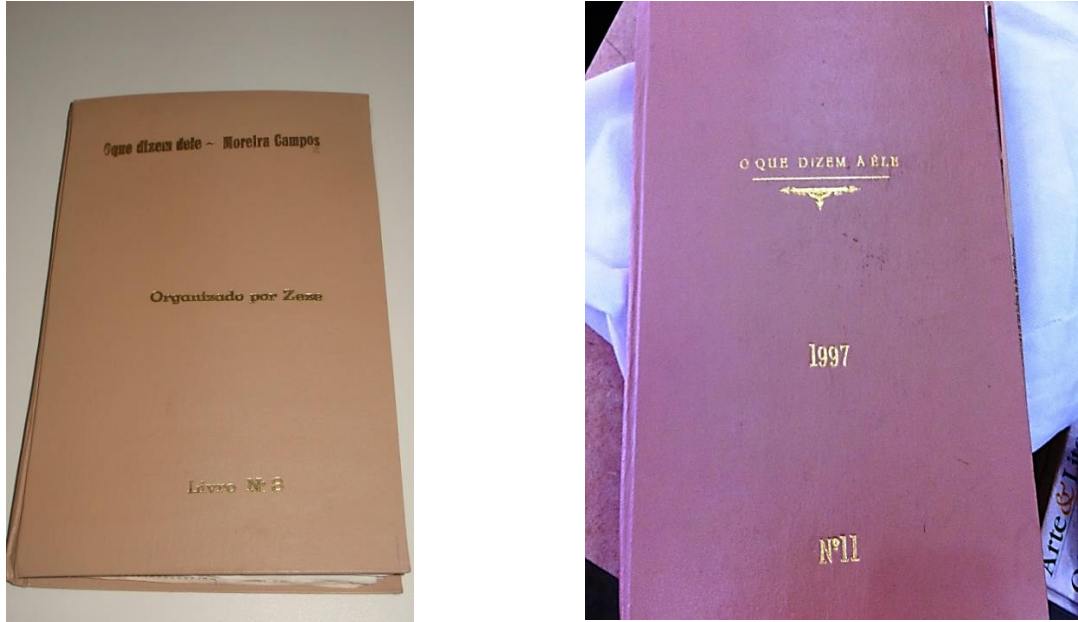


Fonte: Acervo do Escritor Cearense (AEC-UFC)

Série álbuns: 10 volumes sob o título *O que dizem dele* (1955-1994) e, um organizado após a morte do titular, e *O que dizem a ele* (1997), que mostram a trajetória da vida do cidadão e escritor. São compostos por cartas, telegramas, fotografias, matéria extraída de

periódicos, textos de terceiros, que foram reunidos e organizados pela esposa do titular. Há também desenhos e notas elaborados por D. Zezé.

Figuras 8, 9e 10 – Álbuns *O que dizem dele*, *O que dizem a ele*, organizados por D. Zezé



Fonte: Acervo do Escritor Cearense (AEC-UFC)

Série matérias extraídas de periódicos: contém textos do titular – contos, crônicas, poesias, resenhas, entrevistas, ensaios e notas sobre as publicações de Moreira Campos e a de terceiros. Após a morte de seu marido, D. Zezé continuou a guardar essas informações, que constituem uma documentação complementar à reunida pelo titular. Aqui, é possível

acompanhar a recepção da obra de Moreira, sua opinião crítica sobre a cultura nacional e suas ideias sobre temas relativos à literatura, à política e à educação.

Figura 11 – Recorte de jornal, *O Povo* 30 de novembro de 1957



Fonte: Acervo do Escritor Cearense (AEC-UFC)

Série biblioteca: composta pelos livros do autor e de terceiros. Acompanhamos seus interesses de leituras, o gosto pessoal e também as tendências e o desenvolvimento editorial de uma época. Muitas vezes a documentação bibliográfica nos orienta sobre a preferência do proprietário. Alguns dos livros encontrados nessa série possuem anotações marginais, geralmente comentários sobre o texto ou questões que irão compor as provas da disciplina de Literatura Portuguesa por ele ministrada. Sobre a importância da marginalia, Telê Ancona Lopez (1988, p. 311) destaca que:

[o]s livros de Mário de Andrade e a marginalia que o enriquece são fundamentais para se entender a formação, os interesses em diversas épocas, para verificar determinadas influências recebidas. [...] traços verticais, grifos ou cruzetas evidenciam um assunto, o refrão, o verbete, geralmente fichados depois, incorporando-se ao material reunido para estudos ou elaboração ficcional.

Figura 12 – Livros que compõem a biblioteca de Moreira Campos



Fonte: Acervo do Escritor Cearense (AEC-UFC)

Além de possibilitar o estudo do processo de criação do escritor, através da abordagem crítico-filológica dos manuscritos, o Arquivo Pessoal de Moreira Campos permite-nos conhecer as suas leituras, através das obras que cita ou resenha em suas crônicas e mesmo através dos poucos livros que nos chegaram de sua vasta biblioteca. Praticamente toda a sua biblioteca foi doada às escolas públicas e à Academia Cearense de Letras e distribuídas com os familiares. Algumas dessas obras, principalmente as de cunho didático, mostram o professor atento ao preparo de suas aulas, com observações e contribuições com acréscimo de exemplos no que se refere às questões gramaticais. As marcas de leitura nos mostram o escritor-leitor.

O material que compõe o fundo Moreira Campos permite o acesso a informações relevantes para a pesquisa, informações estas que talvez não chegassem ao conhecimento do pesquisador, caso não estivessem lá acondicionadas. Exemplo disso, são mudanças ocorridas na composição e no título de alguns de seus livros – *As vozes do morto*, anteriormente chamava-se *Palavras à meia sombra*; *Os doze parafusos*, intitulado antes *As estórias*; *A grande mosca no copo de leite* inicialmente *O elevador de carga* – mudanças essas discutidas na correspondência do autor com seus amigos ou editores ou citadas em jornais da época. Em entrevista a Edmilson Caminha Jr., publicada no jornal *Diário do Nordeste* em fevereiro de 1984, Moreira Campos afirma que

[...] segundo a Nova Fronteira, ele sai agora neste primeiro semestre. O título inicial é *O elevador de carga*, totalmente apoiético [...]. Mas depois escrevi um conto a que dei o título meio chamativo *A grande mosca no copo de leite*. Pedi à editora que

incluísse o conto e mudasse o título, que deverá ser portanto, este: A grande mosca no copo de leite (CAMINHA Jr., 1984).

Essas informações são necessárias para que possamos entender melhor a trajetória do texto, desvendar a forma única de sua escritura. É possível ver, através das marcas deixadas pelo escritor e da leitura da documentação paratextual, como o caminho é sinuoso e estreito, mas é a beleza desse percurso que encanta o pesquisador e ilumina a interpretação do texto.

Ressaltamos aqui a importância de cotejar o material encontrado no arquivo pessoal do escritor com o texto, tanto com o inacabado quanto com a obra já publicada, pois sem o conhecimento desse espólio o estudo da obra se resumiria aos elementos encontrados na obra editada, ou seja, os bastidores dessa produção ficariam fora do espetáculo, deixando encobertas informações relevantes para o estudo do texto.

Louis Hay (2007, p. 90), ao falar do trabalho com o manuscrito, explica a sua importância para a literatura:

[f]oram os manuscritos que abriram ao pensamento crítico uma nova dimensão da literatura e, por sua vez, esse pensamento deu uma nova existência aos testemunhos da escritura que repousavam (no sono, muitas vezes) aos milhares nas prateleiras das bibliotecas.

Após conhecer a vida do escritor, vemos que o ambiente de trabalho e alguns fatos que ocorreram em sua vida estão presentes em sua obra. É inegável que suas experiências estão inseridas nos contos, como menciona Nascimento, no jornal *O Povo* (junho de 1962), sobre a obra de Moreira Campos:

Tendo conhecido de perto o cangaceiro, o beato, a desconfiança rude e a sobriedade do sertanejo, o seu código de honra, ao lado daqueles personagens sempre curiosos do possível mundo civilizado do interior, representados pelo juiz, o farmacêutico, o escrivão, o vigário, afirma Moreira Campos que, com seus trinta e poucos anos de capital litorânea, tem em simbiose o mar e o sertão, podendo, por isso, contar histórias tanto da cidade como do mundo agreste de sua infância. As fraquezas do homem, suas paixões, seu heroísmo e suas hipotéticas virtudes, eis o campo de onde tem extraído esse consagrado contista as suas melhores narrativas (NASCIMENTO, 1962).

Ao adentrar o Arquivo Pessoal de Moreira Campos, reescrevemos a história da cidade em que viveu e de sua vida, revivemos os costumes da época e vivenciamos o crescimento da cidade de Fortaleza, ou seja, resgatamos a cultura dessa sociedade. Esse resgate é feito através da leitura de suas crônicas e contos, geralmente tendo essa Fortaleza antiga como cenário, dos jornais recortados e guardados por D. Zezé, das fotografias em preto e branco.

Quando retiramos o material encontrado com os escritores e o levamos para os acervos, agregamos novos valores a esse material. Reinaldo Marques tece o seguinte comentário sobre essa transferência,

[n]essa passagem, os acervos literários são drasticamente afetados quer em termos topológicos, da acomodação espacial dos materiais, quer no sentido nomológico, dos princípios e leis de organização e operação dos arquivos. Tornam-se objeto de tratamento por parte de saberes daqueles saberes especializados; tratamento que acaba realçando a diversidade de materiais que constituem os arquivos literários, seu caráter híbrido. A esses acervos agregam-se, pois, novos valores: histórico-cultural, estético, acadêmico, expositivo, econômico (MARQUES, 2011, p. 195).

Para Raúl Antelo (2011, p. 155), “[o] arquivamento, talvez mais do que o próprio arquivo, poderia ser definido então como o processo de preservar imagens de valor sagrado para uma cultura [...]” Mas como definir o que deve ser preservado ou não? Como o titular quer ser lembrado? A experiência com a organização de dois arquivos pessoais, o da escritora cearense Natércia Campos e o de Moreira Campos, seu pai, permite-nos dizer que cada titular buscará a imortalidade de momentos que foram marcantes em sua trajetória (formatura, premiações, recebimento de comendas, morte de entes queridos) e de pessoas que foram relevantes na vida pessoal e profissional, mas independente do que esteja contido em um arquivo literário, jamais teremos a totalidade do que foi vivido por seu titular. Mesmo que nada fosse retirado desse conjunto, ainda assim não seríamos capazes de remontar sua vida. Chegamos então à mesma conclusão de Gabriela Nouzeille sobre o trabalho de Brodsky. Ela afirma que

[n]o caso de Brodsky, como para outros fotógrafos da catástrofe (penso aqui, por exemplo, no fotógrafo e poeta japonês Masao), a resposta à violência da memória historicizada não é um regresso a uma memória verdadeira, ou mais “autêntica”; nele, não existe memória “objetiva” anterior à catástrofe, nem qualquer evento fixo ou lembrança originária. Pelo contrário, o desejo ou, mais precisamente, a compulsão pelo registro, por construir um arquivo dos acontecimentos que permearam o terrorismo de estado, assim como o advento do fim da história anunciado pela racionalidade neoliberal, supõe em Brodsky o reconhecimento de que todas as formas da inscrição servem como suplementos necessários à memória, mas sabendo que nunca conseguirão dar conta da totalidade do acontecido (NOUZEILLE, 2011, p. 137).

Além de ter consciência de que não é possível refazer exatamente os passos do titular de um arquivo, devemos também sempre ter em mente, ao explorar a documentação de um arquivo pessoal, que vamos reler a documentação contida nesse arquivo com o olhar de hoje, por mais que pensemos na época em que o titular viveu, não é possível voltar completamente

àquele tempo. Mais uma vez, retomando Raúl Antelo (2011, p. 157): “Um texto achado num arquivo sempre postula um para além da significação, porque toda frase lida, é literalmente, uma transposição, uma tradução, o vestígio de um corpo ausente que esteve ali.” Não veremos o que exatamente se passou, mas teremos o nosso olhar sobre o que se passou. Nas palavras de Benjamin *apud* Marques (2011, p. 197)

[s]ão nessas ruínas e fragmentos, que potencializam esse encontro, na medida em que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.”

Le Goff também nos fala sobre a reconstrução da história através do que foi vivido ao dizer que o que sobrevive não é exatamente aquilo que existiu no passado, mas o resultado de uma escolha feita pelo tempo, pela humanidade ou pelos historiadores. Essa reconstrução é feita através de dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos, sendo aquele uma escolha do historiador⁷ e este uma herança do passado. Com o passar do tempo, a diferenciação entre documento e monumento começa a esmaecer:

A concepção do documento/monumento é, pois, independente da revolução documental, e entre os seus objetivos está o de evitar que esta revolução necessária se transforme num derivativo e desvie o historiador do seu dever principal: a crítica do documento – qualquer que ele seja – enquanto monumento. O documento não é qualquer coisa que fica no passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo, cientificamente, isto é, com pleno conhecimento da causa. (LEGOFF, 2013, p. 494-495)

O estudo do documento requer do pesquisador uma visão ampla de fatos que estão vinculados à produção desse documento, visto que a sociedade é uma das que influi nessa produção. Conhecer o que está por trás dessa produção permitirá o uso pleno desse documento, uma das formas de conhecer os bastidores dessa fabricação é adentrar ao arquivo, uma vez que este é o local onde estão reunidos passado, presente e futuro, é lá que os documentos arquivados ganham novos significados, onde se encontra imortalizada a memória dos titulares. Meneses, em *Os paradoxos da memória*, nos faz refletir sobre a questão do tempo e da memória ao dizer que

⁷ Devemos considerar o historiador, neste caso, como o pesquisador em geral, uma vez que o trabalho de construção da memória pode ser feita por pessoas de diversas áreas do conhecimento.

[a] contemporaneidade reúne em um tempo sincrônico diversas temporalidades. Para entender melhor talvez valha a pena uma imagem esclarecedora, a foto de uma família. O patriarca da família fez noventa anos, então se reuniu toda a família no mesmo espaço para uma foto. Nela temos o patriarca, com seus muitos anos, olhar baço, pele corrugada, dorso encurvado, roupa fora de moda. No outro extremo o bebê que acabou de completar nove meses, com sua pele de pêssego, seus olhos vivos, sua agitação. No intervalo, as diversas idades e suas marcas. Portanto, cada um traz consigo o que de específico a diversa espessura temporal de suas vidas assinalou. Todos, porém estão presentes em um mesmo momento cronológico e, por isso, o ancião e o bebê podem interagir. É nesse tempo sincrônico com múltiplas temporalidades que opera a memória (MENESES, 2007, p. 33).

A memória se constrói a cada dia e o olhar de cada pesquisador sobre os documentos preservados em um arquivo traz sua releitura única, tal pesquisador é responsável por unir cada tempo desses e dar um novo significado ao passado. Essa recriação irá manter viva a memória do escritor, ou seja, a preservação do seu arquivo compartilhará com a Literatura essa função da ânsia de imortalidade. Um arquivo, cumprindo seu ofício de memória, irá nos possibilitar a volta ao passado para construir o futuro, aquilo que está por vir, o arquivo é uma promessa, como afirma Jacques Derrida (2001, p. 50):

Num sentido enigmático que se esclarecerá talvez (talvez, porque ninguém deve ter certeza aqui, por razões essenciais), a questão do arquivo não é, repetimos, uma questão do passado. Não se trata de um conceito do qual nós disporíamos ou não disporíamos já sobre o tema do passado, um conceito arquivável do arquivo. Trata-se do futuro, a própria questão do futuro, a questão de uma resposta, de uma promessa e de uma responsabilidade para amanhã.

Os arquivos de escritores são classificados como arquivos permanentes, vale aqui uma breve explicação sobre tal classificação. De acordo com a teoria da arquivologia, o caráter dinâmico da produção documental criou o ciclo vital dos documentos que compreende três idades (BELLOTTO, 2006). A primeira idade, arquivo corrente, abriga os documentos produzidos durante seu uso funcional e que são consultados com frequência pela administração. A segunda idade, arquivo intermediário, comporta os documentos que já ultrapassaram seu prazo de validade, mas ainda são armazenados pelo seu produtor por uma questão de precaução. Na terceira idade, arquivo permanente, encontramos os documentos que não possuem mais valor administrativo, mas que devem ser preservados pelo seu valor histórico, probatório. Heloísa Bellotto (2006) comenta a função dos arquivos permanentes e destaca a questão do tempo como elemento responsável por agregar novos valores aos documentos.

Sendo a função primordial dos arquivos permanentes ou históricos recolher e tratar documentos públicos, após o cumprimento das razões pelas quais foram gerados,

são os referidos arquivos os responsáveis pela passagem desses documentos da condição de “arsenal da administração” para a de “celeiro da história”, na conhecida acepção do consagrado arquivista francês Charles Braibant. E a chamada teoria das três idades nada mais é que a sistematização dessa passagem.

A distância entre a administração e a história no que concerne os documentos é, pois, apenas uma questão de tempo. Isto quer dizer que os arquivos administrativos guardam os documentos produzidos ou recebidos por cada uma das unidades governamentais durante o exercício de suas funções, e que vão sendo guardados orgânica e cumulativamente à medida que se cumprem as finalidades para as quais foram criados. Esses documentos são, na realidade, os mesmos de que se valerão os historiadores, posteriormente, para colherem dados referentes ao passado, já no recinto dos arquivos permanentes (BELLOTTO, 2006, p. 23).

Os documentos que compõem um arquivo de escritor terão para nós, pesquisadores, um valor diferente daquele que levou à sua produção, em primeiro lugar, porque, ao serem considerados como arquivos permanentes, perderam a sua função administrativa. Em segundo lugar, porque damos a esses documentos um novo significado. Como cita Walter Moser (1996, p.1), voltamos ao passado “para explorar o futuro”, ou seja, é a partir dos fragmentos desse passado que poderemos atribuir um novo significado para os documentos que fazem parte de um arquivo de escritor.

Dessa forma, é através de nosso olhar que reescreveremos a memória do titular. Fazemos de rascunhos, aparentemente, sem valor, para a sociedade em geral, uma peça fundamental para o melhor entendimento de obras premiadas; de anotações nas marginais dos livros, pistas para entender o processo criativo do escritor, é assim que reciclamos papéis.

Conscientes de nossa função de dar novos sentidos ao material encontrado no AEC apresentamos, na seção seguinte, uma biografia do escritor reescrita através dos fragmentos encontrados em seu arquivo, ou seja, uma biografia sem a pretensão de refazer todo seu percurso de vida, mas pontuada de fatos importantes para a formação do escritor e leitor Moreira Campos.

2.2 VIDA E OFÍCIO DE ESCRITOR NA TRAMA DO ARQUIVO

Compreender melhor a produção literária de José Maria Moreira Campos implica o conhecimento de suas experiências e, para percorrer esse caminho, cremos que as palavras do próprio escritor são as que melhor narram tal percurso.

Para dar voz a Moreira Campos, escolhemos alguns trechos da entrevista concedida aos pesquisadores do Núcleo de Documentação (NUDOC) – Berenice Abreu de Castro Neves, Leonor Botelho Lócio, Maria Nazaré Oliveira Ledo e Virgínia Maria Aguiar Vale, do curso de História da Universidade Federal do Ceará – (SOUZA; PONTE, 1996). Essa

publicação intitulada *Roteiro Sentimental de Fortaleza*: depoimento de história oral, Moreira Campos, Antônio Girão Barroso e José Barros Maia é o resultado do Projeto História e Memória de Fortaleza, cujo objetivo era recuperar o processo histórico da Capital cearense no século XX. A entrevista de Moreira Campos foi transcrita⁸ por Caterina Saboya, historiadora e neta do escritor.

Os trechos a seguir serão divididos de acordo com o tema a que se referem, a saber: infância e adolescência, Maria José Alcides Campos e José Maria Moreira Campos, vida literária, vida acadêmica.

A vida de Moreira Campos, do nascimento à adolescência, é repleta de mudanças, morou em duas cidades antes de fixar-se em Fortaleza, e de perdas, primeiro os irmãos, depois, o pai e, um ano depois, a mãe. Depois de uma trajetória difícil, forma-se em Direito, mas não é essa a profissão que escolherá seguir. Como disse “Moreirinha”, carinhosamente assim referido por seus alunos⁹:

Meu nome completo é José Maria Moreira Campos.

Nasci em Senador Pompeu, que foi um grande vulto da história do Ceará, mas o nome original de minha terra é Humaitá. Eu acho Humaitá realmente muito mais delicioso. Primeiro, é uma homenagem à guerra do Paraguai e também humaitá é tipo de papagaio... eu não sei, mas o Ceará não é muito detentor de tradições, nós destruimos a História que possuímos, isto está até na Arquitetura. [...]

Nasci no dia 06 de janeiro, dia de Reis, uma data muito bonita, no ano de 1914. [...] entre duas guerras: a Primeira Guerra Mundial e a Sedição de Juazeiro do Padre Cícero. Não obstante, não sou nada belicoso, sou homem muito pacato.

Meus pais chamavam-se Francisco José Gonçalves e Adélia Moreira Campos. Meu pai era português, português do mundo, um português inusitado. Antes de vir para o Brasil, foi quase padre. É! Porque em Portugal há uma tradição: o primogênito é escolhido para o sacerdócio e ele era o primogênito. Mas não tinha vocação para a Igreja e saiu do seminário. Brigou com o pai e aí pediu a passagem para o Brasil e veio construir estradas. Isto não é de português. Português vem para o Brasil ser comerciante ou padeiro e ele não. Veio para construir muitas estradas – no Ceará, na Paraíba, no Rio Grande do Norte. Chegou ao Ceará em 1909 na companhia de vários engenheiros de então, como Borges Arrojado Lisboa, Frederico Parente, Plínio Pompeu e outros. Chegou em Senador Pompeu, viu minha mãe, gostou, casou-se e eu nasci. E graças a Deus, ele brigou com o pai, porque se não eu não teria nascido. Minha mãe era brasileira, mas também filha de português. Meu avô materno era português. Chamava-se Thiago Moreira da Cunha e era também do mundo, um homem muito espirituoso. Às vezes, eu tenho um certo espírito, talvez tenha puxado a este meu avô. Nós nos formamos inconscientemente... sem saber que recebemos todas essas influências.

Tive dois irmãos – um irmão e uma irmã que morreram cedo.

O estudo inicial, básico, foi feito no interior, em Lavras da Mangabeira. O ensino naquela época era precário. Grupos escolares dirigidos por pessoas, às vezes, competentes, às vezes, improvisadoras. [...]

⁸ Termo utilizado pelos pesquisadores para indicar que a transcrição da entrevista sofreu interferências com a finalidade de tornar o texto mais organizado e mais próximo da fluidez da palavra oral.

⁹ Na transcrição respeitamos a grafia e a pontuação e selecionamos os textos que atendem ao nosso objetivo.

Foi em 1930, quando a família veio toda para Fortaleza, que ingressei no Educandário Moacir Caminha. Foi lá que eu fiz o vestibular para ingressar no ensino secundário, como se chamava então. Depois, fui para o Liceu, mas não pude terminar o Liceu por causa da morte de meu pai e de minha mãe. Aí, pobreza... fui fazendo um curso Madureza, como se chamava. Aos pedaços... era no São João, era noutro colégio, mas particularmente no São João, onde tinha grandes mestres como César Campelo, de Matemática. Assim, fui fazendo os meus estudos. Trabalhava, estudava à noite. Fiz vestibular para o curso superior, passei, formei-me em Direito em 1946. Eu era para ter sido agrônomo, estudei com Prisco Bezerra, nós dois juntos, para fazermos o vestibular para Agronomia... mas, no último momento, desisti e fiz o vestibular para Direito. Quando ingressei no magistério, na Universidade Federal do Ceará em 1965, ingressei porque era bacharel em Direito, mas senti que o governo iria exigir de mim, o que não exigiu, um diploma de Letras. E fiz outro vestibular. Ingressei na Faculdade Católica de Filosofia, onde me formei. De modo que eu tenho dois títulos: o diploma de bacharel em Direito e o diploma de licenciatura em Letras.

A vinda da família para Fortaleza foi uma tragédia. Meu pai, depois de ter sido construtor de estradas [...] passou a se dedicar ao comércio a partir de 1924. E foi um comerciante muito forte no interior, em Lavras da Mangabeira. Negociava com algodão, peles, cera de carnaúba. Um comerciante realmente forte. O desastre começou, porque a fábrica que ele tinha incendiou-se e não estava no seguro. De modo que nós viemos para Fortaleza. Ele morreu aos 44 anos em 1931. Minha mãe aos 38, um ano depois e fiquei no mundo, moço, pobre e só. Fui acolhido por um primo, Jáder de Carvalho. Morei em casa de algumas tias. O Desembargador Olívio¹⁰ conseguiu-me um emprego de ajudante de arquivista na Secretaria do Interior e da Justiça e fui morar em uma pensão (SOUZA; PONTE, 1996, p. 27-31).

Mesmo em meio a tantas dificuldades, a perda precoce dos pais, a conciliação trabalho/estudo para se manter, a literatura sempre esteve presente em sua vida e ocupou um espaço importante. Embora não conhecesse a teoria literária, ainda jovem começou a traçar as primeiras linhas de um soneto. Com o aprofundamento dos estudos literários e o contato com outros intelectuais da época, que contribuíam para a consolidação do Modernismo da Literatura Cearense, sua escrita torna-se mais elaborada e o gênero de sua preferência passa a ser o conto. Voltemos a Moreira Campos:

Minha vida literária, jovem, muito jovem, não publicando, sempre fui apaixonado pela Literatura. Interessante, no interior, com todas as restrições de que já falei, eu sempre estudava com um livro, eram romances. Eu me lembro que, em Lavras da Mangabeira, o Padre Pita, uma ocasião, quando eu era muito moço, passou na calçada de minha casa e me viu lendo. Chamou meu pai e disse: “Campos, é admirável esse seu menino, eu passo por aqui e ele está estudando sempre”. Eu não estava estudando, estava lendo romance. Porque a paixão grande minha foi a Literatura, a ficção. Como o sertão era restrito, sem grandes meios, todo livro de poesia ou romance que caísse na minha mão, eu devorava.

No início, também fui muito influenciado por minha mãe que era, como costume dizer, uma “poetisa doméstica”. Fazia o verso, fazia soneto para o familiar. Ela, coitada, nunca teve oportunidade sequer de publicar um deles. Muito católica, muito religiosa, os versos dela sempre tinham assim um tom místico. Acho que herdei particularmente dela a vocação para as Letras e, também, em parte, do meu pai. Meu pai escrevia muito bem e escrevia nos jornais. Então, este ambiente nosso foi um ambiente de Letras. Já tínhamos na época um intelectual na família, que era o Jáder

¹⁰ Desembargador Olívio Dornelles Câmara.

de Carvalho. O Jäder de Carvalho é meu primo. A mãe do Jäder de Carvalho, Rita, era minha tia e madrinha, irmã de minha mãe, Adélia. Então, já havia o Jäder. E eu acho que nasci com essa vocação. Eu, aos treze anos, já fazia sonetos, sem saber bem o que era fazer um soneto. Sabia que era um poema de quatorze versos, isso eu sabia. Mas ainda não conhecia a metrificação, não tinha consciência plena do que era um verso hectassílabo, setissílabo, do que era um verso decassílabo, heróico ou do que era um decassílabo alexandrino. Não tinha noção dessa métrica, do ponto de vista científico, do ponto de vista técnico. E uma ocasião, assim à tarde, menino, treze anos de idade, em Lavras da Mangabeira, fui visitado por aquela tristeza. O crepúsculo, o morrer do dia, o ocaso me entristecia muito, acho-o assim como uma espécie de antessala da morte, com toda a sua beleza. Eu fui visitado por aquela tarde e fiz um soneto: “Crepúsculo”. Graças a Deus, não me lembro do soneto, esqueci. Mas ficou-me o último terceto, este nunca esqueci. Ora, eu tinha treze anos, pouca leitura por causa dos próprios recursos do meio. Terminava o soneto (outro dia dizia isto para o Sâncio¹¹) assim:

“E ainda mais triste se tomando o instante
na esguia torre da matriz distante
o sino plange o funeral do dia”.

Depois, quando aprendi metrificação, fui olhar – estava tudo metrificado. Quer dizer, eu nasci com ritmo... desculpem esta confissão talvez pretenciosa. Depois desse soneto – nossa evolução comum sempre é: soneto, poesia, conto, romance – escrevi contos. Nunca escrevi um romance. Escrevi então muitos contos, crônicas ligeiras, que, graças a Deus, esqueci... esqueci todos, porque o Graciliano Ramos dizia que o indivíduo só deve estreitar, só deve publicar depois dos trinta anos para não se arrepender do que escreveu antes. [...]

Então, nós – estes que eu citei, Antônio Girão Barroso, Walter e Ari de Sá Cavalcante, Albano Amora e eu – criamos a Escola Moça de Cultura. Vejam que pretensão! Todos muito jovens. Depois, ainda por atração espontânea, paixão comum, surgiram os moços do grupo Clã, grupo consolidador do movimento modernista no Ceará, no dizer de Sâncio de Azevedo. Depois da publicação dos jornais Cipó de Fogo, Maracujá e Canto Novo da Raça, por Jäder de Carvalho, Mozart Firmeza, Sidney Neto, Franklin Nascimento, João Jacques e seu irmão Paulo Sarasate, que foi governador, foi o grupo Clã, criado em 1942, o consolidador do modernismo no Ceará, um dos grupos mais sérios, fecundos e autênticos – desculpem, pois sou integrante dele – que o Ceará já deu em todos os tempos. Fala-se muito na Padaria Espiritual¹², mas acho, não teve a atuação do grupo Clã... tem o mito, o prestígio.

A denominação Clã vem porque, no início, éramos intelectuais, moços apaixonados pelas Letras e havia artistas plásticos. Antônio Bandeira, Aldemir Martins, Barbosa Leite e Márcio Barata eram artistas plásticos. Arte tem um traço comum. Então, nós os admirávamos e eles nos admiravam. Daí a sigla – CLA – Clube de Literatura e Arte. Artistas da pena e artistas do pincel. Depois, os artistas plásticos saíram, ficamos só nós, os intelectuais. Aí, pusemos o til no a – Clã. [...] (SOUZA; PONTE, 1996, p.54-57).

Em meio aos primeiros passos na vida literária e depois de tantas perdas, começa uma nova fase na vida de Moreira Campos. Trabalhando como ajudante de arquivista na Secretaria do Interior e da Justiça ele conhece Maria José, nascem aos poucos a admiração, o amor e a cumplicidade que perduraram por 56 anos. Moreira relata os tempos de namoro, o breve noivado e os filhos e netos que nasceram de seu casamento.

¹¹ Professor da Universidade Federal do Ceará e estudioso da Literatura Cearense, Rafael Sâncio de Azevedo.

¹² Agremiação literária de escritores, pintores e músicos criada no final do século XIX que protagonizou um movimento literário modernista muitos anos antes da Semana de Arte Moderna de 1922.

Eu me casei em 14 de dezembro de 1937 com Maria José Nogueira Alcides – nome de solteira. Depois de casada, Maria José Alcides Campos. Nós trabalhávamos na mesma repartição, na Secretaria do Interior e da Justiça. Ali nós nos conhecemos. Eu conversava muito com ela, pois sempre fui muito conversador. Um dia, fiz um soneto, e ela, depois de ler, agarrou-se com o soneto com muita veemência, então daí tudo começou. Nós nos casamos. Uma coisa muito interessante, nunca fui à casa dela como namorado. Primeiro, porque os pais não queriam, os pais não, a mãe não queria o casamento, porque eu era muito jovem, ainda sem uma carreira definida, sem uma posição definida na vida. Era funcionário público, pobre, ganhando pouco e só nos casamos por causa dela, porque juntamos o dinheirinho dela com o meu.

Namorávamos depois do expediente. Saíamos rodando pela cidade, pelas praças, pelo Passeio Público, pela Praça da Polícia... rodávamos por ali, de mãos entrelaçadas. No Passeio Público, tinha um banco onde nos sentávamos e conversávamos muito.

O noivado foi curtíssimo. Casamos logo. Ela tem essas datas, eu não guardo muito datas.

[...] sendo a Zezé a primeira – ela é a mais velha dos irmãos – e eu, muito jovem, ainda sem definição na vida, ela criou restrições que hoje só merecem meu aplauso. Não tenho mágoa dela, absolutamente. Está num conto meu – Lama e Folhas. Mas aquilo é a criação, é o ato de criar, não é ela propriamente, ela foi uma mulher muito digna, muito séria mesmo e o presente que eu tenho hoje na minha vida, que é a Zezé, me foi dado por ela.

Tivemos três filhos. Eu fui muito sábio. Sábio porque casei em 37, um filho nasceu em 38, o outro em 39, o outro em 40. Eu vi que ia povoar o Ceará e aí parei. A primeira, a mais velha, Natércia – só o nome próprio; a segunda, Marisa que é Badida, que é pintora – na pintura tem o nome Badida e, sinceramente, não porque seja minha filha, é uma grande pintora. A Natércia escreve, é autora de Iluminuras, um conto que teve muita repercussão, recebeu o Prêmio Nestlé de Literatura, prêmio nacional. E tem o rapaz, o Cid, que é bacharel em Direito, foi funcionário do Banco do Brasil muitos anos, hoje vive separando o povo, porque ele é especialista em vara de família e já separou muita gente. O padre casa, ele separa, o padre casa, ele separa. Hoje tem o nome feito na Advocacia, exatamente por isso.

Eu tinha 12 netos, todos muito queridos. E, lamentavelmente, sofri a grande dor de perder o mais velho, afogado, morreu afogado. José Thomé de Saboya e Silva. Hoje eu tenho 11 netos. Tenho quatro bisnetos e em véspera do quinto, que possivelmente será português, porque a neta mora em Lisboa. [...] (SOUZA; PONTE, 1996, p.64-69).

Com relação à vida profissional, Moreira Campos destaca alguns fatos importantes vividos na Universidade, o ingresso na Academia Cearense de Letras e na Academia Cearense de Língua Portuguesa. E em suas palavras:

A minha vida universitária... eu sempre desejei ser professor. Fui outras coisas. Fui funcionário público, diretor de repartição, mas o meu sonho era ser professor. Tanto que, muito antes de ingressar na Universidade, fui professor da Fênix Caixeiral e do Padre Champagnat. Representavam muito naquela época. [...]

Então, ingressei na Universidade como Professor em 1965, quando fiz também um novo vestibular para a licenciatura em Letras como já contei no início desta entrevista. [...]

Sou membro da Academia Cearense de Letras e membro da Academia Cearense de Língua Portuguesa.

A lembrança que eu tenho da posse na Academia de Letras é que tive de fazer o discurso. Porque eu considerava a Academia um ponto muito alto, ali estavam as expressões maiores, então preocupei-me, fundamentalmente, com o discurso. Depois, concluí que não precisava tanto medo. Mas era natural, eu era moço. Um fato curioso é o seguinte: eu nunca pedi a ninguém para entrar em Academia nenhuma. Nunca! Eu fui tentado três vezes por outros, por amigos, para entrar na

Academia, mas eu sempre recusei, ao contrário de muita gente que luta, terrivelmente, para entrar. [...] ... eu sei lá, meu Deus, em que ano eu entrei na Academia, mil novecentos e quarenta e tanto, não me lembro de cor... os dois me inscreveram e eu não pude mais fugir. Dois amigos a quem eu não podia faltar, ela me visitou, insistiu, recebeu-me em seu salão, quando publiquei meu primeiro livro em 1949 numa festa muito bonita. Eu não podia mais fugir. Aí ingressei.

Sobre meu ingresso na Academia Cearense de Língua Portuguesa, eu não estava aqui. Estava na Argentina, tinha ido fazer uma excursão com Zezé [...]. O Hélio Melo organizou a Academia Cearense de Língua Portuguesa e os amigos, não sei à conta de que, indicaram meu nome para compor e eu sou um dos fundadores. Estou lá até agora. Muitas vezes têm lutado para eu ficar na presidência, mas não quero, que é mais trabalho para mim, eu já tenho muitos cabelos brancos, por isso eu tenho recusado. Então realmente eu participo dessas duas academias (SOUZA; PONTE, 1996, p. 74-83).

No trecho que se segue, retirado da entrevista concedida a José Rangel e publicada na revista *Preview* da Assessoria de Comunicação, Imprensa, Propaganda e Diretoria S/C ACIPE, 1983, Moreira Campos resume com um trecho do poema de João de Deus o que foi sua vida.

Eis-me em resumo, Rangel. Um resumo que se faz de muito suor e dores, mas também de compensações, como é a vida. (RANGEL,1983)

“.....

A vida dura um momento
Mais leve que o pensamento,
A vida leva-a o vento,

A vida é folha que cai”

No dia 7 de maio de 1994, aos 80 anos, Moreira Campos faleceu em Fortaleza vítima de um enfisema pulmonar.

Os depoimentos nos mostram que a morte sempre esteve muito próxima do escritor, primeiro falecem os irmãos, tempos depois os pais e muitos anos se seguiram até que ela viesse buscar a vida do seu primeiro neto. Essa atmosfera sombria foi retratada em muitos de suas narrativas. Nos primeiros contos, a morte, de forma brutal, ceifava a vida das personagens, já em seu último livro publicado em vida, *Dizem que os cães veem coisas* (1987; 1993), a morte é personificada, passa a ser uma das principais personagens, surge na figura de uma mulher, delicada, elegante e atemporal, que chega logo no início da narrativa e sorradeira leva consigo a vida de uma criança. É assim, entre o tênue fio que separa vida e morte que surgem as histórias de Moreira Campos, repletas de fatos ouvidos ou vivenciados e com ecos de vozes de grandes mestres da Literatura.

Cada narrativa construída pelo escritor era minuciosamente trabalhada, as características das personagens, o cenário, tudo parecia convergir para a produção de um texto

dinâmico, curto, sintético, estilo a que ele buscava em sua produção literária, como ele mesmo disse em entrevista a Carlos Augusto Viana, publicada no jornal *Diário do Nordeste*:

Eu tentei o romance e o próprio teatro. O teatro, eu acho uma coisa admirável. O teatro, talvez, seja aquele que mais se aproxima de mim. Até pelo diálogo, eu sou muito econômico. Não é econômico, é que eu procuro dar muita força ao diálogo. Todavia, jamais escrevi romance, novela ou teatro. Eu sou muito dinâmico. Essa minha voz lenta, demorada, é uma oposição ao que eu sou intimamente. Sou dinâmico e sintético. Nós não precisamos de muitas palavras para dizer bastante. Daí, talvez, a minha inclinação para o conto, contar logo a história, não perder o clima. O que me prende muito é buscar a síntese, o detalhe revelador (VIANA, 1989).

Os trechos transcritos anteriormente nos indicam o que encontraremos na obra de Moreira Campos: a preocupação com a estrutura do texto, um escritor sempre atento ao que dizia a crítica e comprometido com seus leitores.

Foi esse comprometimento do escritor com sua obra e público que o fizeram ter destaque na literatura cearense. A respeito disso, Braga Montenegro (1965) diz que o conto cearense só adquiriu qualidade artística após ou simultaneamente à Primeira Guerra Mundial e que o período moderno das letras cearenses é marcado pelo surgimento de um dos contistas de grande importância na literatura brasileira, Moreira Campos.

Ainda em *Roteiro sentimental de Fortaleza*, Moreira Campos apresenta as suas obras literárias, comentando sobre a dificuldade de publicação e expondo a sua opinião sobre seus escritos.

O meu livro de estreia foi *Vidas marginais* em 1949. Eu quero dar alguns esclarecimentos sobre este livro. Houve no Ceará, antes de 1949, antes da publicação do livro, um concurso, chamado concurso Aequitas, em que tirou o primeiro lugar um homem que escrevia com muita elegância, chamado Braga Montenegro. Foi quem tirou o prêmio. Eu quis concorrer. Quando soube que havia o concurso, já tinha escrito alguns contos, terminei outros que já estavam planejados, preparei o livro e cheguei tarde. Quando cheguei, a inscrição já estava encerrada. Mas eu estava com o livro pronto, então mostrei a alguns amigos. Generosamente, eles aplaudiram os contos, o livro, e eu publiquei o livro, o livro de estreia em 1949 pelas Edições Clã (do Grupo Clã) (SOUZA; PONTE, 1996, p.88).

Os originais de *Vidas marginais* foram lidos e aceitos por Graciliano Ramos, como podemos ver no comentário de José Helder de Souza, em entrevista realizada com Moreira Campos, publicada no jornal *O Povo*, em 30 de novembro de 1957.

Há dez anos atrás Moreira Campos, com sua figura esguia, notadamente afável, de riso largo, gestos e conversas cativantes, entrava com certa insegurança e intranquilidade, na velha Livraria José Olympio, refúgio de grandes figuras de nossa literatura nas tardes cariocas. Procurava o mestre Graça, o velho Graciliano Ramos, sobraçando um caderno de originais do seu

próximo livro de contos: *Vidas marginais*. Aproximou-se com a cautela devida, do áspero homem alagoano, que ali estava no lugar de seu hábito. Moreira, após breve conversa, entregou-lhe o caderno pedindo-lhe sua opinião. Depois encontraria o mestre lendo um trecho de seu livro a dizer para um circunstante:

– Repare como tem movimento...

No outro dia encontrava novamente o mestre e este, após dizer secamente que gostara de seus contos, lhe transmite um convite de sua esposa para jantar. Moreira Campos, para estupefação de muitos, não aceitou o convite, tinha outros compromissos.

Estava aceita tacitamente por um mestre a obra de um estreante.

(SOUZA, 1957).

Portas fechadas, obra lançada em 1957, pela editora O Cruzeiro, do Rio de Janeiro, obra premiada pelo Instituto Nacional do Livro do MEC, foi lida e bem aceita por renomados escritores e intelectuais, como relata Moreira Campos em matéria do jornal *O Cruzeiro*, intitulada **Arquivos implacáveis**, de 04 de janeiro de 1953:

Portas Fechadas, Condé, valha o que valer, está vincado de todos esses sofrimentos, sendo os do autor, senão maiores, pelo menos iguais aos dos seus pobres heróis.

Quanto à “biografia” do livro, ele se foi formando logo após minha estréia com *Vidas Marginais*. Contos escritos a espaços, entre os meus afazeres. Um dia levei o caderno ao Aurélio, que o aprovou. Rachel de Queiroz também o leu. Herman Lima chegou mesmo a escrever no *Diário de Notícias*, diante dos originais. Herberto Sales o recebeu, e agora a Editora O Cruzeiro o entrega ao público e à crítica, aos quais peço indulgência (CAMPOS, 1953).

A respeito desse livro, Guimarães Rosa, em carta datada de 27 de agosto de 1958, diz a Moreira Campos:

Creia, gostei mesmo do “PORTAS FECHADAS”: bom pela essência, pela verdade de arte, bom pelo que é, pelo estilo, conveniente, claro, gostoso. Dele ficaram comigo, principalmente, os “Onze dias a bordo”, “Mãe e filho”, “Rabo-de saia”, “Tem dono” (...magote de ladrão!) e “Carnes devoradas”- notável o Vicente morrendo com as linguças assadas... Sério, seguro contista é você (ROSA, 1958).

Sobre *As vozes do morto*, publicado pela editora Francisco Alves, Moreira Campos, em *Roteiro sentimental de Fortaleza*, fala da escolha do título e dos problemas enfrentados na publicação.

As Vozes do Morto. É muito difícil, no título de um livro de contos, definir tudo. Os contos versam sobre estórias as mais diversas. Só quando se dá um título como *Estórias* se diz tudo. O título *As Vozes do Morto* vem de um dos contos, um drama mesmo interessante, um conto que entrou até para uma seleção feita pelo Bosi. Achei esse título curioso. Este livro foi maltratado. Publicado pela Francisco Alves. Mas eu não gostei da edição e eu sou meio malcriado quando não gosto das coisas, tanto que o livro não teve muita circulação, porque mandei tirar do comércio. Passei

um telegrama malcriado à editora. “Não faça isso, brigar com a editora do Sul”. Passei um telex, um telegrama aborrecido. E o livro teve pouca circulação, mas caiu nas mãos de alguns críticos, inclusive do Bosi como já disse (SOUZA; PONTE, 1996, p. 88).

Ainda sobre os problemas de publicação de *As vozes do morto*, citamos a carta de Paulo Dantas, de 8 de maio de 1961 em que fica aparente a interferência do editor no processo de produção do texto.

Vamos fazer seu livro em 1962 e temos que deixá-lo com 12 contos apenas questão gráfica, de unidade da coleção, economia, etc. você queria me apontar, desde já, os cinco que devem voltar, ou deixar a seleção por nossa conta, tudo na base de 12?

O *Jornal do Comércio*, na coluna **Gazetilha Literária**, datado de 17 de julho de 1963, lançou a seguinte nota a respeito de *As vozes do morto*:

GAZETILHA LITERÁRIA. “As vozes do morto”.
Moreira Campos, o excelente contista cearense, após sete anos de seu último livro “Portas fechadas”, reapareceu com “As vozes do morto” numa modesta edição da Francisco Alves, com apresentação de Herman Lima [...]
Realmente, Moreira Campos realiza-se como um mestre na difícil arte do conto: Suas histórias, num estilo enxuto e depurado, são contadas em entretons, em filigranas de expressão que amortecem a tragicidade dos impactos e fixam os personagens nos seus caracteres. Sob certos aspectos, é um machadiano entre os modernos. Desde o aparecimento do seu primeiro livro [...]. Agora, com “As vozes do morto”, vem acrescentar à sua pequena mas significativa obra, um ponto de valor (GAZETILHA..., 1963).

A partir dessa obra, Moreira Campos começa a escrever contos mais curtos, iniciando então o que a crítica e o autor chamam de segunda fase. Quando questionado sobre como entendia o conto, em entrevista a Nertan Macedo, publicada no jornal *Unitário*, em 3 de fevereiro de 1963, Moreira Campos responde:

– Como um corte único, um assunto só, capaz de levar ao leitor, de pronto, a impressão de que motivou – responde ele acrescentando: não cabem aí divagações, sem que se penetre, pelo menos, os limites da novela. Diga-se, de passagem, que essa minha compreensão (e aceitação inelutável dela) é recente (MACEDO, 1963).

Foi esse, então, o novo conceito de conto para Moreira, cuja técnica ele procurou seguir e se aperfeiçoar até o fim de sua carreira literária.

O puxador de terço, publicado em 1969 pela editora José Olympio, é o segundo livro da sua segunda fase, com narrativas bem mais curtas, entre 4 e 7 páginas, e sem a estrutura de contos tradicionais com começo, meio e fim, apenas *flashes*. Moreira Campos, em entrevista a

Ítalo Gurgel, publicada no jornal *O Povo*, em 7 de janeiro de 1970, descreve a obra em questão da seguinte forma:

Um livro de contos, com 32 histórias (que aqui vai mesmo com o “h”, não obstante os modismos). Nele estão contidos 32 contos. Esse número, por si, já diz da nova linha em que me encontro dentro do gênero, se se considera que meu primeiro livro – *Vidas marginais* – contém 12 histórias, o segundo – *Portas fechadas* – 16, e o terceiro – *As vozes do morto* – 14. São flagrantes, manchas, impressões, flashes. O conto é obra essencial, sugestiva, sem muitas divagações, sob pena de cairmos na análise, que é própria do romance (GURGEL, 1970).

Merece destaque o comentário de Moreira Campos sobre *O puxador de terço*, referindo-se a um aspecto recorrente em seu fazer literário, a recriação do real para inseri-lo em suas narrativas.

Aí vem o quarto livro: *O Puxador de Terço*, que também toma o título de um conto, não é um título geral. O conto é sobre uma figura que eu conheci no sertão... era um sujeito maníaco, que, às vezes, até substituía o padre em puxar o terço à tarde na igreja e, ao mesmo tempo, só gostava de comer carne dos bichinhos, depois de maltratar os bichinhos para a carne ficar bem macia, coisa e tal. Uma figura entre o místico, o perigoso, o fanático.

Aliás, nenhum conto meu surge da fantasia. Há sempre um ponto verdadeiro, real que eu procuro transformar num conto. Se procuro transformar num conto, já estou compromissado com a arte literária, porque não é só contar o fato simplório, simples: “Fulano de Tal chegou em casa, viu a mulher em adultério, puxou o revólver”..., isto não é arte, é registro policial. A arte tem outra dimensão, é a recriação do real. Aí, cabe ao autor ter capacidade para dar beleza, chamamento artístico para o fato e não simplesmente registrá-lo. Assim, a recriação é minha, mas não parte de um fato aleatório, perdido. Parte de algo que aconteceu (SOUZA; PONTE, 1996, p. 88-89).

Grésillon (2007, p. 38) também destaca que algumas vivências de um escritor podem ser transmitidas para sua escrita:

Escrever como atividade reclama um sujeito gramatical. É a escrita mais íntima, a dos cadernos e cadernetas, que mostra como o vivido, o real, o biográfico estão intimamente ligados à escrita da obra e como, por aproximações infinitesimais e ao preço de conflitos cruciais, o eu real pode metamorfosear-se em narrador de ficção.

Nem todas as críticas sobre esta última obra de Moreira são positivas, Hélio Pólvora, em artigo publicado no *Jornal do Brasil*, intitulado **A síntese comprometida**, datado de 15 de fevereiro de 1970, comenta que o escritor ainda não conseguiu atingir a mudança estrutural que ele propunha desde a sua terceira obra.

O grande problema de *O puxador de terço* está, assim, no descompasso entre o processo construtivo e o tom. Moreira Campos ainda luta para se definir. As opções,

no seu caso, ainda continuam abertas, a expectativa prolonga-se. (PÓLVORA, 1970).

Em *Contos escolhidos*, publicado em 1971, 1974, 1978 e 1984 pelas editoras Imprensa Universitária do Ceará e Antares/INL, do Rio de Janeiro, encontra-se um dos seus contos mais divulgados, *O preso*, adaptado para vídeo por Karim Ainouz, em 1992. Sobre essa obra, diz Moreira,

[...] *Contos Escolhidos* não é propriamente um livro novo. É uma seleção que eu mesmo fiz do que já havia publicado nesses livros anteriores – contos de *Vidas Marginais*, de *Portas Fechadas*, d’*O Puxador de Terço*. Fui selecionando dentro do que gostava mais e dando a época a que o livro pertencia. Hoje é um de meus livros mais procurados. É muito raro acontecer isso, mas *Contos Escolhidos* já vai na quarta edição. Livro de conto só tem uma edição. Aí pronto, se apaga, se acaba. Este vai na quarta, totalmente esgotado (SOUZA; PONTE, 1996, p. 92).

Em 1976, Moreira Campos traz à luz seu único livro de poesia, *Momentos*, publicado pela Imprensa Universitária. Sobre esse livro, Antonio Girão Barroso, jornalista e poeta, diz ao jornal *Unitário*, em nota, datada de 13 de junho de 1976:

Um contista maior pode ser poeta? É claro que pode, nas estórias que escreve ou nos versos que entende de nos oferecer de vez em quando. É o caso do nosso Moreira Campos, que depois de ter publicado cinco livros de contos – todos da melhor qualidade e sempre muito bem recebidos pela crítica – lançou agora seu primeiro volume de poemas, “momentos”[...] (BARROSO, 1976).

Embora o escritor tenha dito que aos treze anos já escrevia sonetos, não continuou a enveredar pelo gênero.

Em 1978, foi lançada a coletânea *Contos*, pela Imprensa Universitária, e, em 1981, *10 contos escolhidos* pela Editora Horizonte, de Brasília. Ambos uma seleção de contos já publicados. Ainda em 1978 veio a público *Os doze parafusos*, publicado pela Cultrix, com vinte e nove contos inéditos. Quando questionado por Mário Pontes, em entrevista publicada no *Jornal do Brasil*, datada de 9 de dezembro de 1978, sobre o título desse livro, Moreira responde:

Esse título foi o original. Pensei posteriormente em dar-lhe o título de *As estórias* – estória sem H, por simpatia. Com esse título – meio pretensioso, se bem se pensa, pois que estas seriam, no gênero, as verdadeiras estórias, outras não existiriam, entende? – enviei os originais à Cultrix. José Paulo Paes sugeriu-me então, sem que o soubesse, o título inicial. Dizia-me que era mais “chamativo”. Acrescentarei: e mais misterioso, pela conotação que o parafuso tem com a loucura. O conto que dá título ao livro trata exatamente de uma mulher exacerbada pelo ciúme, pela loucura, que chega ao suicídio. Pense-se também em Henry James: *A outra volta do*

parafuso. De resto, está na boca do povo: fulano tem um parafuso frouxo (PONTES, 1978).

Aurélio Buarque de Holanda (1978, p. 1) no discurso de apresentação de *Os doze parafusos*, publicado no jornal *O Povo*, de 28 de outubro de 1978, diz: “Neste livro de agora, sua arte se requinta, onde tudo é exato, ao mesmo tempo em que se constitui num verdadeiro milagre de prosa em sua sobriedade.”

A grande mosca no copo de leite foi lançado em 1985 pela editora Nova Fronteira, com trinta e três contos, dentre inéditos e já publicados. Encontramos em seu arquivo pessoal a correspondência entre Moreira Campos, rascunho da carta, sem data, e Caio Porfírio Carneiro, de 8 de agosto de 1984, comentando a respeito da dificuldade para publicação. Este último diz:

O Jiro¹³ deixou a Ática e vai assumir agora em setembro, a Direção do Departamento Literário da “Nova Fronteira”, justamente onde está o seu livro [...] Conversei com ele sobre o seu livro e ele me garantiu que, chegando ao Rio, procurará resolver o problema. É seu admirador. Ele me autorizou a escrever a você e dizer isto.

Assim, por enquanto não me mande o original do seu livro. Estou certo que o Jiro resolverá o seu problema. Quando contei o seu “drama”, ele até riu: “Veja só: e eu tinha aprovado o livro dele aqui na Ática...”

Moreira Campos escreve no rascunho da carta em resposta ao Sr. Caio Porfírio o seguinte trecho:

Já no dia de sua saída daqui o livro que lhe prometi já estava, como está, definitivamente pronto, com a substituição de cinco contos ao todo, bem melhores, além da substituição do título original O ELEVADOR DE CARGA por A GRANDE MOSCA NO COPO DE LEITE [...] Em verdade, é este o livro desejaria fosse publicado, em meu favor e em favor da própria editora, embora a publicação se atrase um pouco. É evidente que no caso terei que escrever ao Jiro.

Vencidos todos os obstáculos para a publicação de *A grande mosca no copo de leite*, Moreira Campos fala sobre o conto que nomeia a obra:

A Grande Mosca no Copo de Leite, outro título estranho, este conto que deu o título do livro, é altamente erótico. Ele é altamente erótico! Quem leu... nada mais, nada menos do que a estória de uma empregadinha que foi presa, sob a alegação de que tinha roubado umas joias, e o filho, até formado, da casa, foi à polícia. A menina sofreu terrivelmente, por causa do processo na polícia coisa e tal. Foi levada até ao que eles chamam “pau-de-arara” para descobrir – o sujeito pagava bem para descobrir as joias – que, afinal de contas, ela nem tinha roubado, essa é que é a verdade. E, uma vez que ele estava lá, vê a menina nua. Vê que aquela moça, que servia naquela simplicidade, tinha um corpo admirável, muito alva e aí não se precisa dizer mais nada. Aí ele viu uma mosca. Ele trabalhando e a mosca voando pra cima e pra baixo no pensamento dele. Constante. A imagem que eu encontrei foi a do copo de leite para o contraste: a pele branca e o sexo. E ele aí se modifica

¹³ JiroTakahashi – ex-editor da Ática.

totalmente. Quer ampará-la em tudo, porque está já com safadeza instalada na alma, mas não acontece nada. Leva sanduíche para ela, pede ao delegado que a libere, dá a passagem dela de ônibus (ela queria voltar para a casa dos pais), vai deixá-la na rodoviária, mas não acontece nada, fica só no pensamento fica só no pensamento, o desejo está contido coisa e tal. O título parte disso – de ele tê-la visto nua e muito alva, aí o pessoal pergunta pra mim se eu tenho complexo de cor. Não tenho! (SOUZA; PONTE, 1996, p. 92-93).

Pedro Paulo Montenegro, escritor e crítico literário, publica um artigo no jornal *O Povo*, intitulado: ***A grande mosca no copo de leite, de Moreira Campos***, datado de 2 de março de 1986, no qual comenta a escrita mais madura, com um estilo já bem definido, conciso.

Trata-se de contos extremamente bem realizados, trazendo a marca do aprimoramento do Autor, através da vasta experiência e muita elaboração neste gênero literário. [...].

Sua forma é predominantemente impressionista, daquele impressionismo machadiano, que capta e fixa a modalidade no seu justo acontecer (MONTENEGRO, 1986).

O último livro publicado em vida, *Dizem que os cães veem coisas*, teve quatro edições – 1987; 1993; 1995; 2002, a primeira e a última publicadas pela editora da UFC, e as outras duas pela Maltese, de São Paulo. A primeira edição continha 25 contos e na segunda foram acrescentados 4, *Lama e folhas*, *Vigília*, *O preso* e *A gota delirante*. Esse último é também o título dado ao livro que o escritor tinha organizado e que foi publicado postumamente pela Tipoprogresso¹⁴ (2014). Moreira Campos fala a respeito de como foi produzido o livro e qual o significado desse título:

[...] *Dizem que os Cães Veem Coisas*. Também não é um livro original de contos, foi uma outra seleção que fiz de contos publicados, mas não contos constantes em *Contos Escolhidos*. A edição foi belíssima, um presente da Universidade, com ilustrações belíssimas do Geraldo Jesuíno. É um livro grande. Eu só não gostei, porque eu não gosto de livro que você não pode botar em cadeira, porque não tem lugar. O livro é muito grande, porque o Jesuíno precisava de espaço para a sua realização artística. E eu disse: “Está certo”. Mas eu não gosto, gosto de livro normal, pequeno, que você pode botar no bolso. Esse título *Dizem que os Cães Veem Coisas* – o que é isso? Os cães veem coisas? É uma tradição do folclore, Dizem que os animais veem antes dos seres humanos, que eles pressentem um terremoto e outros acontecimentos da natureza antes do homem. É possível. Dizem que o cão é capaz de ver uma alma antes de o homem ver. De ver um fato extraordinário, sobrenatural, ante que o homem perceba. E o conto gira em torno disso, que vai ser a morte de uma criança, que ninguém percebeu, mas os cães perceberam. Quando a morte chega, começam a latir, começam a latir terrivelmente. Latindo, latindo, latindo, a ponto de ter sido necessário recolhê-los ao canil. Por sinal, no conto, uma morte muito bonita, uma mulher, que a gente tem vontade é de pegar mesmo. Eu não descrevi a morte clássica, aquela com uma foice na mão, uma

¹⁴ Livro foi publicado postumamente a partir do texto encontrado nos manuscritos.

caveira, não, descrevi uma mulher bela, bonita. E o crítico disse com muita graça o seguinte: “Moreira, você só criou a morte daquele jeito, porque ela não era morte, ela era uma fada, que vinha matar a criança”. E eu que não tinha pensado nisso, fiquei parado, olhando para ele. A morte é um símbolo, a morte chega para nós, nós não estamos tendo conhecimento, coisa nenhuma. Eu vou morrer, coitado, não estou vendo coisa nenhuma. Eu vou morrer, a morte existe, não existe? Então posso simbolizá-la da maneira que quiser e a minha morte, a que chega, é muito bonita. É uma festa que estão dando numa dessas casas riquíssimas. Muitas pessoas, numa grande alegria. Vão almoçar e há uma piscina quase olímpica, há crianças brincando e uma delas sai e vai pra piscina e morre, morre afogada. Isso acontece a três por dois, às carradas. Saiu de um fato igual, verdadeiro. Aí a morte que eu crio é uma mulher com roupa transparente até os pés, com sapatinhos de pluma, ela chega e senta-se na beira da piscina. É quando os cães pressentem. Porque, quando ela chegou, houve um silêncio geral em toda a festa. Houve um silêncio geral, mas ninguém percebeu nada. Agora, os cães perceberam. Talvez a minha morte fosse uma fada. Inconscientemente, criei uma fada; o fenômeno inconsciente que acontece na Literatura, que o próprio autor não domina. Ele faz a coisa sem perceber, sem ter a consciência racional do que estava fazendo. Por que que a água não trouxe a morte de foice na mão, uma caveira? Trouxe uma mulher belíssima, que se senta à beira da piscina, jogam água em cima dela, coisa e tal e ela não se molha, porque ela é transparente, é uma espécie de ninfa. Agora, a criança vai morrer. Ela ia matar uma criança, não um velho, um adulto, um homem de cinquenta, sessenta anos... e essa criança pediu uma fada (SOUZA; PONTE, 1996, p. 93-94).

Rachel de Queiroz (1993, p. 9) escreve no prefácio desse livro a sua opinião sobre os contos de Moreira Campos e seu fazer literário.

Cada conto desses, ao encerrar-se nos deixa uma indefinida impressão de saudade. De um corte ou de um limite que se poderia prolongar por muitas páginas. Não que falte nada ao texto, sempre tão brilhante quanto conciso. Mas é que a gente não quer deixar para trás aquele mundo que poderia ser banal, se não fosse transfigurado pelos poderes de um criador seguro do que faz, implacável com sua criação; cuja escondida ternura só se trai por momentos com medo de comover – e por isso mesmo nos comovendo e fascinando definitivamente.

Moreira Campos colaborou também nos jornais *Unitário*, *Gazeta de Notícias* e em *O Povo*, entre os anos de 1987 e 1994, no caderno **Fame**, com a coluna Porta de Academia, na qual escrevia crônicas, notas, comentários. Todas as crônicas dessa coluna foram reunidas, organizadas e publicadas por Isabel Gouveia (2013) em um livro homônimo, premiado pela Secretaria de Cultura. Na introdução, elaborada por Gilmar de Carvalho, temos uma breve definição do que foram essas crônicas.

Porta de Academia contribui para compreensão do que fez Moreira Campos, do que viveu, de sua visão de mundo e de literatura. Escritos da maturidade, revelam um homem em paz com a vida, e funcionam como um diário de bordo, anotações ou glosas à margem de sua obra, referencial, não pela quantidade, mas pela importância e pela excelência dos seus contos, no contexto da produção nacional (CARVALHO, 2013, p. 11).

O autor participa ainda de 16 antologias, nacionais e internacionais, dentre elas: *22 diálogos sobre o conto brasileiro atual* (LINHARES, 1973); *Literatura cearense* (AZEVEDO, 1976); *A força da ficção* (PÓLVORA, 1971); *Situações da ficção brasileira* (CUNHA, 1970); Moreira Campos: *A escritura da ordem e da desordem* (LIMA, 1993). Participa ainda de dicionários, como: *Dicionário Aurélio* (FERREIRA, 1975), *Dicionário crítico do moderno romance brasileiro* (MAIA, 1970). Alguns de seus contos foram traduzidos para o alemão, inglês, hebraico, francês, e veiculados através de vídeo, de quadrinhos, como é o caso do conto “O preso”, objeto de curta metragem e que comparece em, pelo menos, dez publicações, dentre elas uma em língua alemã e uma em hebraico.

Moreira Campos nos deixa como legado, além de suas obras, a documentação que compõe o AEC. Tal documentação é uma fonte inesgotável de pesquisa e permite trazer a público informações enriquecedoras sobre sua vida e obra. Preservar, conservar e divulgar tal legado só é possível quando temos plena consciência da função da memória, ou seja, quando a vemos como responsável pela consolidação da história de um povo.

Foi por causa desse ato consciente de preservação da memória, ou seja, da criação do AEC, que tivemos acesso a esse legado do escritor; e, para divulgar o tipo de trabalho que pode ser feito com o material lá existente a outros profissionais, apresentamos a seguir os resultados que obtivemos através do estudo articulado entre a Crítica Genética e a Filologia, de forma a realizarmos a edição genética e o estudo crítico-filológico dos contos escolhidos.

3 EDIÇÃO GENÉTICA DE CONTOS INÉDITOS DE MOREIRA CAMPOS

Dos 16 contos inéditos encontrados até o momento no acervo pessoal de Moreira Campos, escolhemos, para edição e estudo crítico, seis (6) contos, a saber: *Os caminhos* (8 testemunhos); *A nova empregada* (5 testemunhos); *O elevador de carga* (3 testemunhos); *A mágoa* (2 testemunhos); *A mecha de cabelos* (2 testemunhos) e *O suposto filho* (1 testemunho).

O estudo desses contos será feito com apoio da Filologia e da Crítica Genética. A escolha desses lugares teóricos deve-se ao fato de que nosso objetivo é entender como ocorre o processo de redução na construção dos contos de Moreira Campos, de que forma essas narrativas foram elaboradas, identificando quais os mecanismos usados para chegar a essa redução. Os primeiros contos por ele publicados continham em média 10 páginas e os últimos 2, logo, nosso intento é mostrar, através de uma edição genética e do estudo crítico-filológico, quais as técnicas utilizadas por Moreira Campos na construção de seus contos inéditos.

Cumprir este objetivo demanda uma metodologia precisa, portanto, faremos a descrição dos manuscritos, para em seguida transcrever o texto, identificando as rasuras. A Filologia nos orienta a observar todos os traços que nos ajudem a entender o percurso feito pelo escritor para construir o texto, ou seja, considerando sua produção através de sua materialidade e da historicidade.

No lugar da Filologia, os sentidos não estão fora da materialidade e da história, tampouco das marcas físicas produzidas em seu processo de leitura. O momento da produção do texto e todos os mediadores do processo, bem como os tantos momentos de retomada, de correção e leituras, a recepção do mesmo e as marcas materiais de tais movimentos interessam de modo determinante ao olhar do filólogo, o qual oferece, com base em critérios devidamente estabelecidos e no cumprimento de passos metodológicos, uma leitura sobre a situação textual em estudo, uma forma de (dar a) ler determinado objeto (BORGES et al., 2012, p 11).

É então com esse propósito de acompanhar o trabalho de escritura dos contos selecionados que recorreremos à Crítica Genética para estudar o texto em movimento. Nascida no decorrer dos anos de 1960, a Crítica Genética traz para a pesquisa literária um olhar voltado para os bastidores da produção, o texto em movimento, a fim de entender como se dá o processo de criação. Para Almuth Grésillon (2007, p.19),

[s]eu objeto [a que se refere]: os manuscritos literários, na medida em que portam o traço de uma dinâmica, a do texto em criação. Seu método: o desnudamento do corpo do processo da escrita, acompanhado da construção de uma série de hipóteses sobre as operações escriturais.

Aproximam-se, nessa perspectiva de estudo, os lugares da Filologia e da Crítica Genética, pois, como afirma Grésillon (2007, p.48),

[o]cupar-se do manuscrito no sentido da crítica genética significa, é verdade, analisar os manuscritos filologicamente para restituir sua ordem sucessiva; contudo, a partir desse ponto começa um trabalho de interpretação que não visa à edição do melhor texto, mas à elucidação do trabalho de escritura.

Em nosso trabalho, a prática filológica revela-se quando lemos o manuscrito a partir de sua materialidade e história, em outras palavras, quando consideramos o manuscrito como um todo, cada elemento envolvido nos processos de produção e transmissão textuais. Essas informações contextuais oferecem ao pesquisador dados relevantes, principalmente, quando se trata do estudo da gênese do texto. Em nosso caso, a leitura crítico-filológica que pretendemos desenvolver não resultará em uma edição crítica, na fixação de um texto, mas na tentativa de entender o processo criativo do escritor. Buscaremos interpretar as campanhas de escritura existentes nos testemunhos, para que possamos concretizar tal objetivo, valendo-nos da Crítica Genética para apresentar essa trajetória de escrita através de uma edição genética e interpretação de gênese do texto editado.

Não podemos deixar de relacionar a Crítica Genética com a Filologia, no sentido de entender o manuscrito como um produto histórico. Para Biasi (2010, p. 16):

À medida que se afirmam as chances de uma mecanização do livro e da imprensa, o manuscrito, cada vez mais associado à imagem de uma prática privada, se enriquece com uma significação nova fortemente valorizada: escrito “pela mão do autor”, ele se torna rastro de uma criação individual, a testemunha material e a assinatura de um pensamento que está na origem do texto impresso. Por meio dos papéis autógrafos, o que se começa a sentir como verdadeiro alvo do manuscrito é a pessoa do escritor, seu trabalho, seu procedimento, sua individualidade.

O trabalho com manuscritos autógrafos, em um período marcado pela facilidade de se produzir e divulgar um texto, aparece como uma forma de aproximação entre o leitor e o escritor, pois aquele estaria em contato com um texto produzido, como Biasi (2010) destaca, “pela mão do autor”, mas ele também nos alerta para o risco de buscarmos a individualidade desse autor. Precisamos estar cientes de que o manuscrito não necessariamente representa esse escritor, por uma série de fatores que podem interferir na produção de um texto, dentre eles a ação de revisores, prazos de entrega, a exigência de editores, censuras, dentre outros. Devemos lembrar de que além do autor assumir vários papéis em seus autógrafos – o de escritor, leitor, revisor, crítico – outros agentes sociais e culturais participam desse processo.

Cabe ao filólogo estudar os documentos nessa perspectiva material histórica e cultural. Por esse motivo, justificamos, mais uma vez, a escolha de um estudo filológico que irá observar todos esses aspectos para melhor entendermos a produção de um texto.

A partir de então, descreveremos a metodologia a ser utilizada. A reconstrução do percurso de escritura exige do pesquisador o cumprimento de uma série de etapas, a primeira delas consiste na construção de um dossiê genético, ou seja, a reunião de todos os documentos que irão ajudar a conhecer o caminho traçado pelo escritor. No caso presente, o dossiê será composto de seis (6) contos, inéditos, com seus respectivos testemunhos e da documentação paratextual (matérias de jornal, correspondências, entrevistas etc.). A escolha dos seis contos deve-se ao fato de apresentarem maior número de testemunhos e de registrarem intervenções autógrafas.

Para a montagem do dossiê, Grésillon (2007) propõe estudar o manuscrito seguindo as etapas: **localizar** e **datar**; **classificar** e **decifrar**; **transcrever**, para somente depois **ler** e **interpretar** os documentos. Para datar os contos em questão, adotaremos dois critérios: o das rasuras, utilizadas pelo escritor para corrigir, revisar ou reescrever o texto, e o da ortografia, que nos levarão a traçar uma possível cronologia dos testemunhos. Algumas dessas narrativas foram escritas conforme as normas que antecedem o acordo ortográfico de 1971 e outras já cumprem as determinações estabelecidas por este acordo, logo é possível identificar quais foram elaborados antes de 1971 e quais as posteriores a essa data.

Em nosso caso, localizar os documentos para montar o dossiê implica percorrer todas as séries do arquivo pessoal de Moreira Campos, uma vez que as folhas manuscritas estão sem data, numeração e, às vezes, sem título. Finalizada a recolha dos documentos, composto o dossiê, e após localizar e datar os manuscritos, iniciaremos a fase de classificação, realizada através do estudo e a fase de deciframento das rasuras¹⁵. As fases de datar e classificar, na verdade, são realizadas em conjunto, visto que para datar o manuscrito, é preciso observar a cronologia de sua escritura. As tarefas de classificar e decifrar um manuscrito exigem uma série de competências intelectuais, uma vez que reconhecer a ordem e saber ler o que a letra, às vezes, mal traçada do escritor registrou no papel demandam o conhecimento do seu estilo e de familiaridade com as operações de escritura e movimentos de gênese que aparecem no texto.

Para iniciar o estudo filológico, observando a materialidade dos manuscritos, precisamos descrever os testemunhos para organizá-los em ordem cronológica e torná-los

¹⁵ Grésillon (2007) utiliza esse termo para se referir ao processo de decodificar as palavras difíceis de serem lidas, geralmente por causa das rasuras.

legíveis. Chartier (2002) comenta sobre a importância de considerarmos a materialidade de um texto ao dizer que

[o]s textos não existem fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são os veículos. Contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados. O “mesmo” texto, fixado em letra, não é o “mesmo” caso mudem os dispositivos de sua escrita e de sua comunicação (CHARTIER, 2002, p.61).

Concluída a primeira parte de montagem do dossiê, nos deteremos em nosso objetivo de trazer a público os manuscritos inéditos do escritor através de uma edição genética, que, para Grésillon (2007, p. 246), é aquela

[...] que apresenta exhaustivamente, e na ordem cronológica de seu aparecimento, os testemunhos de uma gênese. Na concepção francesa, não se trata de estabelecer uma edição sinóptica (que reúne várias camadas em uma única), mas de reproduzir um a um todos os manuscritos do prototexto.

Faremos isso através da transcrição dos testemunhos de cada conto, dos quais optamos ainda por mostrar todo o percurso de construção e, assim, realizar uma edição genética vertical. Segundo Pierre-Marc de Biasi (2010, p. 104),

[...] a edição vertical interessa-se pelo encadeamento das fases que atravessam o dossiê genético de uma obra, acabada ou não, publicada ou inédita. Ela tem como objetivo, para aquela obra (ou uma de suas partes), a publicação cronológica dos documentos relativos à série integral (ou a uma sequência significativa) das transformações sucessivas que permitem compreender a sua gênese. A edição vertical, visa, em princípio, reconstruir o processo de escritura de ponta a ponta do itinerário genético: do estado prototextual, dos primeiros rastros escritos da concepção até as últimas correções nas provas [...].

Como são contos inéditos, buscamos chegar às modificações genéticas apresentadas naquele que consideramos último manuscrito daquele itinerário de gênese.

A escolha desse tipo de edição foi-nos ditado pela necessidade de todo o itinerário de escritura de cada conto selecionado, considerando todas as campanhas de escritura encontradas nos testemunhos, reproduzindo, como adverte Grésillon (2007), os manuscritos do prototexto.

O cumprimento das etapas metodológicas para elaboração de uma edição como essa exige do pesquisador os seguintes passos: descrever, transcrever, traçar a cronologia dos testemunhos e interpretar o dossiê genético.

Para a Filologia, descrever está além do sentido usual dessa palavra, pois a descrição do material contempla o estudo das técnicas e modalidades de escrita, os instrumentos utilizados e o aproveitamento do espaço gráfico. Dessa forma, cada escolha feita pelo escritor nos conta um pouco sobre o seu processo de escritura, além disso, o estudo do tipo de instrumento utilizado, o suporte, a qualidade do papel, as camadas de reescrita poderão auxiliar na determinação da cronologia.

A transcrição torna acessível aos críticos o deciframento dos manuscritos e pode ser feita de três maneiras, conforme Grésillon (2007):

- 1 – Transcrição diplomática: reproduz as rasuras, é pouco codificada, porém ocupa muito espaço;
- 2 – Transcrição linearizada: não reproduz a paginação autógrafa e nem as rasuras, mas reconstitui, através de operadores, as sucessivas etapas de escritura;
- 3 – Transcrição mista: como o nome já diz, irá misturar elementos da diplomática e da linearizada, uma vez que respeita a topografia do movimento, mas utiliza operadores para mostrar a rasura.

Para o nosso propósito, optamos pela transcrição linearizada, que economiza o espaço da página, para tanto, trabalharemos com os operadores de escritura já utilizados na tese de Carvalho (2002) e de Anastácio (1999), fazendo alguns ajustes para atender às especificidades dos manuscritos selecionados para este estudo.

Buscamos traçar a cronologia do processo de criação textual, em outras palavras, hierarquizar cada manuscrito, desvendar os momentos genéticos existentes em cada testemunho, para, então, passarmos à etapa da interpretação das rasuras encontradas. Essa etapa poderá seguir rumos diversos a depender do interesse do pesquisador. Grésillon (2007) e Biasi (2010) sugerem a interpretação relacionada à Psicanálise, Narratologia, Crítica Genética etc. A nossa escolha é pela Crítica Genética, uma vez que buscamos entender o processo criativo de Moreira Campos, não sendo do nosso interesse encontrar um texto único, mas sim, compreender as escolhas feitas por ele.

Para entender como funcionava o processo de criação de Moreira Campos, precisamos estudar as rasuras encontradas nos testemunhos dos contos inéditos selecionados. Conforme Biasi (2010), o termo rasura pode ser definido como sendo um mecanismo utilizado, de modo geral, para registrar que um segmento foi objeto de exploração ou reescritura. Classificamos as rasuras encontradas nos testemunhos de acordo com a nomenclatura definida por Grésillon (2007) e Biasi (2010). **Rasura de supressão**, utilizada para eliminar um segmento escrito; **rasura de substituição**, que deveria ser entendida, segundo Biasi (2010, p. 73), como um

“processo integrado que combine risco e acréscimo”; **rasura de deslocamento ou transferência**, a que ocorre para reorganizar palavras ou frases, que poderão ser decisivas na estrutura da obra; **acrécimo**, inserção de palavras ou frases no texto já fixado pela escrita. Para Grésillon (2007), as rasuras têm um caráter paradoxal, em suas palavras:

Ela anula o que foi dito, ao mesmo tempo em que aumenta o número de vestígios escritos. É nesse próprio paradoxo que repousa o interesse genético da rasura: seu gosto negativo transforma-se para o geneticista em tesouro de possibilidades, sua função de apagamento dá acesso ao que poderia ter-se tornado texto. (GRÉSILLON, 2007, p. 97)

Ao estudarmos as rasuras, percebemos que algumas delas predominam contribuindo para criar o estilo do escritor e dentro dessa trama da criação, surgem as tendências para aumentar ou reduzir o texto. Luiz Fagundes Duarte (1993) nomeia essas tendências de **princípios gerais do processo de correção**, identificados a partir do estudo filológico dos manuscritos de *A Capital*, de Eça de Queirós. Esses princípios podem ser entendidos como linhas de forças determinantes na construção do texto e são divididos em duas tendências, a de **amplificação** e a de **redução**. A primeira desenvolve-se através da particularização, mediatização ou expansão. A segunda, por meio da generalização, precisão ou concentração. No estudo em questão, veremos como esses princípios ocorrem durante o processo de criação dos contos inéditos de Moreira Campos.

Com relação à terminologia empregada, diferenciamos os termos testemunho, versão, campanha de escritura (ou reescritura) e momento genético. Por testemunho entendemos que, no caso presente, é o suporte que transmite o texto escrito e versão o estado em que o texto encontra-se após serem introduzidos os movimentos de correção, reescrita e revisão. Para Luiz Duarte ([1997-], verbete), versão é:

[...] estado de um texto que considera todas as variantes nele introduzidas, num processo de cópia, pelo autor ou por alguém autorizado, em oposição ao estado anterior e a eventuais estados posteriores resultantes de novas reformulações; qualquer uma das versões é um original.

Durante a elaboração do texto, o escritor insere no testemunho ou em testemunhos diferentes o que chamamos campanha de escritura (ou reescritura), que consiste em rasuras realizadas a fim de: revisar, reescrever ou corrigir o texto. Ainda citando Duarte ([1997-], verbete), campanha de escrita é: “operação de escrita que corresponde a uma certa unidade de tempo e de coerência escritural; depois de uma interrupção, pode começar-se uma nova

campanha de escrita, que muitas vezes implica a reescrita.” Com relação ao momento genético, Duarte ([1997-], verbete) diz ser: “estado de um texto numa determinada gênese, ou processo genético. De acordo com o método de trabalho do autor, há certas operações (linguísticas ou estilísticas) que tendem a ocorrer num determinado momento específico do processo DUARTE ([1997], verbete). Cada campanha de escritura (ou reescritura) pode apresentar momentos genéticos, que, devidamente identificados, irão auxiliar o pesquisador a traçar a cronologia de escrita do texto.

Após definidos os critérios para montagem do dossiê, apresentamos a metodologia que seguimos para edição dos seis contos escolhidos. Inicialmente descreveremos os documentos genéticos; em seguida, traremos os manuscritos de gênese, que traz face a face os fac-símiles, no verso da folha anterior, e suas transcrições, no anverso da folha seguinte. Ao lado do texto transcrito, consta um aparato no qual identificamos as rasuras.

Adotamos os seguintes critérios:

– Descrição física detalhada dos testemunhos, considerando os aspectos e as condições gerais do suporte e da mancha escrita, os instrumentos utilizados para a escrita, a ocupação do espaço gráfico e as rasuras, uma vez que o leitor não terá acesso ao manuscrito;

– Transcrição linearizada de cada folha do manuscrito; à margem direita estarão as observações sobre as rasuras encontradas e serão registrados em notas de rodapé comentários sobre a escritura do texto;

– utilizamos os seguintes operadores¹⁶:

< > acréscimo

<↑> acréscimo na entrelinha superior

<↓> acréscimo na entrelinha inferior

<←> acréscimo na margem esquerda

<→> acréscimo na margem direita

<[]> acréscimo e posterior supressão

[] supressão

[] <↑> supressão por riscado ou datilografia de X seguida de acréscimo na entrelinha superior

[] <↓> supressão por riscado ou datilografia de X seguida de acréscimo na entrelinha inferior

¹⁶ Partes dos operadores aqui usados foram tomados do livro de Silvia Anastácio *O jogo das imagens no universo da criação de Elizabeth Bishop* (1999) que tem o mesmo título de sua tese de doutorado. Como os contos os quais trabalhamos exigiam outros operadores, utilizamos também alguns tomados da tese de doutoramento de Carvalho (2002), *Poemas do Mar de Arthur de Salles*: edição crítico-genética e estudo.

[]/\ substituição por sobreposição, na relação [substituído] /substituto\

[] < > substituição à frente

Ω deslocamento (desdobra-se em Ω1 Ω2 para indicar a sequência do deslocamento)

[il] palavra ilegível

– São respeitadas as variações do uso do acento gráfico das palavras, por exemplo: Lúcia e Lucia; têmpera e tempora, dentre outras, bem como, a ausência de pontuação.

– Para que a transcrição ocupe apenas uma página, utilizamos a fonte Arial 10 e os tipos de rasura são descritos na coluna da direita em fonte Arial 7.

– Quando o colchete for utilizado pelo próprio escritor, procuramos destacá-lo na cor vermelha, como, por exemplo, nas linhas 10 e 13 do testemunho 3 de *A nova empregada*.

– As linhas do texto da transcrição são numeradas de cinco em cinco, sempre que fizermos referência ao número da linha, ex.: L.10 será a linha da transcrição.

– As rasuras manuscritas são assinaladas através do comentário “em tinta azul” ou “a lápis”. As palavras datilografadas erradas são mantidas no texto e corrigidas na coluna à direita.

– A cronologia é feita através do cotejo entre os testemunhos, a partir das modificações testemunhais, uma vez que os contos estudados não apresentam data.

– Após a transcrição, fazemos um breve comentário sobre as rasuras encontradas nos testemunhos.

– As contas matemáticas feitas nos manuscritos não serão transcritas.

– No estudo das rasuras, não são comentados os erros de datilografia corrigidos por ele.

3.1. *Os caminhos* – descrição dos testemunhos

A tradição de *Os caminhos* é formada por 8 testemunhos autógrafos, não datados, texto datilografado, o primeiro deles em folha medindo 20 cm x 14 cm e os demais em papel ofício 21,5 cm x 35,5 cm, folhas amareladas em decorrência da ação do tempo, e com intervenções datiloscritas e manuscritas. As intervenções manuscritas foram feitas em tinta azul ou a lápis. Embora não estejam datados, é notável o uso das regras do acordo ortográfico anterior ao de 1971, de modo que, possivelmente, esses contos foram escritos antes desse ano. Através do cotejo dos testemunhos, identificamos a ordem cronológica em que eles se encontram, usamos essa metodologia para ordenar os testemunhos de nosso *corpus*. Todos os

testemunhos foram acondicionado em envelope de papel neutro e armazenados na caixa **Contos inacabados**.

Testemunho 1 composto por 3 folhas, registrando intervenções manuscritas em tinta azul e à máquina. A mancha escrita da primeira folha ocupa 26 linhas do suporte, não está numerada e sem título. Mancha de ferrugem causada pelo *clips* no canto esquerdo superior da folha. As intervenções manuscritas são substituição e supressão e a datiloscrita supressão de uma frase.

Na segunda folha, a mancha escrita ocupa 29 linhas do suporte, apresenta o número 2 no ângulo superior esquerdo. As rasuras são de supressões e substituições à máquina e manuscritas em tinta azul.

A terceira folha com mancha escrita ocupa 16 linhas do suporte, numerada com algarismo 3 no ângulo superior esquerdo, com mancha de ferrugem causada pelo uso do *clips* no ângulo superior esquerdo.

São visíveis três momentos genéticos, o primeiro, em que o escritor datilografa o texto, o segundo, em que são feitas as supressões e substituições datiloscritas. O terceiro momento é marcado por substituições e supressões manuscritas. (Ver quadro 3).

Testemunho 2 contém 2 folhas, intervenções manuscritas, a lápis, em tinta azul e à máquina. A primeira folha tem mancha escrita que ocupa 42 linhas do suporte, não numerada e sem título, apresenta o número manuscrito, a lápis, 122, feito por terceiro para catalogação documento no arquivo. Mancha de ferrugem causada pelo grampo no ângulo superior esquerdo. As intervenções manuscritas são substituições, acréscimos e supressões, a lápis e em tinta azul. Datiloscritas são apenas supressões e acréscimos.

A segunda folha tem mancha escrita que ocupa 20 linhas do suporte, não numerada. As intervenções manuscritas, a lápis, são acréscimos e supressões; em tinta azul, supressões e datiloscritas, apenas, supressões.

Encontramos nesse testemunho três momentos genéticos, o primeiro, da datilografia do texto; o segundo, em que o escritor inicia o processo de revisão do texto através de acréscimos e supressões datiloscritas; o terceiro momento, de substituições e acréscimos manuscritos a lápis e, posteriormente, em tinta azul. (Ver quadro 3).

Testemunho 3 tem 2 folhas, intervenções manuscritas, a lápis, em tinta azul e à máquina. A primeira folha tem mancha escrita que ocupa 45 linhas do suporte, sendo 43 datiloscritas e 2 linhas manuscritas após o texto datiloscrito, a lápis, não numerada e sem título, apresenta número manuscrito, a lápis, 121, feito por terceiro para catalogação documento no arquivo. Mancha de ferrugem no ângulo superior esquerdo. As intervenções

manuscritas, a lápis, são supressões, acréscimos; em tinta azul, substituições, supressões e acréscimos. A intervenção a máquina é a supressão de uma frase.

A segunda folha tem a mancha escrita que ocupa 27 linhas do suporte, sendo 19 linhas datiloscritas e 8 linhas escritas a lápis, não numerada. No ângulo superior direito, há mancha de ferrugem causada pelo grampo. As intervenções manuscritas, a lápis, são: acréscimo de um parágrafo após o texto datiloscrito e substituições, em tinta azul, e substituições e supressão; a máquina apenas uma supressão.

Os momentos genéticos encontrados são os seguintes: o primeiro de datilografia do texto, o segundo marcado por supressões datiloscritas e o terceiro momento por acréscimos e substituições feitas a lápis e substituições, em tinta azul. (Ver quadro 3).

Testemunho 4 com 2 folhas, intervenções manuscritas, a lápis, em tinta azul e à máquina. A primeira folha com mancha escrita que ocupa 43 linhas, título manuscrito a lápis, OS CAMINHOS, sem numeração, com número, a lápis, 1.16, feito por terceiro para catalogação documento no arquivo. As intervenções manuscritas são supressões, substituições e acréscimos, a lápis, e as datiloscritas supressões e substituições.

A segunda folha, sem numeração, tem mancha escrita que ocupa 21 linhas do suporte. As intervenções manuscritas são substituições e acréscimos, as datiloscritas são supressões.

Os momentos genéticos desse testemunho são três, o primeiro, de datilografia do texto, o segundo, marcado por acréscimo datiloscrito na entrelinha superior e supressão datiloscrita e, o terceiro momento com supressões, a lápis, de ações de personagens, seguido de substituições, também a lápis, e acréscimos na margem esquerda. (Ver quadro 3).

Testemunho 5 tem 2 folhas, intervenções manuscritas, a lápis e em tinta azul, e datiloscritas. A mancha escrita da primeira folha ocupa 40 linhas do suporte, não numerada, com título DOIS NÁUFRAGOS, na margem superior, foram feitas contas matemáticas, a lápis e com número, a lápis, 13.13, feito por terceiro para catalogação documento no arquivo. As intervenções manuscritas são supressões, acréscimos e substituições, em tinta azul e a lápis e as intervenções datiloscritas são apenas supressões.

A segunda folha tem mancha escrita que ocupa 32 linhas do suporte, sem numeração, as intervenções manuscritas, a lápis e em tinta azul, são acréscimos, supressões e substituições; e as datiloscritas são supressões e substituições.

Os momentos genéticos desse testemunho são quatro, o primeiro, a datilografia do texto, o segundo, é marcado pela supressão datiloscrita de palavras que foram datilografadas erradas e por acréscimos datiloscritos de um substantivo e de uma preposição, na entrelinha

superior, e, o terceiro, apresenta supressões e acréscimos em tinta azul e o quarto acréscimos e substituições, a lápis. (Ver quadro 3).

Testemunhos 6 com 2 folhas, sendo parte do texto datilografado no verso da segunda folha, com intervenções manuscritas, em tinta azul e datiloscritas. A primeira folha com mancha escrita que ocupa 36 linhas do suporte, com título OS CAMINHOS, o artigo “OS” manuscrito, em tinta azul, e o restante do título datilografado; com numeração a lápis, no ângulo superior direito. Apresenta o número 1.1, a lápis, feito por terceiro para catalogação documento no arquivo. Marca de ferrugem causada pelo *clips* no ângulo superior e inferior esquerdo. As intervenções manuscritas, em tinta azul, são supressões, substituições.

A segunda folha com mancha escrita que ocupa 33 linhas do suporte, numeração, a lápis, no ângulo superior esquerdo, com mancha de ferrugem no ângulo superior esquerdo. As intervenções manuscritas em tinta azul são supressões, substituições e acréscimos; as datiloscritas são apenas supressões.

O texto no verso da segunda folha está datilografado, com mancha escrita que ocupa 21 linhas do suporte, 9 datiloscritas e 12 linhas manuscritas, em tinta azul, mancha de ferrugem no ângulo superior direito. As intervenções manuscritas em tinta azul são substituição e acréscimo de parágrafos escritos no final do texto datilografado. Há uma supressão datiloscrita.

São notáveis três momentos genéticos, o primeiro, o de datilografia do texto, o segundo, marcado por supressões datiloscritas, o terceiro com substituições, em tinta azul, supressões e o acréscimo de um parágrafo.

Testemunho 7 com 2 folhas, intervenções manuscritas a lápis e datiloscritas. A primeira folha com mancha escrita que ocupa 37 linhas do suporte, título OS CAMINHOS, numeração no ângulo superior direito, com número, a lápis, 1.2, feito por terceiro para catalogação documento no arquivo. Mancha de ferrugem causada pelo grampo e por *clips* no ângulo superior e inferior esquerdo. As intervenções são supressão manuscrita, a lápis, e datiloscrita uma substituição.

A segunda folha com mancha escrita que ocupa 42 linhas do suporte, número 2 no ângulo superior direito, mancha de ferrugem de *clips* no ângulo superior esquerdo. As intervenções datiloscritas são acréscimo e supressão.

Encontramos dois momentos genéticos, o primeiro, datilografia do texto e, o segundo, de revisão, marcado por substituição, acréscimo e supressão datiloscritas. (Ver quadro 3).

Testemunhos 8 tem 2 folhas, intervenções manuscritas, a lápis e em tinta azul, e datiloscritas. Acondicionado em envelope de papel neutro e armazenado na caixa **Contos inacabados**.

A primeira folha com mancha escrita que ocupa 39 linhas do suporte, título OS CAMINHOS, sem numeração, com o número manuscrito, a lápis, 13.12, feito por terceiro para catalogação documento no arquivo. As intervenções manuscritas são substituição, acréscimo, em tinta azul, e supressão, em tinta azul e a lápis, as datiloscritas são supressões e acréscimos. O verso dessa folha contém anotações manuscritas, a lápis.

A segunda folha com mancha escrita de 39 linhas do suporte, com número 2 no ângulo superior direito, a intervenção manuscrita a lápis é supressão e em tinta azul, substituição e supressão; datiloscritas são supressões e substituições. Há, no final da folha, um recorte afixado indicando que seria um acréscimo.

Os momentos genéticos encontrados aqui são três: o primeiro, de datilografia do texto; o segundo, com acréscimos e supressões datiloscritas; e o terceiro momento é marcado pelas intervenções manuscritas, acréscimos, substituições e supressões em tinta azul e supressões a lápis. (Ver quadro 3)

No quadro 3, resumimos os momentos genéticos encontrados nos 8 testemunhos de *Os caminhos*.

Quadro 3¹⁷ - Momentos genéticos dos testemunhos de *Os caminhos*

Testemunho 1	Momento genético A: datilografia do texto.
	Momento genético B: supressões por sobreposição datiloscritas de X. B1: substituição na entrelinha superior, datiloscrita;
	Momento genético C: intervenções manuscritas no texto datilografado; C1: substituição, em tinta azul; C2: supressão por riscado, em tinta azul.
Testemunho 2	Momento genético A: datilografia do texto.
	Momento genético B: acréscimo na entrelinha superior, datiloscrito; B1: supressões por sobreposição datiloscrita de X.

¹⁷ Os quadros 3, 4, 5,6,7 e 8, que apresentam os momentos genéticos encontrados nos testemunhos, têm como base o quadro proposto por Eduardo Matos em sua dissertação de mestrado: *Os manuscritos autógrafos de Cândido ou O Otimismo – O herói de todo caráter, de Cleise Mendes: ensaio para a montagem de uma cena em dois atos*. (2011) e da tese de doutorado *O manuscrito autógrafo e suas rasuras: autoria, subjetividade e edição* (2014).

	<p>Momento genético C: intervenções manuscritas no texto datilografado; C1: substituições e acréscimos, a lápis; C2: substituições e acréscimos, em tinta azul.</p>
Testemunho 3	<p>Momento genético A: datilografia do texto.</p>
	<p>Momento genético B: supressão por sobreposição datiloscrita de X;</p>
	<p>Momento genético C: intervenções manuscritas no texto datilografado; C1: substituições, em tinta azul; C2: acréscimo, a lápis; C3: substituição, à lápis.</p>
Testemunho 4	<p>Momento genético A: Datilografia do texto.</p>
	<p>Momento genético B: acréscimo datiloscrito na entrelinha superior; B1: supressão por sobreposição datiloscrita de X.</p>
	<p>Momento genético C: intervenções manuscritas no texto datilografado: C1: supressão, a lápis; C2: substituição, a lápis; C3: acréscimos na margem esquerda, a lápis.</p>
Testemunho 5	<p>Momento genético A: datilografia do texto.</p>
	<p>Momento genético B: supressão por sobreposição datiloscrita de X; B1: acréscimos datiloscritos na entrelinha superior.</p>
	<p>Momento genético C: intervenções manuscritas no texto datilografado: C1: supressão por riscado, em tinta azul; C1: acréscimos na entrelinha superior, em tinta azul;</p>
	<p>D1: acréscimos na entrelinha superior, a lápis; D2: substituição, a lápis.</p>
Testemunho 6	<p>Momento genético A: datilografia do texto.</p>
	<p>Momento genético B: supressão por sobreposição datiloscrita de X.</p>
	<p>Momento genético C: intervenções manuscritas no texto datilografado; C1: substituições manuscritas, em tinta azul; C2: supressões manuscritas, em tinta azul; C3: acréscimos manuscritos, em tinta azul.</p>
Testemunho 7	<p>Momento genético A: datilografia do texto.</p>
	<p>Momento genético B: substituição datiloscrita na entrelinha superior; B1: acréscimo datiloscrito na entrelinha superior; B2: supressão por sobreposição datiloscrita de X.</p>

Testemunho 8	Momento genético A: datilografia do texto.
	Momento genético B: acréscimo na entrelinha superior, datiloscrito; B1: supressão por sobreposição datiloscrito de X. B2: substituição na entrelinha superior, datiloscrita.
	Momento genético C: intervenções manuscritas no texto datilografado; C1: acréscimo na entrelinha superior, em tinta azul; C2: supressão por riscado, em tinta azul; C3: substituição, em tinta azul. C4: supressão por riscado, a lápis.

Comparando os momentos genéticos encontrados nos testemunhos de *Os caminhos*, vemos que o escritor seguia geralmente a tendência de datilografar o texto e ainda com o papel na máquina já iniciava as intervenções através de supressões de trechos repetidos ou informações desnecessárias e acréscimos que melhorassem a interpretação do texto. Depois procurava reformular trechos que não estavam muito claros, através de supressões, substituições e acréscimos manuscritos, como foi mostrado no estudo de cada modificação.

3.1.2 Transcrição dos testemunhos de *Os caminhos*

3.1.2.1 Testemunho 1 de *Os caminhos*

[Era] <↑É>	desquitado, sem filhos. Tinha os seus quebra-galhos, uma ou outra	Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.
menina de programa,	que levava ao motel no seu velho fusca. Tudo com parcimônia, dentro	
de suas possibilidades. Simples médico da assistência, com pequeno consultório		
[em rua anônima] <↑numa galeria>,	para atendimento de clientes que [traziam]<↑trazem>	Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul. Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.
5 a guia do Instituto, populares, gente do povo.		
Um dia, apareceu Zuleica, também menina de programa. Foi por quem [ele]	se encantou: o rosto sério, grave, um modelo de corpo. [Fez-lhe proposta]<↑Perguntou- lhe>	Supressão por riscado, em tinta azul. Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.
certa vez[:] [S]/s\	e queria viver com ele. Zuleica o abraçou e beijou muito.	Supressão por riscado, em tinta azul. Substituição por sobreposição, em tinta azul.
Mas havia muita coisa a acertar, a vencer. Zuleica [tinha] <↑tem>	pais. O velho um	Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.
10 corretor de imóveis, que ele conhecia de rua, com a sua pesada pasta, sempre apressado.	[Os pais da menina estiveram no seu pequeno consultório]. Compareceu ao seu consultório.	Supressão por datiloscrito de X.
Recebeu-o com muita atenção, [in] ajeitou-lhe a cadeira:		Supressão por datiloscrito de X.
– Fique à vontade.		
– Estou bem.		
15 O homem o olhava muito, como que surpreendido. Disse-lhe, com palavras	escolhidas, bem pensadas dos seus propósitos com Zuleica. O pai, sempre surpreso, fez o	
elogio da filha. Menina boa, amiga dos pais e do irmão. Muito querida por todos.		
Havia ainda um pequeno obstáculo, talvez apenas algumas palavras de [explicação]	<↑esclarecimento>: a velha preta, que lhe servia desde o tempo de casado e que já fora dos	Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.
20 seus pais. Explicou-lhe que se tratava de menina [boa] <↑ótima>, dócil, compreensiva. Iam	dar-se bem, entender-se. A preta fez muxoxo, ergueu os ombros [.]<↑e> acabou de enxugar	Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior. Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior.
o prato:		

– A casa é do senhor.

– Vai gostar dela.

25 Gostou, entenderam-se porque Zuleica já está com ele. Ficam as duas [, ela e preta, aí] Supressão por riscado, em tinta azul.
na sala, à noite, diante da televisão, [di] comentam os lances das telenovelas. Supressão por datiloscrito de X.
Houve curiosidades da vizinhança: aquela moça vistosa, aparecida ali da noite para o dia.

– Quem era?

30 – Onde veio?

Sabia dessas indagações pela própdia preta, quando saía para o mercado próximo. própria
Chamavam-na das janelas, perguntavam. Ele contudo se dá com os vizinhos, cumprimenta-os, dando-lhes com a mão, ao sair no seu velho fusca. E já podem, depois do jantar, dar o seu passeio na pracinha em frente, com cumprimentos.

35 Recebem também a visita dos pais de Zuleica, [O] que são [recebidos] <↑acolhidos> Supressão por datiloscrito de X.
com muita atenção. O velho[s] (que não é velho) parece-lhe, a ele médico, mais senhor de si, Supressão por datiloscrito de X e substituição na entrelinha superior.
desembaraçado e até com fumaças de [boas relações] bons negócios no seu ramo. Alude Supressão por barra inclinada, à máquina.
[às]/a\ [boas] relações <↑de importância> que mantem, cita nomes conhecidos, um deles Supressão por datiloscrito de X.
[conhecido do] <↓identificado pelo> médico. Substituição por sobreposição, em tinta azul. Supressão por riscado, em tinta azul e substituição na entrelinha superior.

40 – Sei quem é.

– Gente boa, gente boa!

Aos domingos, [às vezes] <↑vez por outra>, ficam para almoçar, quando trazem um Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.
agrado qualquer [uma fruta,] uma fruta ou doce raro. Da última vez, o médico disse à mãe Supressão por datiloscrito de X.
de Zuleica que já estava quase certo o emprego para o filho. Falara

45 Falara com um conhecido. Sairia nestes dias. A velha o abraçou muito, agradecida.

Ele e Zuleica saem para um jantar em restaurante próximo ou um cinema no bairro.

Mais por comodidade, porque já andam por todos os lugares. Estão no supermercado, empurrando o carrinho, se necessário, na boa sorveteria, uma praia aos domingos ou um cinema no centro. Jamais tiveram surpresa. Apenas [Ω2 ↑ certa vez,] num desses cinemas,

50 [so][Ω1 certa vez,] ao comprarem as entradas, um moço [correu-lhes a vista] <correu-lhes

os olhos> com curiosidade, talvez surpresa. O companheiro [olhour] olhou Zuleica, que não teve qualquer reação. E ambos caminharam superiores, desembaraçados, ela no seu melhor vestido.

Mas o fato é que o tempo voa, passa rápido. Estão ali na sala de casa, diante da

55 televisão, ele, Zuleica e o filho, um rapazinho já.

Deslocamento na entrelinha superior

Supressão por datiloscrito de X
Supressão por riscado, em tinta azul e deslocamento. Supressão por datiloscrito de X e substituição à frente.

Supressão por datiloscrito de X e substituição à frente.

3.1.2.2 Testemunho 2 de *Os caminhos*

Sou desquitado de uma mulher que não me deu filhos. Mas não foi este o motivo da separação. Quero apenas dizer que sou desquitado. [Já Ω1me] [a]/A\pareceram [↑Ω2-me]

pretendentes, sem entusiasmo meu. Tenho tido quebra-galhos uma ou <↑outra> menina de programa, que levo para o motel no meu automóvel, entre estas uma cliente casada (sou médico). Até que apareceu, aconteceu Zuleica, <↑ também menina de programa.> Um rosto sério <↑A dif.e é

de> <←a diferença entre nós é de uns 15 anos>, grave, um modelo de corpo. Trouxe-a muitas vezes ao motel. Perguntei-lhe um dia se queria viver comigo. Abraçou-me, beijou-me muito. [Para isso seriam] <↑XEramX> necessárias muitas providências, acertos. Zuleica tem pais. [O velho ainda

[é] moço]<↑ O pai> já esteve no consultório (é corretor de imóveis). Da sua cadeira, olhava-me muito, como que meio surpreendido [<↑Ω1Disse-lhe dos meus propósitos, ele>]. Encareceu qualidades da filha, muito querida em casa por todos. <↑Ω2Disse-lhe dos meus propósitos, com palavras escolhidas.> Eu avaliava o trabalho que iam dar-me, ele, a mulher e um filho rapaz, parece-me.<bem afastados, ele encareceu>

[Também foi necessário falar a] <↑preciso> [Ω1velha] <↓Tive tb. que preparar>

15 a [Ω2 ↑velha] preta que me serve desde o [meu] tempo de casado. Tratava-se de uma

menina dócil, compreensiva. A preta fez muxoxo, ergueu os ombros, acabou de enxugar o prato:

– A casa é do senhor.

– Vai gostar dela, garanto.

Gostou, [deram[entenderam-se. Porque Zuleica [já] <↑já>. Assistem à televisão [am] na

20 sala, distaem-se <↑X>.Procuro chegar mais cedo. Sei que houve curiosidades [da] e comentários

da vizinhança: aquela [meni] moça vistosa, aparecida na minha casa da noite para o dia.

– Quem é?

– Onde veio?

25 Dessas indagações eu sabia por intermédio da própria preta, quando sai para o mercadinho próximo. Chamam-na da janela, indagam. Não dou muita confiança a vizinhos, com este meu jeito seco, de poucas palavras, quando muito um bater de cabeça, se de todo do indispensável. Tenho as minhas relações, [um ótimo consultório, com] <↑uma> <excelente clientela>, algum colega, vez

por outra, me consulta em casos mais difíceis com os doentes (sou clínico geral).

30 Os pais de Zuleica a visitam. Recebo-os atenciosamente. O velho <↑que não é velho>, pareceu-me mais seguro de si, com fumaças de bons negócios no seu ramo, os conhe[cimentos] <↑cidos> que tem [com pessoas de destaque] <↑de certo destaque>. Cita-me nomes. Da última vez aqui estiveram, particularmente a mãe de Zuleica agradeceu-me muito o favor o emorejo que já arranjei para o filho rapaz. Abraçou-me. Deixou-os aos cuidados da filha, que sempre me acompanha até a porta.

35 Quanto a mim, também ainda tenho pais vivos. Estão com bastante idade. Devo-lhes muito, o sacrifício que fizeram para formar-me [,] longe deles. Meu velho foi comerciante sólido, mas veio a falência, sou eu que hoje os socorro financeiramente <,>[em momentos mais difíceis,] e isto evita justificativas maiores.

Há uma aceitação.

40 Curioso é que, de início, quando dava para meu pai[aparecer por aqui] <↑me visitar >ou

Supressão por riscado, a lápis. Substituição por sobreposição, a lápis e deslocamento, entrelinha superior, a lápis.

Acréscimo na entrelinha superior, a lápis.

Acréscimo na entrelinha superior datilografado. Acréscimo na entrelinha superior datilografado.

Acréscimo à margem esquerda, na vertical, a lápis.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, a lápis.

Supressão por riscado, em tinta azul e lápis e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.

Acréscimo a lápis e supressão por riscado, em tinta azul e deslocamento

Deslocamento .

Acréscimo à frente, em tinta azul.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis e inferior, a caneta. Supressão, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Deslocamento na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

<aparecer> pessoa [de m] estranha e de mais destaque, Zuleica queria deixar a sala e meter-se lá por dentro. Eu a continha, e até chegava a fazer apresentações, sobretudo se se trata<↑va> de um colega:

- Zuleica
- Prazer

45

Mas ainda tínhamos as nossas cautelas. Uma refeição em restaurante perto, um domingo em praia mais distante, o cinema do bairro. Hoje [já] estamos no super-mercado empurrando o carrinho [Ω1 numa boa sorveteria], se necessário, Ω2 numa boa sorveteria, nos cinemas do centro. Sei que [< ↓ ainda->] persistem comentários<,> [↑ embora Ω1 raros] > [(Zuleica veste-se bem)]

50

olhares curiosos <↑(Ω2 raros)>, que eu traduzo mais ou menos assim: “Este é doutor Eurico, ela a moça de programa que ele trouxe para casa”. Dessas pessoas [Ω1 espero sempre o cumprimento atenci] algumas das quais distingo, Ω2 espero sempre o cumprimento atencioso, que retribuo cordialmente.

O tempo, em verdade, voa. Estamos aqui na sala, Zuleica, eu e o nosso filho, um rapazinho já.

55

Eu já conhecia o pai dela, de longe. Corretor de imóveis, um lutador, com a sua pasta. Esteve no meu escritório, recebi-o com muita atenção [puxei-lhe] <ajeitei-lhe> a cadeira. Ele me olhava muito, como que meio surpreendido. [ui] Falei-lhe dos meus propósitos, com palavras escolhidas, bem ajustada. Ele encareceu qualidades da filha.

Acréscimo na entrelinha superior. Supressão datiloscrita de X. Acréscimo na entrelinha superior, a lápis.

Supressão por datiloscrito de X empurrando
Supressão por datiloscrito de X e deslocamento.
Acréscimo, em tinta azul e supressão por riscado, a lápis, na entrelinha inferior. Acréscimo de vírgula, a lápis. Acréscimo na entrelinha superior, a lápis, supressão e deslocamento, em tinta azul. Supressão, em tinta azul.
Olhares. Deslocamento na entrelinha superior.
Supressão por datiloscrito de X e deslocamento.

Supressão por datiloscrito de X e substituição à frente.
Supressão por datiloscrito de X.

3.1.2.3 Testemunho 3 de *Os caminhos*

<p>Perdeu a mulher no acidente de automóvel. Foram dias de muitas dores e lágrimas. Teve, pelo menos por uma semana, a companhia da filha casada e do filho, também casado, que apareciam com suas crianças. Mas chegou aquele momento mais terrível em que se encontrou só com o seu travesseiro, entregue à solidão e[à] insônia. Foi numa dessas noites</p> <p>5 que procurou os chinelos sob a cama e se encaminhou para o quarto da empregada. Bateu-lhe com o nó dos dedos na porta entreaberta. Houve um silêncio. Depois:</p> <p>Quem é? Sou eu.</p>	<p>lágrimas</p> <p>Supressão por riscado, em tinta azul.</p>
<p>10 [Ω1Estava ali no seu quarto, sem palavras, apenas em pé, depois sentado no banquinho de que]</p> <p>Abriu-lhe a porta na sua camisola e envolvida no lençol. Não se admirava muito. Sentia-lhe [de] há muito os olhos que lhe seguiam as nádegas fortes, a própria maneira de falar-lhe com brandura na voz, ele, aquele homem caladão, de poucas palavras (ocupa um bom cargo no serviço públiáo federal). Indagava-lhe no café da manhã se dormira bem</p> <p>15 [(o que jamais fizera.)] nestes últimos dias até lhe trouxe um mimo da rua, o vidro de água-de-colônia. Vexou-se ela:</p> <p>– Pra mim? – É seu</p>	<p>Supressão por datiloscrito de X e posterior deslocamento.</p> <p>Supressão por riscado, em tinta azul.</p> <p>público</p> <p>Supressão por riscado, em tinta azul.</p>
<p>20 Pois estava [ali] no [seu] quarto, sem palavras, Ω2apenas em pé e depois sentado no banquinho de ela se servia e onde amontoava as[suas] <↑suas> roupas para lavagem.</p> <p>Afastou-as:</p> <p>– Estou muito só. – Sei, sei.</p> <p>Ele sentiu que a energia gerada pela solidão e o pensamento vazio o abandonava.</p> <p>25 Enfim, já não era nenhum rapaz. Falou [que era triste] <↑da tristeza de>viver sozinho. Não</p>	<p>Supressão por riscado, em tinta azul.</p> <p>Supressão por riscado e substituição, em tinta azul.</p> <p>Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.</p>
<p>podia conciliar o sono. Ela martelava com a cabeça, aprovando, na meia luz da lâmpada, <↑Ω2na área> que [fora aberta Ω1na área][./, \] <↑que ela própria acendera> Queria apenas que</p> <p>lhe fizesse companhia, ficasse ao seu lado, fosse para o seu quarto. Houve mais um silêncio.</p> <p>30 – Na cama da finada? – Faz mal não. Só pra me fazer companhia.</p> <p>Foram. Ela marchava à sua frente pelo corredor (as nádegas firmes) na sua camisola, o lençol em bolo sob o braço. Valeu-se do banheiro e acomodou-se na cama. Tiveram relações quando a mão dele <↑logo+> lhe procurou as coxas. [Pela madrugada, o sol já se infiltrando</p>	<p>Deslocamento, em tinta azul. Substituição por sobreposição. Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior.</p> <p>Acréscimo na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis e substituição na margem inferior, a lápis.</p>
<p>sob a porta, tiraram um cochilo]</p> <p>35 [<Ela>] [A] <A>cabou [de] <↑por >dormir, ali [nessa noite] <↑ali ao seu lado e> nas noites</p> <p>que se seguiram, marido e mulher, os dois travesseiros.</p>	<p>Acréscimo e supressão, em tinta azul. Substituição por sobreposição. Supressão e substituição na entrelinha superior, em tinta azul. Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior.</p>
<p>Os filhos o visitavam. A filha tem verdadeira ternura pela empregada, que praticamente a criou. Beija-lhe a cabeça, elogia-lhe o vestido novo, o jeito que deu aos cabelos com a invenção daquela fita. A outra ria:</p> <p>40 <Ela acabou de dormir ali o resto da noite e as noites que se seguiram, marido e mulher, os 2 travesseiros.></p>	<p>Acréscimo na margem inferior, a lápis.</p>

– Pra não ficar tão feia.

– Você não é feia.

45 Há uma aceitação tácita, sem [surpresas] <↑recusas> ou condenações. A lógica da vida. Apenas o filho casado [e] <,> de poucas palavras.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.

Supressão por riscado e substituição, em tinta azul.

O tempo e as decisões firmes podem muito. Os vizinhos já não o olham com curiosidade ou cochichos nas janelas. Sabem que vivem juntos, não é novidade. Limitam-se a admirar as transformações porque el[e] /a\ tem passado: o [novo] vestido, a fita permanentemente amarrada ao cabelo, [em rabo-de-cavalo, os sapatinhos baixos.] <os sapatos tênis.>

Substituição por sobreposição, em tinta azul. Supressão por riscado, em tinta azul.

Supressão por riscado e substituição à frente, em tinta azul.

50 – Anita está outra.

– Está.

De resto, estão os dois no mercadinho próximo, escolhendo os produtos nas prateleiras. Ele empurra o carrinho [,] e cumprimenta, se necessário.

Supressão por riscado, em tinta azul.

55 <←X> Ela tem uma irmã casada, que vez por outra aparece [ali na cozinha] à procura de uma ajuda. Ele se limita a bater-lhe com a cabeça. Dá <`>a companheira o de dinheiro que a outra diz estar necessitando. O mundo é deles dois [sós]<↑samente>, e dos filhos, que os visitam. Estão [ali] na sala, [diante] acompanhados das crianças diante da televisão, uma [só] família. <única>

Acréscimo de X na margem esquerda, a lápis. Supressão por riscado, em tinta azul.

Acréscimo do acento indicativo de crase, a lápis.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, a lápis.

Supressão por riscado, em tinta azul. Supressão por datiloscrito de X. Acompanhados

Supressão, a lápis. Acréscimo, a lápis.

60 Ela tem um filho criado por uma irmã no interior. Este filho sempre teve o auxílio do casal, desde o tempo da finada, e a ajuda continua, sem maiores obrigações. O mundo de ambos se limita a eles dois, aos filhos casado e criança, que estão ali na sala diante da televisão, uma <só> família [única única]

Parágrafo acrescido a lápis, após o final do texto datiloscrito. Provável substituição para o parágrafo anterior.

Supressão por riscado e substituição à frente, a lápis.

3.1.2.4 Testemunho 4 de *Os caminhos*

<Os caminhos >

<mc>

5 Ele é médico da Assistência e tem consultório modesto numa galeria, onde recebe os clientes populares, [gente do povo] que lhe traz[am]/em\ a guia do Instituto. Também desquitado de uma mulher que não lhe deu filhos (mas não foi esta a causa da separação). Tinha os seus quebra-galhos, uma ou outra menina que levava ao motel no seu fusca. Foi quando apareceu, aconteceu, Zuleica, <também de programa,> uma ar sério, grave, modelo de corpo. Um dia, perguntou-lhe se queria viver com ele. Ela o abraçou e beijou muito. Mas havia dificuldades. Zuleica [tinha] <↑tem> pais. Ele conhecia o velho de rua, corretor de imóveis, com a sua pesada pasta, sempre apressado. Este esteve em seu consultório. Ele próprio abriu-lhe a porta, prorrogou consultas, [ofereceu] <↑conduzi-o até>

10 /↓conduzi-o até a cadeira\ a cadeira. O corretor <X> olhava-o [muito], meio surpreso. O médico falou-lhe com palavras escolhidas bem ajustadas. O velho, sempre intrigado, ajeitou-se melhor na cadeira [e] <↑e> [com os olhos no bico dos sapatos], <↑e>

encareceu as qualidades da filha. Menina muito boa querida por todos de casa e das amigas.

– [Todos] [g]/G\ostam muito dela.

– Sei, sei.

Acompanhou-o até a porta, com a mão no seu ombro.

– Aqui estamos ao seu dispor.

– Obrigado.

20 Havia um outro [empecilhos] <↑empecilho> relativo: a preta velha que servia na sua casa desde o tempo de casado. Os mesmos elogios. [Menina] <↑criatura> dócil compreensiva. Tinha certeza de que iam dar-se bem. A preta fez muxoxo, ergueu os ombros e acabou de enxugar o prato:

– A casa é do senhor.

– Vai gostar dela.

25 Gostou. [Ficam] <↑ficavam> na sala à noite diante da televisão, ri[em] <↑am> e

Comenta[m]<vam> as telenovelas. Os vizinhos tiveram surpresa: aquela moça vistosa, bonita, aparecia ali assim da noite para o dia.

– Quem era?

– Donde veio?

30 <← a preta [resumia]<↑resumia>> tudo nesta frase:

<← – É a moça de quem ele se engraçou.>

Sabia disso pela própria preta, quando saía para o mercadinho próximo.

Chamavam-na das janelas, indagavam. <↑X> [Mas] [e]/E\le se dá com os vizinhos, acena-

35 lhes com a mão, atende a um apelo de urgência, como ainda ontem, quando o menino quebrou o braço.

Ele [, o médico] [a]/A\chou de fazer carta breve aos pais, que moram no interior.

<↑Explicava-se> Deve-lhes muito. O velho foi comerciante sólido, com armazéns. Mas veio a falência, e hoje [era] <↑é> o próprio filho que, quando [podia] <↑pode> lhes manda[va]

uma ajuda, o que justifica [tudo] <↑os pais>.[C]/c\hegaram <↓contraried>

40 <↓contrariedades> mesmo a visitá-lo <,> <?>[certo dia], desejosos de conhecer[em] a

moça. Foram recebidos com grande surpresa e alegria. Zuleica desdobrava-se, arrumou-lhes o quarto, indagava se estava bem, atenta a tudo. Demoraram-se uns quatro dias. O médico e Zuleica foram deixá-los na rodoviária.

As mulheres beijaram-se

Acréscimo do Título, a lápis

Anotação, a lápis

Supressão por riscado, a lápis. Substituição por sobreposição, a lápis.

Acréscimo na entrelinha superior, datiloscrito.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior e inferior, a lápis. Acréscimo de X, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis. Substituição riscada na entrelinha superior, a lápis. Acréscimo na entrelinha superior, a lápis. encareceu

Supressão por riscado, a lápis. Substituição por sobreposição, a lápis.

Acréscimo à frente, a lápis.

Supressão por datiloscrito de X e substituição na entrelinha superior. Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado e substituição por sobreposição, a lápis. vizinhos

Acréscimo na margem esquerda, na vertical, a lápis. Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, a lápis. Acréscimo na margem esquerda, a lápis.

Acréscimo de X na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis. Supressão por sobreposição, a lápis.

Supressão por riscado e substituição à frente, a lápis. Substituição por sobreposição, a lápis. Acréscimo na entrelinha superior, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior. Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior. Substituição por sobreposição, a lápis. Acréscimo na entrelinha inferior, a lápis.

Acréscimo na margem inferior, a lápis. Acréscimo de vírgula e interrogação, a lápis. Supressão por riscado, a lápis.

- 45 [Recebiam] <↑Recebem> também a visita dos pais de Zuleica. O velho já se
 valia de fumaças de bons negócios no seu remo, aludia a amizades de que desfrutava,
 citava nomes, um destes conhecido do médico.
 – Sei, sei quem é.
 – Gente boa.
- 50 Aos domingos, fica[vam]<↑m> para o almoço quando [traziam]<↑trazem> um
 agrado qualquer, o doce raro ou a fruta desejada. [Da última vez,] [<↑Num desses
 Domingos>] <↓Numa dessas vezes> a velha agradeceu muito o emprego que ele, médico,
 conseguiria para o seu filho no consultório de um colega. ----- Chegou abraçá-lo.
 – Nada, nada. Não me devem nada!
 – Bondade sua.
- 55 Apenas por comodidade,<↑e de enc> o médico e Zuleica iam ao restaurante
 próximo <X> ou cinema do bairro. Mas passeiam ao cair da noite na pracinha em frente ou
 [vão ao] super-mercado <↑estão no>, se necessário, ele próprio empurrando o carrinho.
 Também comparecem ao cinema no centro, para um bom filme, e se demoram na
 sorveteria, um tipo moço os <encro> encarou com curiosidade e num meio sorriso. O
- 60 médico olhou <←para> a companheira (no seu melhor vestido) e esta permaneceu
 tranquila, saboreando o sorvete.
 Mas a verdade é que o tempo voa, corre. Estão ali na sala, diante da televisão,
 ele, Zuleica e o filho, um rapazinho já.
- 65 <Vieram para visita-lo, depois de conhecerem a cidade.>
 <passseiam>

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis.
 ramo

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior. Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior.
 Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, posteriormente riscada, a lápis.
 Substituição na entrelinha inferior, a lápis.

Acréscimo na entrelinha superior, a lápis.
 Acréscimo na entrelinha superior, a lápis.
 Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, a lápis.

Acréscimo na margem esquerda, a lápis.

verdade

Acréscimo na margem inferior, a lápis.
 Acréscimo na margem inferior, a lápis.

3.1.2.5 Testemunho 5 de *Os caminhos*

DOIS NÁUFRAGOS

- 1 Veio enfim parar na casa de minha mãe. Tinha então dezenove anos. Se lhe fosse contar a vida [que] de que me fui inteirando [com Ω1a intimidade] o passar do tempo, <Ω2↑e a intimidade> daria realmente um romance. Deflorada aos quatorze anos pelo padrasto, a mãe, uma lavadeira, morta pouco[s] [anos] <[↑tempo]><↑pouco tempo depois>
- 5 depois, o irmão único assassinado num forró. Lavou e passou roupa para muitas famílias. Uma vida dura, com muito suor e dores. Fugiu da casa de uma megera, que lhe negava <↑até> comida, <↑escondia a chave da ><↑dispensa> pôde comprar a sua passagem de ônibus e chegou à Capital, só, sozinha, sem ninguém, ao Deus dará. Prostituiu-se, viveu em pensões de mulheres, dançava à noite ao som da orquestra. Engalicou-se, pegou [doença]
- 10 do mundo, curava-se no ambulatório da farmácia, por ela própria e o enfermeiro, que a cantou depois de sarada. Engravidou e fez aborto com a comadre do terreiro.
- Foi quando deu com os costados na casa de minha mãe. E em meio a tudo isso, era pura, ingênua, via-se logo, pelos seus olhos grandes e lípidos, sempre surpreendidos, como se a vida ainda tivesse coisas a mostrar-lhe. Enrolava-se nos braços, os olhos no chão, para
- 15 uma resposta. Gostava de crianças, ficava olhando-as perdidamente, com aquele jeito seu, entre o riso e a permanente surpresa.
- Eu a comia no seu quarto, às vezes em pleno dia, em pé ou dentro d[e]/a\ [sua] rede, atento ao arrastar de chinelas de minha mãe, já velha, amparando-se às paredes.[Já] [à]/\aquele tempo, sendo uma adolescente, mas pelo muito que vivera, sabia comprar
- 20 pílulas, preservativos, na farmácia, com o dinheiro que lhe sobrava. O encantador nela, entre muitas coisas, era o [seu] jeito de falar [aquela] <↑a> maneira de apoiar as mãos nos quadris:
- Seu menino, acha?
- Gostava de minha mãe, entendia-a em tudo
- 25 Minha mãe me conhecia bem. Jamais dei para casamento aprecio mi[nha]<↑uma> cachaça, <↑ uma boa farra> [às vezes, um violão] [< uma farra. >] [Ω1A velha me advertia]
- Vivo deste[pequeno] emprego <↑fiscal> / na Prefeitura, que melhora com propina, vista grossa [na fiscalização] [de] firmas comerciais. Ω2 A velha me advertia:
- Não vá mexer com esta menina...
- 30 [A menina sabe ler Ω1com dificuldade, mas] Não disse ainda que a menina lê pouco, Ω2com dificuldade, mas sabe escrever. Vez por outra eu a encontrava <↑e encontro> no banco da cozinha, as coxas magras [à mostra] <↑de fora>, em luta com o jornal.
- Instruindo-se, hem! – eu dizia.
- [Ria] Ria [aquele]<↑o seu> riso manso, já agora tranqüilo, amparado.
- 35 Minha irmã casada nos visita. Vem com [a]/o\ [sua récua]<↑seu bando> de filhos, que se envolvem aí com a menina, numa verdadeira brincadeira de crianças.

Supressão por datiloscrito de X. Supressão por riscado, em tinta azul e deslocamento. Deslocamento na entrelinha superior, em tinta azul. Supressão por riscado, a lápis. Supressão por riscado, em tinta azul. Acréscimo seguido de supressão na entrelinha superior. Substituição na entrelinha superior.

Acréscimo na entrelinha superior, em tinta azul. Acréscimo na entrelinha superior, a lápis. Acréscimo na entrelinha superior, em tinta azul.

Supressão por datiloscrito de X.

Substituição por sobreposição, em tinta azul. Supressão por riscado, em tinta azul. Supressão por riscado, em tinta azul. Substituição por sobreposição, em tinta azul.

Supressão por riscado, em tinta azul. Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, a lápis. Acréscimo na entrelinha superior, em tinta azul. Supressão por riscado, em tinta azul. Acréscimo, a lápis, seguido de supressão, entrelinha superior, em tinta azul, supressão por datiloscrito de X e deslocamento. Supressão por datiloscrito de X. Acréscimo na entrelinha superior, datiloscrito. Barra datilografada por Moreira Campos. Supressão por datiloscrito de X. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por datiloscrito de X e deslocamento. Acréscimo na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior.

Supressão e substituição à frente, datiloscrito. Supressão e substituição na entrelinha superior, a lápis. Substituição por sobreposição, a lápis. Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, a lápis.

Minha irmã desconfia de que tenho relações com ela, mas aceita, não faz alarde, nem mesmo cochicha [com] <↑ao ouvido de> minha mãe. [Ω1É a vida] Aprova,<Ω2é a vida>.

40 Quando minha velha morreu, [Ω1ela, a menina chorou, chorou, andava por dentro de casa e] (o que foi um grande prejuízo, pois recebia a pensão deixada [pelo marido] <↑por meu>), Ω2 ela, a menina, chorou, chorou, andava por dentro de casa e serviu o almoço de olhos vermelhos.

45 Passou [então] a vir para a sala, sentada ao meu lado na espreguiçadeira, à vontade, embora, de início, se levantasse e se refugiasse na cozinha, quando minha irmã chegava com os filhos. Mas o tempo e o[s] [costumes] [costume] <↑a verdade> tudo podem. Sentou-se de vez ao meu lado <↑obrigada pela força do meu braço>, [Ω1e dava] viesse [em] quem viesse Ω2e <já> dava os seus palpites [entusiasmo]<↑entusiasmada> nas passagens mais [empolgantes] <↑interessantes> da<s> telenovela<s>.

50 Uma família, dois naufragos, <↑eu + que ela>, que se encontraram, agarrados à mesma tábua.

Pois não é que, talvez de propósito, suspendeu as pílulas e engravidou! Levei sua urina ao laboratório. Positivo, o ventre crescia, ela suspendia o trabalho na cozinha, Suspira <↑va> e enxugava o suor na testa, pedindo ar [./, \] <↑os olhos muito dilatados> EU punha

a mão na sua barriga. Sentia-se mexer-se o menino ou a menina, e ria, satisfeito.

55 Não disse ainda, mas aqui digo, que pela vida desgarrada que [ele] levou e pela sua <↑ que muito me [excitava] excita>experiência na cama, sempre [tive]atento [<↑e estou>]

<↑estive e estou atento> a ela ou a qualquer homem, [quando saímos e saímos]<↑raramente> <quando

saímos, e saímos> quando saímos [ainda hoje] para um cinema no bairro ou um sorvete no bar.

60 Rompeu-se a bolsa pela madrugada. Metia-a dentro de um [táxi] /táxi\ e a levei à maternidade, com muitos gemidos, agarrava-se, fria, ao meu braço[s]. [Já posso fazer es] Era um menino, que foi pela vida toda os <X> meu quindins, e dela também.

Um dia, ela me disse:

– Você sabe que faz [vint] hoje vinte [anos] <↑e cinco>que a gente está junto.

65 [Contando do dia] Foi o dia que eu cheguei na casa de sua mãe.

– [Quase] [b]/B\odas de ouro – eu disse.

Olhei os cabelos, onde já aparecia <↑m> alguns fios brancos. Tive a intenção de convidá-la para um jantar em restaurante barato. Fiquei só na intenção. Jantamos em casa mesmo, eu, ela e o nosso [rapazinho, que é a nossa paixão] <↓rapaz.> <↓quando raramente

saímos para um cinema no [bar] <bairro> ou um sorvete no bar.>

Supressão por riscado, a lápis, e substituição na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis e deslocamento.

Supressão por datiloscrito de X e deslocamento

Supressão por riscado

Deslocamento.

Supressão por datiloscrito de X

Supressão por datiloscrito de X e supressão por riscado, a lápis. Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, a lápis.

Acréscimo na entrelinha superior, a lápis. Supressão por datiloscrito de X e deslocamento

Supressão por datiloscrito de Z. Acréscimo, em tinta azul. Supressão por datiloscrito de X e substituição na entrelinha superior,

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, a lápis. Acréscimos em tinta azul.

Acréscimo na entrelinha superior, em tinta azul.

Acréscimo na entrelinha superior, a lápis. Substituição por sobreposição, a lápis. Acréscimo na entrelinha superior, a lápis.

Supressão por datiloscrito de X.

Acréscimo na entrelinha superior.

Supressão por riscado, em tinta azul.

Substituição seguida de supressão na entrelinha superior, em tinta azul.

Substituição na entrelinha superior, em tinta azul.

Supressão por datiloscrito de X e substituição na

entrelinha superior, a lápis.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha inferior, a lápis e supressão de "ou", em tinta azul.

Supressão por datiloscrito de X e substituição à frente.

Supressão por riscado, em tinta azul.

Supressão por datiloscrito de X.

Acréscimo de X, a lápis.

Supressão por datiloscrito de X.

Supressão por datiloscrito de X e acréscimo na entrelinha superior.

Supressão por datiloscrito de X.

Supressão por riscado, a lápis.

Substituição por sobreposição, a lápis.

Acréscimo na entrelinha superior, a lápis.

jantar

Supressão por riscado, a lápis e substituição, na margem inferior, a lápis.

Acréscimos na margem inferior, a lápis.

Supressão por riscado e substituição, à frente, a lápis.

Supressão por riscado e substituição, à frente, a lápis.

3.1.2.6 Testemunho 6 de *Os caminhos*

<OS> Caminhos

Moreira Campos

Veio enfim parar na casa de minha mãe. Tinha então [dezenove anos] <↑vinte e cinco anos.> Se lhe fosse contar a vida, de que me fui inteirando com o tempo e a intimidade, daria realmente um romance. Deflorada aos quatorze anos pelo padrasto, a mãe, uma lavadeira, [morta pouco tempo depois] <↑ morreu cedo>, o irmão único

5 assassinado num forró. Lavou e passou roupa[s] para muitas famílias, num trabalho duro. Fugiu da casa de uma megera que lhe negava até comida, escondia a chave da Despensa[.],\P<↓p>ôde comprar a passagem de ônibus e chegou à Capital, só,

sozinha, ao Deus dará. Prostituiu-se, viveu em pensões de mulheres [,] /\ [dançava à

10 noite ao som da orquestra.] Egalizou-se, pegou doença do mundo, tratava-se no ambulatório da farmácia pelas suas próprias mãos e a do enfermeiro, que a cantou depois de curada. Engravidou e fez aborto com a comadre do terreiro.

Foi quando deu com os costados na casa de minha mãe. E, em meio a tudo isso, [era] <↑era> pura, ingênua, via-se logo, pelos seus olhos grandes e límpidos,

sempre surpreendidos, como se a vida ainda tivesse coisas a mostrar-lhe. [Enrolava-se]

15 <↑ Enrolou-se> nos braços, os olhos no chão, para uma resposta. Gosta[v]a <↑gosta> de crianças < [↑(esta diverte-se com os vizinhos,) <[↓aí pela vizinhança]>ficava olhando-as

perdidamente, com aquele jeito seu, entre o riso e a permanente surpresa. O [encantador] <↑engraçado> nela ainda [era]<↑é> o modo de falar, a maneira de apoiar as

mãos nos quadris:

20 – Seu menino, acha?

Sabe ler um pouco, mas não escreve. Às vezes, eu a encontrava [<↑ encontrava>]

< ↑encontra,> mal sentada no banco da cozinha, as coxas magras de fora, em luta com a página do jornal, a que traz notícias das telenovelas. Brinca[va]/o\:

– Instruindo-se, hem?

25 Ela [ria] [ri] <ri>

A primeira vez que a comi <,> <↑e foi logo de começo,> foi logo ali na cozinha, em pé, minha mãe lá para os fundos de casa, eu atento ao arrastar de suas chinelas, amparando-se à parede. [Minha mãe] <↑Ela> me conhece bem. Uma vez, ainda <←bem→>

moça [<↑e mãe velhice>]pegou-me com uma de suas empregadas no quarto desta.

30 O tom de minha [mãe]<↑velha> agora ,[era] <↑é> de ralho suave, quase um riso, o dedo

me comprimindo o nariz:

– Não vá se meter com esta menina!

Beijei-lhe os cabelos ralos. Falava comigo como se eu ainda fosse o mesmo rapaz, quando sou hoje um homem de têmporas grisalhas, des-

Acréscimo, em tinta azul.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.

Supressão por riscado, em tinta azul, e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.

Supressão por riscado, em tinta azul.

Supressão por riscado e substituição por sobreposição, em tinta azul. Supressão por riscado e substituição na entrelinha inferior, em tinta azul.

Substituição por sobreposição, em tinta azul. Supressão por riscado, em tinta azul.

Supressão por riscado e substituição por sobreposição, em tinta azul.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.

Acréscimo na entrelinha superior e posteriormente riscado, em tinta azul. Acréscimo na entrelinha inferior e posteriormente riscado, em tinta azul.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul. Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.

Supressão e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.

Substituição por sobreposição, em tinta azul.

Supressão por riscado e substituição à frente, em tinta azul.

Acréscimo e acréscimo na entrelinha superior.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul. Acréscimo na margem esquerda, em tinta azul.

Acréscimo e riscado na entrelinha superior, em tinta azul.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, riscado, em tinta azul e substituição na entrelinha inferior, em tinta azul.

- 35 grisalhas, desquitado e pai de um filho casado. Exerço um emprego razoável [aqui] na fiscalização da Prefeitura. Melhoro o salário com concessões, vista grossa para o faturamento de algumas firmas comerciais.
Meu filho e a mulher nos visitam quando pode. [Ele], [tem cargo bom no e concursado
- 40 no serviço federal.]< Ele, apesar de moço, tem cargo bom e concursado no serviço federal.> Sei que ambos, ele e a mulher têm certeza do meu relacionamento com a nova empregada, sem surpresas. Tanto é assim que, certa vez, meu filho [so] ao [sair], <↑despedir-se> pôs a mão no meu ombro e pilheriou:
– Com menina nova em casa [hem?] <↑hum velho?>
– Deixa de esculhambação!
- 45 Quando minha mãe morreu, o que foi [grande] prejuízo pois recebia a pensão [que meu pai deixou] <↑deixada por meu pai>, a empregada nova chorou. Serviu o almoço de olhos vermelhos.<XX> Desde então [passou a vir para sala]<↑instalou-se na sala>, ao meu lado para assistir à televisão <X> [(antes sentava-se na sua cadeirinha, à parte), embora d]e início, [ainda] se levantasse <↑ se levantava>[quando] e se met[esse] <ia> na cozinha [quando alguém (um
- 50 colega) colega da Prefeitura) chegava, ou quando meu filho e a mulher] quando [alguém (um colega da Prefeitura) chegava] meu filho e a mulher [chegavam, ou qualquer outra pessoa] por acaso chegavam, ou qualquer outra pessoa (um colega da Prefeitura). Mas com o tempo foi ficando, contido pela força do meu braço. Sentou-se definitivamente e já [dá] [↑<dava da as>] [↓<dava os>]<dá>seus palpites, entusiasmo, nas passagens mais interessantes das novelas.
- 55 Um família.
Pois não é que, talvez de propósito, suspendeu a pílula que tomava regularmente e engravidou! Levei sua urina ao laboratório. Positivo. O ventre crescia, ela suspendia os trabalhos na cozinha, soprava e enxugava o suor d[a]/o\ [testa] <↑rosto>, pedindo ar, os olhos mais dilatados. Eu punha a mão na sua barriga, sentia [o menino] mexer-se o menino ou menina.
- 60 Não disse, mas digo agora, que sempre me preocupou o seu passado. Hoje, que saímos uma vez perdida para uma sessão de cinema no bairro ou um sorvete no bar, ela com o seu melhor vestido, fico ainda atento. Mas jamais encontrei qualquer indivíduo, suponho, que a reconhecesse, ou por quem ela se interessasse. Diverte-se olhando as coisas e as pessoas, curiosa, com um ou outro comentário.

Supressão por riscado, em tinta azul.

Supressão por riscado, em tinta azul. Supressão por datiloscrito de X e substituição à frente, datiloscrita.

Supressão por datiloscrito de X. Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.

Supressão por riscado e substituição à frente, em tinta azul.

Supressão por datiloscrito de X. Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul. Acréscimo de X, em tinta azul. Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul. Acréscimo de X, em tinta azul. Supressão por riscado, em tinta azul. Trecho reescrito após o final do texto datiloscrito. Substituição na entrelinha superior. Supressão por datiloscrito de X. Substituição por sobreposição, em tinta azul. Supressão por datiloscrito de X. Supressão por datiloscrito de X.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul, riscada posteriormente. Substituição na entrelinha inferior, seguida de supressão, em tinta azul e substituição, em tinta azul.
uma

Supressão por riscado e substituição por sobreposição e na entrelinha superior, em tinta azul. Supressão por datiloscrito de X e deslocamento à frente.

encontrei

65 Rómpeu-se a bolsa pela madrugada. Meti-a dentro de um táxi e a levei à maternidade, com gemidos, caretas, a mão fria agarrada ao meu braço. Era um menino.

Certa manhã, ela me disse:

– Você sabe que faz dez anos que a gente está junto? Foi no dia que cheguei na casa de sua mãe.

70 Olhei-a. Tive a ideia de levá-la a [um restaurante modesto] a uma churrascaria aqui perto. Mas não passei da intenção. Almoçamos em casa mesmo, [o nosso Ω1rapazinho, que é bonito, ao lado.] <ao lado, o nossoΩ2rapazinho, que é bonito.>

<↓e até têm muita atenção para com ela [Mesmo no com] as coisas são tão evidentes

que mesmo no começo de tudo, meu filho certa vez ao despedir-se ali na porta, pilheriou:

75 – Com menina nova em casa, hem velho?

– Deixa de esculhambação.

<X> embora, de início, ainda se levantasse [quando meu filho chegava com] e se

metesse na cozinha, quando meu filho e a mulher chegavam ou aparecia qualquer colega meu da Prefeitura.>

Supressão por datiloscrito de X.

Supressão por riscado e deslocamento, em tinta azul.

Parágrafos reescritos no final do texto datiloscrito, em tinta azul.

Acréscimo de X, em tinta azul. Supressão por riscado, em tinta azul.

3.1.2.7 Testemunho 7 de *Os caminhos*

OS CAMINHOS

Moreira Campos

Veio enfim parar na casa da minha mãe. Tinha então vinte e cinco anos. Se lhe fosse contar a vida, de que me inteirei com o tempo e a intimidade, daria um romance realmente. Deflorada aos quatorze anos pelo padrasto, a mãe, uma lavadeira, morreu cedo, o irmão único assassinado num forró. Lavou e passou roupa para muitas famílias, num trabalho duro. Fugiu da casa de uma megera que lhe negava até comida, escondendo a chave da despensa, pôde comprar a passagem de ônibus e chegou à Capital, só, sozinha, ao Deus dará. Prostituiu-se, viveu em pensão de mulheres. Engalicou-se, tratava-se no ambulatório da farmácia pelas próprias mãos ou do enfermeiro, que a cantou depois de curada. Engravidou e fez aborto com uma comadre de terreiro.

Foi quando deu com os costados na casa de minha mãe. E, em meio a tudo isso, era pura, ingênua, via-se logo, pelos seus olhos grandes e límpidos, sempre surpreendidos, como se a vida ainda tivesse coisas a mostrar-lhe. Enrolava-se nos braços, os olhos no chão para uma resposta. Gostava de crianças, distraia-se com as da vizinhança, olhando-as perdidamente, entre o riso e a permanente surpresa. O engraçado era ainda o modo de falar, a maneira de apoiar as mãos nos quadris:

– Seu menino, acha?

Sabe ler um pouco, mas não escreve. Às vezes, eu a encontrava, e encontro, mal sentada no banco da cozinha, as coxas magras de fora em luta com a página do jornal, a que traz notícias das telenovelas. Brincava:

– Instruindo-se, hem?

Ria.

[A primeira vez que a que a comi foi] <↑ Eu a possuí pela primeira vez> ali mesmo na cozinha, em pé, minha mãe lá para os fundos da casa, eu atento ao arrastar da sua chinela, amparando-se à parede. Minha mãe me conhece bem. Uma vez, ainda moça, pegou-me com uma de suas empregadas no quarto desta.

O tom de minha velha agora era rallo suave, quase um riso, o dedo me comprimindo o nariz:

– Não vá mexer com esta menina!

Beije-lhe os cabelos ralos. Falava comigo com se eu ainda fosse o mesmo rapaz, e não o homem de têmperas já grisalhas, desquitado e pai de um filho casado. Aliás, foi depois do desquite que voltei para a sua companhia

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, datiloscrita.

Exerço um emprego razoável na fiscalização da Prefeitura. Melhoro o salário com concessões, vista grossa para o faturamento de algumas firmas comerciais.

35 Meu filho e a mulher nos visitam, quando podem. Ele apesar de moço, tem cargo bom e concursado no serviço federal. Sei que ambos, ele e a mulher, têm certeza do meu relacionamento com a nova empregada, sem surpresa, e a respeitam, são gentis com ela. As coisas têm tal evidencia que, mesmo no começo de tudo, meu filho, <↑brincalhão que é,> ao despedir-se de mim na porta, pôs a mão no meu ombro: [e pilheriou]

Acréscimo na entrelinha superior, datiloscrito.

Supressão por datiloscrito de X.

– Com menina nova em casa, hem, velho?

40 – Deixa de esculhambação!

Quando minha mãe morreu (um prejuízo, pois recebia a pensão deixada por meu pai), a empregada nova chorou, serviu o almoço de olhos vermelhos. Desde então, instalou-se na sala, ao meu lado, para assistir à televisão. Mas, de início, ainda se levantava e se metia pela cozinha, quando o meu filho e a mulher chegavam, ou aparecia, por acaso, pessoa estranha, um colega 45 meu da Prefeitura. Mas terminou por ficar ao meu lado definitivamente, contida pela força de meu braço, e até dava seus palpites, entusiasmada, nas passagens mais interessantes das telenovelas.

Uma família.

Pois não é que, talvez de propósito, suspendeu a pílula que tomava regularmente e engravidou! Levei sua urina ao laboratório. Positivo. O ventre crescia, ela suspendia a luta na 50 cozinha, soprava e enxugava o suor, pedindo ar, os olhos mais dilatados. Eu punha a mão na barriga, sentia mexer-se o menino ou a menina.

Não disse, mas digo agora, que sempre me preocupou o seu passado. Hoje, que saímos 55 uma vez perdida para uma sessão de cinema no bairro ou um sorvete no bar, ela com o seu melhor vestido, fico ainda atento. Mas jamais encontrei qualquer indivíduo, suponho, que a reconhecesse ou por quem ela se interessasse. Diverte-se olhando as coisas e as pessoas, curiosa, com um ou outro comentário.

saimos

Rompeu-se a bolsa pela madrugada. Meti-a dentro de um táxi e a levei à maternidade, com muitas caretas, contrações, a mão fria agarrada ao meu braço.

Era um menino.

60 Certa manhã, ela me disse:

– Você sabe que faz hoje dez anos que a gente está junto?

Foi no dia que cheguei na casa de sua mãe.

Olhei-a. Tive a ideia de levá-la a uma churrascaria aqui perto. Mas não passei da intenção. Almoçamos em casa mesmo, ao lado o nosso rapazinho, que é bonito.

3.1.2.8 Testemunho 8 de *Os caminhos*

OS CAMINHOS

Moreira Campos

- Ela chegou à minha casa depois que a empregada velha e já quase caduca <↑que fora da minha mãe> morreu no hospital. Foi trazida, com a sua trouxa, por um caboclo que às vezes me presta serviço, depois de pedidos meus a várias pessoas para que me arrandassem uma empregada. Já <↑ andava cansado>, sem poder, de comer em restaurantes, uma ou outra vez na casa de meu filho. Moça ainda, [a empregada nova,] pela faixa de trinta anos.
- Eu a possuí logo na noite seguinte. Empurrei-lhe de leve a porta do quarto, ela pareceu assustar-se, levantou-se de sua rede meio estremunhada, fez careta, mas acompanhou-me. Levei-a para o meu quarto. Ia ali à minha frente, passiva e dócil [com o seu] <↑metida no> seu próprio vestido. <com que trabalha>
- [Foi ao] <↓Procurou o> banheiro e veio para minha cama. Dormiu comigo o resto da noite e as que se seguiram, definitivamente. Marido e mulher, os dois travesseiros.
- Com o tempo, só por curiosidade, quis saber do seu passado. Trancava-se em si mesma, dava detalhes. Aludia a um pai desconhecido, que ninguém sabia quem era, a mãe morta muito cedo.
- E mais? – Eu perguntava.
Emperrava, corria os olhos pelo chão. Estalou os dedos:
– Fui prejudicada por um tio meu [.,] /.\ [m]/M\eninota [.,] /.\ [Q1ainda.] [Q] /q\atorze anos.
- Adiantou Ω2↑ainda, qualquer coisa [mais], vagamente:
- Sem querer ofender, homem é bicho ruim.
- Parecia revoltar-se, porque se levantou de repente, rodava por dentro do quarto e repetia com energia:
- Ruim, ruim, ruim! E porco!
Eu a seguia com os olhos. Avaliava-lhe os duros momentos que vivera.
E, em meio a tudo isso, era pura, ingênua. [Distraia-se] <↑Distrai-se>com crianças, <↑da vizinhança> sobretudo se pequenas. [Beija-as, cheira-as] olha-as perdidamente. [(é assim com as da vizinhança, quando por acaso as encontra)]. Uma outra coisa curiosa nela é o tom de voz, a maneira de falar, com aquele jeito seu de pôr as mãos nos quadris:
- Seu menino, acha?
Não sei [porque] <↑se por> milagre, sabe ler um pouco, soletra, mas não [sabe] escreve[r].
- [Ainda hoje a] [e]/E\ncontro<↑-a> sentada no banco da cozinha, em luta com a página do jornal, a que traz notícias das telenovelas:
- Instruindo-se, hem?
Ri
- Sou desquitado e exerço um emprego razoável na fiscalização da Prefeitura. Melhor o salário com concessões, vista grossa para os fatu

Acréscimo na entrelinha superior, datiloscrito.

Acréscimo na entrelinha superior, datiloscrito.

Supressão por datiloscrito de X

Supressão por riscado, em tinta azul e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.

Acréscimo, em tinta azul.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha inferior, em tinta azul.

Substituição por sobreposição, em tinta azul. Substituição por sobreposição, em tinta azul. Substituição por sobreposição, em tinta azul. Supressão por datiloscrito de X. Substituição por sobreposição, em tinta azul.

Deslocamento na entrelinha superior, datiloscrito. Supressão por datiloscrito de X.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.

Acréscimo na entrelinha superior, em tinta azul. Supressão por riscado, a lápis. Supressão por datiloscrito de X.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul. Supressão por riscado, em tinta azul.

Supressão por riscado, em tinta azul. Supressão por sobreposição, em tinta azul. Acréscimo na entrelinha superior, em tinta azul.

ramento de algumas firmas.

- Meu filho, [que é bem moço, por assim dizer, quase um menino,] <↑ que se casou muito cedo e é comerciante> vem à minha casa uma vez ou outra [, atarefado com o seu emprego no serviço federal.] Quando [pode aparecer-me] <↑foi possível aparecer-me> acompanhado da
- 40 mulher, já nos encontrou[, a mim e à nova empregada,] instalados na sala, em frente a televisão. Não de ter tido surpresa, pela intimidade e mocidade dela. Minha [moça] <↑companheira> até quis fugir para a cozinha, mas eu a contive. Apenas, mais tarde, saiu para passar um café, quando aproveitei a oportunidade para esclarecimentos. Era uma menina boa, trabalhadora, preenchia as minhas horas. Meu filho, que é brincalhão, bateu-me forte no joelho:
- 45 – Ah, velho macho!
Minha nora perdeu os olhos numa réstia de sol.
– Está certo, a vida é do senhor.
- Hoje, que saímos uma vez perdida para um cinema no bairro ou o sorvete no bar, ela com o seu velho vestido, ainda tenho preocupações <↑tolas. com o seu passado. Mas jamais encontrei
- 50 um indivíduo que a reconhecesse, surpreso, ou por quem ela se interessasse. Diverte-se olhando as coisas e as pessoas, com um ou outro comentário, no comum ingênuo.
- <X>Pois não é que, talvez de propósito, suspendeu a pílula que tomava regularmente e engravidou! Levei a sua urina ao laboratório. Positivo. O ventre crescia, eu punha a mão na sua barriga. O menino ou a menina mexia-se. Ela andava pela cozinha em suores, falta de ar, os
- 55 olhos [ainda mais] dilatados. Ainda teve vômitos, tontura, amparava-se à parede.
- A bolsa rompeu-se pela madrugada. Metia-a num táxi e levei-a à maternidade, com muitas contrações, caretas, a mão fria agarrada ao meu braço.
- Era um menino.
Certa manhã, ela me disse:
- 60 – Você sabe que faz hoje dez anos que a gente tá junto? Foi no dia que eu cheguei na sua casa.
- Olhei-a. Tive a ideia de levá-la a uma churrascaria aqui perto. Mas não passei da intenção. Almoçamos em casa mesmo, ao lado o nosso rapazinho, que é bonito.
- <X> Algumas vizinhas com as quais ela chegou a fazer amizade, ficam curiosas correm
- 65 [até] <↑à> ajanela, quando dessas nossas saídas raras. Soube até que uma delas mais idosa chegou a comentar:
- Esta menina teve sorte!
Talvez por mi
Por milagre talvez
70 Olha-as perdidamente.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.

Supressão por riscado, em tinta azul.

Supressão por datiloscrito de X e substituição na entrelinha superior, datiloscrita.

Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por datiloscrito de X e substituição na entrelinha superior, datiloscrita.

saímos

Acréscimo na entrelinha superior, datiloscrito.

Acréscimo de X, na entrelinha superior, em tinta azul.

Supressão por datiloscrito de X.

Parágrafo colado ao texto no final da segunda página, datiloscrito. Acréscimo de X, em tinta azul.

Supressão por datiloscrito de X e substituição na entrelinha superior, datiloscrita. a janela.

Frases escritas no verso da folha 1, a lápis.

As rasuras feitas pelo escritor nos oito testemunhos de *Os caminhos* nos permitem dizer que Moreira Campos utilizou acréscimos para falar da profissão de Zuleica (Test2, L. 5), caracterizar o pai da garota (Test2, L.29) Através das substituições ele corrigiu erros de grafia, modificou o tempo verbal e a pessoa do discurso, tornou o texto mais verossímil.

3.2 A nova empregada – descrição dos testemunhos

A tradição desse conto é composta por 5 testemunhos autógrafos, não datados, texto datilografado em papel ofício 21,5 cm x 35,5 cm, folhas amareladas em decorrência da ação do tempo, e com intervenções datiloscritas e manuscritas. Todas as intervenções manuscritas foram feitas em tinta preta. Os manuscritos foram acondicionados em envelope de papel neutro e armazenados em caixa de cor azul, nomeada **Contos inacabados**.

Testemunho 1 com 4 folhas, registrando apenas uma intervenção manuscrita. Na primeira folha, a mancha escrita ocupa 44 linhas, não está numerada e não há título. Registram-se apenas supressões datiloscritas por X de palavras e frases.

Na segunda folha, a mancha escrita ocupa 43 linhas, traz o algarismo 2 no ângulo superior direito. As rasuras são de supressão, realizadas durante o ato de datilografar o texto; acréscimo e substituição manuscritas.

A terceira folha com a mancha escrita ocupa 52 linhas do suporte, numerada com algarismo 3 no ângulo superior direito. Há supressões datiloscritas e substituições. Nos últimos parágrafos dessa folha, Moreira Campos datilografa uma linha tracejada e logo em seguida estão alguns parágrafos com um novo início para o texto.

A quarta folha tem apenas uma linha datiloscrita e o restante da folha está em branco, numerada com o algarismo 2, porém o texto indica a continuação da página 3; o papel contém manchas de ferrugem. Não há intervenções.

Encontramos nesse testemunho três momentos genéticos, o primeiro em que o texto é datilografado, o segundo de intervenções durante a datilografia em que Moreira Campos inicia as supressões corrigindo erros de datilografia e substituindo alguns trechos. O terceiro momento é marcado por substituições e supressões manuscritas. (Ver quadro 4).

Testemunho 2 composto por 4 folhas, com intervenção manuscrita. Na primeira folha, a mancha escrita ocupa 44 linhas do suporte, não numerada, sem título, contendo o início da narrativa. Mancha de ferrugem no ângulo inferior esquerdo. Observamos cancelamentos

datiloscritos que ocorrem no curso da escrita e acréscimos datiloscritos na entrelinha superior. As rasuras identificadas são em sua maioria supressão.

Na segunda folha, a mancha escrita ocupa 40 linhas do suporte, com algarismo 2 datiloscrito no ângulo superior direito. As intervenções datiloscritas são supressões realizadas no curso da datilografia e substituições.

A terceira folha com mancha escrita ocupando 44 linhas do suporte, não numerada. Há supressões datiloscritas, substituições datiloscritas e uma substituição manuscrita.

A quarta folha tem mancha escrita ocupando 6 linhas e o restante da folha está em branco; não numerada, porém, o texto indica a continuação da folha 3; o papel contém manchas de ferrugem, não há intervenções.

São visíveis três momentos genéticos de escritura, o primeiro a datilografia do texto, o segundo, a revisão do texto, com o papel ainda na máquina, e o terceiro, intervenções manuscritas, uma supressão e a substituição por sobreposição. (Ver quadro 4).

Testemunho 3 com 3 folhas, intervenções manuscritas. Localizado na caixa Report (contos publicados e inéditos).

A primeira folha com mancha escrita que ocupa 40 linhas do suporte, não numerada, com o título A NOVA EMPREGADA, à esquerda. As intervenções manuscritas são predominantemente substituições e supressões.

Na segunda folha, a mancha escrita ocupa 44 linhas, apresenta o algarismo 2 no ângulo superior direito. As intervenções manuscritas são substituições, supressões e um acréscimo.

A terceira folha com mancha escrita ocupando 44 linhas do suporte, numerada no ângulo superior direito com o algarismo 3. Há acréscimos, substituições e supressões.

Apresenta dois momentos genéticos: o de datilografia do texto e o de retomada, com registros de intervenções manuscritas. (Ver quadro 4).

Testemunho 4 com 3 folhas, intervenções apenas manuscritas. Na primeira folha, com mancha escrita com 41 linhas, sem numeração, título datilografado em caixa alta, lançado à esquerda. Há registros de supressões, acréscimos e substituições, a máquina e a mão. Um trecho está reescrito na margem esquerda.

A segunda folha, com mancha escrita com 44 linhas, está numerada com o algarismo 2 no ângulo superior direito. Com intervenções manuscritas e a máquina, substituições, supressão, acréscimo à margem esquerda.

A terceira página, com mancha escrita com 24 linhas datiloscritas, numerada com o algarismo 3 no ângulo superior direito e o restante da folha foi utilizada para escritura de um parágrafo autógrafo que foi, em parte, posteriormente riscado. O verso dessa folha também foi usado para escrita de um trecho manuscrito e para fazer uma conta matemática, em tinta preta.

São três momentos genéticos: o primeiro em que o texto foi datilografado, o segundo, com poucas intervenções em curso de datilografia do texto, deslocamentos e supressões, e o terceiro é marcado por supressões, substituições e acréscimos manuscritos. O terceiro momento genético contém muitas intervenções manuscritas e, diferente do que vinha ocorrendo nos testemunhos anteriores em que o acréscimo era raro, aqui, há um trecho acrescido à margem esquerda e que também estará presente no testemunho 5 e a reescrita de um parágrafo. (Ver quadro 4).

Testemunho 5 com 3 folhas, sem intervenções, texto passado a limpo. A primeira folha, com mancha escrita de 42 linhas; não há numeração, o título, em caixa alta, lançado à esquerda, permanece o mesmo dos testemunhos anteriores.

A segunda folha, com mancha escrita com 47 linhas, apresenta numeração 2 no ângulo superior direito.

A terceira página apresenta a mancha escrita ocupando 29 linhas e o restante da página está em branco, numerada. Não há intervenções autorais, portanto tem apenas um momento genético, o de datilografia do texto. (Ver quadro 4).

Através dos fac-símiles e da transcrição linearizada de cada folha do testemunho, que se seguem, veremos, de forma mais clara, todas as intervenções realizadas na construção do texto.

No quadro 4, sintetizamos todos os momentos genéticos observados nos diferentes testemunhos do conto *A nova empregada*.

Quadro 4 - Momentos genéticos dos testemunhos de *A nova empregada*

Testemunho 1	Momento genético A: datilografia do texto e reescrita, datilografada, de parte do texto ao final da terceira folha.
	Momento genético B: supressões por sobreposição datiloscritas de X e substituição na entrelinha superior.
	Momento genético C: intervenções manuscritas, no texto datilografado; C1: substituição na entrelinha superior; C2: supressão por riscado.
Testemunho 2	Momento genético A: datilografia do texto.
	Momento genético B: supressões por sobreposição datiloscrita de X, cancelamento de palavra ou trecho e substituição na entrelinha superior.

	Momento genético C: intervenções manuscritas, no texto datilografado; C1: supressão de artigo; C2: substituição por sobreposição.
Testemunho 3	Momento genético A: datilografia do texto.
	Momento genético B: intervenções manuscritas, no texto datilografado; B1: substituições na entrelinha superior; B2: supressão por riscado; B3: acréscimos na entrelinha superior.
Testemunho 4	Momento genético A: datilografia do texto.
	Momento genético B: supressão por sobreposição datiloscrita de X.
	Momento genético C: intervenções manuscritas, no texto datilografado. C1: supressão por riscado; C2: substituição na entrelinha superior; C3: acréscimos à margem esquerda; C4: reescrita de parágrafo no verso da última folha.
Testemunho 5	Momento genético A: datilografia do texto.

Notamos que o comportamento de Moreira Campos nos cinco testemunhos é semelhante, no momento de escritura, ou seja, ainda durante a datilografia do texto já se inicia o processo de revisão, notadamente marcado por supressões e substituições, feitas a máquina. Em uma leitura posterior, Moreira Campos reinicia a revisão de seu texto, dessa vez com intervenções, em sua maioria, manuscritas, rasuras de acréscimos, supressões e substituições.

3.2.2 Transcrição dos testemunhos de *A nova empregada*

3.2.2.1 Testemunho 1 de *A nova empregada*

- Eram muitas as impressões. O cheiro ativo das flôres murchas sôbre a mesa, em ambiente fechado. A lembrança terrível que elas lhe traziam. E dentre essas flores e palmas, crescendo, crescendo, os olhos melífluos e rasgados de Benedita, a nova empregada com umas sobras de pintura, [a sua voz macia, blandiciosa, ao lado da
- 5 mesa[s], no almoço de sábado]
 – A senhora quer mais um pedacinho de bife?
 – Não, não. Estou satisfeita.
 Nessa mesma tarde de sábado, após o jantar, punha o vidro de esmalte em cima do fogão[cruzava as pernas, sentada no]<cruzava as pernas (os coxas ainda),
- 10 fornidas> sentada no tamborete e pintava as unhas, soprando-as. Como tudo agora lhe aparecia nítido, revoltante, a ela, Lúcia. O seu [amor] <↑interesse> às flores. Quando Lucia não as comprava, ela própria descia até o mercado e voltava com palmas de avencas e margaridas, que distribuía pelos jarros da sala e do quarto, <↑ recuando um puco para sentir o efeito,> cuidava particularmente do quarto de Lúcia. Mudava os lençóis da cama,
- 15 esticava repetidamente a colcha de chenila. De passagem, dava mais um toque nas flores no jarro sôbre a mesinha de cabeceira. Lucia perdia os olhos no forro do quarto. Insistia no silêncio o ruído do ventilador sôbre a mesinha. Lucia voltava a experimentar a [domen] <dormência> dos dedos, beliscando a mão. O braço estivera morto. [Voltava a examinar no espelhinho]A enfermeira passava e ralhava:
- 20 – Deixa essa mania. Daqui a pouco estará completamente boa.
 O ruído do ventilador. [Ω1Tirava] Lúcia Ω2tirava um cochilo e, mais uma vez, [o ros] os olhos melífluos, rasgados, com umas sobras corrompidas de pintura, surdiam de entre as flores enjoativamente murchas [:] [Benedita] Acordava sobressaltada:
 – Ah... Ah!
- 25 Acalmava-se, e voltava, às escondidas, a experimentar a [fo mência da mão] <dormência restante dos dedos>, sobretudo no mínimo e anular. Beliscava-os. Benedita dormia fora e folgava aos domingos. Chegava muito cedo, nas pontas dos pés, sem ruído.[Ainda na cama] Ainda na cama, Lucia ouvia ela dando a volta cautelosa na fechadura emperrada da porta de serviço.
- 30 – Bom dia, D. Lúcia.
 O café já estava pronto e a cabeceira da mesa preparada porque Lúcia saia antes das oito, para os dois expedientes no gabinete da presidência do Instituto. Lucia elogiava-a na hora do almoço no restaurante do Instituto, fazendo inveja às colegas.
 – Sorte sua, minha filha. Cada um puxe por ela.
- 35 Lúcia isolava, batendo com os [dedos na mesa] <nós dos dedos na mesa>. Servia-se discretamente do palito, que partia em dois,

Supressão por sobreposição datiloscrita de X e por barra inclinada (/).

Supressão por sobreposição datiloscrita de X e substituição à frente.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X e substituição na entrelinha superior.

Acréscimo datiloscrito na entrelinha superior. distribuía. pouco

Supressão por sobreposição datiloscrita de X e substituição à frente.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X

Supressão por sobreposição datiloscrita de X e deslocamento.

Supressão datiloscrita por X

Supressão datiloscrita da pontuação com barra inclinada, seguida de supressão por sobreposição datiloscrita de X.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X e substituição à frente. dormência

Supressão por sobreposição datiloscrita de X.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X e substituição datiloscrita à frente.

atirando-o dentro do prato, e retocava o batom no espelhinho da bolsa. As colegas agora [vinham visitar Ω1Lúcia no hospital]<visitavam> Ω2Lúcia no hospital. Eram comandadas por Neide, a colega mais chegada e confidente (ela e Lúcia estavam sempre juntas na
40 [hora do almô] <mesa do almoço> no restaurante).Dr. Miranda, Oficial de Gabinete Lúcia cedia-lhe o pacote de maizena ou a lata de presuntada ainda intata para as crianças.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X, substituição à frente e deslocamento.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X e substituição datiloscrita à frente.

Antes de sair, Benedita vinha mostrar-lhe o pacote na sala:

– Ora, Beatriz, precisava disso, não!

Supressão por sobreposição datiloscrita de X e substituição datiloscrita à frente.

45 Naqueles primeiros dias de revelação, elogiava-a [nas] <na> hora do almoço no restaurante do Instituto, fazendo inveja às colegas.

– Sorte sua, minha filha. Cada um puxe por ela.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X e substituição datiloscrita à frente.

Lúcia isolava, batendo com os [dedos] <nós> dos dedos na mesa. Servia-se discretamente do palíto, que partia em dois, atirando-o dentro do prato, e retocava o batom no espelhinho da bolsa.

espelhinho.

50 – É sorte mesmo.

Substituição datiloscrita por sobreposição.

[E]/A\As colegas agora visitavam Lúcia no hospital, comandadas por Neide, a colega confidente (ela e Lúcia estavam sempre juntas na mesa do almoço no Instituto). Dr. Miranda já viera, muito delicado, em seu nome e do do Presidente, <↑formulava votos.>

Acréscimo datiloscrito na entrelinha superior.

Quando foi da visita de Seu Marcos, <no> [do] Almoxarifado, Neide apressou-se em ajudar
55 Lúcia. [Puxou-lhe mais] <Levantou-lhe mais> o travesseiro. Seu Marcos [era solene. Ω1Ainda na porta] <era grave>. Ω2Ainda na porta, arrastava sempre a mão para baixo num cumprimento longo, curvando-se, e conservava na lapela do paletó a targa da viuvez recente. Evitava-se falar no assunto, [mas Neide conhecera Benedita]

Supressão por sobreposição datiloscrita de X e substituição datiloscrita à frente.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X, substituição datiloscrita à frente. Supressão por sobreposição datiloscrita de X e substituição. Deslocamento. tarja.

Supressão por datiloscrito de X

Lúcia, de repente, guardava grandes silêncios. Neide pressentia que ela voltava a
60 experimentar os dedos dormentes sob o lençol,[fazia com a cabeção que não] <fazia com a cabeça que não.>

Supressão por sobreposição datiloscrita de X e substituição e datiloscrita à frente.

– Agora é uma questão de repouso. Evitar contrariedades.

– Sem dúvida.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X.

65 Conversava-se tudo lá fora, [no corredor do hospital] no corredor do hospital, na saleta de espera, Neide olhando para os lados, sem necessidade. Ela própria conhecera a tal Benedita, no último domingo em que tinha ido ao apartamento de Lúcia,

<depois> [após] a sessão no Centro Esotérico.[Era muito delicada,]<↑mulata muito>

Supressão por sobreposição datiloscrita de X e substituição datiloscrita à frente. Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta preta.

maneirosa. Lúcia tinha razão de elogiá-la. [Era criatura para Ω1enganar qualquer um. No momen-

Sobreposição datiloscrita de X, e deslocamento.

70 to em que] Seria capaz de Ω 2enganar qualquer um. No momento em que [Lúcia] <Neide> sai, já na porta do apartamento, ela tivera um gesto que muito a cativara. Colhera uma flor no jarro da mesa:

– Para a senhora voltar aqui outras vezes.

Seu Marcos:

75 – Blandiciosa.

– Exatamente.

– Mulher terrível.

– Lucia, aliás, dizia que [a paixão] ela tinha mania por flores.

[Tudo se] Seu Marcos, objetivo, desejava saber se ela já fora presa. Neide não sabia. Mas a queixa [Ω 1na delegacia] estava registrada Ω 2na delegacia.

80 Tudo se dera no dia em que Lúcia sentira repetir-se a dor insistente da nuca, que a fazia levar a mão ao pescoço, curvada sobre a máquina de escrever. [Ω 1 Dr. Fausto examinara no Serviço Médico] Sempre teve a pressão muito alta. [Ω 2]Dr. Fausto a examinara no Serviço Médico. Dr. Miranda cedera-lhe o automóvel da
85 presidência.

=====

Tudo se dera no dia em que Lúcia sentira repetir-se a dor insistente na nuca, que fazia levar a mão ao pescoço, curvando-se sobre a máquina de escrever. Sempre tivera a pressão muito alta. Dr. Fausto a examinara no Serviço Médico

90 Eram * muitas as impressões. O cheiro ativo das flôres murchas sobre a mesa, em ambiente fechado. A lembrança terrível que elas lhe traziam. E dentre essas flores e palmas, crescendo, crescendo, os olhos melífluos e rasgados de Beatriz, a, nova empregada com umas sobras de pintura nos cílios e nas pálpebras:

– A senhora quer mais um pedacinho de bife?

95 – Não, não. Já comi demais.

– Então está bom.

– Estou muito gorda.

100 Sentia realmente dificuldade de meter a [Ω 1cinta. Então] Ω 2 cinta diante do espelho. Então a própria Beatriz a auxiliava. Havia outros desgostos: os cabelos aparados e ralos, a cabeça redondamente medíocre [Talvez houvesse Pensava em comprar a peruca que vira na vitrine da loja em Copacabana.] Decidira-se a comprar a peruca. [O ventilador trazido[†il] por Neide, a colega] [confidente, Ω 1girava monótona em cima da penteadeira. Lúcia sentia][confidente (estavam sempre juntas na mesa do almoço do restaurante do Instituto), Ω 2girava monótono em cima da penteadeira:] [Lúcia sentia compreendia] Os olhos grandes, crescentes e blandiciosos de Beatriz, a nova empregada. E logo mais [as Ω 1temporas grisalhas] o senhor elegante, de Ω 2temporas grisalhas, que acendia o cigarro com o isqueiro, protegendo a chama. Não sabia porque essas temporas grisalhas, de prata, ficaram-lhe impressas nela, Lúcia. Muitas coisas lhe ficaram impressas. O cheiro [naus]
105 repentinamente nauseante das flores murchas. O homem elegante, [que protegia Ω 1a companheira] protegendo Ω 2a companheira, passava pela sala de cabeça baixa, batendo o fecho da bolsa, onde recompusera o batom:

-- Com licença.

--Ah!... ah!....

115 Lúcia sobressaltava-se. [Sentira que] <Sentia que> passara um breve cochilo. Sobre a penteadeira insistia a monotonia silencio-

Supressão por sobreposição datiloscrita de X e substituição à frente.

Supressão por sobreposição datiloscrita de Z.
Supressão por sobreposição datiloscrita de X. Supressão por sobreposição datiloscrita de X e deslocamento.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X e deslocamento.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X e deslocamento.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X e substituição na entrelinha superior, palavra ilegível, em tinta preta. Supressão datiloscrita por X e deslocamento. monótono
Supressão por sobreposição datiloscrita de X.
Supressão por sobreposição datiloscrita de X e deslocamento.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X.
Supressão por sobreposição datiloscrita de X e deslocamento.

Supressão datiloscrita por X e substituição datiloscrita à frente.
Sobre

* Aqui Moreira Campos deixa um espaço de algumas linhas em branco e começa a reescrever os parágrafos iniciais do texto.

sa do ventilador novo, que Neide, a colega confidente lhe trouxera *

* Moreira Campos abandona o texto.

3.2.2.2 Testemunho 2 de *A nova empregada*

Eram muitas as impressões. O cheiro ativo das flôres murchas no jarro da mesa. A lembrança terrível que elas lhe traziam. E dentre essas flôres e palmas, crescendo, crescendo, os olhos melífluos e rasgados de Beatriz, a nova empregada, com uns restos de pintura nos cílios e nas pálpebras. A sua voz cavilosa, de mãos cruzadas no ventre, em pé ao lado da mesa, no almôço de sábado:

– A senhora quer mais um pedacinho de bife?

– Não, não. Já comi muito. Estou ficando gorda.

Sentia realmente dificuldade de meter a cinta diante do espelho. Beatriz apressava-se em vir da cozinha para auxiliá-la. Insinuante, cheia de iniciativa. Fazia questão de comprar flôres para o apartamento. Quando Lúcia não o fazia (e raramente as comprava), ela própria descia até o mercado, naquele seu passo miúdo, escusando-se, e trazia as palmas de avencas e margaridas, que distribuía pelos jarros da sala e do quarto.

– Mas isso é um absurdo, Beatri[s]<z>! Com dinheiro seu?

– Gosto delas, mas D. [Beatriz]<Lúcia>.

Dava ainda uns toques no arranjo, <recuando> recuando para apreciá-lo. Punha empenho na arrumação do quarto de Lúcia. Queria-o um brinco. Mudava lençóis, que ia amontoando a um canto, esticava repetidamente a colcha de chenila. Fôra a revelação dos primeiros dias. Lúcia a elogiava na mesa do almôço no restaurante do Instituto, fazendo inveja às colegas.

– Sorte sua, minha filha. Puxe por ela.

Lúcia isolava, batendo com os nós dos dedos na tábua da mesa. Agora ficava vexada à lembrança de todos êsses elogios. Fôra quase ingênua. [O ventilador nôvo, trazido por Neide, a colega Será que já teria sido presa? O inspetor estivera Lúcia] [r] /R\ evoltava. Cínica!

Voltava a beliscar a mão, <a dor> a experimentar a dormência dos dedos, particularmente, do mínimo e do anular. [Curvava-se para apanhar o espelho na mesa mesinha de cabeceira e tate] Tateava o canto do ôlho esquerdo, que ainda tinha repuxos. Será que já fôra presa? [Neide, a colega Neide estivera] Neide, de saída para o Instituto, estivera conversando na sala com o Inspetor. Neide era a colega confidente (estavam sempre juntas na mesa do almoço no Instituto), [Suspendera as Afastara temporariamente as sessões do Centro Esotérico] frequentadora, aos

domingos, das sessões do Centro Esotérico, viera fazer-lhe companhia. O ventilador novo que ela trouxera girava silencioso em cima da [mesa] <penteadeira>. [Tinha aque] O ventilador era aliciante, tinha aqueles passes mágicos dos dedos de Neide: durma, durma, você vai dormir.

E mais uma vez os olhos melífluos de Beatrizia,, crescendo, crescendo, tomando conta do apartamento. O cheiro nauseante das flores. Impressões muitas, diversas, misturadas, [nítidas, nítidas. Nítida, por exemplo, as têmperas grisalhas do senhor elegante e grisalho (as temporas prateadas)] confusas e outras [npi] nítidas, como, por exemplo, as têmperas grisalhas, prateadas, do senhor ele-

Supressão por sobreposição datiloscrita de X e substituição.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X e substituição à frente.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X.

Substituição datiloscrita por sobreposição.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X

Supressão por sobreposição datiloscrita de X.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X e d.

Supressão datiloscrita por X e substituição à frente. Supressão datiloscrita de X.

Beatriz

Supressão datiloscrita de X.

Supressão datiloscrita de X.

gante, recostado à mesa, precisamente no instante em que acendia o cigarro com o isqueiro. Êle protegia a companheira, que passava pela sala de cabeça baixa, batendo o fêcho da bolsa, onde recompusera o batom:

– Com licença.

O vômito já esperado de Lúcia, correndo pela escada abaixo, a proteção do homem gordo e de pasta, que encontrara num dos lances. Êle a segurava pelo braço, enquanto ela se esvaziava dentro do depósito de lixo. Suava muito, naquele momento e agora. Sentiu que tirara um breve cochilo. O ventilador girava monótono, o vazio do apartamento. Apenas de longe em longe, o esforço do velho elevador que estremecia de passagem a parede. E vinha-lhe, mais uma vez, a lembrança de Beatriz. A cautela com que, pela manhã, ela dava volta à chave emperrada da porta de serviço, para não incomodá-la. De início, talvez até andasse nas pontas dos pés. O atrito breve de panelas.

– Bom dia, D. Lúcia. Dormiu bem?

A mesa do café já estava servida, [o serviço americano posto com muito capricho] porque Lúcia saia cedo, fazia dois expedientes no gabinete da presidência.

– Essa correria [diária] mata a gente.

Lucia enxugava os cantos da boca com o guardanapo, retocava o batom:

– Tchau.

Beatriz juntava migalhas, recolhia o serviço americano. Folgava aos domingos.

Então Lúcia cedia-lhe [a lata Ω1de maisena] <o pacote> Ω2de maizena ou a lata de presentada ainda intacta para as crianças [os] “os meus calungas”, como Lúcia dizia.

Antes de sair, vinha até a sala mostrar o pacote a Lúcia:

– Tolice, Beatriz. Precisa disso não.

O ventilador tornava-se de novo aliciante. Crescia como um grande ôlho, talvez como dois grandes olhos, melifluos safados, cavilosos. As palhetas trituravam pétalas de flores. Um cheiro repentinamente nauseante. Temporas grisalhas, o homem elegante, paletó de um só botão, a companheira, protegida, que batia o fecho da bolsa. Os dedos amigos convictos de Neide: “durma, durma. Você vai dormir, você vai dormir.

Sobressaltava-se:

– Ah!... ah!.....

Voltava a beliscar a mão, [que estivera dormente] <a dormência>[dos dedos] ainda insistente do dedo mínimo e do anular.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X, substituição datiloscrita à frente e deslocamento. Supressão por sobreposição datiloscrita de X.

melifluos

Têmporas

Supressão por sobreposição datiloscrita de X e substituição datiloscrita à frente. Supressão por sobreposição datiloscrita de X.

70 Lúcia já estivera na Clínica Médica de emergência, na esquina. Voltara para o seu apartamento, e Neide, a colega confidente (estavam sempre juntas na mesa do almoço no restaurante do Instituto), que preenchia os domingos com as sessões do Centro Exotérico, viera fazer-lhe companhia. [As outras colegas também chegavam] Ralhava com Lúcia, que adquirira o hábito de beliscar [a mão direita, cujos dedos ainda sentia

75 dormente,] <↑o braço direito que estivera dormente> pedia o [espelhinho de mão] espelho em cima da penteadeira, para examinar o repuxo no canto do ôlho, onde se acentuavam as rugas.

– Esquece isto! Já é mania.

80 As outras colegas também chegavam, Dr. Miranda, Oficial de Gabinete e muito delicado, porque Lúcia [desfrutava de algum prestígio] servia na presidência. Quando foi da visita de Seu Marcos, do Almojarifado, Neide ajudou-a a ajeitar-se na cama, levantou mais o travesseiro, puxou o lençol de linho até a pala da camisa rendada, que devia ficar à mostra, acabou de empoar-lhe o peito sardento, e a própria Lúcia dava toques nos cabelos curtos e ralos. Seu Marcos era grave. Ainda na porta, arrastava

85 sempre a mão para baixo num cumprimento longo, curvando-se, e conservava na lapela do paletó a targa da viuvez recente. Neide voltava a bater na mão de Lúcia:

– Deixa essa mania!

Evitava-se falar no assunto. O trauma de Lúcia fôra muito forte. [Ω1A visita de Seu Marcos era visita breve, só mesmo para ver a colega Seu Marcos alegrava-se de ver

90 Lúcia recuperada] Ω2A visita de Seu Marcos era visita breve, e alegrava-se de ver Lúcia já recuperada.

– Problema mais de repouso.

– Sem dúvida. Era só repouso. Evitar contrariedade.

– Justo.

95 [Ω1Depois na sala, conversava-se tudo em voz baixa] Ω2Depois conversava-se tudo na sala, Neide olhando para os lados sem necessidade, ou no corredor escuro, enquanto se aguardava o velho elevador, sempre enquiçado no terceiro andar, [o depósito de lixo esquecido a um canto] Gritava-se do alto:

[– – Isto é um absurdo]:

100 – Aperte de novo o botão e puxe a grade!

As palavras eram abafadas. Tudo se dera por causa da nova empregada, a tal de Beatriz. As colegas aprovavam. Lembravam-se de que Lúcia a elogiava muito, isolando na mesa com os nós dos dedos. Neide a conhecera, quando estivera ali no último domingo. U[m]a [m]/Mulata ainda fornida, de olhos rasgados, com uns restos de

105 pintura. Tivera até um gesto muito delicado, no momento em que Neide [já Ω1se des-]

Ω2se despedia, já na porta. Colhera uma rosa no jarro em cima da mesa

– Para a senhora voltar aqui outras vezes.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X.
Supressão por sobreposição datiloscrita de X e substituição na entrelinha superior. Supressão por sobreposição datiloscrita de X.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X e deslocamento.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X e deslocamento.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X.

Supressão por riscado, em tinta preta. Substituição por sobreposição, em tinta preta.
Supressão por sobreposição datiloscrita de X e deslocamento.

Depois conversava-se tudo em voz baixa na sala, Neide olhando para os lados sem necessidade, ou no corredor escuro, enquanto se aguardava o velho elevador, sempre
110 enguiçado no terceiro andar. Gritava-se do alto:
– Aperte de novo o botão e puxe a grade!
As palavras eram abafadas. Tudo se dera por causa da nova

3.2.2.3 Testemunho 3 de *A nova empregada*

A NOVA EMPREGADA

- O surpreendente era a delicadeza dela. Um trato [de mulher de muita experiência e] <↑experiente, dona de> iniciativa. O seu aprumo, cabelos aparados, uns restos de pintura nos grandes olhos, que as pálpebras velavam. [Via-se que vivera entre gente de classe]. Lúcia gabava <↑na hora do almoço no restaurante do Instituto> no Instituto, [à hora do
- 5 lanche,] fazendo inveja às colegas.
- Sorte sua, minha filha.
- Graças a Deus.
- E Lúcia isolava, batendo com os nós dos dedos na tábua da mesa [Juntava migalhas do sanduíche, que recolhia ao prato]. <↑ Servia- se reservadamente do palito, recompunha a
- 10 pintura no espelhinho da bolsa.> Neide, a colega querida e protetora, [[que frequentava as sessões] do Centro Esotérico [.] <→ Neide> <←entusiástica> [conhecia] <↑e conhecedora> <d> os números propícios <,> [e queria o casamento de Lúcia com seu Marcos], chefe do almoxarifado,] já conhecia a nova empregada. Lembrava-se do domingo em que fôra ao apartamento triste de Lúcia. Triste não era pròpriamente o apartamento, mas o edifício
- 15 velho, escuro, de elevador gasto, emperrando no terceiro andar e de repente descendo para o primeiro, se não se comprimisse logo o botão [se puxasse a porta de grades.] Triste Também evidentemente a vida de Lúcia. Daí o interêsse de Neide (ou seria uma espécie de masoquismo, já que ela também não se realizara?) em que Lúcia <cedesse que Lúcia [cedesse a] <↑viesse a gostar de> Seu Marcos, homem pautado, econômico,
- 20 anotador de gastos na sua caderneta e capaz de brigar por lápis no almoxarifado, o que tranqüilizava a presidência. Seu Marcos guardava ainda o luto de viúvo e usava chapéu, com que cobria a grande calva. Mas era exatamente todo êsse conjunto que contrariava Lúcia, embora ela sentisse que os seus cabelos curtos<já> rareavam, tinha uma cabeça redondamente medíocre e a base da maquiagem não disfarçava as rugas, doridas à luz de
- 25 néon no espelho da vitrina, de passagem pela calçada.
- Quero não, Neide. Ele é muito chato.
- Não diga isto! Pense, pense antes. [É preciso]
- Neide voltava à nova empregada. A sua impressão fôra a melhor possível. Não podia esquecer a idéia delicada que ela tivera de oferecer-lhe a flor tirada do jarro, no
- 30 momento em que Neide se despedia.
- É para a senhora voltar aqui outras vêzes.
- Lúcia entusiasmava-se
- Minha filha, louca por flôres!

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta preta.
Supressão por riscado, em tinta preta.
Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta preta.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta preta.

Abre colchete, em tinta preta.
Supressão por riscado.
Acréscimo nas margens dir. e esq. Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior. Acréscimos, em tinta preta. Supressão em tinta preta. Fecha colchete, em tinta preta.

Supressão por riscado, em tinta preta.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta preta.

Acréscimo, em tinta preta.

Supressão por riscado, em tinta preta.

- As colegas, [no lanche] <na mesa do restaurante:>
- 35 – Sorte sua.
Lúcia isolava. [na tábua da mesa.] Isso de flôres, era mania dela. Quando Lúcia
- não as comprava (e é claro que raramente as comprava), ela o fazia com o seu próprio dinheiro. Descia até o mercado, no seu passinho miúdo, atenciosa, sempre cedendo lugar, e
- Trazia palmas de avenca, algumas margaridas, que distribuía pelos jarros da sala e do
- 40 quarto, recuando um pouco para sentir o efeito. Queria o quarto de Lúcia bem cuidado, mudava os lençóis, esticava repetidamente a colcha de chenila. Lamentava a luta diária de Lúcia <,> <↑que fazia> ([tinha] dois expedientes no gabinete da presidência) [,\] /.\ [para]
- [v] /Volta[r]/va\ <↑p/ casa> quase às nove horas da noite.
- Quando volto.
- 45 – Sim, a senhora diz bem. Quando volta.
No café da manhã ou no almoço de sábado, postava-se ao lado de Lúcia, muito apumada, as mãos cruzadas no ventre, e preocupava-se com a sua falta de apetite, embora Lúcia se contrariasse [com o volume da barriga, que resistia à cinta frente ao espelho do guarda-roupa.] <↑engordava,> [tinha dificuldade de meter a cinta] <↓diante do
- 50 espelho do guarda-roupa>
- Estou <↓ficando> redonda
– Quer mais um pedacinho de bife?
– Não, não. Já me servi bem.
- Folgava aos domingos. Lúcia cedia-lhe o pacote de maizena para os meninos ou a
- 55 lata de presuntada quase inta[c] ta para o seu mais velho, que era paralítico, uma cruz.
- Cada um sabe onde o sapato lhe aperta.
– Sem dúvida. É muito triste.
– Se é? Graças a Deus ainda tenho minha mãe.
– É uma felicidade.
- 60 Vinha mostrar o pacote a Lúcia antes de sair.
– Ora Beatriz, precisa disso não. Está tudo certo.
– Agradecida, D. Lúcia.
- À noite, após a limpeza caprichada da cozinha e o banho, dava um toque ao cabelo e vinha para a sala fazer companhia a Lúcia na televisão.
- 65 – Te senta, Beatriz.
Escolhia a ponta da poltrona, as pernas muito juntas.
– Eu tenho a impressão de que esta novela

Supressão por riscado e substituição à frente, em tinta preta.

Supressão por riscado, em tinta preta.

Acréscimo, em tinta preta. Acréscimo na entrelinha superior, em tinta preta. Substituição por sobreposição, em tinta preta. Substituição à frente, em tinta preta. Acréscimo na entrelinha superior, em tinta preta.

Supressão e substituição na entrelinha superior, em tinta preta. Supressão e substituição na entrelinha inferior, em tinta preta.

Acréscimo na entrelinha inferior, em tinta preta.

Supressão por riscado, em tinta preta.

vai enrolar um bocado.

– Enrola. É sempre assim.

70 No dia em que Lúcia sentia repetir-se a dor na nuca, com pontadas fortes, que faziam [esquecer a máquina de escrever e] levar a mão ao pescoço, <↑curvando-se sobre a máquina de escrever.> Neide, a colega amiga e [interessada], <↑protetora> levou-a ao serviço médico, antes do lanche. Dr. Fausto tomou-lhe a pressão. Um bocado alta. Talvez fôsse bom uns dias de repouso:

Supressão por riscado substituição na entrelinha superior, em tinta preta. Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta preta.

75 – Quer uma licença?

Lúcia consultou Neide com os olhos:

– Não. Talvez apenas uns dois dias.

– Está bem.

80 Dr. Fausto procurava no armário do ambulatório com o indicador amarelecido pelo cigarro o vidro de amostra do remédio.

– Pode tomar logo uma <↑drágea> aqui mesmo.

Acréscimo na entrelinha superior, em tinta preta.

Neide queria conseguir com Dr. Miranda o automóvel da presidência. Lúcia recusava, apanharia <mesmo> um táxi. Não, não, iria no automóvel, não custava nada.

Supressão por riscado, em tinta preta.

85 Dr. Miranda cedeu, também interessado, levantando-se da mesa, porque era muito delicado, todos sabiam que servira no Itamarati:

– Meus desejos de restabelecimento, D. Lúcia.

– Obrigada, doutor.

O motorista solene da presidência cortou o Flamengo, Botafogo, [Túnel do Pasmado e] <↑Venceu> Túnel Nôvo:

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta preta.

90 – Será que o nosso aumento vem mesmo, D. Lúcia?

– Eles falam, não é, Seu Expedito?

Lúcia comprimia a cabeça contra o assento. A cada pequeno solavanco aumentava a dor. O motorista não perdia a solenidade.

Alcançou a Praça General Osório:

95 – A vida está cada vez mais cara.

– Caríssima.

– É na Barão da Torre, D. Lúcia. [.]<?>

– Sim.

Escritor transforma ponto final em interrogação, em tinta preta.

100 Deu-lhe o número. Agradeceu a Seu Expedito. O elevador enguiçou mais uma vez. Ela manteve o dedo no botão. Procurou a Chave<↑do apartamento> na bolsa.

Acréscimo na entrelinha superior, em tinta preta. Supressão por riscado, em tinta preta.

Surpreendeu-se, em grande pasmo, [as mãos trêmulas na bolsa,] de encontrar na sala

junto à mesa um homem [ainda jovem], <↑ de têmporas grisalhas,> bem vestido, que

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta preta.

precisamente naquele instante acendia com elegância um cigarro, protegendo a chama do isqueiro com a mão.

3.2.2.4 Testemunho 4 de *A nova empregada*

A NOVA EMPREGADA

[Muito limpa],[n] /N\ a tarde de sábado, após a arrumação rigorosa da cozinha, punha o vidro de esmalte em cima do fogão, cruzava as pernas sentada no tamborete (umas coxas ainda bem fornidas) e pintava as unhas, soprando-as [Teria lá sua vida particular, isso era com ela. Lúcia fazia questão apenas de sua ajuda eficiente. <Ω1↑<[Lúcia]> Estava satisfeita>

- 5 <Ω2↑Lúcia>gabava-a à hora do almoço no restaurante do Instituto. As colegas aprovavam:
– É sorte.

Lúcia isolava, batendo na tábua da mesa. Servia-se discretamente do palito, que partia entre os dedos, atirando-o dentro do prato. Neide, confidente e protetora, que queria o casamento de Lúcia com Seu Marcos do almoxarifado, já conhecia a nova empregada.

- 10 Estivera no último domingo no apartamento de Lúcia e não esquecia o gesto delicado dela, oferecendo-lhe a flor que colhera no jarro:

– Para a senhora voltar aqui outras vezes.

Neide, já de saída na porta, [chegou a curva-se] <↑curvou-se>para [beijá-la] <↑para

abraça-la>, a haste da flor numa mão e a bolsa na outra:

- 15 [<←abraçá-la>]

[<← – Cuida da minha amiga. >]

[<← – A L. isto é gente muito boa>]

<← apontou-a com o dedo:>

<← – Tome conta de minha amiga. Ela está muito satisfeita c/ você.>

- 20 <← A L. é gente muito boa.>

<← Ótimo.>

<← [Obrigada, minha nêga.] <← Obrigada, minha nêga> <X>

< Em verdade,> [il] /T\inha mania por flôres. <era a sua grande paixão>[Embora] Lúcia as

comprasse raramente <.> <↑Antes> ela descia até o mercado e voltava com palmas de avenca e

- 25 margaridas, que distribuía pelos jarros da sala e do quarto, recuando um pouco para apreciá-las. Preocupava-se particularmente com o quarto de Lúcia. Emprenhava-se na mudança de lençóis,esticava repetidamente a colcha de chenila. De passagem, dava nôvo toque no arranjo de flo<↑^>res d[a] <↑sôbre a>mesinha da cabeceira.

Dormia fora, <↑X> tinha a chave da entrada de serviço, e folgava aos domingos.

- 30 Chegava muito cêdo, nas pontas dos pés, sem ruído. Ainda na cama, Lúcia ouvia

o ranger cauteloso que ela dava na lingueta da fechadura.

– Bom dia, D. Lúcia.

O café já estava [pronto] <↑novinho,> [< o serviço americano>] <muito bem posto na

cabeceira da mesa> e a cabeceira da mesa preparada <porque> porque Lúcia saía antes das

- 35 oito horas,para os dois expedientes no gabinete da presidência. Lúcia cedia-lhe o

pacote de maizena ou a lata de presentada ainda intata para as crianças, Ω1[Antes de sair,

vi-] "Os meus calungas" os chamava. Ω2Antes de sair, vinha até a sala mostra-lhe o pacote.

– Ora, Beatriz, precisa disso não.

No almoço de sábado, postava-se ao lado da mesa, apressava-se em passar o prato:

- 40 – Quer mais um pedacinho do bife?

– Não. Estou ficando redonda. Disforme.

Supressão por riscado, em tinta preta. Substituição por sobreposição, em tinta preta. Supressão por riscado, em tinta preta. Acréscimo riscado, na entrelinha superior, em tinta preta e deslocamento na entrelinha superior, em tinta preta.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta preta. Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta preta.

Sequência de parágrafos acrescidos e alguns suprimidos na margem esquerda, em tinta preta.

Acréscimo, na entrelinha superior, em tinta preta. Supressão por riscado. Substituição por sobreposição, em tinta preta. Supressão por riscado, em tinta preta. Acréscimo, acréscimo na entrelinha superior, em tinta preta.

Acréscimos na entrelinha superior, em tinta preta. Supressão por riscado, em tinta preta. Acréscimo na entrelinha superior, em tinta preta.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta preta. Acréscimo e Supressão. Acréscimo, em tinta preta.

Supressão, em tinta preta.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X e deslocamento.

Contrariava-a o volume da barriga, a dificuldade de meter a cinta diante do espelho. Beatriz às vezes a ajudava. Outros desgostos: o cabelo curto, que já se tornava ralo, a cabeça redondamente mediocre. Lembrava-se de Seu Marcos do almoxarifado, e os

45 desgostos se acentuavam: o luto de Seu Marcos, a grande calva, o chapéu de massa em cima do armário de aço, o triunfo com que êle anotava gastos na sua caderneta particular. Não esquecia o domingo em que Neide arranjara para os três irem ao cinema. Então Seu Marcos lhe parecera [terrível] <↑irritantemente> ridículo: de silaque, os cotovelos murchos, os

50 braços finos e muito brancos, com cabelos [irritantemente] <↑negros e> encarapinhados [.] /, \ <←lembrando bolinhas de pimenta-do-reino> Nunca o vira assim e surpreendera-se. Neide os aninama, dava-se. Ou seria uma espécie de masoquismo, já que ela própria não se realizara? [Sua última convicção eram] <↑aos domingos, frequentava> as sessões do Centro Esotérico, [e passara a acreditar com seriedade] <↑ e acreditava, c/ seriedade>

– As coisas devem ser mentalizadas. [Deveria repetir-se sempre: todos os dias, sob

55 todos os pontos de vista, vou cada vez melhor.]
De [qualquer modo, Neide era a colega protetora].
[Quando Lúcia sentiu repetir-se a dor de cabeça] <Quando Lúcia sentiu repetir-se a dor na nuca>, com pontadas fortes, que a faziam curvar-se sôbre a máquina de escrever, [levando] a mão [a]/n\ pescoço, foi Neide que a levou ao Serviço Médico [.] /, \

60 antes do lanche. Dr. Fausto tomou-lhe a pressão. Um bocado alta. Seria bom uns dias de repouso:

– Quer uma licença?
Lúcia consultou Neide com os olhos.
– Não. Talvez apenas uns dois dias.

65 – Está bem.
Dr. Fausto procurava no armário do ambulatório a amostra d[e]/o\ remédio com [i]/o\ indicador amarelecido pelo cigarro:

– Tome logo uma drágea aqui mesmo.
Neide queria conseguir com Dr. Miranda o automóvel da presidência. Lúcia recusava.

70 Apanharia um táxi. Não, não, iria no automóvel, não custava nada. Dr. Miranda cedeu, também interessado, levantando-se da mesa, porque era muito elegante e delicado, todos sabiam que servira no Itamarati:

– Meus desejos de restabelecimento, D. Lúcia.
– Obrigada, doutor.

75 O motorista solene da presidência cortou o Flamengo, Botafogo, venceu o Túnel Nôvo:

– Será que nosso aumento vem mesmo, D. Lúcia?
– Eles falam, não é, Seu Expedito?
Lúcia comprimia a cabeça contra o assento. A cada solavanco aumentava a dor.

80 O motorista não perdia a solenidade. Al-

Supressão e substituição na entrelinha superior, em tinta preta. Supressão e substituição na entrelinha superior, em tinta preta. Substituição por sobreposição. Acréscimo na margem esquerda, em tinta preta.

Supressão e substituição na entrelinha superior, em tinta preta. Supressão por riscado, em tinta preta e substituição entrelinha superior, em tinta preta. Supressão por riscado, em tinta preta.

Supressão por riscado, em tinta preta. Supressão por sobreposição datiloscrita de X e substituição datiloscrita à frente. Supressão por riscado, em tinta preta. Substituição por sobreposição, em tinta preta. Substituição por sobreposição, em tinta preta.

Substituição por sobreposição datiloscrita.

Substituição por sobreposição datiloscrita.

cançou a Praça General Osório:

– A vida está cada vez mais cara.

– Caríssima.

– Eu não sei o que é que essas autoridades estão fazendo. É na Barão da

85 Tôrre, D. Lúcia?

– Sim.

Deu-lhe o número. Seu Expedito parou em frente ao edifício velho, de entrada escura, [Ω1Lúcia agradeceu. O elevador] o depósito de lixo ainda na porta. Ω2Lúcia

agradeceu. O elevador enguiçou <ainda> mais uma vez. <↑ no 3º andar. Ela voltou a

90 comprimir o botão> [Detinha-se entre os andares, era preciso comprimir outra vez o botão, ajeitar] [a velha grade] <a grade da porta.> Procurou a chave do apartamento na bolsa. Surpreendeu-se, em grande pasmo, de encontrar na sala junto à mesa um homem de têmporas grisalhas, bem vestido, que precisamente naquele instante acendia com elegância um cigarro, protegendo a chama do isqueiro com a mão.

95 – Que é que o senhor deseja?!

O homem guardava o isqueiro com calma no bolsinho da calça:

Teve certa relutância. Disse que ali era uma casa de recursos. Pertencia a madame Beatriz. Pelo menos, era o que eles sabiam. Êle estava em companhia de alguém, que ainda se demorava no quarto. Ela desse licença. Protegia a

100 companheira, que passou pela sala de cabeça baixa, batendo o fêcho da bolsa, onde retocara o batom:

– Com licença.

Lúcia continuava interdita. Atirava-se à cadeira. A cabeça rachava, as têmporas iam partir. O cheiro das flôres murchas no jarro trouxe-lhe de repente uma onda de

115 náusea <.>e [ali mesmo, sem socorro de alguém, a porta aberta, a bolsa jogada em cima da mesa começou a vomitar sôbre o tapete.]

[Correu até o banheiro, mas ainda vomitou sôbre o tapete da sala. mas ainda vomitou sobre o tapête.]

Tentou correr até o banheiro, mas [sem triunfo, porque se apoiou [il] [il] parede] ainda lançou

120 sôbre o tapête [da sala] a primeira golfada de vômito.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X e deslocamento.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X e substituição na entrelinha superior, em tinta preta.

Supressão por riscado, em tinta preta.

Supressão por sobreposição datiloscrita de X.

Acréscimo, em tinta preta.

Supressão por riscado, em tinta preta.

Supressão por riscado, em tinta preta.

Nova tentativa de reescrever o final do texto na margem inferior, em tinta preta. Supressão, em tinta preta, palavras ilegíveis.

Supressão, em tinta preta.

<Lúcia ouvira quando>^{*}

Supressão por riscado,
em tinta preta.

Lúcia [il] ainda estava na cama, ouvira quando <↑Beatriz> [il] cautelosamente dava
volta à chave emperrada na entrada de serviço. De início, talvez até entrasse nas pontas
125 dos ainda a pés, para não incomodá-la, [para não incomodá-la] O ruído leve de atritos
de e isso fazia panelas. [Lúcia sentia-se agradecida [il] [il]]

Acréscimo na entrelinha
superior, palavra ilegível.

Supressão por riscado,
em tinta preta.
Supressão por riscado.
Palavra ilegível.

* Trecho manuscrito no verso da folha 3.

3.2.2.5 Testemunho 5 de *A nova empregada*

A NOVA EMPREGADA

Na tarde de sábado, após a arrumação rigorosa da cozinha, punha o vidro de esmalte em cima do fogão, cruzava as pernas sentada no tamborete (umas coxas ainda bem fornidas) e pintava as unhas, soprando-as. Lúcia gabava-se à hora do almoço no restaurante do Instituto, fazendo inveja às colegas.

- 5 – Sorte sua, minha filha.
 – Graças a Deus.

Lúcia isolava, batendo na tábua da mesa. Servia-se discretamente do palito, que partia entre os dedos, atirando-o dentro do prato.

- 10 Neide, a colega confidente, que queria o casamento de Lúcia com Seu Marcos, do Almojarifado, já conhecia Beatriz, a nova empregada.

Estivera no último domingo, após a sessão no Centro Esotérico, no apartamento de Lúcia, e não esquecia o gesto delicado de Beatriz, oferecendo-lhe a flor que colhera no jarro da mesa:

- Para a senhora voltar aqui outras vezes.
 Neide, já de saída na porta, curvava-se para abraçá-la, a haste da flor numa mão e a
15 bolsa na outra:
 – Obrigada, minha nêga.
 Apontava-a com o dedo:
 – Tome conta de minha amiga. Ela está muito satisfeita com você.
 – Ah, isto é gente muito boa!
20 – Ótima.

- Beatriz tinha mania por flôres. Era a sua grande paixão. Lúcia as comprava raramente. Então ela descia até o mercado e voltava com palmas de avenca e margaridas, que distribuía pelos jarros da sala e do quarto, recuando um pouco para apreciá-las. Preocupava-se particularmente com o quarto de Lúcia. Mudava os lençóis, esticava repetidamente a colcha de
25 chenila. De passagem, dava novo toque ao arranjo de flôres sobre a mesinha de cabeceira.

De manhã, ainda muito cedo, Lúcia ouvia na cama quando Beatriz cautelosamente dava a volta à chave emperrada na porta de entrada de serviço. De início, talvez até andasse nas pontas dos pés. O ruído leve de atritos de panelas. Eram atenções, cuidados, que cativavam Lúcia.

- 30 – Bom dia, D. Lúcia.

O café já estava servido, porque Lúcia saía antes das oito horas: fazia dois expedientes no gabinete da presidência. Lúcia cedia-lhe o pacote de maizena ou a lata

de presuntada quase intata para as crianças. Antes de sair, vinha até a sala mostra-lhe o pacote.

– Ora, Beatriz, precisa disso não.

35 – Obrigada.

No almoço de sábado, postava-se ao lado da mesa. Apressava-se em passar o prato:

– Quer mais um pedacinho de bife?

– Não. Estou ficando muito gorda.

40 Sentia realmente dificuldade de meter a cinta diante do espelho. Outros desgostos: o cabelo curto e ralo, que reclamava a peruca, a cabeça redondamente medíocre. Lembrava-se de Seu Marcos, do Almojarifado, e os desgostos se acentuavam: o luto de Seu Marcos, a grande calva, o chapéu de massa em cima do armário de aço, o triunfo com que êle anotava gastos na sua caderneta particular. Não esquecia o domingo em que Neide arranjava para os três irem ao cinema. Seu Marcos lhe parecera terrivelmente ridículo de silaque. Os braços finos e muito
45 brancos, com cabelos irritantemente encarapinhados. Neide os animava, dava-se como sempre. Ou seria uma espécie de masoquismo, já que ela própria não se realizara? Neide acreditava na fôrça do pensamento:

– As coisas precisam ser mentalizadas.

50 Quando Lúcia sentiu repetir-se a dor na nuca, com pontadas fortes, que a faziam curvar-se sôbre a máquina de escrever, a mão no pescoço, foi Neide, a colega protetora, que a levou ao Serviço Médico, antes do lanche. Dr. Fausto tomou-lhe a pressão. Muito alta, como de costume. Seria bom uns dias de repouso:

– Quer uma licença?

Lúcia consultou Neide com os olhos.

55 – Não. Talvez apenas uns dois dias.

Dr. Fausto procurava no armário do ambulatório a amostra de remédio:

– Tome logo uma drágea aqui mesmo.

60 Neide queria conseguir com Dr. Miranda o automóvel da presidência. Lúcia recusava. Apanharia um táxi. Não, não iria no automóvel, não custava nada. Dr. Miranda cedeu, também interessado, formulando votos, porque era muito delicado, todos sabiam que servira no Itamarati.

O motorista solene da presidência cortou o Flamengo, Botafogo, venceu o Túnel Nôvo:

– Será que o nosso aumento vem mesmo, D. Lúcia?

– Êles falam, não é, Seu Expedito?

65 Lúcia comprimia a cabeça contra o assento. A cada pequeno solavanco aumentava a dor. O motorista não perdia a solenidade.

Alcançou a Praça General Osório:

– A vida está cada vez mais cara.

– Caríssima.

70 – É na Barão de Tôrres, D. Lúcia?

– Sim.

Deu-lhe o número. Seu Expedito parou em frente ao velho edifício, de entrada escura, o depósito de lixo ainda na calçada. Lúcia agradeceu-lhe. O elevador enguiçou mais uma vez no terceiro andar. Ela voltou a comprimir repetidamente o botão. Procurou a chave do

75 apartamento na bolsa. Surpreendeu-se, em grande pasmo, de encontrar na sala, junto à mesa, um homem de têmporas grisalhas, elegante, que precisamente naquele instante acendia o cigarro com o isqueiro.

– Que é que o senhor deseja?!

O homem guardava o isqueiro com calma no bolsinho da calça:

80 – Eu... eu... nada.

Teve certa relutância. Disse que ali era uma casa de recursos. Pertencia a madame Beatriz. Pelo menos, era o que êles sabiam. Êle estava em companhia de alguém, que ainda se demorava no quarto. Ela desse licença. Protegia a companheira, que passou pela sala de cabeça baixa, batendo o fêcho da bolsa, onde retocara o batom.

85 – Com licença.

Lúcia continuava interdita. Atirara-se à cadeira. A cabeça rachava, as têmporas iam partir. O cheiro das flôres murchas no jarro trouxe-lhe de repente uma onda de náusea. Correu até o banheiro, mas ainda lançou sôbre o tapête a primeira golfada de vômito.

Observando as rasuras encontradas nas transcrições dos cinco testemunhos, podemos dizer que, por meio das substituições e supressões, Moreira Campos tornou seu texto mais conciso; em sua maioria essas substituições ocorreram para mudar o tempo verbal, caracterizar o tipo de relação entre as personagens ou para descrevê-las com mais precisão. As supressões tornaram o texto mais fluido, uma vez que foram retiradas muitas descrições de ações e características físicas de personagens. Embora tenham ocorrido acréscimos, esses, geralmente, possibilitaram a descrição mais precisa da ação do personagem ou para situá-las melhor no espaço em que se passava a narrativa, tornando o texto mais claro.

3.3 O elevador de carga – descrição dos testemunhos

A tradição desse conto é formada por 3 testemunhos fotocopiados de autógrafos, não datados, datilografados em papel ofício 21,5 cm x 35,5 cm, em folhas amareladas em decorrência da ação do tempo, e com rasuras datiloscritas e manuscritas. As intervenções manuscritas foram feitas em tinta azul ou grafite. Testemunhos estão acondicionados em envelope de papel neutro e armazenados na caixa **Contos inacabados**.

Testemunho 1 com 3 folhas, intervenções manuscritas em tinta azul, a lápis e à máquina. A mancha escrita da primeira folha ocupa 36 linhas do suporte, não numerada e com o título em maiúscula O ELEVADOR DE CARGAS, com a supressão da letra “s”. Mancha de ferrugem causada pelo grampo no canto esquerdo superior da folha, marca de perfuração na lateral esquerda. As intervenções manuscritas são substituição, supressão e dois acréscimos e a datiloscrita supressão de uma frase.

A segunda folha desse testemunho tem mancha escrita que ocupa 42 linhas do suporte, apresenta a numeração no ângulo superior direito. Há marca de perfuração na lateral esquerda e do grampo no canto superior esquerdo. As rasuras são de supressão à máquina e em tinta azul, substituições e acréscimos, em tinta azul.

A terceira folha com mancha escrita que ocupa 24 linhas do suporte, numerada no ângulo superior direito, também apresenta marca da perfuração e do grampo. As intervenções são apenas substituição de minúscula por maiúscula e de pontuação e supressão de parênteses, em tinta azul.

Os momentos genéticos são três, o primeiro, em que o escritor datilografa o texto, o segundo, com supressões datiloscritas, o terceiro, é marcado por um acréscimo, substituições e supressões, em tinta azul e substituição, a lápis. (Ver quadro 5).

Testemunho 2 contém 4 folhas, com intervenção manuscrita. Na primeira folha, a mancha escrita ocupa 14 linhas do suporte, há o número 24 escrito a lápis no ângulo superior direito, o título, em maiúscula, O ELEVADOR DE CARGA; a mancha escrita ocupa 14 linhas do suporte. O texto começa a ser datilografado a partir da metade da folha, obedecendo à formatação do boneco do livro intitulado *O elevador de carga*, que depois tem o título modificado para *A grande mosca no copo de leite*.

Na segunda folha, temos a continuação do texto, com mancha escrita que ocupa 40 linhas do suporte. No ângulo superior direito há o número 25 feito a lápis. A terceira folha com mancha escrita ocupando 39 linhas do suporte, com numeração 26, também a lápis. Na quarta folha, a mancha escrita ocupa 7 linhas do suporte e o restante da folha está em branco. Há apenas um acréscimo na entrelinha superior, a lápis. As rasuras estão presentes apenas na primeira e na quarta folhas.

Nesse testemunho há dois momentos genéticos, o primeiro, de datilografia do texto e, o segundo, de acréscimo, a lápis. (Ver quadro 5).

Testemunho 3 com 5 folhas, sem intervenções autógrafas. A primeira folha é a de rosto e contém apenas o título datiloscrito em maiúscula no centro da mesma e o número 69 escrito a lápis no ângulo superior direito. A segunda com mancha escrita que ocupa 14 linhas, também iniciada a partir da metade da folha contém o título O ELEVADOR DE CARGA. No ângulo superior direito a numeração desse conto inicia em 24 datiloscrito e, a lápis, está o número 70. A terceira folha tem mancha escrita que ocupa 40 linhas do suporte; no ângulo superior direito está datiloscrito o número 25 e, a lápis, o número 71. A quarta folha tem mancha escrita que ocupa 39 linhas do suporte e a numeração no ângulo superior direito apresenta o número 26 datiloscrito e, a lápis, 72. Na quinta folha, a mancha escrita ocupa apenas 7 linhas e o restante da folha está em branco, indicando o final do texto; a numeração, localizada no ângulo direito, traz o algarismo 27 datilografado e o 73 a lápis. Há apenas um momento genético o de datilografia do texto. (Ver quadro 5).

O quadro 5 apresenta os momentos genéticos observados nos manuscritos de *O elevador de carga*.

Quadro 5 - Momentos genéticos dos testemunhos de *O elevador de carga*

Testemunho 1	Momento genético A: datilografia do texto.
	Momento genético B: supressões por sobreposição datiloscritas de X.
	Momento genético C: intervenções manuscritas, no texto datilografado; C1: substituição na entrelinha superior, em tinta azul; C2: supressão por riscado, em tinta azul; C3: acréscimo, em tinta azul; C4: substituição na margem esquerda, a lápis.
Testemunho 2	Momento genético A: datilografia do texto.
	Momento genético B: intervenção manuscrita no texto datilografado; B1: acréscimo na entrelinha superior, a lápis.
Testemunho 3	Momento genético A: datilografia do texto.

Apesar de *O elevador de carga* ter 3 testemunhos e poucas intervenções autógrafas, vemos que os momentos genéticos permanecem semelhantes aos ocorridos nos testemunhos dos dois contos anteriores, ou seja, há um número maior de substituições e supressões e poucos acréscimos, estes são apenas para descrever com maiores detalhes o cenário da trama ou ações das personagens.

3.3.2 Transcrição de *O elevador de carga*

3.3.2.1 Testemunho 1 de *O elevador de carga*

O ELEVADOR DE CARGA[S]

- Ele é enfermeiro do [Posto de Socorro,] <[↑Ambulatório Geral]><↑Posto Geral de Socorro,> onde os interessados pelos doentes aguardam na portaria, com a paciência e a indecisão própria dos pobres, ou já protestam, afastados pelo guarda <,> <↑enquanto> no banco, uma velha enxuga as lágrimas com os dedos e assoa na ponta do casaco. Ele falta ao expediente, procurando justificar-se, se necessário, e e paga ao colega para substituí-lo no plantão. Ganha melhor lá fora. O emprego é é mais para uma futura aposentadoria, uma segurança. Mantém no fundo da casa [o pequeno] <↑ seu próprio> ambulatório[,]/↑.\[(n)a <N>a velha pasta, desvia remédios e material do Posto, com muita cautela, ou escorregando a gorjeta <←gorjeta> na [palma]<↑concha> da mão para o colega encarregado do depósito [)].No ambulatório dele, cuida de doenças venéreas, extrai a unha encravada e já purulenta, fofa, ou sarja o tumor [,] /\ [enquanto] [o]<O>cigarro pende do lábio grosso e queimado, olho cerrado por causa da [fumaçai]<fumaça>[,].> <↑ e o>s dedos são hábeis, muita prática:[Ω1 (às vezes se dá um ar de médico, com os seus óculos escuros) d.]
- Pronto, menina! – despacha a freguesa, com uma palmada.
A filha mais velha faz o vestibular para medicina. Vem obtendo ótimas notas, que ele acompanha no rádio de pilha pelos corredores do Posto ou trancado no toalete e sentado no aparelho sanitário. Veio a aprovação. Teve forte emoção, sentiu até necessidade de servir-se de água gelada no bebedouro da área. Recebia os abraços.
- Uma vitória, seu [Neco] <André>
- Ajeitava os óculos escuros:
– Reconheço, uma grande vitória.
- Cortou o jornal com a relação dos aprovados e mostrava-a a todos:
– Dr. Horácio, já viu aqui?
– Já soube
- A unha insistia em indicar o nome da filha, assinalado a lápis vermelho, e a classificação no vigésimo lugar:
- Boa, não?
– Excelente. E meus parabéns.
– Vai ser colega do senhor.

Supressão por riscado, a lápis

Supressão por riscado, em tinta azul, substituição na entrelinha superior, riscado, tinta azul e substituição na entrelinha superior, tinta azul.

Acréscimo, tinta azul. Acréscimo na entrelinha superior, em tinta azul.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, tinta azul. Supressão por riscado e substituição por sobreposição, tinta azul.

Substituição na margem esquerda, a lápis.

Supressão por riscado, tinta azul e substituição na entrelinha superior, tinta azul.

Supressão por riscado, tinta azul.

Supressão por riscado, em tinta azul e substituição por sobreposição da pontuação, em tinta azul. Supressão por riscado, em tinta azul. Substituição por sobreposição, tinta azul.

Supressão por datiloscrito de X e substituição à frente, datiloscrita. Substituição por sobreposição, tinta azul. Acréscimo na entrelinha superior, tinta azul.

Supressão por datiloscrito de X. Deslocamento.

Supressão por riscado, tinta azul e substituição na entrelinha superior, tinta azul.

– Faço votos

Menina estudiosa, agarrada com os livros e sem perder o cursinho à noite.

35 Voltava a acomodar na velha carteira a página do jornal já puída nas dobras.

Quem não o cumprimentou foi a enfermeira-chefe. Não gosta dele. Aquela mania de debruçar-se no balcão [tirar os óculos escuros]<↑tirar os óculos> e mergulhar os olhos nos seios de [Anita] <↑ Dora> o que a obriga a prender o decote com os dois dedos, enquanto

Supressão datiloscrita de X e substituição na entrelinha superior, tinta azul. Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, tinta azul.

lança registros no livro. Ao longo do corredor silencioso, ele atrás, já lhe dirigiu pihéria:

40 – É boa demais!

– Mas não é para o seu bico, meu filho.

Ele se empertigou, ajeitando os óculos <:> Ω2([às vezes se dá um ar de médico]).

Supressão por riscado e substituição, tinta azul. Supressão por riscado, tinta azul. Supressão por riscado, tinta azul, e datiloscrito de X. Acréscimo da pontuação, tinta azul. Supressão por riscado. Substituição por sobreposição, tinta azul.

A oportunidade é rara. Raríssima. Toda uma ordem de circunstâncias [,oportunidade] e cautela, a que deverá estar atento, presente <:> [([n] /N\ovelo de fio embaraçado)]. A

45 oportunidade pode acontecer ou ele a completa, como agora. Mantém-se próximo à sala de cirurgia: há de acompanhar a maca da paciente encontrará meios. Está nervoso, estala os dedos, repete o cigarro. Finge qualquer interesse. Afasta com o pé o cesto de vime com sobras de [esparadrapos, esparadrappo, onde teimam as mocas] esparadrapos esquecidos a um e

Supressão por datiloscrito de X e substituição à frente, datiloscrita.

canto onde teimam as moscas. Volta a consultar o relógio de pulso. A porta abre-se. Pigarrieia-

50 a, torna a ajeitar os óculos escuros. Avança, ainda divisa com dr. Bento, que se livra das luvas ensanguentadas, segura a maca, fingindo casualidade:

–Deixa que eu levo.

Mariinha, a outra enfermeira, cede.

Sabe que vai levá-la ao terceiro andar, ala das mulheres. Sabe também que sofreu

55 fratura exposta da perna e do braço, com indício de hemorragia interna: a anestesia é profunda.

A mão inerte e muito branca, onde as veias como que murcharam, escapa sob o lençol, que ele compõe. Tange a carreta ao longo do corredor. Apressa-se, já meteu os óculos escuros no bolso. Sustém a carreta na rampa que desce até o porão, a ampola de soro oscila no gancho, e ele a segura. Está em frente ao elevador de carga[s], que se abre largo, com espaço para

Supressão por riscado, tinta azul.

60 duas ou três macas. Ainda consulta em volta. É rápido, faz funcionar a pesada porta e o comutador. Enquanto o elevador sobe lento, num gemer de ferros e cabos, já fez saltar pelo decote da camisola o seio moço e exuberante. Extasia-se: é um visual e [um] solitário.

Supressão por riscado, tinta azul.

Lambe-o. Ainda curvado, já lhe recolheu o lençol e a camisola até o ventre [,] /\ \ [] [d]

Substituição por sobreposição, tinta azul. Supressão por riscado, tinta azul. Substituição por sobreposição, tinta azul. Supressão por riscado, em tinta azul.

65 /D\esprende-se dos panos um cheiro forte de desinfetante [)]. trava o elevador entre os dois andares. Está emperrado. Os lábios grossos e queimados insistem em no mamilo e o dedo, molhado na ponta da língua, abre caminho na vagina inerte, e se movimenta. Sente que perde a cabeça, estará por tudo: baba, arqueja, o seio não lhe cabe na boca. estremecimentos do corpo parado, um gemido. Recua. Com muita cautela, afasta-lhe a perna íntegra. Os olhos agora fixa-se, a distância, no grande sexo [,] /\ \ [] [e]/E\ vita deter-se no hematoma da coxa[)]

Substituição por sobreposição, tinta azul. Supressão por riscado, tinta azul. Substituição por sobreposição, tinta azul. Supressão por riscado, em tinta azul e substituição à frente, em tinta azul.

70 <, > e acaba de masturbar-se; a veia da têmpora pulsa forte. Vale-se do chumaço de papel

higiênico que apanhou de passagem. Apaga vestígios no soalho, as pernas trêmulas, e insiste na mancha de esperma que alcançou a maca. Sobe de tudo um cheiro forte de sêmen, que a luz e o ar dissiparão. Recompôs panos. Torna a examinar-se, e o elevador reinicia a marcha.

75 Na ala das mulheres, tem cuidados extremos com a paciente. Ajeita-lhe os cabelos na testa, regula a gora do soro, consultando o relógio. Talvez ele mesmo traga o noivo dela até ali. Sabe que ele espera no banco da portaria ou apoiado ao balcão, nervoso, repetindo cigarros, a bicicleta lá fora apoiada ao tronco da castanhola.

Sai. De passagem pelo corredor, volta a cuspir pela janela, porque ainda teima na boca um gosto de mertiolate.

3.3.2.2 Testemunho 2 de *O elevador de carga*

O ELEVADOR DE CARGA

5 Ele é enfermeiro do Posto Geral de Socorro, onde os interessados pelos doentes aguardam na portaria, com a paciência e a indecisão próprias dos pobres, ou já protestam, afastados pelo guarda, enquanto no banco, uma velha enxuga as lágrimas com os dedos e se assoa na ponta do casaco. Ele falta ao expediente, procurando justificar-se, se necessário, e paga ao colega para substituí-lo no plantão. Ganha melhor lá fora. O emprego é mais para uma futura aposentadoria, uma segurança. Mantém no fundo de casa o seu próprio ambulatório. Na velha pasta, desvia remédios e material do Posto, com muita cautela, ou escorregando a gorjeta na concha da mão para o colega encarregado do depósito. No ambulatório dele, cuida de doenças venéreas, extrai a unha encravada e já purulenta, fofa, ou sarja o tumor. O cigarro
10 pende no lábio grosso e queimado, olho cerrado por*

* Fim do texto datiloscrito.

causa da fumaça, e os dedos são hábeis, muita prática:

– Pronto, menina! – despacha a freguesa, com uma palmada.

A filha mais velha faz o vestibular para medicina. Vem obtendo ótimas notas, que ele acompanha no rádio de pilha pelos corredores do Posto ou trancado no toailete e sentado no aparelho sanitário. Veio a aprovação. Teve forte emoção, sentiu até a

15

necessidade de servir-se de água gelado no bebedouro da área. Recebia os abraços:

– Uma vitória, Seu André.

Ajeitava os óculos escuros:

– Reconheço. Uma grande vitória

20

Cortou a página do jornal com a relação dos aprovados e mostrava-a a todos:

– Dr. Horácio já viu aqui?

– Já soube.

A unha insistia em indicar o nome da filha, assinalado a lápis vermelho, e a classificação no vigésimo lugar:

25

– Boa, não?

– Excelente. E meus parabéns.

– Vai ser colega do senhor.

– Faça votos.

Menina estudiosa, agarrada com os livros e sem perder o cursinho à noite. Voltava a acomodar na velha carteira a página do jornal já puída das dobras.

30

Quem não o cumprimentou foi a enfermeira-chefe. Não gosta dele. Aquela mania de debruçar-se no balcão, tirar os óculos e mergulhar os olhos nos seios de Dora, o que a obriga a prender o decote com os dois dedos, enquanto lança registros no livro. Ao longo do corredor silencioso, ele atrás, já lhe dirigiu pilhéria:

35

– É boa demais!

– Mas não é para o seu bico, meu filho.

Ele se empertigou, ajeitando os óculos escuros: às vezes se dá um ar de médico.

A oportunidade é rara. Raríssima. Toda uma ordem de circunstância e cautela, a que deverá estar atento, presente. Novelo de fio embaraçado. A oportunidade pode acontecer ou ele a completa, como agora. Mantém-se próximo à sala de cirurgia: há de acompanhar a maca da paciente, encontrará meios. Está nervoso,

40

estala os dedos, repete o cigarro. Finge qualquer interesse. Afasta com o pé o cesto de vime com sobras de esparadrapos a um canto e onde teimavam as moscas. Voltava a consultar o relógio de pulso. A porta abre-se. Pigarreia, torna a ajeitas os óculos escuros. Avança, ainda divisa dr. Bento, que se livra das luvas ensanguentadas, segura a maca, fingindo casualidade:

45

– Deixa que eu levo.

Mariinha, a outra enfermeira, cede.

Sabe que vai levá-la ao terceiro andar, ala das mulheres. Sabe também que sofreu fratura exposta da perna e do braço, com início de hemorragia interna: a anestesia é profunda. A mão inerte e muito branca, onde as veias como que murcharam, escapa sob o lençol, que ele compõe. Tange a carreta ao longo do corredor. Apressa-se, já meteu os óculos escuros no bolso. Sustém a carreta na rampa que desce até o porão, a ampola de soro oscila no gancho, e ele a segura. Está em frente ao elevador de carga, que se abre largo, com espaço para das ou três macas. Ainda consulta em volta. É rápido, faz funcionar a

50

pesada porta e o comutador. Enquanto o elevador sobe lento, num gemer de ferros e cabos, já fez saltar pelo decote da camisola o seio moço e exuberante. Extasia-se: é um visual e solitário. Lambe-o. Ainda curvado, já lhe recolheu o lençol e a camisola até o ventre. Desprende-se dos panos um cheiro forte de desinfetante. Tava o elevador entre os dois Andares. Está emparedado. Os lábios grossos e queimados insistem no mamilo e o dedo, molhado na ponta da língua, abre caminho na vagina inerte, e se movimenta. Sente que perde

60

a cabeça, estará por tudo: baba, arqueja, o seio não lhe cabe na boca. Estremecimentos do corpo parado, um gemido. Recua. Com muita cautela, afasta-lhe a perna íntegra. Os olhos agora fixam-ee, a distância, no grande sexo. Evita deter-se no hematoma da coxa, e acaba de masturbar-se: a veia da têmpera pulsa forte. Vale-se do chumaço de papel higiênico que apanhou de passagem. Aaga vestígios no soalho, as pernas trêmulas, e

65

insiste na mancha de esperma que alcançou a maca. Sobe de tudo um cheiro forte de sêmen, que a luz e o ar dissiparão. Recompôs panos. Torna a examinar-se, e o elevador reinicia a marcha.

Fixam-se

Apaga

Na ala das mulheres, tem cuidados extremos com a pacienu

- te. ajeita-lhe os cabelos na testa, regula a gota de soro, consultando o relógio. <↑ de pulso>
- 70 Talvez ele mesmo traga o noivo dela té ali. <X> Sabe que ele espera no banco da portaria ou apoiado ao balcão, nervoso, repetindo cigarros, a bicicleta lá fora apoiada ao tronco da castanhola.
- Sai. De passagem pelo corredor, volta a cuspir pela janela, porque ainda tem na boca um gosto de mertiolate.

Acréscimo na entrelinha superior, a lápis.
Acréscimo de X, a lápis.

3.3.2.3 Testemunho 3 de *O elevador de carga*

O ELEVADOR DE CARGA

Ele é enfermeiro do Posto Geral de Socorro, onde os interessados pelos doentes aguardam na portaria com paciência e a indecisão própria dos pobres, ou já protestam, afastados pelo guarda, enquanto no banco, uma velha enxuga as lágrimas com os dedos e se assoa na ponta do casaco. Ele falta ao expediente, procurando justificar-se, se necessário, e paga ao colega para substituí-lo no plantão. Ganha melhor lá fora. O emprego é mais para uma futura aposentadoria, uma segurança. Mantém no fundo de casa o seu próprio ambulatório. Na velha pasta, devia remédios e material do Posto, com muita cautela, ou escorregando a gorjeta na concha da mão para o colega encarregado do depósito. No ambulatório dele, cuida de doenças venéreas, extrai a unha encravada e já purulenta, fofa, ou sarja o tumor. O cigarro pende do lábio grosso e queimado, olho cerrado por

10 causa da fumaça, e os dedos são hábeis, muita prática:

– Pronto, menina! – despacha a freguesa, com uma palmada.

A filha mais velha faz o vestibular para medicina. Vem obtendo ótimas notas, que ele acompanha no rádio de pilha pelos corredores do Posto ou trancado no toalete e sentado no aparelho sanitário. Veio a aprovação. Teve forte emoção, sentiu até necessidade de servir-se de água gelada no bebedouro da

15 área. Recebia os abraços:

– Uma vitória, Seu André.

Ajeitava os óculos escuros:

– Reconheço. Uma grande vitória

Cortou a página do jornal com a relação dos aprovados e mostrava-a a todos:

20 – Dr. Horácio já viu aqui?

– Já soube.

A unha insistia em indicar o nome da filha, assinalado a lápis vermelho, e a classificação no vigésimo lugar:

– Boa, não?

25 – Excelente. E meus parabéns.

– Vai ser colega do senhor.

– Faço votos.

Menina estudiosa, agarrada com os livros e sem perder o cursinho à noite. Voltava a acomodar na velha carteira a página do jornal já puída das dobras.

30 Quem não o cumprimentou foi a enfermeira-chefe. Não gosta dele. Aquela mania de debruçar-se no balcão, tirar os óculos e mergulhar os olhos nos seios de Dora, o que a obriga a prender o decote com os dois dedos, enquanto lança registros no livro. Ao longo do corredor silencioso, ele atrás, já lhe dirigiu pilhéria:

– É boa demais!

35 – Mas não é para o seu bico, meu filho.

Ele se empertigou, ajeitando os óculos escuros: às vezes se dá um ar de médico.

A oportunidade é rara. Raríssima. Toda uma ordem de circunstância e cautela, a que deverá estar atento, presente. Novelo de fio embaraçado. A oportunidade pode acontecer ou ele a completa, como agora. Mantém-se próximo à sala de cirurgia: há de acompanhar a maca da paciente, encontrará meios.

40 Está nervoso,

estala os dedos, repete o cigarro. Finge qualquer interesse. Afasta com o pé o cesto de vime com sobras de esparadrapos a um canto e onde teimavam as moscas. Voltava a consultar o relógio de pulso. A porta abre-se. Pigarreia, torna a ajeitas os óculos escuros. Avança, ainda divisa dr. Bento, que se livra das luvas ensanguentadas, segura a maca, fingindo casualidade:

45

– Deixa que eu levo.

Mariinha, a outra enfermeira, cede.

Sabe que vai levá-la ao terceiro andar, ala das mulheres. Sabe também que sofreu fratura exposta da perna e do braço, com início de hemorragia interna: a anestesia é profunda. A mão inerte funda. A mão inerte e muito branca, onde as veias como que murcharam, escapa sob o lençol, que ele compõe. Tange a carreta ao longo do corredor. Apressa-se, já meteu os óculos escuros no bolso.

50

Sustém a carreta na rampa que desce até o porão, a ampola de soro oscila no gancho, e ele a segura. Está em frente ao elevador de carga, que se abre largo, com espaço para das ou três macas.

Ainda consulta em volta. É rápido, faz funcionar a pesada porta e o comutador. Enquanto o elevador sobe lento, num gemer de ferros e cabos, já fez saltar pelo decote da camisola o seio moço e exuberante. Extasia-se: é um visual e solitário. Lambe-o. Ainda curvado, já lhe recolheu o lençol e a camisola até o ventre. Desprende-se dos panos um cheiro forte de desinfetante. Tava o elevador entre os dois andares.

55

Está emparedado. Os lábios grossos e queimados insistem no mamilo e o dedo, molhado na ponta da língua, abre caminho na vagina inerte, e se movimentam. Sente que perde a cabeça, estará por tudo: baba, arqueja, o seio não lhe cabe na boca. Estremecimentos do corpo parado, um gemido. Recua. Com muita cautela, afasta-lhe a perna íntegra. Os olhos agora fixam-se, a distância, no grande sexo. Evita deter-se no hematoma da coxa, e acaba de masturbar-se: a veia da têmpora pulsa forte. Vale-se do chumaço de papel higiênico que apanhou de passagem. Apaga vestígios no soalho, as pernas trêmulas, e insiste na mancha de esperma que alcançou a maca. Sobe de tudo um cheiro forte de sêmen, que a luz e o ar dissiparão.

60

Recompôs panos. Torna a examinar-se, e o elevador reinicia a marcha.

65

Na ala das mulheres, tem cuidados extremos com a paciente.

te. Ajeita-lhe os cabelos na testa. Regula a gota de soro, consultando o relógio de bolso. Talvez ele mesmo traga o noivo dela té ali. Sabe que ele espera no banco da portaria ou apoiado ao balcão, nervoso, repetindo cigarros, a bicicleta lá fora apoiada ao tronco da castanhola.

70 Sai. De passagem pelo corredor, volta a cuspir, pela janela, porque ainda teima na boca o gosto de mertiolate.

A observação das rasuras encontradas na transcrição dos manuscritos nos permite dizer que as intervenções estão concentradas no primeiro testemunho desse conto, embora também compareçam nos outros dois. As substituições contribuem para trazer verossimilhança ao texto, modificar o nome das personagens, corrigir erros de escrita e alterar a pontuação. As supressões dos parênteses permitiram que a informação viesse de forma direta no texto e evitou a repetição de trechos que descrevessem ações das personagens.

3.4 *A mágoa* – descrição dos testemunhos

A tradição do conto *A mágoa* é composta por 2 testemunhos, não datados, textos datiloscritos, o testemunho 1 medindo 10 x 15 cm e o 2 em papel ofício 21,5 cm x 35,5 cm, ambos com as folhas amareladas em decorrência da ação do tempo, com intervenções manuscritas e datiloscritas. Manuscritos acondicionados em envelope de papel neutro e armazenado em caixa de cor azul, nomeada **Contos inacabados**.

Testemunho 1 com 2 folhas, registrando apenas três intervenções datiloscritas e as outras manuscritas. Na primeira folha, a mancha escrita ocupa 29 linhas, não numerada e sem título. Registra-se apenas uma supressão datiloscrita por X de uma palavra. Na segunda folha, a mancha escrita ocupa 10 linhas datiloscritas e um parágrafo manuscrito, a lápis também sem numeração. O papel contém manchas de ferrugem. Há apenas duas intervenções datiloscritas e o acréscimo de alguns parágrafos ao final do texto, o restante da página está em branco.

Há três momentos genéticos, o primeiro de datilografia, o segundo com supressão datiloscrita e o terceiro com acréscimos, a lápis. (Ver quadro 6).

Testemunho 2 com 2 folhas, intervenções autógrafas. A mancha escrita da primeira folha ocupa 37 linhas do suporte, sem numeração. O título: *A disfunção* está rasurado, em tinta azul, e é substituído na entrelinha superior pela palavra *mágoa*.

A segunda folha tem a mancha escrita que ocupa 22 linhas do suporte, numerada no ângulo superior direito com algarismo 2, estando o resto do espaço gráfico em branco. A intervenção registrada é a supressão, em tinta azul. Na terceira folha, a mancha escrita ocupa 25 linhas do suporte, estando o resto do espaço gráfico em branco, não numerada. Os momentos de revisão são marcados por intervenções datiloscritas (supressões) a máquina, substituições em tinta azul e acréscimos em tinta azul e a lápis.

Apresenta três momentos genéticos, o primeiro, datilografia do texto, o segundo, de revisão, marcado por supressões datiloscritas e o terceiro, de intervenções manuscritas supressões e substituições, a lápis, acréscimos, em tinta azul. (Ver quadro 6).

Os momentos genéticos encontrados nos testemunhos de *A mágoa* podem ser estão resumidos no quadro 6.

Quadro 6: Momentos genéticos dos testemunhos de *A mágoa*

Testemunho 1	Momento genético A: datilografia do texto.
	Momento genético B: supressão por sobreposição datiloscrita de X.
	Momento genético C: intervenções manuscritas no texto datilografado; C1: Acréscimo, a lápis.
Testemunho 2	Momento genético A: datilografia do texto.
	Momento genético B: supressão por sobreposição datiloscrita de X.
	Momento genético C: intervenções manuscritas no texto datilografado; C1: substituições, em tinta azul; C2: supressões, em tinta azul; C3: acréscimo, em tinta azul e a lápis.

Os momentos genéticos mostram que os acréscimos foram essenciais para compor um texto com estrutura mais bem definida, pois no testemunho 1 as informações estão desconexas, o texto datilografado parece incompleto.

3.4.2 Transcrição dos testemunhos de *A mágoa*

3.4.2.1 Testemunho 1 de *A mágoa*

- Levou o filho ao consultório do médico especialista. A criança (tinha seis anos) urinava muito e vinha emagrecendo. O médico ajeitou os óculos com o médico:
- 5 – Poliúria.
 – Como?
 – Urina em abundância
- 10 O pai achou de esclarecer ainda que, após valer-se do vaso, aparecia logo mais aparecia uma quantidade enorme de pequenas formigas, sugando o líquido. Por desencargo de consciência, o médico [pediu-l] entre iu-lhe a proveta, pediu-lhe que fosse ao lavatório e colhesse um pouco da urina do filho. Fez o reativo: positivo.
- Seu menino está diabético.
- 15 Cresceu os olhos e odiou o médico. O menino era o seu mundo entre cinco irmãos, seu companheiro de cada instante, de cada momento. A cozinheira de casa até dizia que Seu Eurico vivia “bestando” com aquela criança. Para onde um ia, o outro acompanhava. E ele, o pai não fazia mistério disso. Nos desentendimentos entre irmãos, ficava sempre do seu lado, distorcia acontecimentos, justiça partidária:
- 20 – Foi você que mexeu com ele:
 – Foi não, pai. Ele bateu em mim primeiro.
 – Mentira: Que eu vi.
- Distorcia as coisas, conquanto que o filho ficasse com a razão. Quando impossível de todo, punha os dois brigões de castigo por pequeno tempo, logo relaxava o castigo:
- 25 – Vão brincar direitinho.
 A mulher intervinha:
 – A razão estava com a menina. Você é porque faz di-

médico

Supressão por sobreposição datiloscrita de X. pediu-lhe que fosse

desentendimentos

castigo

3.4.2.2 Testemunho 2 de *A mágoa*

A [DISFUNÇÃO] <↑MÁGOA>

Moreira Campos

Odiou o médico especialista, quando este lhe disse que o filho (tinha apenas seis anos) estava diabético. Encarou-o num silêncio duro e recorreu na janela a mais um cigarro, contemplando a praça em frente sem nada ver. De resto, o médico não sabia que o

5

menino, entre cinco irmãs, era o seu mundo. Atendia-o em todos os gostos, perdiam horas em brincadeiras, estava ali, e onde estivesse, sempre ao seu lado. Nos desentendimentos com as irmãs, apoiava-o intelectualmente, esmagava razões, distorcia acontecimentos.

Uma, das filhas, chorosa dizia:

10

– Foi ele que bateu primeiro, papai!

– Foi não! Foi você, eu vi!

A mãe intervinha:

– Não seja injusto, meu filho.

Inflamava-o, arredondava-se, com as mãos em concha, como se o tivessem acusado de uma grande injustiça.

15

– Diferença não faço. Quero bem a todos do mesmo jeito.

–Eu sei... eu te conheço.

Quando impossível negar a agressão do filho, lá vinha a distorção, a culpa simultaneamente atribuída aos dois, que punha de penitência por algum tempo, pequeno, curto. Logo os liberava e saía a passear com o filho, olhar o ninho do passarinho na goiabeira ou consertar o carrinho de brinquedo que se quebrara. [A] /O\ [afeição] <↑amor>

20

chegava a tal ponto, que Quitéria, a preta da cozinha reparava [:] /,\ <com um muxoxo:>

– Seu Edmundo mode que anda bestando com este menino.

Voltou da janela de olhos marejados. Valia-se do lenço.

25

O médico saberia o que estava dizendo? Sabia, sim, que era a maior autoridade no assunto. Este [Ω1lhe] informou<Ω2lhe> ainda que se tratava de diabetes infanto-juvenil, para a qual só havia um remédio: a insulina. O mal, no comum, era hereditário (ele, o pai, não conhecia qualquer caso na família ou na da mulher). O médico prescreveu a injeção diária e fixou restrições, nada de doces ou massas, a não ser regradamente, como estava na dieta:

30

– Assim a criança se desenvolve normalmente.

– Sei, sei

– Tudo vai depender muito do senhor.

O espinho feria profundamente, agravado pela palavra direta do médico sem rodeios, doesse em quem doesse.

35

– Isto é comigo, isto é comigo – repetia-se.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, a tinta azul.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, a tinta azul. Substituição, por sobreposição. Acréscimo, em tinta azul.

Deslocamento

Beijou o filho, distraído com a revista na mesinha do centro, afagou-lhe os cabelos. O médico amenizou-se:

- Não se tratava a rigor de uma doença, mas de uma disfunção.
- Como?
- Uma disfunção.

40 Em casa, explicou em detalhes à mulher o resultado da consulta, o diagnóstico. Disse da sua antipatia pelo médico. <↑X> Tipo suficiente, metido a sabichão, o menino não

Acréscimo de X na entrelinha superior, a lápis. Sublinhado, a lápis.

pode comer isto nem aquilo. Nervoso, andava para cima e para baixo, rodava na sala.

Acendeu mais um cigarro na ponta do que se acabava. A mulher era branda<Ω2:> [de voz Ω1:]

Supressão por riscado, tinta azul. Deslocamento da pontuação, tinta azul

– Você está fumando muito, meu filho.

45 – Isto é o menos, isto é o menos.

O médico assegurara-lhe, contudo, que não se tratava de uma doença, mas sim, de uma disfunção.

– Não dará no mesmo, meu filho? Esta injeção diária e por toda a vida, as restrições.

50 – Claro, claro. quero apenas dizer que não se trata de uma doença. É uma disfunção. <X>

Acréscimo de X, a lápis.

Foram ao velho dicionário (a mulher era professora). Lá estava: “Disfunção – função que se efetua de maneira anômala”.

É isto aí! Meu filho não é um doente. Tem apenas uma disfunção.

55 A mulher procurava concordar.

Mas a compensação plena veio quando, anos depois, soube que o Médico tinha morrido nos Estados Unidos [com] <↑de> cirrose hepática.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.

60 Ele e a mulher começaram por surpreender-se ali na mesma sala. ele, o médico um homem tão cuidadoso de si mesmo, regrado em tudo que fazia, autoridade incontestada, e que jamais bebera ou fumara, ao que se sabia. O marido acrescentava:

– É tudo ali no regrado, no pautado, no direitinho. Não como isto, não como aquilo.

A voz [branda] <↑mansa> da mulher.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.

65 – É estranho.

Ele meio ranzinza:

– Chegou a vez dele. Cada um tem a sua hora. Sabichão. [Não como isto, não como aquilo. Ali no pautado]

Supressão por datiloscrito de X.

A mulher encarava-o

70 – Você parece que está satisfeito, meu filho.

Voltava a inflar-se, arredondava-se muito.

– Não, não! E até lamento.

<A mulher lembrava:>

Acréscimo, em tinta azul.

75 – Afinal, devemos a vida de nosso filho a ele. Está aí um moço forte e bonito. [Nem parece porta dor da doença.]

[– Doença, não. Uma disfunção.]

[– O que seja.]

– Não nego, não nego. Mas chegou a vez dele. Cada um tem a sua hora.

Supressão por riscado, em tinta azul.
Supressão por riscado, em tinta azul.
Supressão por riscado, em tinta azul.

80 [A verdade é que jamais esquecera aquela manhã terrível e distante em que o médico <↑lhe> dissera que o filho estava diabético, sujeito a uma injeção diária e a muitas restrições.

<Odiou-o>]

Supressão por riscado, em tinta azul.
Acréscimo na entrelinha superior, a lápis.

Acréscimo, em tinta azul.

Os acréscimos do primeiro testemunho trouxeram para o texto um desfecho, não realizado no texto do testemunho 1. As supressões datiloscritas retiraram palavras com erros de datilografia.

As substituições ocorridas no testemunho 2 ajudaram o leitor construir a personalidade das personagens. As supressões ocorreram para retirar informações repetidas. O acréscimo de uma frase trouxe para o texto a noção de que já se passara um tempo entre a época do diagnóstico e a morte do médico.

3.5 *A mecha de cabelos* – descrição dos testemunhos

A tradição desse conto é composta por 2 testemunhos, não datados, que estão em textos datiloscritos em papel ofício 21,5 cm x 35,5 cm, folhas amareladas em decorrência da ação do tempo, apenas no testemunho 1 há intervenções. Testemunhos acondicionados em envelope de papel neutro e armazenados na caixa **Contos inacabados**.

Testemunho 1 com 2 folhas, intervenções a máquina, a lápis e a tinta azul. A mancha da primeira folha desse testemunho ocupa 43 linhas do suporte, não numerada e sem título. As intervenções manuscritas são substituições, supressões e acréscimos.

A segunda folha encontra-se datiloscrita no verso da primeira, a mancha escrita ocupa apenas sete linhas e o restante do espaço está em branco. Com mancha de ferrugem causada pelo *clips* no canto superior direito. Contém acréscimos e substituições.

Os momentos genéticos observados são quatro, o primeiro momento em que o texto é datilografado, o segundo momento, em que se faz uma revisão datiloscrita, ainda durante a datilografia do texto; o terceiro momento, marcado por acréscimos, supressões e substituições a lápis; e o quarto, acréscimo e substituição em tinta azul. As intervenções datiloscritas e manuscritas são correções de erros de datilografia. (Ver quadro 7).

Testemunho 2 com 2 folhas, sem intervenções no texto. A mancha escrita da primeira página ocupa 37 linhas, não numerada, apresenta o título em maiúscula A MECHA DE CABELOS, logo abaixo está o nome do autor, com mancha de ferrugem causada pelo *clips* no ângulo superior esquerdo. Na segunda página, a mancha escrita ocupa 15 linhas e a numeração encontra-se no ângulo superior direito da folha. É perceptível apenas um momento genético, o de datilografia do texto. (Ver quadro 7).

Os momentos genéticos observados nos testemunhos podem ser vistos através do quadro 7.

Quadro 7 - Momentos genéticos dos testemunhos de *A mecha de cabelos*

Testemunho 1	Momento genético A: datilografia do texto.
	Momento genético B: supressões por sobreposição datiloscrita de X.
	Momento genético C: intervenções manuscritas no texto datiloscrito; C1: supressões, a lápis; C2: acréscimos, a lápis; C3: substituições, a lápis.
	Momento genético D: acréscimo, em tinta azul; D1: substituição, em tinta azul.
Testemunho 2	Momento genético A: datilografia do texto.

Através dos momentos de genéticos podemos dizer que o comportamento do escritor segue a mesma tendência observada nos testemunhos de *A nova empregada*, ou seja, datilografa o texto e, em seguida, com o papel ainda na máquina, inicia a revisão textual suprimindo palavras ou trechos, e, depois, realiza as modificações manuscritas, em sua maioria, substituições.

3.5.2 Transcrição dos testemunhos de *A mecha de cabelos*

3.5.2.1 Testemunho 1 de *A mecha de cabelos*

	O velho alemão contratou os serviços do moço para fazer a desratização na sua própria casa.	
	A dona da casa recebeu o moço, pesadona como o marido, salpicada de sarnas, os tornozelos grossos (vestia bermuda[s]). O moço desfez o pacote com apetrechos na cozinha, onde duas painelas ferviam a fogo brando no fogão a gás. A alemã, no seu português arrevezado, dizia do seu horror àqueles	Supressão por riscado, a lápis.
5	animais nojentos: – Gordos, gordos – repetia-se. Acrescentava que ainda não se tinha mudado d[e] /a\, porque o aluguel desta era pago pela administração do porto. Mas não tolerava os bichos. As baratas nem tanto [.] /,\ [mas] [o] /O\s ratos a deixavam arrepiada. Mostrava o braço ao moço, [onde] os pêlos <↑Pedia-lhe que experimentasse>	Substituição por sobreposição, a lápis. Supressão por riscado e substituição à frente, a lápis. Supressão por riscado e substituição à frente, a lápis. Supressão por riscado, a lápis. Acréscimo na entrelinha superior, a lápis.
10	ruivo[i]./s\ se eriçavam <↓eriçados>. O moço garantia que depois quea empresa [em que trabalhava] <↑onde era empregado [il]> fizera idêntico serviço nas ,d./D\ocas ([onde trabalhava] [<← onde era Empregado>] <↑local de trabalho d> o marido) nos armazéns do porto<,> a situação iria melhorar muito, porque a casa era próximo, era caminho natural <de les> /deles\:	Substituição por sobreposição, a lápis. Substituição na entrelinha inferior, a lápis. que a. Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, a lápis. Palavra ilegível. Substituição por sobreposição, datiloscrita. Supressão por riscado e substituição na margem esquerda, em tinta azul. Supressão e substituição na entrelinha superior, a lápis. Acréscimo a lápis. Supressão por riscado e substituição à frente.
	– Por um tempom vai [se liv] /ficar livre\ – Espero, espero – repetia-se.	tempo. Supressão por sobreposição datiloscrita de X e substituição datiloscrita à frente.
15	O moço preparou iscas, que distribuiu por vários pontos, principalmente [p]edras <↑caminho de> <←pelo>. Chamou a atenção para a despensa, porque ratos envenenados poderiam ali peneta/r\ar ali, roer sacos e pacotes. – Ó<,> sei,ó <,> sei.	Supressão por riscado, a lápis. Acréscimo datiloscrito na entrelinha superior. Acréscimo, em tinta azul, na margem esquerda. Substituição por sobreposição, datiloscrita. Acréscimo, a tinta azul.
20	O moço p[i]/u\inha inseticida no ra[ç]/l\o do corredor, para matar as baratas. Ao ergue-se, ela, a alemã, comprimiu-se entre [a Ω1parede] entre ele e Ω2 parede, esfregando-lhe nas costas os grandes seios. Sorriu[-lhe] e pisco-lhe o olho[s]. O moço <↑ voltava a[encarando-a] <encará-la>>[encarava-a], risonho. Depois foi a vez da garrafa de cachaça, que ela tirou do guarda-louça. Serviu-se de uma dose <↓,><↑estalou a língua> e chamou o outro. Estropiava-se nas palavras:	Substituição por sobreposição, datiloscrita. Substituição por sobreposição, datiloscrita. Supressão por sobreposição datiloscrita de X e deslocamento. Supressão por riscado, a lápis. Supressão por riscado, a lápis. Acréscimo na entrelinha superior. Supressão e substituição, tinta azul. Acréscimo na entrelinha inferior e superior, a lápis.
25	– É boa, coisa boa. [Coisa] [e]/E\special. O moço voltou à cozinha, para lavar as mãos, [a toalha de] <↑que enxugou na> flanela pendurada no cós das calças (as duas painelas ferviam no fogão a gás). Sentou-se à me[x]/s\va serviu-se de sua dose. A alemã repetiu a sua em [dose menor] <↑ menor quantidade, apenas dois dedos.> [Estalou].<[↓falar a] a língua:	Supressão por riscado. Substituição por sobreposição, a lápis. Supressão datiloscrita de X e substituição na entrelinha superior datiloscrita. Substituição por sobreposição, datiloscrita. Supressão por datiloscrito de X e substituição na entrelinha superior, datiloscrita.
30	– Hans (era o marido) não passa sem ela. [O moço] /E\ ia de surpresa em surpresa, quando sentiu o pé desca[k]/l\ço dela procurava-lhe a boca da calça sob a mesa. Encaravam-se<↑em repentino> [em] grosso, pejado silêncio. Não houve mais palavras, apenas o pé da alemã que lhe subia pela perna. Não mais palavras, só atitudes. Ela se	Substituição por sobreposição, a lápis. Substituição por Acréscimo na entrelinha superior, a lápis. Supressão por riscado, a lápis. sobreposição, datiloscrito.
35	levantou, passou a chave na porta da casa, foi à cozinha [onde] deu volta aos dois botões do gás. Levou o moço até o longo divã, onde se livr[i]/o\u da bermuda. Ele a penetrou profundamente, ao começo seca, lgo depois úmida. (X) Conversavam. Ela quis saber a idade do moço. – Vinte e sete anos. – Ó, ó, um broto!	Supressão por riscado, a lápis. Substituição por sobreposição, datiloscrito Acréscimo de X, a lápis.
40	Dizia-lhe também que ele era forte, musculoso. Dobrava os braços sardentos,<(os sovacos ruivos)>	Acréscimo, a lápis

para imitar-lhe os músculos.

O moço ria.

A alemã urrava; chamando-o a si:

– Broto, broto, broto!

45

– Urrava e sacudia muito a cabeça mal apoiada à almofada. Foi quando <,><↑presa a um grampo> se prendeu a mecha de cabelo cor de mel <,>[presa a um granpa] <↑que> e ficou bailando, dançando ddiante dos olhos do moço, o que[ele]<↓este> jamais esqueceu.

Acréscimo, a lápis. Acréscimo na entrelinha superior, a lápis.

Supressão e substituição na entrelinha superior, a lápis. grampo Supressão e Substituição na entrelinha inferior, a lápis.

3.5.2.2 Testemunho 2 de *A mecha de cabelos*

A MECHA DE CABELOS

Moreira Campos

Os empregados do Departamento de Desratização faziam a matança de ratos nos armazéns do porto, quando o velho alemão, despachante, contratou um deles para idêntica limpeza na sua casa, também infestada desses animais e de baratas. Subiu ao alto da calçada e, no seu português sempre arrevezado, indicou-lhe a residência a uma certa distância, deu-lhe o seu nome e endereço num pedaço de papel. Terminando o serviço, voltasse ali à repartição para acertarem contas.

– Sim, senhor.

O moço apareceu dois dias depois. Abriu-lhe a porta a mulher do alemão, brasileira, gente da gente. Mais moça que o marido, mas também cabelos grisalhos. Simpática, comunicativa, talvez excessivamente simpática (os vizinhos sabiam que ela enganava o marido, o indivíduo entrava pelo portão do quintal, esgueirando-se). Disse ao moço que ficasse à vontade, a casa era sua. Falou-lhe também do horror que tinha a tais animais e baratas. Aqueles, gordos, nojentos, repelentes. Ficava arrepiada quando os via. Só ainda morava na casa porque o aluguel desta era pago pela própria administração do porto. Senão, já teria mudado. Mostrou-lhe o braço:

– Veja como fico, só de pensar neles.

O moço experimentou-lhe o braço, passando a mão de leve, sem nada constatar. Riu-lhe com os seus olhos jovens e claros. Desfez o seu pacote com apetrechos, iniciou o trabalho. Correu quartos, sala e cozinha, onde o conteúdo de suas panelas fervia no fogão a gás. Demorou-se na despensa. Fez ali limpeza rigorosa, lembrando à dona da casa que vigiasse, tivesse muita cutela, pelo menos por alguns dias, porque era perigosíssimo. Acreditava que parte deles não apareceria tão cedo, pela desratização que haviam feito nos armazéns e pedras do cais.

O moço continuava a olhá-la com surpresa, sobretudo quando se acocorou no corredor, para despejar no ralo o pó de inseticida. Ao erguer-se, ela, de passagem, se comprimiu entre ele e a parede, esfregando-lhe nas costas os seios. Riu-lhe e de repente quis saber a idade dele.

– Vinte e três anos!

25 – Um broto, e bonito!

Merecia emprego melhor, num escritório ou repartição. O moço continuava a rir, apanhando no chão e folha que caíra do jarro. Ela se lembrou de oferecer-lhe o copo de refrigerante. Ele voltou à cozinha para lavar as mãos (as panelas ferviam no fogão), enxugando-as na própria flanela.

que trazia metida no cós das calças. Sentaram-se à mesa da copa para um descanso.

30 Conversavam. Ela repetiu as palavras, com certo brilho nos olhos, um ar de malícia:

– Um broto, e bonito!

Sentiu que o seu pé livre da chinela procurava-lhe a boca da calça. Entreolharam-se, sérios, e entre os dois caiu repentinamente o silêncio, peçados, decididos. Ela acabou de fechar a porta, deu volta aos dois botões do fogão, apanhou-o pelo pulso e se dirigiram
35 ao quarto. Serviram-se da cama do casal como foi possível, ela com os cabelos grisalhos Apoiada ao travesseiro. Penetrou-a profundamente com aquela mocidade que era sua. E Foi como se possuísse uma jovem havia muito intocada, sem filhos, seca de início, logo depois úmida. Apertava-o com força entre as coxas grossas. Gemia e sacudia a cabeça no travesseiro, quando se despendeu dos grampos a mecha de cabelos, que ficou
40 pendurada, mexendo-se, bailando diante dos olhos do moço, o que este jamais esqueceu.

As intervenções manuscritas são substituições, supressões e acréscimos. De forma geral, os acréscimos e substituições ocorreram para detalhar a descrição de gestos dos personagens e as supressões para corrigir os erros de datilografia e evitar repetições.

As modificações autógrafas nos mostram que as substituições ocorreram para evitar as repetições de palavras e ajustar o uso da maiúscula após a mudança de pontuação. As supressões, de forma geral, apareceram para retirar do texto palavras ou fragmentos com erros de grafia, repetições e o “s” indicativo de plural em termos que deveriam estar no singular. Os acréscimos trazem maior precisão na descrição de ações que irão compor a atmosfera de sedução entre as personagens, como destacaremos ao longo do estudo desse conto.

3.6 *O suposto filho* – descrição do testemunho

A tradição desse conto é composta por 1 testemunho autógrafo, não datado, texto datiloscrito em papel ofício 21,5 cm x 35,5 cm, folhas amareladas em decorrência da ação do tempo, e com intervenções datiloscritas e manuscritas. Acondicionado em envelope de papel neutro e armazenado em caixa de cor azul, nomeada **Contos inacabados**.

Testemunho 1 com 2 folhas, intervenções manuscritas, a lápis e tinta azul. Na primeira folha, a mancha escrita ocupa 35 linhas, não numerada, o título está datilografado em maiúsculo O SUPOSTO FILHO. Registram-se substituições e acréscimos de palavras ou frases.

A segunda folha traz o algarismo 2 no ângulo superior direito. A mancha escrita ocupa 36 linhas. As rasuras são de supressão, datiloscrita, substituição e acréscimo, manuscritos.

Os momentos genéticos deste testemunho são três, o de datilografia do texto, o de supressão datiloscrita e o terceiro de acréscimos, a lápis e tinta azul e substituições, em tinta azul. (Ver quadro 8)

O quadro 8 apresenta os momentos genéticos observados no manuscrito.

Quadro 8 - Momentos genéticos do testemunho de *O suposto filho*

Testemunho 1	Momento genético A: datilografia do texto.
	Momento genético B: supressões por sobreposição datiloscritas de X.
	Momento genético C: intervenções manuscritas, no texto datilografado; C1: substituição na entrelinha superior, em tinta azul; C2: acréscimo, a lápis e em tinta azul.

3.6.2 Transcrição do testemunho de *O suposto filho*

3.6.2.1 Testemunho 1 de *O suposto filho*

O SUPOSTO FILHO

Moreira Campos

Suspeita <↑va> de que o menino [é] <↑era> seu. Examina-o<↑va> mais uma

vez na poltrona da sala. Aquela maneira de atirar a cabeça de lado, sacudindo os cabelos, o lampejo dos olhos, o riso fácil, tudo lembra <↑va> a mãe. Também não encontra<↑va> vestígios seus, nem do colega de quem sempre suspeit[ou]/ara\.

5 Nada. A criança [é] <↑era> apenas a mãe.

O colega trabalhava com ele no escritório. Vinha ao seu apartamento aos domingos. Ela, a mulher, já o esperava com ansiedade disfarçada. Afastava a cortina no alto, para saber se o carro que chegara era o dele, voltava a dar toque no cabelo [diante da] <↑na> penteadeira, valia-se do vaporizador de água-de-

10 colônia. Fingindo indiferença na voz, indagava:

– O Marcos [<↑ marido>] parece que não vem hoje?

O marido não respondia. Tinha as suas suspeitas, vigiava-os. Difícil, a ela, controlar certas atitudes, encobrir [sentimentos] <↑ impulsos> mal contido<↑s>. Passou

a evitar relações com o colega, afastaram-se. Quando ela soube do rompimento, não
15 teve surpresa na mesa do café. Quebrou a cinza do cigarro na beira do pires e disse apenas:

– Lamento. Vocês eram tão amigos.

Quase impossível apanhá-la.

Ela ([é] <↑era> pintora) frequenta[↑va] a Galeria de Artes, próximo, onde já

20 Ex[pôs]<↑pusera> duas vezes, com o elogio de alguns críticos e incentivo da amiga diretora, que acredita<↑va> nos seus dotes artísticos. Sempre que pod[e]<↑ia>, está ali para <↑uma ajuda> o papo, comentários sobre a pintura de outros artistas, o lanche numa das mesinhas da calçada sob o toldo.

A separação se deu depois que o marido a pegou metida dentro do
25 automóvel de um indivíduo desconhecido, pero da Galeria. À sombra da árvore. Ela apenas ergueu a cabeça. Prumou-se na poltrona, que deixou com calma, sem atropelos (talvez já não tivesse tanto interesse pelo seu próprio homem), improvisou uma explicação meio esfarrapada, ele a repeliu eu tipo deu marcha ao carro.

No apartamento, muitas acusações, sem grande empenho de defesa, duros
30 silêncios. Comprou-lhe a passagem para o Rio de Janeiro (voltava à casa dos pais). esteve agarrada ao filho dentro do quarto, abraçou muito e saiu dali com os olhos vermelhos.

O menino indagava:

Acréscimo na entrelinha superior, em tinta azul. Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul. Acréscimo na entrelinha superior, em tinta azul.

Acréscimo na entrelinha superior, em tinta azul.

Acréscimo na entrelinha superior, em tinta azul. Substituição por sobreposição, em tinta azul.

Substituição na entrelinha superior, em tinta azul.

Supressão por riscado, a lápis, e substituição na entrelinha superior, a lápis e em tinta azul.

Acréscimo na entrelinha superior seguido de supressão, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis, e substituição na entrelinha superior a lápis e em tinta azul. Acréscimo na entrelinha superior, em tinta azul.

Supressão por riscado, a lápis, e substituição na entrelinha superior, tinta azul. Acréscimo na entrelinha superior, em tinta azul.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.

Acréscimo na entrelinha superior, em tinta azul. Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.

Acréscimo na entrelinha superior, em tinta azul.

– Quando mamãe volta, pai?

Beijava-o:

35 – Ainda demora um pouco.

Foi assim de início. Depois, ao ser formulada a pergunta, recorria a muitas

Palavras batendo-lhe carinhosamente na cabeça:

– Esqueça.

– Como?

40 – Esqueça.

O menino, que se diverte com os outros companheiros na pracinha em frente, parecia começar a compreender. De resto, <↑ ou a conformar-se ou conformar-se.> ambos se ampara<ram>.Faz<ia> o [que pode] <↑possível> para que ele se distrai[a]<↑sse>.

Leva-o<↑va> ao banho de mar <ao banho de mar> e ao sorvete, ao parque de

45 diversões. Como dormem<↑iam> no mesmo quarto, examina-o <↑va>na pequena cama,

ajeita<↑va>-lhe o lençol. [Tem] <↑tinha> a ajuda da velha cozinheira e das irmãs casadas,

que, vez por outra, [vêm]<↑vinham>com os filhos, apanhar a criança para um passeio

ou fica[m] <↑vam> na sala diante da televisão.

Insist[e] <↑ia> o exame. Não, não, nenhum traço ou jeito do colega de escritório,

50 sobretudo porque este [é] <↑era> ruivo, sarará. Nem dele próprio. De quem seria?

O menino é [a mãe] [<↑já crescido>] <↑ era a própria mãe,>, [no riso que deu quando o

cavalo caiu do caminhão de brinquedo.]

Veio o segundo casamento. A mulher [entendeu-se bem com a criança]<↑e o

rapazinho entenderam-se bem, ela>(sabia da afeição do marido por est[a]/e\, não

55 obstante os rumores) [vigia-a, zela por ela] [<↑dá-lhe assistência>] [<↑dava-lhe

assistência>], ajuda<↓va>[a]/ o\ nos deveres do colégio.

O marido permanec[e]<↓ia> solidário, atento. O menino foi o seu companheiro de

solidão e – porque negá-lo? – ama<↑va>-o profundamente. Está [agora um rapazinho]

<↑Estava Ω2ali> agarrado ao seu livro de estudo [Ω1ali] no sofá. Contempla<↑va>-o e

60 aponta<↑va>-lhe o colo:

– Venha cá. Sente-se aqui.

O rapazinho larga<↑va>o livro, atira<↑va>-se às suas pernas, abraça<↑va>-o,

apertadamente, beija<↑va>-o, inseparáveis. <no gesto que teve de meter os dedos pelos

cabelos, para ajeitá-los.>

65 <↓O menino que já aparecia na pracinha em frente em brincadeiras com

outros meninos, acompanhadas das babás.>

Trecho sublinhado pelo escritor.

Acréscimo na entrelinha superior, a lápis.

Acréscimo, em tinta azul. Acréscimo, em tinta azul. Supressão por riscado, em tinta azul e substituição na entrelinha superior, em tinta azul. . Supressão por riscado, em tinta azul e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.

Acréscimo na entrelinha superior, em tinta azul. Supressão por datiloscrito de X.

Acréscimo na entrelinha superior, em tinta azul. Acréscimo na entrelinha superior, em tinta azul.

Acréscimo na entrelinha superior, em tinta azul. Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.

Supressão por riscado e substituição riscada na entrelinha superior, seguida de substituição na entrelinha inferior, a lápis e em tinta azul. Supressão por riscado, a lápis.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, em tinta azul e lápis.

Substituição por sobreposição, em tinta azul.

Supressão por riscado, a lápis e substituição na entrelinha superior, a lápis, riscada, em tinta azul, e substituída na entrelinha superior, em tinta azul.

e substituição na entrelinha inferior, seguida de supressão e substituição, em tinta azul.

Supressão por riscado e substituição na entrelinha inferior, em tinta azul.

Supressão por riscado, a lápis, e substituição na entrelinha superior, em tinta azul.

Supressão por riscado, a lápis. Acréscimo na entrelinha superior, em tinta azul. Deslocamento

Acréscimo na entrelinha superior, em tinta azul.

Acréscimo na entrelinha superior, em tinta azul. Acréscimo na entrelinha superior, em tinta azul. Acréscimo na entrelinha superior, em tinta azul.

Acréscimo na entrelinha superior, em tinta azul. Acréscimo na entrelinha superior, em tinta azul.

Acréscimo a lápis, após o termino do texto datiloscrito.

Acréscimo, em tinta azul, após o termino do texto datiloscrito. Possível substituição para o trecho sublinhado da L.44-45.

As modificações encontradas, em sua maioria, foram substituições de verbos do tempo presente pelo pretérito imperfeito ou do pretérito perfeito pelo mais-que-perfeito e mudanças que tornaram a linguagem de registro mais informal, característica marcante da obra do escritor.

4 ESTUDO CRÍTICO DOS TESTEMUNHOS DE CONTOS INÉDITOS DE MOREIRA CAMPOS

Antes de iniciarmos o estudo das intervenções encontradas nos contos não publicados de Moreira Campos, faz-se necessária uma explicação a respeito das transformações ocorridas na sua trajetória de escritor, em suas duas primeiras obras publicadas, *Vidas marginais*, 1949, e *Portas fechadas*, 1957, os contos eram extensos, com até treze páginas. A partir de *As vozes do morto*, 1963, as narrativas passaram a ter menos páginas, mas essa redução não foi brusca, sendo possível encontrar ainda nas publicações, após 1963, contos com até oito páginas. Essa mudança foi anotada pela crítica – e pelo próprio escritor – que dividiu sua obra em duas fases, a primeira, de contos mais longos, e a segunda, mais curtos. Em entrevista a Paulo Garcez de Sena, publicada pelo jornal *A Tarde Cultural*, o autor é questionado sobre essas duas fases e a resposta é seguinte:

De fato, há duas fases na minha literatura de contista. A primeira delas, a do conto mais longo, mais extenso, aquela história puxa história; a segunda, a do conto essencial, enxuto, econômico, em que procurei dizer mais escrevendo menos, pelo implícito. A minha lição é a de Tchecov: “Se a espingarda não vai entrar no conto, convém tirá-la da sala”. A minha economia vocabular vem de mim. (SENA, 1993)

Por que Moreira Campos trabalhava em busca de um aprimoramento incessante de sua técnica? Não há respostas exatas, mas podemos inferir que ele busca colocar em prática os conhecimentos adquiridos no curso de Letras Neolatinas no qual se formara (1967). Um motivo para tal mudança é o fato dele estar se aprofundando no estudo da teoria do conto, essa é a nossa hipótese.

Se estudarmos as rasuras encontradas nos testemunhos relacionando-as com o que diz Gotilib (1985) sobre o conto de Tchecov – um conto aparentemente sem grande ação, que abre espaço para o conto moderno, em que às vezes nada parece acontecer – e o de Machado de Assis – em que a realidade é pintada através do não-dito – veremos que Moreira Campos trabalhou para aprimorar-se nas técnicas do conto moderno, seguindo a base teórica dos dois grandes contistas. Através das supressões e substituições ele trouxe para o leitor a chance de participar mais dessa narrativa, em outras palavras, seu leitor deveria ser capaz de ler as histórias implícitas, subjacentes ao texto explícito.

4.1 Estudo crítico dos testemunhos genéticos de *Os caminhos*

A narrativa desenvolvida nos 8 testemunhos de *Os caminhos* traz, em resumo, a história de uma mulher que chegou para trabalhar na casa de um homem cuja antiga empregada havia morrido. Logo no primeiro dia de trabalho, começa um romance entre o patrão e a moça e, com o passar do tempo, os dois formaram uma família. A diferença principal entre os enredos dos testemunhos está na mudança do papel desenvolvido pela moça. A personagem feminina, em alguns testemunhos, é uma garota de programa que foi contratada para trabalhar na casa e, em outros, é uma empregada que vem para cuidar do patrão. Nos 8 testemunhos dessa narrativa, encontramos diferenças, que vão desde o enredo até o título.

No **testemunho 1**, a narrativa, sem título, conta a história de Zuleica, garota de programa, cujo pai é corretor de imóveis. Ela vai morar com um médico desquitado e, até então, sem filhos. Apesar dos comentários da vizinhança, eles continuam juntos e com o passar dos anos nasce um menino.

Na primeira palavra do texto já há uma intervenção autoral, que é a mudança do tempo verbal de pretérito imperfeito para presente e que se torna recorrente na narrativa, exemplo disso, temos nos trechos: “Era desquitado, sem filhos.” (L.1), substituído por “É desquitado, sem filhos” (L.1); em “atendimento de clientes que traziam a guia do Instituto” (L.4-5), substituído por “atendimento de clientes que trazem a guia do Instituto” (L.4-5) e em “Zuleica tinha pais.” (L.9), substituído por “Zuleica tem pais” (L.9). Essa modificação de pretérito para presente indica que a narrativa apresenta fatos incontestáveis, uma vez que ocorrem no momento da fala.

A intervenção seguinte dá-se no trecho: “Simples médico da assistência, com pequeno consultório em rua anônima, para atendimento de clientes” (L.3-4, o escritor substitui “em rua anônima” por “numa galeria”, ficando: “Simples médico da assistência, com pequeno consultório numa galeria, para atendimento de clientes” (L.3-4). Tal mudança está relacionada ao espaço em que se encontra o consultório do médico, a substituição de “em rua anônima” por “numa galeria” torna o local de trabalho mais confiável, não é uma rua qualquer, mas em uma galeria, onde provavelmente há outros consultórios ou comércio; a mudança eleva o *status* do médico e mantém a ideia de não ser necessário demarcar rigidamente o local, citando, por exemplo, o nome da rua ou galeria, uma vez que o essencial está na ação do texto. Na intervenção a seguir, o escritor suprime o sujeito “ele”, de: “Foi por quem ele se encantou: o rosto sério, grave, um modelo de corpo” (L.6-7), de modo que temos: “Foi por

quem se encantou: o rosto sério, grave, um modelo de corpo” (L.6-7), uma vez que “se” é utilizado como pronome reflexivo, evitando a redundância. No período: “Fez-lhe proposta certa vez: Se queria viver com ele.” (L.7-8), o escritor substitui: “fez-lhe proposta” por “perguntou-lhe”; depois suprime “:” e “S”, substituindo-o por “s”, transformando o período em: Perguntou-lhe certa vez se queria viver com ele.”(L.7-8). O termo “proposta” nos remete à ideia de casamento, mas os dois não oficializam a união, apenas vivem juntos; já em “perguntou-lhe” não traz essa mesma carga semântica, embora em alguns casos os verbos sejam sinônimos. Na linha 8, como consequência da modificação anterior, há a supressão dos dois pontos e a substituição de “S” maiúsculo por minúsculo.

Em seguida, temos a substituição da oração “Os pais da menina estiveram no seu pequeno consultório” (L.11) por “Compareceu ao seu consultório” (L.11). Nas linhas (L.9,10), o escritor descrevera o pai da garota e já havia dito que o consultório era pequeno, então suprimiu as informações repetidas, cumprindo com seu o ideal de redução da narrativa.

No trecho: “Havia ainda um pequeno obstáculo, talvez apenas algumas palavras de explicação: a velha preta, que lhe servia desde o tempo de casado” (L.18-19), há a substituição de “explicação” por “esclarecimento”, temos então: “Havia ainda um pequeno obstáculo, talvez apenas algumas palavras de esclarecimento: a velha preta, que lhe servia desde o tempo de casado” (L.18-19). Embora sinônimas, o escritor trabalha com a carga semântica das palavras: esclarecimento traz a impressão de que já foi tudo explicado, faltam apenas os detalhes.

Na linha seguinte, há substituição do adjetivo “boa” por “ótima”, em: “menina boa, dócil, compreensiva” (L.20) para exaltar as qualidades da filha, mostrar que o médico estava fazendo um “bom negócio”. “A última intervenção dessa primeira folha, substituição de “,” pela conjunção “e”, indicando o final da enumeração, no trecho “A preta fez muxoxo, ergueu os ombros e acabou de enxugar o prato:” (L.21).

A primeira intervenção da folha 2, a supressão de “, ela e a preta, aí” no trecho: “Ficam as duas, ela e a preta aí na sala, à noite, diante da televisão, comentam os lances das telenovelas.” (L.25-26). Essa supressão, provavelmente, ocorre porque o início da frase é “Ficam as duas”, logo não é preciso especificar que seria ela e a preta. A segunda intervenção é a supressão de “O” e a substituição de “recebidos” por “acolhido”, em: “Recebem também a visita dos pais de Zuleica, O que são recebidos com muita atenção (L.35 e 36)”. A substituição de “recebidos” por “acolhidos” evita a repetição, pois a oração inicia com “recebem”, e também é exemplo do trabalho semântico de construção da narrativa, ao substituir, o escritor torna o ato mais afetoso, fica implícita a noção de refugiar, proteger.

Em: “desembaraçado e até com fumaças de boas relações no seu ramo. Alude às boas relações que relações que mantem, cita nomes conhecidos, um deles conhecido do médico.” (L.37-39) há a substituição da expressão “boas relações” por “bons negócios”, indicando que o pai de Zuleica já tivera uma boa condição financeira, posteriormente, o escritor desloca “relações” para a oração seguinte; substitui “boas” por “de importância”, e ainda substitui “conhecido” por “identificado pelo”, para evitar a repetição, temos então: “desembaraçado e até com fumaças de bons negócios no seu ramo. Alude a relações de importância que mantem, cita nomes conhecidos, um deles identificado pelo médico.” (L.37-39).

A penúltima intervenção ocorre em: “Aos domingos, às vezes, ficam para almoçar” (L.42), “às vezes” é substituído por “vez por outra”. Embora as duas expressões indiquem que o casal vai poucas vezes à casa da filha, a segunda é mais coloquial, mais próxima da linguagem que Moreira Campos utiliza em seus contos, como ele mesmo diz em entrevista a Márcio Régis e Cláudio Ribeiro, publicada na revista *Entrevista*, em 1993.

Nós temos duas línguas: a erudita e a falada pelo povo. Você diz “dê-me este copo”; isto é uma língua erudita. O povo não diz isso. O povo diz “me dê esse copo”. Um dia, eu conversando com um grande filólogo aqui do Ceará, Martins de Aguiar, disse: “Martins, sabe por que vocês gramáticos não escrevem?” Porque vocês não conhecem a linguagem do povo. Se eu estiver escrevendo um conto: entro na Leão do Sul – não sei se vocês conhecem, onde vende caldo de cana – aí digo “Me dê um caldo de cana gelado”, não é? Vocês não dizem isso. Dizem “dê-me”. É uma mentira. E outra coisa: não pode ser gelado porque caldo não pode ser gelado; todo caldo é quente. A própria raiz já está dizendo. Digo aos filólogos: “Vocês sabem essas besteiras todas e não sabem escrever.” Agora, eu sei, mas sei escrever. Porque me valho de linguagem do povo, sobretudo no diálogo. No escrever direto, é com muito cuidado. É um português muito rigoroso. (RÉGIS; RIBEIRO, 1993)

Na terceira folha, no trecho “Jamais tiveram surpresa. Apenas num desses cinemas, só certa vez ao comprarem as entradas, um moço correu-lhes a vista com curiosidade, talvez surpresa.” (L.49-51) há o deslocamento da expressão “certa vez” para depois de “apenas”; a substituição da expressão “correu-lhe a vista” por “correu-lhe os olhos” (L.50 e 51), temos: “Jamais tiveram surpresa. Apenas certa vez, num desses cinemas, ao comprarem as entradas, um moço correu-lhes os olhos com curiosidade, talvez surpresa.”. Sobre essa substituição de sinônimos, Martins (2012) fala que muitas vezes não conseguimos precisar a distinção entre os sentidos dos sinônimos, mas que uma das diferenças mais típicas entre sinônimos é optar por um termo mais coloquial ou mais vulgar que outro.

No **testemunho 2**, a narrativa já se diferencia um pouco da primeira por apresentar mais informações sobre a vida do médico, tais como: seu nome, citar o envolvimento com uma cliente e o fato de os pais dele ainda estarem vivos. Apesar de desenvolver algumas

ideias presentes no **testemunho 1**, ainda não há título. Permanece o enredo de que ele é desquitado, sem filhos e se une a uma garota de programa que mais tarde terá um filho seu.

A primeira intervenção é a supressão de “Já” e o deslocamento do pronome oblíquo átono “me” em: “Já me apareceram pretendentes” (L.2-3), ficando: “Apareceram-me pretendentes” (L.2-3), ao suprimir o advérbio de tempo “Já”, o sentido da oração modifica-se por não apresentar mais uma ordem cronológica demarcada. O acréscimo de “outra”, no trecho: “Apareceram-me pretendentes, sem entusiasmo meu. Tenho tido quebra-galhos uma ou outra menina de programa” (L.2-3), destaca que o médico saia com várias garotas de programa, não se prendendo a nenhuma específica.

O acréscimo das informações “também garota de programa” (L.5) e “a diferença entre nós é de uns 15 anos” (L.6) no trecho: “Até que apareceu, aconteceu Zuleica, também menina de programa. Um rosto sério a diferença entre nós é de uns 15 anos, grave, um modelo de corpo.” contribuíram para a construção do enredo da narrativa e para justificar o preconceito da sociedade com relação ao casal.

Ao longo do manuscrito, Moreira Campos trabalha para tornar o texto mais direto e enxuto, como, por exemplo, em: “Para isso seriam necessárias muitas providências, acertos. Zuleica tem pais. O velho ainda é moço já esteve no consultório (é corretor de imóveis).” (L.7-9). Ele substitui “Para isso seriam” por “Eram” e “O velho ainda é moço” por “O pai”, ficando: “Eram necessárias muitas providências, acertos. Zuleica tem pais. O pai já esteve no consultório.” (L,7-9)

No trecho: “Da sua cadeira, olhava-me muito, como que meio surpreendido. Encareceu qualidades da filha, muito querida em casa por todos. Eu avaliava o trabalho que iam dar-me, ele, a mulher e um filho rapaz, parece-me.” (L.10-13). Nas linhas 10 e 11, há acréscimo da informação “Disse-lhe dos meus propósitos, ele” que logo depois é riscada e reescrita da seguinte forma: “Disse-lhe dos meus propósitos com palavras escolhidas”, o trecho ficou: “Encareceu qualidades da filha, muito querida em casa por todos. Disse-lhe dos meus propósitos, com palavras escolhidas. Eu avaliava o trabalho que iam dar-me, ele, a mulher e um filho rapaz, parece-me. bem afastados, ele encareceu” (L.10-13). Tal informação é relevante para convencer o pai da garota de que seria um “bom negócio” que ela fosse morar com ele.

Em: “Também foi necessário falar a preta velha que me serve desde o meu tempo de casado.” (L.14-15) a expressão “Também foi necessário falar” é substituída por “preciso”, que é substituído por “Tive tb. que preparar” (L.14), a alteração mostra que ele teria que justificar a todas as pessoas o fato de ter colocado em casa uma garota de programa, deixando implícito

o preconceito existente na sociedade em que estavam inseridos. A supressão de “meu”, provavelmente, deve-se ao fato de estar implícita a informação por ser um texto em 1ª pessoa.

Na oração: “Tenho as minhas relações, um ótimo consultório, com, algum colega, vez por outras” (L.26-28) a substituição de “um ótimo consultório, com” por “uma ótima clientela” ressalta que o médico é bem-sucedido, ou seja, terá condições de sustentar a garota e sua família. Em: “O velho, que não é velho, pareceu-me mais seguro de si, com fumaças de bons negócios no seu ramo, os conhecimentos que tem com pessoas de destaque” (L.29-30) o acréscimo de “,que não é velho,” (L.29) mostra, além da característica física do pai, que o médico não o trata com respeito. A substituição de “conhecimentos” por “conhecidos” e de “que tem com pessoas de destaque” por “de certo destaque” (L.31) trazem a ideia de que o pai finge ser bem-sucedido em seus negócios.

Na oração: “Meu velho foi comerciante sólido, mas veio a falência, sou eu que hoje os socorro financeiramente, em momentos mais difíceis, e isto evita justificativas maiores.” há a supressão de “em momentos mais difíceis,” (L.37-38), foi retirada do texto uma informação que estava implícita ao dizer que ele os socorria financeiramente.

Em: “Curioso é que, de início, quando dava para meu pai aparecer por aqui ou pessoa estranha” (L.40-41), a substituição da expressão “aparecer por aqui” por “me visitar” (L.40) e o deslocamento de “aparecer para antes de “pessoa” passam para o leitor a ideia de que pai e filho se vêem com frequência, que são íntimos, o que não aconteceria se o escritor tivesse mantido a primeira opção, tanto que ele utiliza “apareceu” quando se refere a “pessoa estranha” (L.41). Há exemplo de mudança de tempo verbal de presente para pretérito imperfeito, através do acréscimo da desinência modo temporal “va” em “trata” (L.42).

Um comportamento recorrente na escritura de Moreira Campos é a supressão de conectivos e descrições, como (L.47-50): “ainda”, “já” “embora raros”, “(Zuleica veste-se bem)” que tornam o texto mais enxuto.

A última intervenção do manuscrito, a substituição de “puxei-lhe” por “ajeitei-lhe” em: “Esteve no meu escritório, recebi-o com muita atenção puxei-lhe a cadeira.” (L.56) relaciona-se à semântica do texto, mesmo podendo utilizar os dois verbos para indicar que arrumou a cadeira, a primeira opção irá parecer que puxar a cadeira fará com que a moça caia dela e não que ele a ajeitou para que ela sentasse.

O **testemunho 3** narra a história de um viúvo, funcionário público federal, com dois filhos e netos, que começa a se envolver com Anita, a empregada de sua casa e que também já tem filho; com o passar do tempo, ela assume o lugar da finada esposa.

A primeira supressão ocorre ao retirar “à” de “à insônia”, no trecho: “entregue à solidão e à insônia” (L.4). No primeiro caso são dois estados: “de solidão” e de “insônia, no segundo, sem “à” o substantivo “insônia” faz parte de “solidão”. A oração “Estava ali no seu quarto, sem palavras, apenas em pé, depois sentado no banquinho de que” (L. 9 e 10) é deslocada para as linhas 19 e 20, por ser adequada ao texto, pois no primeiro momento o homem nem havia entrado no quarto, logo não poderia estar sentado no banco que estava do lado de dentro. A supressão de “(o que jamais fizera.)”, (L.15) mostra que há algum tempo o patrão tentava seduzir a empregada, que não ocorrera de repente, tanto que o começo da frase indica que não houve surpresa por parte dela. Na linha 19, “Pois estava ali no seu quarto, sem palavras”, a supressão do advérbio de lugar “ali” e do pronome possessivo “seu”, provavelmente ocorreram porque o contexto deixa claro que se referia ao quarto da empregada.

A substituição de “que era triste” por “da tristeza de” em: “Falou que era triste viver sozinho” (L.25) destacou a ideia de que a tristeza era passageira, devia-se ao fato de viver sozinho, deixando implícito que caso ela quisesse se relacionar com ele, voltaria a ser feliz. No trecho “Ela martelava com a cabeça, aprovando, na meia luz da lâmpada, que fora aberta na área (L.26-27), ocorre a supressão de “fora aberta”, o deslocamento de “na área” e o acréscimo de “que ela própria acendera”, ficando: “Ela martelava com a cabeça, aprovando, na meia luz da lâmpada, a lâmpada na área que ela própria acendera” (L.26-27) mostram que Anita acendera a luz, talvez por ainda não querer estar a sós com o patrão no escuro ou não ter certeza das intenções dele. Por outro lado, o homem estava certo do que desejava, deixa transparecer sua intenção com acréscimo de “logo +” no trecho “quando a mão dele logo+ lhe procurou as coxas. Pela madrugada, o sol já se infiltrando sob a porta, tiraram um cochilo” (L.33-34). A supressão da frase “Pela madrugada, o sol já se infiltrando sob a porta, tiraram um cochilo” (L.33 e 34), provavelmente se deu porque no parágrafo seguinte, a frase: “Acabou por dormir, ali nessa noite. ali do seu lado e nas noites” (L.35) e o acréscimo no final da primeira folha “Ela acabou de dormir ali o resto da noite e as noites que se seguiram, marido e mulher, os 2 travesseiros.” (L.40-41) trazem informações que irão ajudar ao leitor a inferir o final da narrativa e que também se refere à ação de dormir.

A primeira intervenção na segunda folha é a substituição de “surpresas” por “recusas”, no trecho: “Há uma aceitação tácita, sem surpresas ou condenações.” (L.44). Essa mudança deixa implícito que os filhos já esperavam isso do pai. No trecho: “Limitam-se a admirar as transformações porque ela tem passado: o novo vestido, a fita permanentemente amarrada ao cabelo, em rabo-de-cavalo, os sapatinhos baixos.” (L.47-48), ocorre supressão de “novo”, que

sugere a seguinte leitura: o homem não lhe dá mais mimos, como fez no início trazendo o vidro de água-de-colônia; a supressão de “em rabo-de-cavalo, os sapatinhos baixos” e a substituição de “sapato baixo” por “os sapatos tênis.” Apesar disso, Anita parece gostar da situação, tanto que muda seu modo de vestir, e pela descrição parece estar mais jovial, vestido, fita no cabelo e sapato tênis (L.48 e 49). Mais uma vez o escritor retira o excesso de detalhamento, neste caso, a forma que o cabelo está preso “em rabo-de-cavalo,” (L.49).

A supressão de “ali na cozinha”, em: “Ela tem uma irmã casada, que vez por outra aparece ali na cozinha à procura de uma ajuda.” (L.54-55) deixa implícito que Anita e seus familiares já estão à vontade na casa, a irmã não irá encontrá-la necessariamente na cozinha, como faria caso a moça apenas a empregada.

A substituição de “só” por “somente” em “O mundo é deles dois só, e dos filhos” (L.56-57), provavelmente acontece para evitar a repetição, uma vez que “só” está presente em mais duas frases. Moreira Campos suprime o advérbio de lugar “ali” e desloca “diante” para depois de “crianças” em “Estão ali na sala, diante acompanhados das crianças diante da televisão, uma só família.” (L.57-58). A expressão “na sala” substitui a noção de lugar que seria transmitida com o advérbio. Substitui “só” por “única” após “família”, mas ao reescrever o parágrafo desfaz a troca. Ao reescrever o parágrafo, o escritor diz que a empregada tinha um filho e que a ex-patroa e o marido sempre a ajudaram. “Ela tem um filho criado por uma irmã no interior. Este filho sempre teve o auxílio do casal, desde o tempo da finada, e a ajuda continua, sem maiores obrigações. O mundo de ambos se limita a eles dois, aos filhos, casado e criança, que estão ali na sala diante da televisão, uma família única.” (L.59-62).

Destacamos a mudança do nome da protagonista de Zuleica para Anita, embora este último traga para o leitor a noção de intimidade entre patrão e empregada, por significar “cheia de graça” (SCOTTINI, 1999, p. 89) não condiz com a postura da moça, já Zuleica (SCOTTINI, 1999, p. 273) significa de beleza radiante, encantadora, o que reflete a descrição do escritor.

O **testemunho 4** com o título manuscrito *Os caminhos* e a indicação da autoria marcada pela sigla “MC” narra a história de um médico, desquitado e sem filhos, que pede a Zuleica, uma garota de programa, que vá morar com ele. Os pais dela ainda estavam vivos, o pai era corretor de imóveis, mas com dificuldades financeiras. Zuleica engravida, talvez de propósito, e nasce um menino, que, ao final da narrativa, já está rapaz. Esse texto tem a história parecida com a do testemunho 1, porém de forma mais bem desenvolvida.

O escritor mantém três tendências importantes: a primeira, a supressão de informações repetidas, excessivas ou que tenham ficado implícitas, como, por exemplo, a supressão de:

“gente do povo”, após a expressão “os clientes populares” (L.2); de “muito”, após “olhava-o” (L.10); “com os olhos no bico dos sapatos” (L.12); “Todos” antes de: “Gostam muito dela” (L.14) e “médico”, antes de “Achou”, em: “Ele, o médico achou” (L.36). A segunda, a mudança do tempo verbal: pretérito imperfeito para presente, ao substituir: “traziam” por “trazem” (L.2); “tinha” por “tem” (L.7); “era” por “é”(L.38); “podia” por “pode”(L.38); “manda” por mandava” (L.38); ou presente para pretérito imperfeito “Ficam” por “ficavam” (L.25); “riem” por “riam” (L.25); “comentam” por “comentavam” (L.26); “Recebiam” por “Recebem”(L.45); “ficavam” por “ficam”, traziam” por “trazem” (L.50). A terceira, a supressão ou substituição de expressões que demarcam com precisão o tempo, por exemplo, a supressão de “certo dia”, antes de “desejosos de conhecerem” (L.40); “Da última vez”, é substituído por “Num desses domingos”, que por sua vez, é substituído por “Numa dessas vezes” (L.51 e 52). A supressão de elementos que tornariam o texto redundante ocorre para dar fluidez à narrativa. A estrutura do conto não permite a utilização de muitas linhas da narrativa com repetições, o espaço tem que ser aproveitado com informações importantes deixando que o leitor faça inferências. Por se tratar de um texto que, segundo nos mostram os testemunhos, não estava pronto para publicação, encontramos alternâncias nos tempos verbais, ora no presente, ora no pretérito, como destacamos nos exemplos citados anteriormente. Com relação à supressão de elementos que demarcam o tempo, podemos inferir que se foram retirados não fariam falta à narrativa: não importava o local ou quando a ação ocorria, mas manter o foco na ação, tanto que em outros testemunhos o escritor utilizou o mesmo mecanismo.

O primeiro acréscimo do texto “também garota de” em “Zuleica, também de programa, uma ar sério, grave” (L.5), é a partir dessa informação que ela irá se construir. A substituição de “ofereceu” por “conduzi-o até” em “Ele próprio abriu-lhe a porta, prorrogou consultas, ofereceu a cadeira.” (L.9-10) mostram respeito e atenção do médico com o pai da garota, ideia que seria menos evidente caso ele tivesse mantido o primeiro verbo. Na linha 10, há a substituição de “muito” por “meio” “O corretor olhava-o muito, surpreso”, talvez não coubesse olhá-lo muito surpreso por ambos se conhecerem.

A substituição de “Menina” por “criatura” em “Os mesmos elogios. Menina dócil compreensiva. Tinha certeza de que iam dar-se bem. A preta fez muxoxo” (L.20-21) não deixa aparente a idade da moça e demonstra menos intimidade entre o patrão e a moça. Ao ser perguntada sobre quem era a moça, a “preta” dizia: “a preta resumia tudo nesta frase: É a moça de quem ele se engraçou.” (L.30 e 31), esse acréscimo mostra que ela não aceitava muito bem o relacionamento do patrão.

O acréscimo de “Explicava-se” em: “Explicava-se. Deve-lhes muito” (L.37), e a substituição “tudo” por “os pais” e o acréscimo de “contrariedades” em “lhes mandava uma ajuda, o que justifica tudo. Chegaram contrariedades” (L.39 e 40) referem-se à preocupação do filho com a reação dos pais ao conhecerem a garota e saberem que era de programa ou por ser mais uma para depender financeiramente do médico.

No **testemunho 5**, ocorre uma mudança significativa para a construção do estilo do escritor; é a partir desse testemunho que a narrativa se inicia com a descrição da garota de programa, até então a primeira descrição era a do patrão. A garota não tem nome próprio, a importância disso parece residir na justificativa dela ter se tornado garota de programa, tanto que todo o primeiro parágrafo irá narrar sua trajetória. É também nesse texto que Moreira Campos escreve o título “DOIS NÁUFRAGOS” e a história se constrói com mais coerência.

A primeira modificação é o deslocamento de “com a intimidade” de depois da palavra “tempo” para o final da frase: “Tinha então dezenove anos. Se lhe fosse contar a vida que de que me fui inteirando com a intimidade o passar do tempo, daria realmente um romance.” (L.2 e 3), essa mudança traz a ideia de que foi algo gradativo, que não foi transmitida com a primeira redação. A intervenção seguinte, a substituição de “poucos anos” por “pouco tempo” em “morta poucos anos depois” (L.4) torna a tragédia ainda maior, pois a garota ficara só em um curto intervalo de tempo. O acréscimo de “até, escondia a chave da dispensa” em: “Uma vida dura, com muito suor e dores. Fugiu da casa de uma megera, que lhe negava até comida, escondia a chave da dispensa pôde comprar a sua passagem de ônibus e chegou à Capital, só, sozinha, sem ninguém, ao Deus dará.” (L.6-8) destaca a maldade da patroa da moça que lhe nega comida e contribui para sua decisão de prostituir-se. A supressão de “doença” (L. 9) em: “Engalicou-se, pegou doença do mundo” (L.9-10) ocorre para não tornar a frase repetitiva, uma vez que fora citado o nome da enfermidade.

Há duas supressões: do pronome possessivo “sua” e, a outra, do advérbio de tempo “Já” em: “Eu a comia no seu quarto, às vezes em pleno dia, em pé ou dentro da sua rede, atento ao arrastar de chinelas de minha mãe, já velha, amparando-se às paredes. Já àquele tempo.” (L.18-19); a primeira, provavelmente, para não repetir a ideia de posse, pois no começo da frase o escritor cita que estava no quarto da empregada, a segunda, para evitar dois advérbios transmitindo a noção de tempo. Logo à frente há a supressão de pronomes, “seu” e “aquela” (L.21), pois o escritor havia dito no início da frase que se referia à garota, portanto todas as informações ali contidas pertenciam à sua descrição.

No trecho, “Minha mãe me conhecia bem. Jamais dei para casamento aprecio minha cachaça, uma boa farra às vezes, um violão A velha me advertia” (L.26) a substituição do

pronome possessivo “minha” antes de “cachaça” pelo artigo indefinido “uma”; a supressão de “às vezes, um violão a uma boa farra” e de “A velha me advertia” e o acréscimo de “uma boa farra” e “uma cachaça” contribuem para constituição do caráter do filho do patrão.

A supressão de “pequeno” em “deste pequeno emprego” (L.27) impede o juízo de valor em relação ao emprego. Ainda na mesma linha, ocorre a supressão de “na fiscalização de” devido ao acréscimo de “fiscal” na entrelinha superior em: “Vivo deste emprego na Prefeitura, que melhora com propina, vista grossa na fiscalização de firmas comerciais.” (L.26-27).

Em: “A menina sabe ler com dificuldade, mas Não disse ainda que a menina lê pouco, mas sabe escrever. Vez por outra eu a encontrava no banco da cozinha, as coxas magras à mostra, em luta com o jornal.” (L. 30-32), a supressão de “A menina sabe ler com dificuldades, mas” e o deslocamento de “com dificuldades” em “Não disse ainda que a menina lê pouco, com dificuldade, mas sabe escrever.” (L.30) destacam que havia receio do homem falar para a mãe que a menina tinha pouco estudo, tanto que utiliza “mas sabe escrever” para amenizar o peso negativo da informação. Na linha 31, o acréscimo de “e encontro” em “a encontrava e encontro no banco da cozinha” mostra que ela ainda estava como empregada da casa, posição que deixará de ocupar aos poucos após a morte da mãe dele. Com a substituição de “à mostra” por “de fora” em “as coxas magras à mostra,” (L.32) temos, mais uma vez, a opção pelo discurso coloquial. A substituição de “aquele” por “seu” em “Ria aquele riso” (L.34) demonstra que o riso da garota fora sempre manso, ideia que não fica evidente quando era “aquele”. A substituição de “sua récuca de filhos” por “seu bando de filhos” (L.35) também ilustra a opção pela linguagem coloquial, além disso, bando tem significado mais leve que récuca, que se refere a animais ou pessoas desprezíveis.

O deslocamento de “ela, a menina chorou, chorou, andava por dentro de casa e” para o final da oração e o acréscimo de “e serviu o almoço de olhos vermelhos” em: “Quando minha velha morreu ela, a menina chorou, chorou, andava por dentro de casa e (o que foi um grande prejuízo, pois recebia a pensão deixada pelo marido).” (L.39 e 42) mostra que em primeiro lugar está a relação do filho pela mãe com base no dinheiro, depois, a da empregada com a patroa, que parecia sentir, verdadeiramente, a perda. No parágrafo seguinte, essa impressão de sentimento pela patroa começa a ser desfeita com a substituição de “costume” por “verdade” em “Mas o tempo e o costume tudo podem” (L.45-46).

O acréscimo de “obrigada pela força do meu braço” na oração “Sentou-se de vez ao meu lado obrigada pela força do meu braço” (L.46) mostra que a moça relutava em fazer parte da família. O deslocamento de “e”, para antes do acréscimo de “já” e a substituição de

“entusiasma” por “entusiasmada” em “dava viesse em quem viesse e já dava os seus palpites entusiasmada nas passagens” (L.46-47) demonstram que a moça já estava bem à vontade na casa. A substituição de “empolgantes” por “interessantes” (L.48) em: “passagens mais empolgantes da telenovela” talvez tenha ocorrido porque empolgante é usado algumas vezes como sinônimo de entusiasmo, palavra utilizada na linha anterior. O acréscimo de “eu + que ela” em “Uma família, dois náufragos, eu + que ela” (L.49) deixa a impressão de que o homem sente-se mais carente que a mulher. O acréscimo da desinência modo temporal “va” em “suspira” (L.53) serve para adequar-se ao tempo verbal que o escritor vinha utilizando.

O parágrafo seguinte: “Não disse ainda, mas aqui digo, que pela vida desgarrada que levou e pela sua que muito me excita experiência na cama, sempre atento estive e estou atento a ela ou a qualquer homem, quando saímos, saindo para um cinema no bairro ou um sorvete no bar.” (L.55-58) mostra a insegurança do homem porque a mulher havia sido garota de programa, demonstrado através de “estive e estou sempre atento”, e por ela ser desgarrada da família. No entanto, a experiência da moça tem um aspecto positivo na cama, demonstrado pelo acréscimo “que muito me excita”. Essas informações induzem o leitor a acreditar que a afeição dela não é verdadeira.

O acréscimo de “e cinco” em “– Você sabe que faz vinte hoje vinte anos e cinco que a gente está junto” (L.63) e a supressão de “Quase” em: – Quase bodas de ouro – eu disse. (L.65) destacam que foram muitos anos de convivência, e o acréscimo de “quando raramente saímos para um cinema no bairro ou um sorvete no bar.” (L.68 e 69) revela que, apesar de todo esse tempo, o homem não via motivos para levá-la para passear e que poucas vezes saiam juntos, tanto que a frase “quando saímos para um cinema no bairro ou um sorvete no bar.” (L.58) na qual ele suprime “às vezes” e o acréscimo “quando raramente saímos para um cinema no bairro ou um sorvete no bar.” (L.69) são praticamente iguais, diferenciam-se quase que apenas pelo “raramente”.

O **testemunho 6** traz uma história semelhante à encontrada no **testemunho 5**, ou seja, servidor público desquitado, pai de um filho, que tem relacionamento com uma ex-garota de programa que trabalhava na casa de sua mãe, ele a engravida e nasce um menino.

A primeira substituição encontrada refere-se à idade da garota antes “dezenove e depois vinte e cinco anos” em “Veio enfim parar na casa de minha mãe Vinte e cinco anos.” (L.1-2), talvez essa substituição tenha ocorrido para tornar mais verossímil a história, uma vez que o escritor enumera uma série de acontecimentos trágicos que teriam que acontecer em um espaço de tempo muito curto, caso ela tivesse chegado à casa da patroa com apenas dezenove anos. Após essa modificação, Moreira Campos substitui “morta pouco tempo depois” por

“morreu cedo” (L.4) no trecho em que fala da morte da mãe da garota, em consonância com a primeira substituição, permitindo que as cenas sejam narradas em maior espaço de tempo e também por tornar mais imprecisa a definição do momento em que a mãe morreu, traço recorrente no processo de escritura dos contos estudados.

As substituições a seguir estão relacionadas ao aspecto sintático, o escritor retira o ponto e o substitui por vírgula, após “Dispensa”, e, para não torná-lo tão extenso, faz o movimento inverso, ou seja, troca vírgula por ponto no final da oração, após “mulheres”: “Dispensa, pôde comprar a passagem de ônibus e chegou à Capital, só, sozinha, ao Deus dará. Prostituiu-se, viveu em pensões de mulheres.” (L. 7-9).

Outro artifício comumente utilizado por Moreira Campos é a supressão de informações muito detalhadas sobre a vida da personagem, como: “dançava à noite ao som da orquestra.” (L.9), pois o narrador havia dito na linha anterior que a moça se prostituía, logo não seria preciso descrever com tanta precisão todas as suas ações. Suprime o trecho que havia acrescentado na entrelinha “esta diverte-se com os vizinhos” e substitui por “aí pela vizinhança”, que também é suprimido, posteriormente, em: “Gostava de crianças ficava olhando-as perdidamente” (L. 15-16), o foco da ação era a moça gostar de crianças, as descrições posteriores tornaram-se desnecessárias. Outro exemplo disso ocorre com a supressão de “Olhei-a. Tive a ideia de levá-la a um restaurante modesto” e a substituição por “churrascaria” em: “a uma churrascaria.” (L.70), uma churrascaria geralmente é modesta.

Mais uma vez o escritor utiliza a mudança no tempo verbal, agora, do pretérito imperfeito para o perfeito “enrolava-se” para “Enrolou-se nos braços” (L.14 e 15) e de pretérito imperfeito em: “gostava” para presente “gosta de” (L.15), “era” para “ainda é” (L.18), Essa mudança exigiu a alteração dos verbos subsequentes “encontrava” por “encontra” (L.21-22); “Brincava” por “Brinco” (L.25); “ria” por “Ela ri” (L.25); “era” por “é de rallo” (L.30); “dava” por “dá” (L.53 e 54). Outra mudança verbal é de pretérito imperfeito do subjuntivo para imperfeito do indicativo, uma vez que foi suprimido o advérbio “quando” antes de “e”, substituindo “levantasse” por “se levantava” e “metesse” por “metia” em “se levantasse e se metia” para adaptar a frase.

A substituição de “encantador” por “engraçado” (L.18) retira do texto a afirmação de que ele está seduzido pela moça e torna-a apenas agradável a seus olhos. O caráter do fiscal da Prefeitura é apresentado através de pequenas pistas que Moreira Campos deixa na narrativa, o acréscimo de “e foi logo no começo” em “a comi, e foi logo de começo” (L.26) e de “bem” e “e mãe velhice” em “ainda bem moça e mãe velhice pegou-me com uma de suas empregadas no quarto desta.” (L.28 e 29) mostram que era um homem desrespeitoso com as

mulheres, tanto que há a substituição de “Minha mãe” por “Ela” (L.28) e “mãe” por “velha” (L.30).

A supressão do advérbio de lugar, “aqui” em “razoável aqui na fiscalização” (L.35 e 36), assim como a supressão dos advérbios de tempo que já foram citados, contribuem para tornar a narrativa mais atemporal e sem a demarcação de lugar definido. O acréscimo de “apesar de moço” em: “Ele, apesar de moço, tem cargo bom e concursado no serviço federal.” (L.38 e 39) é um dos poucos acréscimos que traz a noção de tempo.

No trecho: “Desde então passou a vir para sala, ao meu lado para assistir à televisão (antes sentava-se na sua cadeirinha, à parte), embora de início, ainda se levantasse, quando e se metesse na cozinha quando alguém (um colega) colega da Prefeitura) chegava, ou quando meu filho e a mulher quando alguém (um colega da Prefeitura) chegava meu filho e a mulher chegavam, ou qualquer outra pessoa por acaso chegavam, ou qualquer outra pessoa (um colega da Prefeitura). Mas com o tempo foi ficando, contido pela força do meu braço. Sentou-se definitivamente e já dá seus palpites, entusiasmo, nas passagens mais interessantes das novelas.” (L.47-54); as intervenções que ocorreram entre as linhas 47-54 indicam que a moça não apenas estava na sala para assistir à televisão, mas que foi ocupar definitivamente um lugar na família e em pouco tempo já não se intimidava com a presença dos outros, tornara-se dona da casa. A substituição de “passou a vir para sala” por “instalou-se na sala”; a supressão de “(antes sentava-se na sua cadeirinha, à parte), embora de”; a supressão de “ainda”; o acréscimo de “se levantava”, antes de “quando”; a supressão de “quando” e a substituição de “metesse” por “metia”; a supressão dos trechos “quando alguém (um colega) colega da Prefeitura) chegava, ou quando meu filho e a mulher”, “alguém (um colega da Prefeitura) chegava meu filho e a mulher chegavam, ou qualquer outra pessoa” antes de “quando” e a substituição de “dava” por “dá” no parágrafo: “Desde então instalou-se na sala, ao meu lado para assistir à televisão, início, se levantasse se levantava, quando e se metia na cozinha quando por acaso chegavam, ou qualquer outra pessoa (um colega da Prefeitura). Mas com o tempo foi ficando, contida pela força do meu braço. Sentou-se definitivamente e já dá os seus palpites, entusiasmo, nas passagens mais interessantes das novelas.”(L.47-54).

A supressão de “o menino” antes de “mexer-se” em: “Eu punha a mão na sua barriga, sentia o menino mexer-se o menino ou menina.” (L.59) torna o texto mais verossímil, pois em nenhum momento foi dito que ela havia descoberto o sexo do bebê. O mesmo ocorre na substituição de “testa” por “rosto” em “, soprava e enxugava o suor da testa, pedindo ar” (L.58), pois seria impossível suar apenas na testa diante de um esforço tão grande.

O deslocamento de “rapazinho” em “Almoçamos em casa mesmo, o nosso rapazinho, que é bonito, ao lado.” para o final da frase “ao lado, o nosso rapazinho, que é bonito.” (L.71 e 72) destaca a posição do filho na família.

Ao final do texto datiloscrito, o escritor reescreve o parágrafo que havia suprimido com datiloscrito de X (L.47-50) em que fala da aceitação do filho e da mulher com relação ao caso que tem com a empregada.

No **testemunho 7**, a narrativa é praticamente a mesma encontrada no testemunho 6, cujas modificações foram aqui incorporadas. Há somente três alterações: a primeira no sétimo parágrafo – a substituição da oração “A primeira vez que a que a comi foi” por “Eu a possui pela primeira vez” (L.22) – torna a frase menos grosseira; a segunda, o acréscimo na entrelinha superior de “brincalhão que é” no trecho: “filho, brincalhão que é, ao despedir-se” (L.37-38) que caracteriza melhor o filho do servidor e justifica a terceira alteração, a supressão de supressão de “pilheriou” (L.39), se ele era brincalhão, desnecessário seria dizer que ele pilheriou.

Podemos considerar que este testemunho apresenta um texto em estado mais avançado de elaboração. Título parecia estar definido, a caracterização das personagens e a estrutura já estavam mais bem definidas.

O último testemunho do conto, **testemunho 8**, reúne praticamente todas as características do estilo do escritor encontradas nos 7 testemunhos anteriores, ou seja, a redução da descrição das personagens, a mudança no tempo verbal e a supressão de elementos que demarquem o tempo. Além disso, o texto está mais bem elaborado, uma vez que não repete as informações, como nos anteriores em que foram utilizados dois parágrafos para dizer que a garota havia chegado à casa da patroa “Veio enfim parar na casa da minha mãe” (L.1, test.7) e “Foi quando deu com os costados na casa de minha mãe” (L.1, test. 7).

Embora o primeiro parágrafo do texto fale sobre a garota, praticamente não há descrição física ou informações sobre sua vida, a não ser sobre a idade: “pela faixa de trinta anos” (L.5 e 6). O leitor teria conhecimento dela através das pistas que o escritor deixou ao longo da narrativa.

Os primeiros acréscimos: “que fora da minha mãe” (L.1 e 2) e “andava cansado” (L.4) em: “Ela chegou à minha casa depois que a empregada velha e já quase caduca que fora da minha mãe morreu no hospital.” (L.1-2) e “Já andava cansado, sem poder, de comer em restaurantes” (L.4) sugerem ao leitor a noção do tempo, pois como acompanhamos, são retirados muitos advérbios de tempo e não há demarcação precisa.

A supressão de “a empregada nova,” (L.5) justifica-se pelo fato de ter sido dito nas primeiras linhas do texto que a moça chegara logo após a morte da empregada velha, ou seja, veio substituí-la, redundante seria se permanecesse tal expressão.

No parágrafo seguinte, a substituição de “com o seu” (L.8) por “metida no” (L.8) em: “Ia ali à minha frente, passiva e dócil com o seu próprio vestido com que trabalha” deve-se porque o escritor irá acrescentar “com que trabalha” (L.9), logo evita a repetição da preposição e passa para o leitor a impressão de que a moça não planejava ir ao quarto do homem, dormia com a mesma roupa com que trabalhava. A substituição de “Foi ao” por “Procurou o” em: “Foi ao banheiro e veio para minha cama.” (L.10) torna o texto mais verossímil, pois se era a segunda noite em que a empregada estava na casa, ela não conhecia bem o quarto do homem, se é que já havia ido lá, e se fosse direto ao banheiro, ficaria subtendido que sabia onde ficava. Em: “– Fui prejudicada por um tio meu, menina. Quatorze anos. Adiantou ainda, qualquer coisa mais, vagamente” o deslocamento de “ainda.” (L.17-18) pode ter ocorrido porque já havia o adjetivo “meninota” para indicar que ela ainda era nova, então ele desloca para depois de “Adiantou” (L.18), que por sua vez justifica a supressão de “mais” depois de “coisa” em “coisa vagamente” (L.19).

Há a substituição do tempo de pretérito imperfeito pelo presente, indicando que é uma característica inerente da moça, “Distraia-se” por “Distrai-se” e o acréscimo de “da vizinhança” em “Distrai-se com crianças da vizinhança sobretudo se pequenas. olha-as perdidamente. (é assim com as da vizinhança, quando por acaso as encontra)” (L.24-25). A supressão de “Beija-as, cheira-as” em: “Beija-as, cheira-as olha-as perdidamente” retira a ideia de que havia intimidade entre ela e as crianças.

Na linha 30, há substituição de “porque” por “se por” e a substituição de “sabe escrever” por “escreve” em “Não sei porque milagre, sabe ler um pouco, soletra, mas não sabe escrever.” (L.30) a primeira substituição destaca a surpresa do homem com o fato da moça saber escrever, permite ao leitor imaginar como deve ter sido difícil a vida dela, que, provavelmente, tenha deixado de estudar para trabalhar, através de poucas palavras é possível inferir-se muitas informações sobre cada personagem. Na linha seguinte, a substituição de “Ainda hoje a” por “Encontra-a” (L.30) deixa aparente, novamente, que o escritor retira a maioria dos elementos que possam determinar o tempo em que ocorrera a ação, fazendo com que o leitor detenha-se na ação e não nos elementos que a circundam.

As intervenções que se seguem estão ligadas à relação entre pai, filho. O trecho “que é bem moço, por assim dizer, quase um menino,” é substituído por “que se casou muito cedo e é comerciário”; a supressão de “atarefado com o seu emprego no serviço federal.” e a

substituição de “pode aparecer-me” por “foi possível aparecer-me” (L.37-39), provavelmente, justificam o comportamento do filho ao ir visitar poucas vezes o pai, tanto que ele retira o “quase menino” e substitui pela profissão, comerciário, depois servidor federal, sendo comerciário o rapaz teria um horário de trabalho menos flexível do que um funcionário público, no entanto, demonstra mais *status*.

A supressão “à mim a e nova empregada,” em: “já nos encontrou, a mim e à nova empregada, instalados na sala” (L.40) e a substituição de “moça” por “companheira” em: “Minha moça até quis fugir.” (L.41 e 42) relacionam-se com a aceitação da moça pela família, talvez por esse motivo tenha feito a substituição de “moça” mais impessoal por “companheira” alguém que está sempre presente, faz parte da família.

O estudo dos testemunhos de *Os caminhos* mostra que o escritor em cada manuscrito foi reduzindo a descrição de ações e das personagens, não mais falando sobre a vida pessoal delas, apenas narrando um fato específico, o dia da chegada da moça à casa do homem. Tudo se voltou para o casal, permanecendo um ponto único sobre a vida deles, o dia em que se conheceram, ou seja, o momento em que se inicia o enredo do conto. Moreira Campos retirou algumas informações e as substituiu por pistas sobre os fatos, permitindo que ao leitor participar ativamente da construção da narrativa.

Para entender como Moreira Campos trabalhou e conseguir visualizar também as “marcas invisíveis” (CARVALHO, 2002), na construção de *Os caminhos* (ver Apêndice B) e de *A nova empregada* (ver Apêndice C), textos com maior quantidade de testemunhos, elaboramos um quadro cotejando os testemunhos dos dois contos. Como os outros quatro restantes possuem uma quantidade menor de testemunhos, não elaboramos um quadro para eles, pois a visualização da redução é feita através do estudo detalhado de cada movimento genético. Por se tratar de uma edição genética, não buscamos estabelecer o texto final e também não partimos de uma versão final, já que o texto é inédito, mas sim do texto em seu nível terminal, que, segundo Duarte (2012, p. 59) é aquele que: “[...] corresponde à lição patente no testemunho em que o autor interveio pela última vez, em muitos casos não representando aquilo que seria a vontade final do autor, por este entretanto ter abandonado o processo.”

Esse quadro teve como base o modelo proposto por Isabel Novais (2004), em *Jacob e o Anjo*: a construção do texto dramático em José Régio, e apresenta a comparação de trechos semelhantes entre os testemunhos dos dois contos tendo como base o último testemunho e os trechos respectivos dos testemunhos anteriores a este.

O quadro do confronto sinóptico deve ser lido da seguinte forma, na coluna da esquerda estarão identificados, após o título dos testemunhos, os números da coluna esquerda correspondem às linhas da transcrição linearizada do trecho datiloscrito, na coluna da direita, a primeira linha será preenchida com um trecho do testemunho 8, em negrito; nas linhas abaixo, estarão os trechos correspondentes identificados nos testemunhos de 7 a 1, em ordem decrescente. Alguns trechos do último testemunho não terão correspondentes nos testemunhos iniciais, e vice-versa, nesses casos apenas descrevemos os trechos dos testemunhos que os contém, por esse motivo elaboramos o quadro em ordem decrescente (ver Apêndice A).

4.2 Estudo crítico dos testemunhos genéticos de *A nova empregada*

Os cinco testemunhos narram a história de uma empregada que procura agradar sempre a patroa, mas na verdade está apenas interessada em livrar-se dela para ficar com o seu apartamento e transformá-lo em local de encontros.

Dos cinco (5) testemunhos desse conto, quatro (1-4) registram intervenções e o quinto (5) é texto passado a limpo, sem rasuras. As diferenças entre os textos dos testemunhos referem-se não ao enredo da narrativa, mas à estrutura dos parágrafos e à supressão de informações sobre a descrição física e de ações de personagens.

No **testemunho1**, Moreira Campos narra a história com grande número de descrições sobre as ações de Benedita, a empregada, preenchendo praticamente toda a primeira folha com seus gestos e lembranças que Lúcia, a patroa, tinha da convivência com ela. A segunda folha apresenta como foco a patroa, seu comportamento no Instituto onde trabalhava, a amizade com Neide, colega de trabalho, e a figura de Marcos, um possível pretendente de Lúcia. Porém, é apenas no fim da terceira folha que o escritor inicia um parágrafo em que fala sobre o que teria acontecido com a patroa. Após esse parágrafo, depois da linha pontilhada, passa a reescrever o início da narrativa, enfatizando a descrição da patroa e reduzindo a da empregada, mas o abandona.

Esse testemunho funciona como um roteiro para os seguintes, principalmente, os parágrafos que foram datilografados após o possível fim do texto do testemunho 1, pois as frases são tópicos que aparecerão desenvolvidos nos testemunhos posteriores, por exemplo, o trecho: “Lúcia sentia compreendia Os olhos grandes, crescentes e blandiciosos de Beatriz, a nova empregada. E logo mais temporas grisalhas o senhor elegante, que acendia o cigarro com o isqueiro, protegendo a chama. Não sabia porque essas temporas grisalhas, de prata, ficaram-lhe impressas nela, Lúcia. Muitas coisas lhe ficaram impressas. O cheiro repentinamente nau-

-seante das flores murchas.” (L. 105-110) em que Lúcia lembra dos olhos da empregada, que agora se chama Beatriz, estará presente no primeiro parágrafo do testemunho 2: “O cheiro ativo das flôres murchas no jarro da mesa” (L.1) e “os olhos melífluos e rasgados de Beatriz, a nova empregada” (L.3). A frase em que ela diz lembrar-se do homem grisalho será desenvolvida no final da história do testemunho 5: “Surpreendeu-se, em grande pasmo, de encontrar na sala, junto à mesa, um homem de têmporas grisalhas, elegante, que precisamente naquele instante acendia o cigarro com o isqueiro.” (L.75-77). Cabe aqui voltarmos nossa atenção para a mudança no nome da empregada, que passa de Benedita para Beatriz. Embora os dois nomes tenham o mesmo significado, abençoada, segundo Scottini (1999, verbete), consideramos Beatriz um nome sofisticado, talvez já fazendo alusão ao final do texto em que a personagem passa de empregada para dona de uma casa de recurso, conhecida como Madame Beatriz.

As supressões no **testemunho 1** visam diminuir a quantidade de descrições físicas de ações tanto da empregada quanto da patroa, por exemplo, as supressões de “a voz macia, blandiciosa, ao lado da mesa, no almoço de sábado” em: “a nova empregada com umas sobras de pintura, a sua voz macia, blandiciosa, ao lado da mesas, no almoço de sábado”(L.3-5); e de “Voltava a examinar no Espelhinho” em: “O braço estivera morto. Voltava a examinar no espelhinho (L.18-19).

Há algumas substituições para corrigir erros de datilografia e outras que trazem mudança no sentido do texto, são estas últimas as analisadas aqui. A substituição do substantivo “amor” por “interesse” em: “O seu amor às flores” (L.11) traz para a narrativa a primeira pista a respeito do comportamento de Benedita, e do motivo de suas ações. Na descrição de Benedita, Moreira Campos suprime a frase “Era muito delicada, maneirosa” (L.67-68) e a substitui por “mulata muito maneirosa” (L.67-68), destacando assim a competência da empregada. Além disso, o primeiro qualificativo seria inverossímil no caráter a ser construído. Há apenas dois acréscimos, o primeiro, uma ação de Beatriz na frase: “recuando um pouco para sentir o efeito” em: “ela própria descia até o mercado e voltava com palmas de avencas e margaridas, que distribuía pelos jarros da sala e do quarto, recuando um pouco para sentir o efeito, cuidava particularmente do quarto de Lúcia.” (L.12-14) e o segundo, sobre Marcos, pretendente de Lúcia, “formulava votos.” em: “Dr. Miranda já viera, muito delicado, em seu nome e do do Presidente, formulava votos.”

No **testemunho 2**, alguns trechos que foram retirados no **testemunho 1** reaparecem aqui, mas Moreira Campos continua suprimindo a descrição das ações e as características das personagens, como podemos observar : “O ventilador nôvo, trazido por Neide, a colega Será

que já teria sido presa? O inspetor estivera Lúcia (L.22-23); “Curvava-se para apanhar o espelho na mesa mesinha de cabeceira e tate” (L.25); “Suspendera as Afastara temporariamente as sessões do Centro Esotérico” em: “Suspendera as Afastara temporariamente as sessões do Centro Esotérico frequentadora, aos domingos das sessões do Centro Esotérico.” (L.29); “o serviço americano posto com muito capricho” no trecho: “A mesa do café já estava servida, o serviço americano posto com muito capricho porque Lúcia saia cedo” (L.51-52); “As outras colegas também chegavam” em: “As outras colegas também chegavam Ralhava com Lúcia, que adquirira o hábito de beliscar (L.73-74) e a supressão de “desfrutava de algum prestígio” em: “Lúcia desfrutava de algum prestígio servia na presidência.” (L.80). O trecho suprimido da L.25, na primeira folha deste testemunho, foi reescrito em um parágrafo posterior, mas de forma menos extensa, suprimindo “espelhinho de mão” e substituindo por “espelho” em: “pedia o espelho em cima da penteadeira” no trecho: “o hábito de beliscar a mão direita, cujos dedos ainda sentia dormente, pedia o espelhinho de mão espelho em cima da penteadeira, para examinar o repuxo no canto do olho” (L.74-76).

As rasuras, em sua maioria, são de supressão, por exemplo: “Depois na sala, conversava-se tudo em voz baixa” (L.95) com a supressão de “em voz baixa” fica: “Depois conversava-se tudo na sala” (L.96); e de substituição, principalmente, no parágrafo em que o escritor fala dos sintomas do mal-estar de Lúcia, há a substituição de “a mão direita, cujos dedos ainda sentia dormente,” por “o braço direito que estivera dormente” (L.74-75); a substituição de “mesa” por “penteadeira” em: “o ventilador novo que ela trouxera girava silencioso em cima da mesa.” (L.30-31).

No **testemunho 3**, a narrativa se inicia com a descrição física e das ações de Beatriz. Os parágrafos seguintes apresentam um pouco da vida de Lúcia, o ambiente de trabalho, a amizade entre ela e Neide e a caracterização de Marcos, pretendente de Lúcia, segundo Neide. A história segue com as lembranças da patroa sobre o comportamento exemplar da nova empregada. É neste testemunho em que pela primeira vez o texto chega a ter um final, ainda em fase de elaboração, mas já com todo o esboço do que teria ocorrido com Lúcia.

As intervenções mantêm a direção encontrada nos testemunhos anteriores, ou seja, supressões de descrições de ações das personagens, por exemplo, a supressão de “na tábua da mesa” em: “Lúcia isolava. na tábua da mesa.” (L.36); de “tinha dificuldade de meter a cinta” (L.49) e substituição para redução das orações, por exemplo: substituição de “se contrariasse com o volume da barriga, que resistia à cinta frente ao espelho do guarda-roupa” por “engordava” em: “embora Lúcia se contrariasse com o volume da barriga, que resistia à cinta frente ao espelho do guarda-roupa (L.48); e de locuções adjetivas transformando-se em

adjetivo: “de mulher de muita experiência” para “experiente dona de casa” (L.1-2), essa alteração contribui para a caracterização de Beatriz como uma pessoa de confiança, de experiência restrita às funções de dona de casa. A tendência ao implícito torna-se mais aparente quando Moreira Campos fala das relações entre as personagens, como no testemunho 1, ao substituir “amor” por “interesse” no momento em que fala da relação de Beatriz com as plantas; no caso de Lúcia e Marcos, substitui “cedesse” por “viesse a gostar” em: “Lúcia cedesse a Seu Marcos, homem pautado, econômico” (L.18-19), ceder implica em submissão, que foi algo por obrigação, se dar por vencida, traços que não encontramos em “viesse a gostar”. O uso do pretérito imperfeito indica uma possibilidade, não uma certeza. O último exemplo de substituição muda qualitativamente a relação entre as personagens com a substituição de “interessada” por “protetora” em: “Neide, a colega amiga e interessada” (L. 71-72), referindo-se à amizade entre Neide e Lúcia. Os acréscimos ocorrem para esclarecer, complementar o sentido, por exemplo, “drágea” em “– Pode tomar logo uma drágea aqui mesmo” (L.81) e “do apartamento” em “Procurou a chave do apartamento na bolsa” (L.100).

O texto do **testemunho 4** contém alguns trechos que estavam presentes no **testemunho 3**, porém descritos com menos riqueza de detalhes, como é possível ver no quadro 11 (Apêndice C). É notável uma preocupação maior com a estrutura textual, por exemplo, no testemunho 3 havia um parágrafo com 22 linhas, neste, os parágrafos são geralmente de 7 linhas.

No final da folha 3, Moreira Campos tenta reescrever o desfecho do conto e depois risca parte do que foi escrito. Nesse trecho, encontramos de forma mais detalhada a descrição do momento em que Lucia passa mal:

“Correu até o banheiro, mas ainda vomitou sôbre o tapete da sala. mas ainda vomitou sobre o tapête.

Tentou correr até o banheiro, mas sem triunfo, se apoiou parede ainda lançou sobre o tapete da sala a primeira golfada de vômito.” (L. 117-120).

O escritor reduz as descrições de ações e características das personagens, suprimindo os trechos seguintes:

“Deveria repetir-se sempre: todos os dias, sob todos os pontos de vista, vou cada vez melhor.

De qualquer modo, Neide era a colega protetora” (L.54-56).

“e ali mesmo, sem socorro de alguém, a porta aberta, a bolsa jogada em cima da mesa, começou a vomitar sôbre o tapete.” (L.115-116).

O **testemunho 5** tem uma narrativa mais elaborada, vemos que algumas intervenções, principalmente as do testemunho 4, já aparecem incorporadas ao texto, como, por exemplo, a tentativa de reescritura do final do texto do testemunho 4 (L.117-118), está no testemunho 5 “Correu até o banheiro, mas ainda lançou sôbre o tapête a primeira golfada de vômito.”(L.88);

o parágrafo que estava reescrito no verso da folha 3 do testemunho 4, está no testemunho 5 “De manhã, ainda muito cêdo, Lúcia ouvia na cama quando Beatriz cautelosamente dava a volta à chave emperrada na porta de entrada de serviço. De início, talvez até andasse nas pontas dos pés. O ruído leve de atritos de painéis. Eram atenções, cuidados, que cativavam Lúcia.” (L 26-29); as intervenções do testemunho 4, nas linhas 89-91, são incorporadas no 5: “O elevador enguiçou mais uma vez no terceiro andar. Ela voltou a comprimir repetidamente o botão. Procurou a chave do apartamento na bolsa.” (L.73-75).

No conto *A nova empregada*, aconteceu o mesmo processo encontrado em *Os caminhos*: o escritor, nos primeiros testemunhos, iniciava a história com a caracterização das personagens secundárias e nos últimos já com as da personagem principal.

A leitura das narrativas encontradas nos cinco testemunhos nos mostrou que em um primeiro momento, o escritor utiliza muitos trechos para a construção da caracterização da empregada, principalmente no **testemunho 1** em que praticamente a primeira folha inteira está destinada a isso. A segunda folha desse testemunho apresenta a descrição da patroa, restando pouco espaço para a escritura da história. A narrativa desse testemunho é marcada pelo encadeamento de ações que não chegam a convergir para um final, tanto que nos últimos parágrafos foi reescrito o início. A supressão predomina nesse primeiro testemunho, no qual encontramos também substituições datiloscritas e manuscritas, estas em um momento de retomada da leitura do texto. Praticamente todas essas intervenções foram feitas para suprimir ou modificar as ações de personagens.

No **testemunho 2**, a narrativa torna-se mais dinâmica, pois ao invés de descrever as características de forma minuciosa, Moreira Campos começa a destacar as ações que deixam implícito o caráter de Beatriz, por exemplo, a pergunta que Lúcia faz para Neide: “Ela já fôra presa?”(L.26). Além disso, as descrições dos sintomas do mal-estar, como: vômito, dor de cabeça etc, mostram as consequências da tentativa de envenenamento sofrida por Lúcia.

O **testemunho 3** apresenta uma mudança significativa no que diz respeito à estrutura da narrativa: uma vez que a história se inicia com a descrição da personagem principal e não das lembranças de sua patroa, que se torna personagem secundária. O foco desse terceiro testemunho é a empregada e, principalmente, a conformação de seu caráter, tanto que é invertida a ordem de alguns parágrafos, os elogios de Lúcia para Beatriz são destacados, a relação entre elas é comentada no local de trabalho da patroa. É nesse testemunho que o homem grisalho deixa de ser apenas uma lembrança de Lúcia e aparece em seu apartamento acendendo um cigarro, ponto em que o texto chega ao final. Embora as supressões ainda ocorram aqui, nesse testemunho a rasura mais utilizada é a substituição manuscrita, quando o

escritor já havia retirado o texto da máquina e ajustava uma narrativa mais elaborada, ultrapassando o estágio de construção do texto. As mudanças são principalmente com relação ao tempo verbal ou para precisar detalhes relacionados à descrição dos lugares, por exemplo: a substituição de “voltar” por “voltava” e o acréscimo de “para casa”, em: “voltar para casa quase às nove horas da noite” (L.43); substituição de “no lanche” por “na mesa do restaurante”, em: “As colegas, no lanche” (L.34).

A tendência a construir com mais precisão o caráter de Beatriz, apresentada no testemunho 3, permanece nos testemunhos 4 e 5. Moreira Campos continua a mudar a ordem dos fatos para deixar bem marcado o caráter cínico da empregada, de forma que traz para a primeira folha, além dos elogios que Lúcia lhe faz para as colegas de trabalho, os cuidados que ela tem com Lúcia e o tratamento gentil que dispensa à Neide.

No **testemunho 4**, o escritor insere o diálogo do homem grisalho com Lúcia e ao leitor fica claro que ali era a casa de prostituição da madame Beatriz. É nesse momento que Moreira Campos dá mais indícios de que Beatriz tentara envenenar Lúcia para ficar com o apartamento. As supressões e substituições também são as rasuras que mais aparecem neste testemunho, e recaem sobre as ações das personagens e os tempos verbais. Os poucos acréscimos destacam o comportamento gentil de Beatriz, e mascaram suas intenções.

Pelo que foi dito, podemos ver que Moreira Campos tende a tornar a narrativa mais concisa descrevendo apenas ações essenciais e ao leitor cabe inferir o desfecho; as de menor importância, como, por exemplo, uma série de lembranças de Lúcia sobre Beatriz, de detalhes nas descrições físicas de Lúcia são suprimidas e dando espaço à construção do caráter da empregada e a sugestão de que ela envenenou a patroa para ficar com seu apartamento sem que em nenhum momento haja referência explícita a tais fatos.

Para melhor visualizar o processo de redução ocorrido nos testemunhos de *A nova empregada*, utilizamos o quadro 11 (Apêndice C) para o confronto sinóptico, que segue a mesma metodologia apresentada no quadro 9 (Apêndice A).

Observando as várias campanhas de escritura encontradas no conto *A nova empregada*, é possível dizer que Moreira Campos busca o implícito, reduzindo suas narrativas a fim de que, através das sugestões, o leitor construa com ele a história. Embora alguns trechos do **testemunho 5** pareçam ser maiores do que os dos testemunhos 1,2,3 ou 4, é possível perceber que esse aumento no tamanho da escrita não implica necessariamente na ampliação do sentido. Geralmente, em Moreira Campos os acréscimos tendem a ocorrer com vista a satisfazer o princípio da economia narrativa, se pensarmos que o acréscimo quase sempre é para aumentar o foco em uma única personagem. Exemplo disso, temos nos

parágrafos iniciais em que ele detalha com precisão as características de Beatriz para em seguida dar destaque à Lúcia e assim por diante.

Ainda sobre o estilo econômico de Moreira Campos, destacamos que praticamente todas as supressões nos mostram que ele segue a tendência a que se refere Duarte (1993), a de redução.

Quando o autor pretende depurar o seu enunciado primitivo de passagens menos estéticas ou significativas, por um lado, ou tornar a mensagem que veicula representativa de uma “generalidade” que vai sendo deduzida de acções, factos e personagens particulares. Regra geral, este fenómeno funciona sobre o eixo sintagmático (em termos de maior ou menor extensão de um lugar do enunciado), embora também implique alterações a nível conceptual, mas sempre com vista a satisfazer o princípio da economia narrativa (DUARTE, 1993, p.32).

Esse princípio torna-se evidente quando observamos que as poucas rasuras de acréscimos funcionam como uma forma de precisão lexical e narrativa para caracterizar melhor o cenário ou as ações das personagens. A economia de significados pode ser percebida quando as substituições deixam de ter interesse predominantemente linguístico e passam a exercer implicações na construção das personagens, por exemplo, quando a descrição de Lúcia cede espaço à caracterização do perfil de Beatriz.

Ao trabalhar no sentido de reduzir o seu texto, Moreira Campos consegue narrar mais com menos palavras, prova disso, é que ele narra duas histórias em uma só, a primeira seria a de Beatriz, e a segunda, narrada em segundo plano, a da vida pessoal de Lúcia, solitária, talvez, por isso, uma vítima perfeita para o golpe da empregada. Piglia (2004) descreve muito bem o que acabamos de dizer:

I

“Num de seus cadernos de notas, Tchecov registra esta anedota:

‘Um homem em Monte Carlo vai ao cassino, ganha um milhão, volta para casa, suicida-se’. A forma clássica do conto está condensada no núcleo desse relato futuro e não escrito.

Contra o previsível e o convencional (jogar-perder-suicidar-se), a intriga se oferece como um paradoxo. A anedota tende a desvincular a história do jogo e a história do suicídio. Essa cisão é a chave para definir o caráter duplo da forma do conto.

Primeira tese: um conto sempre conta duas histórias.

II

O conto clássico (Poe, Quiroga) narra em primeiro plano a história 1 (o relato do jogo) e constrói em segredo a história 2 (o relato do suicídio). A arte do contista consiste em saber cifrar a história 2 nos interstícios da história 1. Um relato visível esconde um relato secreto, narrado de um modo elíptico e fragmentário.” (PIGLIA, 2004, p.89).

Além disso, o exame das rasuras deixa claro o esforço do contista para reduzir o conto ao essencial, regra seguida por ele em seu processo de criação. Assim, dizia que seu trabalho era:

— Lento e consciente. Sempre fiel ao conto (8 livros, ao todo, no gênero). Não tenho um romance, sequer uma novela ou peça de teatro. O conto me atrai pela sua unidade, dinamismo, síntese, implícito ou sugestão. Humberto de Campos dizia, se não estou enganado, que as casas de Machado de Assis não tinham quintal. As minhas, também não. Interessam-me a sala e a intimidade cúmplice do quarto, da camarinha, da alcova. Isso equivale a dizer: seduz-me o ser, o homem, com sua precariedade, vulnerabilidade, o seu abismo e circunstância (CAMPOS, 1986, p. [1]).

Os exemplos de rasuras destacados no estudo crítico-filológico dos testemunhos nos permitem dizer que as supressões e substituições contribuíram para tornar o texto mais conciso; as últimas ocorreram para mudança de tempo verbal, demonstrar o tipo de relação entre as personagens ou para apresentar com mais precisão a descrição delas. Com relação aos acréscimos, em menor quantidade, atenderam à necessidade de tornar mais claro o texto, descrever com mais precisão a ação ou personagem ou para situá-las no espaço da narrativa. Notamos que, com a redução da descrição do cenário, das características das personagens e ações, os parágrafos tornam-se mais curtos condensando os assuntos. A mudança na ordenação dos parágrafos possibilitou uma construção mais precisa do caráter de Beatriz.

Se observarmos atentos a história narrada no conto, veremos que não há a descrição de grandes acontecimentos, há apenas as sugestões. As cenas mais relevantes seriam as do possível envenenamento, a prisão da empregada ou a da possível morte da patroa, mas nenhuma dessas está presente no conto. O que podemos dizer com isso é que na construção deste conto Moreira Campos produz uma narrativa com o estilo muito semelhante às de Tchecov, sem muitas ações, registrando os acontecimentos de forma sucessiva, rompendo com a construção tradicional, em que previa uma ação, com desenvolvimento, clímax e desfecho. O resultado dessa ruptura é uma narrativa cuja estrutura de começo, meio e fim fogem ao tradicional, ou seja, está mais em concordância com os mestres do conto que ele admirava: Tchecov, Maupassant e Machado de Assis.

Através desse estudo podemos ver como Moreira Campos arquitetou seu conto *A nova empregada* e acreditamos que, com o estudo crítico-filológico dos outros quatro que compõem o *corpus* de nossa tese, será possível identificar se ele se mantém fiel ao padrão de redução da descrição das características das personagens e de suas ações adotado no conto que aqui apresentamos ou se opta por retirar outros elementos do texto, de modo que

consigamos identificar todos aqueles que tornaram seus contos mais curtos, dinâmicos, essenciais. Assim poderíamos expor as estratégias utilizadas por ele na construção de narrativas inéditas que consideramos pertencentes à segunda fase de sua criação ficcional.

Os dois contos estudados até o momento apresentaram uma grande quantidade de testemunhos, por esse motivo elaboramos o quadro sinóptico, já os que seguem, por terem menos testemunhos, não trarão o quadro de confronto sinóptico, embora as narrativas, mesmo contendo uma quantidade menor de versões, ainda apresentem intervenções significativas para a compreensão do processo criativo do escritor.

4.3 Estudo crítico dos testemunhos genéticos de *O elevador de carga*

Os três testemunhos do conto em questão trazem a história de um enfermeiro que burla as regras de boa conduta do hospital, suborna funcionários para desviar suprimentos médicos para seu ambulatório particular, falta ao trabalho e, por fim, dentro do velho elevador de carga, abusa sexualmente de uma paciente que ainda estava anestesiada.

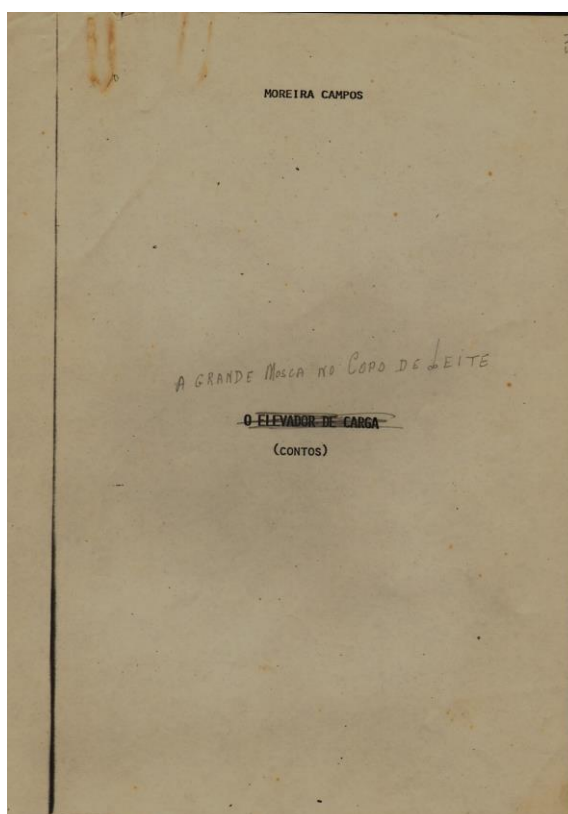
Há poucas diferenças no texto encontrado nos três testemunhos, talvez porque duas cópias desse testemunho já estivessem dentro da prova gráfica do livro que inicialmente foi intitulado *O elevador de carga*, como dissemos, e foi retirado antes da publicação, sob o título *A grande mosca no copo de leite*. Dos contos estudados aqui, este foi o que esteve mais próximo à publicação, uma vez que chegou à gráfica e foi composta a prova e intitulava a obra. Em entrevista ao jornal *Diário do Nordeste* (1984), Moreira Campos fala sobre a mudança de título desse livro:

O título inicial é *O elevador de carga*, totalmente apóético, mas que não deixa de ser misterioso. Perguntará o leitor: que elevador é esse? O que ele vai nos trazer? Para onde nos levará? São indagações que ficam obrigatoriamente. Mas, depois, escrevi um conto a que dei o título meio chamativo de “A grande mosca no copo de leite”. Pedi à editora que incluísse o conto e mudasse o título, que deverá ser, portanto, este: *A grande mosca no copo de leite*. O título funciona, porque não haverá leitor que não queira saber que diabo de mosca é essa e que copo de leite é esse... Nele há um erotismo latente... E lá vem a brancura, a brancura do leite, a terrível brancura de que já falei...

Tal estratégia não é utilizada apenas nesse conto, pois em outros o título inicial foi modificado: *Portas fechadas* era *Raimunda*, *Os estranhos mendigos* era *Tentaram assalto ao comércio*, *Mulher terrível*, publicado em *A grande mosca no copo de leite*, era *Violação do sacrário*. Ao fazer essa mudança, o autor deixa que o leitor descubra a história do conto, trabalha com a informação implícita, o que não ocorria com os títulos *Portas fechadas*,

Tentaram assalto ao comércio e Violação do sacrário, Além disso, muitas intervenções que estão no texto encontrado nos testemunhos tendem a tornar as informações menos explícitas, aguçando a curiosidade do leitor. A imagem 60 apresenta a intervenção do escritor no título do livro.

Figura 72, folha de rosto de *O elevador de carga*



FONTE: Acervo do Escritor Cearense (AEC-UFC)

A primeira rasura encontrada no **testemunho 1** é a supressão do “s” da palavra “cargas”, em *O elevador de carga*. Essa supressão induz à compreensão de que isso se dá porque no conto em questão o elevador utilizado para o transporte de cargas serviu para levar uma paciente, talvez fosse essa a carga referida no título. Em seguida, temos a substituição de “Posto de Socorro” por “Ambulatório Geral”, que, posteriormente, é riscado e substituído por “Posto Geral de Socorro”, no trecho: “Ele é enfermeiro do Posto de Socorro Geral onde os interessados pelos doentes aguardam na portaria” (L.1-2) A substituição de “posto” por “ambulatório” tornaria a narrativa inverossímil, uma vez que ambulatório é uma enfermaria sem leitos, logo a paciente não poderia ser internada e operada lá, o que tornaria inviável o

desenrolar da trama. A substituição de “Ambulatório Geral” por “Posto Geral de Socorro” torna o local apropriado, pois o posto recebe pacientes para uma determinada permanência e a adjetivação “Geral de Socorro” traz possibilidades maiores de tipos de atendimento que podem ser feito, permitindo, inclusive a realização de cirurgias, como é o caso da personagem do conto.

O acréscimo da conjunção “enquanto” em: “afastados pelo guarda, enquanto no banco” (L.5-6) traz para o texto a noção de tempo, mostrando uma sequência de fatos que acontecem dentro do posto, que descrevem o cenário do texto, mesmo que o foco esteja na ação do enfermeiro. Essa forma de narrativa possibilita ao leitor saber como funcionava o local de trabalho do enfermeiro, e torna o texto mais verossímil, através dessas descrições, de modo que a leitura atenta permitirá colher informações sobre o comportamento da protagonista.

A substituição de “pequeno” por “seu próprio”, em “Mantém no fundo da casa o seu próprio ambulatório” (L.9) justificará o desvio de remédios pelo enfermeiro para abastecer seu próprio negócio. Ainda na linha 9, há a supressão dos parênteses e substituição por ponto final, a substituição de “palma da mão” por “concha da mão” (L.11). no trecho: “(na velha pasta, desvia remédios e material do Posto, com muita cautela, ou escorregando a gorgeta na palma da mão para o colega encarregado do depósito)” (L.9-11). Caso a pontuação inicial fosse mantida, o período ficaria muito extenso, dificultando a assimilação do conteúdo. Após as alterações o trecho passa a ser: “Na velha pasta, desvia remédios e material do Posto, com muita cautela, ou escorregando a gorjeta na concha da mão para o colega encarregado do depósito.” (L.9-11) o que torna o texto mais preciso pelo fato de o enfermeiro ao subornar o outro funcionário do posto, não poderia repassar-lhe o dinheiro de forma explícita, na palma da mão, teria que fazê-lo discretamente.

As linhas 13 e 14 apresentam outro exemplo de substituição na pontuação: de vírgula por ponto final: “sarja o tumor, enquanto” (L.13) e de ponto final para vírgula “fumaça. e os dedos” (L.14), que provavelmente ocorre devido à extensão do período. Para realizar a redução, o escritor suprime a vírgula e a substitui por ponto final, após “tumor”, suprime também a conjunção “enquanto”; substitui o artigo “o” minúsculo pelo maiúsculo e corrige a palavra “fumaça”, escrita anteriormente “fumaçai”. Ao reduzir o período da linha 14, Moreira Campos modifica a oração seguinte substituindo o ponto final por vírgula e acrescentando a conjunção “e” e apaga, com a borracha, o artigo maiúsculo “O”, substituindo-o pelo minúsculo, de modo que temos: “o tumor. O cigarro pende do lábio grosso e queimado, olho cerrado por causa da fumaça, e os dedos são hábeis, muita prática.” (L.13-15). A oração da

linha seguinte (L.15): “às vezes se dá um ar de médico, com os seus óculos escuros”, foi deslocada para a L.42, talvez porque ficasse excessiva a quantidade de informações sobre o comportamento do enfermeiro.

A última modificação da primeira folha é a substituição do nome da personagem de “Neco” para “André”, (L. 22), o primeiro é a forma coloquial de Manuel, que significa “Deus está conosco” (SCOTTINI, 1999, p. 89) e, o segundo, significa “homem, masculino” (SCOTTINI, 1999, p.18). A troca do nome torna-se um elemento importante para o entendimento do texto, uma vez que o escritor sempre trabalha com o implícito, cabendo ao leitor estar atento às inferências. Se permanecesse o primeiro nome, “Neco”, a forma coloquial de Manuel ou Emanuel, seria um nome muito simples para a importância que ele acreditava ter por ser um profissional da área da saúde, e ainda um nome que fazia referência a Deus, o que não estava muito de acordo com o comportamento da personagem. Já o nome “André” traz uma carga semântica que irá condizer com o enfermeiro, além disso, também apresenta outro significado que é corajoso, embora a coragem da personagem seja usada para burlar as regras, não deixa de estar de acordo com a realidade apresentada na narrativa. A mudança de nomes é um aspecto recorrente nas interferências do escritor, como já vimos em *A nova empregada*.

Na segunda folha, a substituição de “tirar os óculos escuros” por “tirar os óculos” em “balcão tirar os óculos e mergulhar” (L.37), talvez ocorra por não ser necessário dizer mais uma vez que ele se referia aos óculos escuros, pois na página anterior já havia referência. Na linha seguinte (L.38), há mais uma mudança de nome de personagem, a enfermeira-chefe inicialmente chamava-se “Anita”, que significa cheia de graça (SCOTTINI, 1999) e passa a ser “Dora”, dádiva, presente. Chamar a enfermeira de “Anita” mostra certa intimidade. No caso de “Dora”, mesmo sendo também um apelido, não traz a noção de intimidade entre as personagens e ainda nos remete à palavra dor.

A intervenção seguinte é a substituição de parênteses por dois pontos “:”, após a palavra “óculos”, no trecho: “Ele se empertigou, ajeitando os óculos (às vezes se dá um ar de médico).” (L.42), tal mudança indica que as informações não ficam à parte na narrativa, mas integradas ao discurso através do uso dos dois pontos, tornando o texto mais fluido. Esse mesmo recurso de substituição de parênteses por pontuação e os ajustes consequentes de tal mudança, como iniciar a frase com letra maiúscula, aparecem também nos trechos seguintes: “que deverá estar atento, presente (novelo de fio embaraçado)” (L.44) sem parênteses fica: “que deverá estar atento, presente. Novelo de fio embaraçado”. (L.44); “recolheu o lençol e a camisola até o ventre, (desprende-se dos panos um cheiro forte de desinfetante).” Sem

parênteses: “recolheu o lençol e a camisola até o ventre. Desprende-se dos panos um cheiro forte de desinfetante.” (L.63-64) e o último exemplo: “no grande sexo, (evita deter-se no hematoma da coxa) (L.69-70) fica: “no grande sexo. Evita deter-se no hematoma da coxa, (L.69-70).

Em resumo, as substituições ocorreram para especificar melhor a ação, modificar o nome da personagem, sugerir uma relação mais íntima entre as personagens, corrigir a pontuação ou para corrigir erros de datilografia. Os acréscimos foram de duas conjunções e a supressão de parênteses e de uma informação sobre o comportamento do personagem.

No **testemunho 2**, o acréscimo do complemento nominal “de pulso” (L.69) em: “consultando o relógio de pulso.” (L.69), especifica o tipo de relógio. O relógio de pulso e os óculos escuros compõem o perfil do personagem que tem um bom poder aquisitivo, já que décadas atrás eram artigos de luxo. Há na margem direita da folha um “X” feito a lápis (L.70), destacando que naquela linha tem uma intervenção a ser feita.

No **testemunho 3**, não há intervenções autógrafas e as realizadas nos testemunhos anteriores são aceitas.

Comparando os três testemunhos, é possível dizer que no primeiro ocorrem substituições relacionadas à descrição do local de trabalho, ao nome das personagens e à pontuação, o que torna os períodos mais curtos e marca um ritmo mais apressado. Tais intervenções tornaram o texto mais objetivo, no sentido de descrever pontualmente cada gesto e mostrar que a escolha do nome da personagem ajudará o leitor a compor-lhes a personalidade. Os acréscimos, essencialmente de conjunções, trouxeram para a narrativa uma melhor articulação do discurso. Esses acréscimos e a substituição da pontuação ajudaram na compreensão das ideias expostas pelo escritor, fazendo com que o leitor não se perdesse com orações muito longas. As supressões foram da palavra “oportunidade”, no trecho: “A oportunidade é rara. Raríssima. Toda uma ordem de circunstâncias, oportunidade e cautela, a que deverá estar atento” (L.43), uma vez que esta já havia sido dita no começo da frase, e a do artigo “um” em: “Extasia-se: é um visual e um solitário” (L.62) e dos parênteses no trecho “Desprende-se dos panos um cheiro forte de desinfetante.” (L.63-64).

A maioria das alterações ocorre no primeiro testemunho, no segundo há apenas um acréscimo e no terceiro são incorporadas as intervenções que estavam nos dois testemunhos anteriores. De forma geral, foram poucas intervenções; neste caso, o primeiro testemunho não funcionava apenas como um roteiro para que fossem desenvolvidas as ideias nos seguintes, já era uma narrativa mais bem estruturada, intitulara o livro, o que lhe confere a posição de carro-chefe do volume, mesmo assim não chegou a ser publicada.

Alguns tipos de alteração que apresentamos nos contos anteriores, como: iniciar a narrativa com a caracterização do personagem principal, reduzir as descrições das ações, evitar a repetição de palavras, já estavam presentes na estrutura desse conto, daí podemos inferir que o texto já estava em estado avançado de elaboração.

4.4 Estudo crítico dos testemunhos genéticos de *A mágoa*

Os dois testemunhos do texto em questão relatam a raiva e tristeza de um pai ao saber que o seu único filho do sexo masculino, preferido entre as cinco irmãs, estava com diabetes. Tempos depois, o médico que diagnosticou o filho, falece e o pai, ao saber da notícia, fica contente, sente-se vingado.

O **testemunho 1** contempla mais informações sobre o comportamento protetor do pai com o filho. No que diz respeito à doença, os sintomas não estavam bem delineados, tanto que aparecem nos acréscimos, a lápis, no final da segunda folha.

Apresenta poucas intervenções autógrafas, sendo a primeira a supressão da palavra “pediu-l”, no trecho “pediu-l entre iu-lhe a proveta” (L. 10), depois substituição de “ti” por “te” (L.31), que não se pode dizer se funcionariam como pronomes oblíquos ou se seria o início de uma palavra. Em seguida, o escritor suprime a palavra “tinho”, no trecho “– Eu sei... tinha conheço” (L.32).

O acréscimo no final da folha trata do diagnóstico da moléstia do menino e da reação do pai. Até então a narrativa tinha como foco a descrição dos sintomas da criança e a relação entre pai e filho, apenas nas linhas finais é o realce foi dado à doença, como mostram as linhas a seguir:

– Infecção diária
 – Não havia outro remédio
 – Não. O caso dele é diabetes infanto-juvenil.
 Esclareceu-lhe ainda que só com o adulto havia outros remédios,
 que não a injeção.
 Pode-se controlar até com a dieta. Injeções
 Ele pediu licença para fumar um cigarro.
 À vontade. (L.37- 44).

Este primeiro testemunho contém muitos erros de datilografia, por exemplo: “pediuçhe” ao invés de “pediu-lhe” e “fossd”(L.10) ao invés de “fosse”, em “pediuçhe que fossd ao lavatório” (L.10); “Bo consultório”(L.33) ao invés de “No consultório” (L.33), nos

mostra que é ainda um texto em estágio inicial de escritura e funciona basicamente como um roteiro, uma sequência de ideias que serão desenvolvidas no testemunho 2.

O **testemunho 2** traz uma narrativa mais elaborada com poucas intervenções autógrafas, em sua maioria supressões e substituições manuscritas. A primeira intervenção autógrafa dá-se no título da narrativa a palavra “DISFUNÇÃO” é rasurada pelo escritor e substituída por “MÁGOA”. Ao fazer essa mudança, Moreira Campos trabalha com a informação implícita, deixando que o leitor descubra a história do conto, o que não ocorria com o primeiro título, que explicitava o enredo da narrativa. Nas palavras de Daniel Rops, sempre citadas por Moreira Campos em entrevista a Edmilson Caminha (1984), o conto “é obra da sugestão ou do implícito”.

Quando o escritor descreve a relação entre pai e filho, substitui de “a afeição” por “o amor” em: “A afeição chegava a tal ponto” (L. 21). Tal modificação demonstra que entre há uma relação mais forte, de amor. Em várias situações o pai favorece o filho homem, e essa atitude não é vista com bons olhos pela família, tanto que há o acréscimo da expressão “com um muxoxo”, no trecho “Quitéria, a preta da cozinha reparava, com um muxoxo.” (L.22) que antecede a fala de Quitéria, a cozinheira, ao dizer que Edmundo, o pai, “anda bestando com o menino” (L.23).

Em seguida, há o deslocamento do pronome oblíquo “lhe”: antes enclítico e muda para proclítico em: “Este lhe informou ainda que se tratava de diabetes” (L.26). Gramaticalmente as duas formas estão corretas, uma vez que “este” e “ainda” são palavras atrativas, a diferença reside no fato de que ao usar a próclise o texto torna-se menos formal, mais próximo da oralidade. Tornar a linguagem mais coloquial é um traço recorrente na escrita de Moreira Campos.

A outra intervenção é a supressão do complemento nominal “de voz”, na oração “A mulher era branda:” (L.43) e, conseqüentemente, o deslocamentos dos dois pontos para depois da palavra “mulher”. Analisando essa supressão, podemos inferir que ela influenciou principalmente no campo semântico, ou seja, a mulher era afável e não apenas a sua voz.

Há a substituição da preposição “com” por “de”, “morreu de cirrose” (L.57), esta última mais adequada pelo fato da preposição escolhida indicar causa e a preposição “com” o estado do paciente.

A substituição dos adjetivos “branda” por “mansa” no trecho: “A voz mansa da mulher:” (L.64), provavelmente tenha ocorrido para evitar a repetição, uma vez que o adjetivo “branda” já fora utilizado para caracterizar a voz da mulher.

A intervenção seguinte é a supressão da oração “Não coma isto, não coma muito. Ali no pautado.” (L.67-68). Mais uma vez, há a tendência à economia, a retirada dos excessos, enriquecendo dessa forma o poder sugestivo do texto. Além disso, essa mesma oração já aparece quatro linhas antes, caso permanecesse, ficaria repetitivo.

Moreira Campos prezou por uma narrativa concisa como ele mesmo disse ao *Jornal do Brasil* (1978): – “Em mim, a essencialidade do conto é quase uma busca, um esforço, um compromisso, no sentido da síntese, do impossível [...]”. Vemos, neste conto, duas histórias narradas em uma só, a primeira, explicita-se, sobre a doença da criança e a segunda, subtendida, sobre o desejo do pai de vingar-se do médico ao descobrir que o filho está com diabetes.

A outra intervenção é o acréscimo da frase “A mulher lembrava:” (L.73) em: “A mulher lembrava: – Afinal, devemos a vida de nosso filho a ele.” (L.73-74). Essa modificação ressalta a importância do diagnóstico dado pelo médico. Há ainda o acréscimo do pronome oblíquo “lhe” no trecho “em que o médico lhe dissera que o filho estava diabético” (L.81), tal modificação mostra a quem o médico se referia. As últimas frases estão rasuradas, e sendo este o último testemunho do conto não é possível nem mesmo conjecturar sobre a vontade do escritor.

Quando comparamos os dois testemunhos, vemos que a ideia central permanece a mesma, ressentimento do pai com o médico por este ter diagnosticado a doença, porém no primeiro testemunho há o uso de termos e procedimentos técnicos, como, por exemplo, “poliúria”, “fez o reativo” “proveta”, dentre outros, já no segundo, a linguagem torna-se mais coloquial, o escritor enfatiza o diagnóstico da doença, não mais nos procedimentos ou sintomas. Essa mesma tendência de manter a ideia central e modificar alguns trechos da estrutura textual também esteve presente nos testemunhos de *A nova empregada* e *O elevador de carga*.

Outro detalhe que chama a atenção na comparação entre os textos é que no **testemunho 1** o nome do pai é “Eurico” e no **testemunho 2** “Edmundo”, este é mais comum na região Nordeste, e há na escrita do autor uma tendência a regionalizar. Na entrevista a Edmilson Caminha (1984), diz: “Quando o meu conto tende a ser regional, em que eu volto às origens, os nomes são meio matutos: Ramiro, Antunes, Cunegundes...(nome feíssimo, mas muito conhecido no sertão)”. Ainda com relação aos antropônimos, no **testemunho 1**, a cozinheira não tem nome próprio, já no testemunho 2, além de ser caracterizada como “preta da cozinha” (L.22), é chamada de Quitéria. Esse tipo de mudança também já ocorreu em *A nova empregada* e em *O elevador de carga*.

O **testemunho 1** apresenta-se como um roteiro, uma ideia para a composição de um texto que será melhor elaborado, um rascunho para a construção da narrativa, tanto que, como destacamos, foi escrito sem muito cuidado com a grafia, como se houvesse pressa em registrar aquilo que pensava. Há muitos detalhes sobre o aspecto científico da doença, mas não traz um desfecho para a história. O acréscimo dos últimos parágrafos serviram de base para desenvolver melhor o texto no **testemunho 2**.

Embora sejam apenas dois testemunhos, é possível ver que a tendência do processo de criação se mantém a mesma dos contos anteriores, ou seja, a redução do texto, que irá definir o estilo de Moreira Campos, e para chegar a essa concisão, detém-se no ponto central dessa narrativa, a construção das relações entre as personagens. Para isso, reduz a quantidade de linhas da narrativa, mas aumenta a intervenção do leitor que irá inferir sobre as várias questões que ficam abertas no texto.

4.5 Estudo crítico dos testemunhos genéticos de *A mecha de cabelos*

Os dois testemunhos de *A mecha de cabelos* narram um fato ocorrido na casa de um velho alemão que contrata o colega de trabalho do armazém do porto para dedetizar sua residência, infestada de ratos e baratas. A esposa, um pouco mais jovem, mas também de meia-idade, insinua-se para o rapaz; e, da relação sexual que se segue, fica na lembrança do moço, a mecha de cabelos grisalhos que caía sobre a testa da mulher.

A primeira intervenção do **testemunho1** é a supressão de um “s” no final da palavra “bermudas” em: “(vestia bermuda)” (L.3), uma correção gramatical. Depois, há a substituição da preposição “de” pela contração “de + a”, no trecho: “não se tinham mudado da casa” (L.7), o uso do artigo definido “a” deixa claro para o leitor que a mulher teria se mudado daquela casa em específico.

As três modificações seguintes ocorrem quando o escritor troca a oração coordenada sindética adversativa por uma frase nominal e uma oração simples. Para que tal mudança ocorra, substitui a vírgula por um ponto final, em seguida retira a conjunção “mas” e substitui o artigo “o” minúsculo por um maiúsculo em: “As baratas nem tanto, mas os ratos a deixavam arrepiada.” (L.8-9) com as intervenções temos: “As baratas nem tanto. Os ratos a deixavam arrepiada.” (L.8-9). Essa mudança traz para o texto uma linguagem menos fluente, torna-o mais objetivo, com orações mais curtas e destaca o nojo que a mulher sentia dos ratos para justificar o primeiro contato físico entre os dois. A opção por orações substantivas é coerente com a busca da essencialidade.

A modificação seguinte ocorre quando o escritor suprime o advérbio “onde” em: “Mostrava o braço ao moço, onde os pêlos ruivos se eriçavam” (L.9-10); além disso, acrescenta a oração “Pedia-lhe que experimentasse” e substitui “eriçados” por eriçavam”, com as intervenções o trecho passa a ser: “Mostrava o braço ao moço, os pêlos Pedia-lhe que experimentasse ruivos eriçados.” (L.9-10). Tal acréscimo apresenta ao leitor o primeiro contato físico entre a mulher e o rapaz, e antecipa o aprofundamento da relação.

No trecho: “O moço garantia que depois que a empresa em que trabalhava fizera idêntico serviço nas, docas (onde trabalhava o marido) nos armazéns do porto, a situação iria melhorar muito” (L.10-13), o escritor substitui “em que trabalhava” por “onde era empregado” e a letra “d” minúscula por maiúscula na palavra “Docas” (L.13). A substituição de “em que trabalhava” por “onde trabalhava” semanticamente indica que o empregado é fixo, a primeira opção transmite a ideia de ser temporário. Ao substituir a “d” por “D” é possível identificar que ele não se refere apenas a uma parte específica do porto, mas à empresa Docas. Há também a substituição de “onde trabalhava o marido” por “local de trabalho d”, provavelmente para não repetir o advérbio, pois já havia utilizado no início da oração. Após as alterações, o trecho passa a ser: “O moço garantia que depois que a empresa onde era empregado fizera idêntico serviço nas, Docas (local de trabalho do marido) nos armazéns do porto, a situação iria melhorar muito” (L.10-13).

Ainda no **testemunho 1**, há o deslocamento da palavra “parede” e o acréscimo de “ele e”, no trecho “comprimiu-se entre a parede” “comprimiu-se entre ele e parede” (L.21), essa mudança apresenta mais uma estratégia da sedução, uma vez que a mulher toca o corpo do rapaz ao passar por ele. A supressão do pronome oblíquo “lhe”, após “sorriu” e do “s” de “olhos” em: “Sorriu-lhe e piscou-lhe o olhos.” (L.22) ficando: “Sorriu e piscou-lhe o olho.” (L.22). A supressão de “lhe” indica que o rapaz não sorriu diretamente para a mulher; a supressão do “s” foi, provavelmente, para corrigir um erro de datilografia, pois o artigo definido “o” já está no singular.

Há a substituição de “encarava-a” por “voltava a encará-la” em: “O moço encarava-a, risonho.” (L.22), ao dizer “voltava a encará-la” deixa claro que havia uma troca de olhares. Devemos notar que, o escritor usa, inicialmente, o verbo é “olhar”, depois, “encarar” mostrando que o clima sensual vem evoluindo, primeiro ele lhe dirigia o olhar, em seguida, olhava em seus olhos. Há ainda o acréscimo de “estalou a língua”, no trecho “Serviu-se de uma dose, estalou a língua e chamou o outro.” (L.23-24), mais um componente para criar o clima erótico que vem se construindo.

A substituição de “O moço” por “E” no trecho “O moço ia de surpresa em surpresa” (L.31) evita a repetição de “O moço”, que fora utilizado o parágrafo da linha 26. Em seguida, ocorre o acréscimo de “em repentino” e a supressão de “em” antes de “grosso”, no trecho: “Encaravam-se em grosso, pejado silêncio” (L.32), após as modificações: “Encaravam-se em repentino grosso, pejado silêncio (L.32). O acréscimo da expressão “em repentino” indica que os olhares se cruzavam com frequência e que o jogo de sedução dá-se principalmente pelos olhares, e não pelo toque entre os dois, mas por aquilo que não é dito, apenas paira no ar.

A atmosfera sensual do texto é construída através de subtendidos que necessitam intervenções da imaginação do leitor. O contato concreto entre personagens inicia-se através do toque do braço, quando a alemã passa pelo rapaz no corredor, ou seja, está mais relacionado com o implícito, do que com o ato sexual em si. Essa busca do implícito é traço marcante da escrita de Moreira Campos, ao leitor caberá desenvolver as ideias apenas sugeridas ao longo da narrativa.

O **testemunho 2** não apresenta marcas visíveis de rasuras autógrafas, ou seja, é um texto passado a limpo, mas comparado ao primeiro, vemos que no segundo parágrafo do **testemunho 2**, quando o escritor descreve o alemão, acrescenta a expressão “gente da gente” no trecho: “O moço apareceu dois dias depois. Abriu-lhe a porta a mulher do alemão, brasileira, gente da gente.” (L.7-8), tal acréscimo implicou em mudanças importantes na estrutura da narrativa, uma delas, é que no primeiro testemunho a personagem feminina era alemã e, no segundo, era brasileira, ao fazer isso ele traz para o texto maior verossimilhança, uma vez que causaria estranhamento o comportamento expansivo da alemã. Na linha seguinte, acrescenta o adjetivo “repelentes” em: “Falou-lhe também do horror que tinha a tais animais e baratas. Aqueles, gordos, nojentos, repelentes”. (L.10-11) para reforçar o nojo que a brasileira sentia dos ratos. O trecho em que ela mostra ao rapaz o braço arrepiado, acrescido no testemunho anterior, permanece.

Quando comparamos os dois testemunhos, observamos que a ideia do flerte entre o rapaz e a mulher permanece, porém o texto surge mais enxuto, os detalhes do trabalho do rapaz que estavam descritos no **testemunho 1** e a ação da mulher pegar a cachaça, provar e estalar a língua, não fazem mais parte do **testemunho 2**. O parágrafo seguinte tem como ideia central a troca de olhares e o contato físico entre eles. Essa comparação deixa claro que o autor trabalha em busca da concisão do texto.

No **testemunho 1**, temos um texto que se inicia narrando a ação do alemão de contratar o serviço de desratização para a sua casa. No **testemunho 2**, o começo fala dos empregados que trabalham no Departamento de Desratização do porto. O acréscimo dessa

informação dá importância à profissão do rapaz, ele não presta serviços esporadicamente, mas é funcionário do porto e mostra que marido e amante trabalham no mesmo local (L.1-2).

Outra mudança que observamos na comparação entre os dois testemunhos é a descrição da esposa do alemão, no **testemunho 2**, a caracterização da personagem é completamente diferente da encontrada no **testemunho 1**, embora naquele testemunho a descreva com bem menos detalhes, basicamente diz que ela é mais moça do que o marido, brasileira e simpática, a torna mais atraente para o rapaz, mais desejável: “O moço apareceu dois dias depois. Abriu-lhe a porta a mulher do alemão, brasileira, gente da gente. Mais moça que o marido, mas também cabelos grisalhos. Simpática, comunicativa, talvez excessivamente simpática (os vizinhos sabiam que ela enganava o marido, o indivíduo entrava pelo portão do quintal, esgueirando-se).” (L. 7-10). No **testemunho 1**, ela é alemã, gorda, pesadona, tornozelos grossos: “A dona da casa recebeu o moço, pesadona como o marido, salpicada de sardas, os tornozelos grossos.” (L. 2-3). A nova caracterização torna-a mais sedutora para o rapaz. Outro fator que também contribuiu para isso é a idade do rapaz, que no **testemunho 1**, (27) vinte e sete anos e no **testemunho 2**, (23) vinte e três anos, mais jovem, mais atraente, mais fácil de ser persuadido, principalmente por uma mulher simpática e ainda jovem.

O escritor suprimiu várias descrições do comportamento da esposa durante o ato sexual que estavam no **testemunho 1**:

“Dizia-lhe também que ele era forte, musculoso. Dobrava os braços sardentos, para imitar-lhe os músculos.

O moço ria.

A alemã urrava; chamando-o a si:

– Broto, broto, broto!” (L.40-44)

Retirou ainda a descrição da cor da mecha de cabelos, que antes ele havia dito ser “cor de mel” (L.46), mas o texto ficaria sem muito sentido, uma vez que a personagem era uma senhora e foi exatamente a idade dela que deixou o rapaz impressionado. Substituiu o lugar onde ocorreu o ato sexual, no **testemunho 1**, no sofá, e no **testemunho 2**, na cama do casal, o que aumentaria o prazer pela ousadia.

É perceptível que, embora o escritor tenha acrescentado alguns trechos, esses permitirão um melhor entendimento do texto e as supressões ocorreram para torná-lo mais enxuto, retirando o que seria repetitivo ou desnecessário, permitindo que o leitor possa inferir as informações, como tem ocorrido nos contos estudados.

4.6. Estudo crítico do testemunho genético de *O suposto filho*

O testemunho único deste conto narra a história de um homem que tinha dúvidas sobre a paternidade do filho. Acreditava que a esposa o traía com o colega, então passou a observar o garoto, a fim encontrar alguma semelhança com o amigo e comprovar a traição. Ficava atento ao comportamento da mulher esperando que ela, em algum momento, revelasse ter um caso. Rompeu relações com o colega e separou-se da mulher, mas a dúvida esteve sempre presente.

O testemunho apresenta intervenções com relação ao tempo verbal, que passa do presente para o pretérito imperfeito, mudança feita de duas formas: a primeira, o acréscimo da desinência modo temporal “-va”, nas seguintes linhas (L. 1, 3, 4, 19, 21, 44, 45, 46, 48, 56, 58, 59, 62, 63) e, a segunda, através da substituição de verbos do presente pelo pretérito imperfeito (L.1,5 19, 21, 43, 45, 46, 47, 49, 50, 57). O escritor muda do presente – tempo em que se fala de um hábito ou de fatos que ocorrem frequentemente, descreve-se uma ação que ocorre no momento em que se fala, faz-se afirmações consideradas incontestáveis ou que não dependem de um tempo específico e para se falar do futuro – para o pretérito imperfeito, que expressa um fato ocorrido em momento anterior ao atual, mas que não foi completamente terminado. No conto *Os caminhos*, acontece a mudança inversa, do pretérito imperfeito para o presente. Essa modificação recai sobre o aspecto semântico do texto. Embora os dois tempos verbais tenham aspecto imperfeito, que dão ideia de continuidade, quando empregando o presente, fala-se de fatos incontestáveis, não deixando dúvidas sobre a realização da ação, o que não ocorre com o pretérito imperfeito.

Há a mudança do verbo “suspeitou” (L.4), pretérito perfeito, para “suspeitara”, mais-que-perfeito do indicativo, o que implica na supressão de “ou” e o acréscimo da vogal temática “a” e da desinência modo temporal “ra” em: “sempre suspeitou”(L.4) fica: “sempre suspeitara” (L.4). Os dois tempos verbais diferenciam-se apenas pelo fato de, no pretérito perfeito, a ação ter ocorrido antes do momento atual e, no caso do pretérito mais-que-perfeito, antes de outro fato já terminado. Outra modificação relacionada ao tempo verbal ocorre com o verbo “distraia” inicialmente no presente do subjuntivo e depois no pretérito imperfeito do subjuntivo “distráisse”, no trecho: “para que ele se distraia.” (L.43) fica: “para que ele se distráisse” (L.43). Para realizar a mudança, houve a supressão da vogal temática “a”, o acréscimo da desinência modo temporal “sse” e do acento agudo em “í”, indicando que antes havia a possibilidade de um fato ocorrer no momento atual e agora se tem um fato que ocorreu em relação há outro já ocorrido. Como dissemos, essas mudanças recaem sobre o

aspecto semântico do texto, dando ao leitor a noção de que o escritor narra uma história que aconteceu anteriormente, e que ele conhece todas as informações referentes a ela, o que não ocorreria se a narrativa estivesse no presente.

A partir do segundo parágrafo é que ocorrem as alterações que não estão ligadas à mudança do tempo verbal. Há a substituição da preposição “diante da” pela “na”, no trecho “voltava a dar toque no cabelo diante da penteadeira” (L.9). Embora a primeira forma seja mais adequada ao discurso formal, o escritor tende à linguagem coloquial. O escritor sempre buscou aproximar-se da linguagem menos formal, para retratar com mais fidelidade suas personagens, uma vez que procura trazer cenas do cotidiano do povo mais humilde. Não caberia utilizar uma linguagem rebuscada para um homem do interior, isso tornaria a história artificial.

No parágrafo seguinte, Moreira Campos tenta substituir o nome próprio “Marcos” pelo substantivo comum “marido”, no trecho: “– O marido parece que não vem hoje?” (L.11), mas ele risca “marido” por estar se referindo ao personagem errado, o marido estava em casa e quem deveria chegar era o amigo “Marcos”. Nesse mesmo parágrafo, temos a substituição do substantivo “sentimento”, por “impulsos”, em “encobrir sentimentos mal contidos” (L. 13). Com essa troca, Moreira Campos traz para o texto a ideia de que a mulher agia sem sentir algo verdadeiro pelo amigo, sem refletir sobre seus atos, mesmo que o significado de impulso seja manifestação de sentimentos (HOUAISS, 2009) e nos remete à manifestação inconsciente, soando menos passional que sentimento.

Ainda tratando das modificações sobre a construção de relações entre as personagens, há o acréscimo da expressão “para uma ajuda”, em “ali para uma ajuda o papo” (L.22). Quando ele acrescenta “ajuda” nos sugere que a amiga tinha mais intimidade com a mulher, e que se ela precisava de ajuda e não apenas de alguém para conversar, fica subtendido que passava por problemas, dúvidas que precisavam ser compartilhadas.

A primeira modificação da segunda folha é o acréscimo da expressão “ou conformar-se”, no trecho “O menino, que se diverte com os outros companheiros na pracinha em frente, parecia começar a compreender. De resto, ou a conformar-se. ambos se ampararam.” (L.40-42), esse acréscimo também está ligado à construção de relações afetivas, pois indica que o garoto já começava a aceitar a separação. O escritor destaca com sublinhado o trecho “que se diverte com outros companheiros na pracinha” e o reescreve em tinta azul, no final da folha, uma possível substituição, que seria: “O menino que já aparecia na pracinha em frente em brincadeiras com outros meninos, acompanhados de suas babás” (L.65-66), mas que não é possível comprovar por ser a tradição composta de um testemunho único.

No parágrafo seguinte, há a substituição de “que pode” por “possível” e de presente para pretérito imperfeito, já estudada anteriormente, em: “Faz o que pode para que ele se distraia.” (L.43), com as alterações: “Fazia o possível para que ele se distraísse” (L.43). Ao dizer “o que pode” entende-se que está dentro das possibilidades da pessoa realizar, já “o possível” indica apenas que há possibilidade, mas não necessariamente que a pessoa possa concretizar um feito, por exemplo, “isso é possível de ser feito, mas não por mim”.

A modificação seguinte é a substituição de “é a mãe” por “já crescido”, que posteriormente é riscado e substituído por “era a própria mãe” e a supressão de “no riso que deu quando o cavalo caiu do caminhão de brinquedo”, no trecho: “O menino é a mãe no riso que deu quando o cavalo caiu do caminhão de brinquedo.” (L.51-52), com as alterações: “O menino é era a própria mãe” (L.51). Provavelmente, a substituição de “é” por “era” ocorre porque o escritor já vinha modificando o tempo verbal de presente para pretérito imperfeito, em seguida acrescenta a palavra “própria” para marcar ainda mais a semelhança entre mãe e filho, a expressão “já crescido” torna-se desnecessária, pois o escritor tende a não mais delimitar precisamente as relações de espaço e tempos, o que importa é apresentar a ação, retratar o momento. A supressão do trecho “no riso que deu quando o cavalo caiu do caminhão de brinquedo.” (L.51-52) tem como possível explicação a inclinação para reduzir a descrição da ação das personagens ao essencial. Na oração anterior fora dito que o garoto era parecido com a mãe, então não seria preciso acrescentar detalhes na descrição dessa semelhança.

Sobre a noção de tempo, destacamos as intervenções ocorridas nas linhas 53-54, há a substituição de “entendeu-se bem com a criança” por “e o rapazinho entenderam-se bem, ela” em: “Veio o segundo casamento. A mulher entendeu-se bem com a criança” (L.53-54) após a substituição: “Veio o segundo casamento. A mulher e o rapazinho entenderam-se bem” (L.53-54). O escritor deixa subentendida a informação sobre o passar do tempo ao suprimir a expressão “já crescido” (L.51) e ao substituir “criança” por “rapazinho” (L.53-54). Ainda no mesmo parágrafo, no trecho: “(sabia da afeição do marido por esta não obstante os rumores) vigia-a, zela por ela. Ajuda-a nos deveres do colégio.” (L.54-56) substitui o pronome demonstrativo “esta” por “este”, já que se refere ao garoto, em seguida, risca o trecho “vigia-a, zela por ela” (L.55) que se referia à personagem feminina e substitui o complemento verbal “a” por “o” em: “ajuda-a” por “ajuda-o” (L.56). Acrescenta “da-lhe assistência” e substitui por “dava-lhe assistência” (L.55-56), para concordar com o tempo verbal escolhido para a narrativa, após as modificações o trecho fica da seguinte forma: “(sabia da afeição do marido

por este, não obstante os rumores) dava-lhe assistência, ajudava-o nos deveres do colégio.” (L54-56).

Com a substituição de “Está agora um rapazinho, agarrado ao seu livro de estudo ali no sofá.” (L.59) por “Estava ali agarrado ao seu livro de estudo no sofá.” (L59) o escritor retira a referência sobre o passar do tempo, em seguida, suprime o pronome demonstrativo “ali” para evitar a repetição.

Após o texto datiloscrito, há o seguinte trecho escrito a lápis, “no gesto que teve de meter os dedos pelos cabelos, para ajeitá-los.” (L.63-64), provavelmente, o acréscimo é inserido para descrever um pouco mais sobre a relação entre pai e filho, pois até então são poucas as demonstrações de afeto entre eles. Há uma preocupação maior com a construção da desconfiança, o constante vigiar à procura de pistas para o adultério, porém, não sabemos se o escritor ia refazer essa caracterização dos afetos, pois, como já dissemos, trata-se de um texto de tradição monotestemunhal.

Ao finalizar o estudo dos testemunhos dos 6 contos inéditos escolhidos, é possível dizer que o escritor trabalhou arduamente em busca aprimorar-se na técnica do conto, tendo como base a obra de grandes contistas como russo Anton Tchecov e o brasileiro Machado de Assis, como ele mesmo disse. Para tornar seus textos mais concisos e trazer as informações de forma implícita, Moreira Campos reduziu a descrição sobre as personagens, mudou os nomes próprios, buscando quase sempre os mais comuns no sertão nordestino, além disso, substituiu adjetivos para melhor caracterizar o tipo de relação entre as personagens. Passou a iniciar a narrativa já falando da personagem principal, não mais das secundárias ou do cenário, mantendo do início ao fim a atenção sobre a protagonista e a cena da ação, geralmente, na única ação que importava para desenvolver seu enredo e modificou o título de alguns contos para despertar a curiosidade do leitor.

Cada passo dado até a composição de seu estilo foi precisamente medido e pensado, não narrando a mais ou a menos. Acreditamos que, através de nosso estudo, conseguimos mostrar o trabalho de criação de um escritor e revelar que, por trás de cada escolha, há uma grande quantidade de tentativas até chegar à palavra, momentaneamente, mais apropriada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na parte inicial de nossa tese, falamos sobre como o arquivo pessoal do renomado contista cearense Moreira Campos pode nos contar a sua trajetória. Reconstituímos alguns fatos importantes de sua vida pessoal e profissional, através das palavras do próprio escritor ao falar de sua produção ficcional em entrevistas publicadas em livro e em jornais e em cartas aos amigos, além disso, destacamos a opinião da crítica a respeito de suas obras. Discutimos a importância da preservação da memória, considerando algumas questões relevantes sobre preservação de espaços de memória, características de arquivos terciários, o papel dos pesquisadores de arquivos pessoais, dentre outras. Em seguida, abordamos a criação do Acervo do Escritor Cearense e a organização do fundo Moreira Campos constituído de 8 séries documentais (Documentação pessoal, correspondência, recortes, manuscritos, álbuns, biblioteca, fotografias e objetos diversos).

Após conhecermos a vida do autor e seu arquivo pessoal, passamos à Edição genética dos contos inéditos, apresentando os critérios utilizados, a descrição e transcrição dos testemunhos e, na última seção, trouxemos o estudo crítico-filológico, no qual discorremos sobre o processo criativo do escritor, considerando a formação de seu estilo literário e a divisão de sua obra em duas fases. Na primeira, os textos são mais extensos e, na segunda, mais curtos, em seguida, buscamos entender como ocorreu esse processo de redução dos contos através do estudo dos manuscritos dos contos inéditos. As subseções apresentam o estudo dos seis contos escolhidos. Para realizar tal estudo, foi necessário conhecermos a teoria do conto, os elementos históricos e literários que levaram o escritor a optar por escrever textos mais concisos.

Ao final, trouxemos reflexões sobre o processo de criação do escritor, refizemos, de forma resumida, o percurso do texto a fim de retomar as questões propostas sobre o processo criativo de Moreira Campos e traçamos o estilo de escritura de seus contos inéditos. A bibliografia elenca títulos ligados diretamente à pesquisa: obras de Moreira Campos; trabalhos sobre o autor, obras teóricas sobre Crítica Genética, Filologia e Teoria Literária.

Através do estudo dos contos inéditos de Moreira Campos também verificamos outra característica marcante de sua escritura, a narração de um enredo comum, de uma ação mínima que, algumas vezes nem estava descrita, realizava-se apenas na imaginação do leitor, como vimos em *A nova empregada*, em que nenhuma das ações realmente representativas – o momento em que a empregada envenena a patroa ou a prisão da empregada – são descritas no texto. Ou ainda, em *O suposto filho*, a possível traição teria ocorrido de forma a não deixar

nenhuma prova? a desconfiança do pai sobre a paternidade do filho parece se dar apenas na mente ciumenta do marido. A respeito dessa tendência de Moreira Campos, Braga Montenegro (1965, p. 31) diz que:

Temos a nítida impressão de que o assunto preexistia em qualquer parte, aguardando apenas o momento em que o artista o recolhesse, excluída assim a ideia de criação, que para isso exigia fôsse a matéria retirada do nada, é retirada do nada, mas da vida que passa sobre nossa pele, flui em nosso sangue ou roça por nossos nervos. Ao artista, porém, cabe apresentá-la como o Gênesis nos impõe a criação da terra, catalise, o reagente, no caso, sendo o próprio artista, que provoca a ação, permanecendo inalterável, intacto, neutral.

Ainda sobre a estrutura do conto, Braga Montenegro (1965) destaca que não é fator relevante para a Teoria Literária identificar se na estória há apenas um episódio ou vários deles, se é narrativa de cunho objetivo, diálogo erudito e de âmbito familiar ou monólogo introspectivo. O que importa é averiguar se o conto corresponde a um ideal de arte literária capaz de se impor e subsistir ao tempo independente das normas didáticas.

Nos contos estudados percebemos que sua escritura é marcada pela necessidade de concisão, pelo princípio de redução, da economia dos significados. Parte dessa concisão é adquirida através da redução da descrição de personagens e cenários, da substituição de adjetivos capazes de expressar com apenas uma palavra o verdadeiro caráter da personagem ou o tipo de relação que existe entre ela e o outro. Outro recurso utilizado são os acréscimos que serviram para descrever com mais precisão características que levassem o leitor a antecipar o final da narrativa. Os deslocamentos, geralmente, de pronomes oblíquos serviram para ajudar o leitor a identificar melhor o sujeito. Cada intervenção encontrada nos testemunhos deixava aparente sua luta pela redução da narrativa, as informações foram reescritas de forma a torná-las implícitas, para que o leitor atento subtendesse o final da história.

Além disso, destacamos também o fato do escritor iniciar suas narrativas falando sobre a personagem principal, não mais descrevendo o cenário ou as personagens secundárias, mas numa cena específica que tivesse como centro a dona do enredo.

A obra de Moreira Campos ultrapassa os limites do tempo e se mantém viva até a atualidade pelo seu estilo único, criado a partir da base teórica adquirida nos contos de Tchecov, Machado de Assis e Eça de Queiroz e da necessidade de se expressar em poucas e objetivas palavras. Tal estilo foi aprimorado pelo infundável trabalho de construção e reconstrução.

Ao final, podemos dizer que o escritor fazia seus contos para um leitor atento, pois tudo era sugerido, as palavras não valiam pelo seu sentido comum, mas, sobretudo, pela carga semântica que exprimem. Muitas vezes esse sentido está na própria ausência da palavra, no não-dito, no espaço criado para que o leitor participe do texto, onde o silêncio narra.

REFERÊNCIAS

- ANASTÁCIO, S.M.G. *O jogo das imagens no universo da criação de Elizabeth Bishop*. São Paulo: Annablume, 1999.
- ANDRADE, C. D. *Carlos Drummond de Andrade: poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1973.
- ANTELO, R. O tempo do arquivo não é o tempo da história. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (Org.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. p.155-175.
- ARFUCH, L. A auto/biografia como (mal de) arquivo. Tradução de Rômulo M. Alto e Mayla S. Pereira. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (Org.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. p. 370-382.
- ARTIÈRES, P.. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos: arquivos pessoais*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v. 11, n.21, p.9-32, 1998.
- AS VOZES do morto. *Gazetilha Literária*, Rio de Janeiro, p. [?], 17 jul. 1963. (Recorte de jornal)
- AZEVEDO, S. *Literatura cearense*. Publicação da Academia Cearense de Letras, 1976. p. 478 a 482.
- BARROSO, A.G. Revista *Unitária*, Fortaleza, p [?],13 jun. 1976.
- BELLOTTO, H. L. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 4. ed.. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2006.
- BENEVIDES, A. E. *Evolução da poesia e do romance cearense*. Fortaleza: Imprensa Universitária/ UFC, 1976.
- BIASI, P-M. de. *A genética dos textos*. Tradução de Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- BORGES, R.; SOUZA, A. S.. Filologia e edição de texto. In: BORGES, Rosa et al. *Edição de texto e crítica filológica*. Salvador: Quarteto, 2012. p. 15-59.
- BRAGA MONTENEGRO, J.. Evolução e natureza do conto cearense. In: *Uma antologia do conto cearense*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1965, p. 11-44.
- CAMINHA Jr. E. José Maria Moreira Campos: o escritor é um permanente angustiado. *Diário do Nordeste*, Fortaleza. p. [?], 5 fev. 1984. (Recorte de jornal)
- CAMPOS, J.M.M. Arquivos implacáveis. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, p. 75, 4 jan. 1953.

_____. *A gota delirante*. Fortaleza: Tipoprogresso, 2014. 142p.

_____. *A mágoa*. Fortaleza. [19--]. 2f.

_____. *A mecha de cabelos*. Fortaleza. [19--]. 2f.

_____. *A nova empregada*. Fortaleza. [19--]. 3f.

_____. *Os caminhos*. Fortaleza [19--]. 2f

_____. *O elevador de carga*. Fortaleza. [19--]. 3f.

_____. *O suposto filho*. Fortaleza. [19--]. 2f.

_____. *Um pouco de autobiografia*. Fortaleza. 1986. 3f.

CARVALHO, R. B. S.. *Poemas do mar de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. 2002. XXXVI + 809 + 56 il. 2v. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

CARVALHO, G.. O Eterno e o descartável (prefácio). In: CAMPOS, M.; LIMA, I. (Org.). *Porta de Academia*. Fortaleza: Edições UFC, 2013. p.11.

CHARTIER, R.. *Os desafios da escrita*. Tradução de Fulvia M.L. Moretto. São Paulo: Unesp, 2002. p.61-76.

COSTA, G. J. da (Org.). *Moreira Campos em quadrinhos*. Fortaleza: Editora UFC, 1995.

CONTOS LATINO-AMERICANOS DE NOSSOS DIAS. Espanha e Portugal, Jerusalém: Instituto Central de Relações Culturais Israel-Ibero América, 1964.

CUNHA, F. *Situações da ficção brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

CURY, M. Z. F. Acervos: gênese de uma nova crítica. In: MIRANDA, Wander Melo (Org.). *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: UFMG, Centro de Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, 1995. p. 53-63.

- DEBRAY-GENETTE, R.. *Essais de critique génétique*. Paris, Flammarion, 1979.
- DERRIDA, J. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DIE REIHER UND ANDERE BRASILIANISCHE ERZÄHLUNGEN (*O preso*). Tradução de Curt Meyer-Clason. Alemanha, 1967.
- DUARTE, L.F. *A fábrica dos textos: ensaios de crítica textual acerca de Eça de Queiroz*. Lisboa: Cosmos, 1993.
- _____. Glossário de Crítica Textual. Lisboa: Universidade Nova Lisboa, [1997-]. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/invest/glossário/>>. Acesso em: 15 abr. 2015.
- _____. Entre Penélope e Euriclea. In: TELLES, Célia Marques; SANTOS, Rosa Borges dos (Org.). *Filologia, críticas e processos de criação*. Curitiba: Appris editora. 2012.p. 53-67.
- ECO, U. *A memória vegetal e outros escritos sobre bibliofilia*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2010.
- FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- GOTLIB, N. B. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1985.
- GURGEL, I. Galeria. *O Povo*. Fortaleza, p. [?], 7 jan. 1970. (Recorte de jornal).
- GUTIERREZ, A; MORAES, V. (Org.). *Tributo a Moreira Campos e Natércia Campos*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008.
- GRÉSILLON, A. Como ler e interpretar os dossiês genéticos? In: *Elementos de crítica genética: Ler os manuscritos modernos*. Tradução de Cristina de Campos Velho Bick et al. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.p. 189-231.
- HAY, L. Ler os manuscritos. In: *A literatura dos escritores: questões de crítica genética*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007. p.91-92.
- HOLANDA, A. B. de. Moreira Campos lança Os doze parafusos. *O Povo*, Fortaleza, p.[1], 28 out. 1978. (Recorte de jornal)
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão... [et al]. 7ª ed. revista. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LIMA, B. de. *Moreira Campos: a escritura da ordem e da desordem*. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1993.

LINHARES, T. *22 diálogos sobre o conto brasileiro atual*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

LOPEZ, T. A. P. O texto e o livro. In: ANDRADE, M. de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* (Edição crítica). Paris: Association Archives de la Litterature latino-americaine des Caraïbes et africaine du XX siecle: Brasilia, DF: CNPq, 1988 (Coleção Arquivos, v. 6). p. 311-335.

MACEDO, N. Moreira Campos: humorismo é começo de tragédia. *Unitário*, Fortaleza, p. [?], 3 de fev. 1963. (Recorte de jornal)

MAIA, P.A. (Direção de). *Dicionário crítico do moderno romance brasileiro*, v.1. Belo Horizonte: Grupo Gente Nova, 1970. p. 125.

MARQUES, R. O que resta nos arquivos literários. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (Org.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. p.192-203.

MATOS. E.S. D. de. *Os manuscritos autógrafos de Cândido ou o Otimismo – Herói de todo caráter, de Cleise Mendes: ensaio para montagem de uma cena em dois atos*. 2011, 1v. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

_____. MATOS. E.S. D. de. *O manuscrito autógrafo e suas rasuras: autoria, subjetividade e edição*. 2014, 1v. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MARTINS, N. S. *Introdução à Estilística: A Expressividade na Língua Portuguesa*, 4ª ed. rev. 2 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

MENESES, U. B. de. Os paradoxos da memória In: MIRANDA, Danilo Santos de. *Memória e Cultura: a importância na formação cultural humana*. São Paulo: SESC SP, 2007. p. 13-33.

MNEMOSYNE. In: KURY, M. da G. *Dicionário de mitologia grega e romana*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 270.

MONTENEGRO, P. P. *A grande mosca no copo de leite*, de Moreira Campos. *O Povo*, Fortaleza, p. 6, 2 mar. 1986.

MORAES, M. A. de.. Afinidades eletivas. In: *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp/IEB-USP, 2000. p. 13-33.

MOSER, W. Le recyclage culturel. In: MOSER, W. et al (Org). *Recyclages: économies de l'appropriation culturelle*. Montreal: Les Éditions Balzac, 1996. p.23-53.

NASCIMENTO, F. S. Escritor cearense transpõe os [?] . *O Povo*, Fortaleza, p [?], 2 jun. 1962. (Recorte de jornal).

NORA, P. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. In: NORA, Pierre (Org). *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1984. v.1. p. 7- 42.

NOUZEILLES, G. Os restos do político ou as ruínas do arquivo. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (Org.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. p.137.

NOVAIS, M. I. C. *Jacob e o anjo: construção do texto dramático em José Régio*. Tese (doutorado) – Doutorado em Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2004.

O PRESO. Direção e Produção de Karim Ainouz. Fortaleza: Casa Amarela, 1992. 1 videocassete (19 min), VHS, son., color.

PAULA, E. História de amor: Dona Zezé fala das lembranças de seu grande amado Moreira Campos. *O Povo*, Fortaleza, p. [?], 20 abr. 1996. (Recorte de jornal)

PIGLIA, R. *Formas breves*. São Paulo: Companhia das letras, 2004. p. 89.

POE, E. A.. *A filosofia da composição*. Tradução Léa Viveiros de Castro. 2ed. Rio de Janeiro: 7 letras, 2011.

PÓLVORA, H. A síntese comprometida. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p.[?], 25 fev. 1970. (Recorte de jornal)

_____. *A força da ficção*. Petrópolis: Vozes, 1971.

PONTES, M. A arte essencial do conto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p.[?], 9 dez. 1978. (Recorte de jornal)

QUEIROZ, R. de. Prefácio. In: CAMPOS, Moreira. *Dizem que os cães veem coisas*. 3. ed. São Paulo: Maltese, 1995. p. 7-9.

RANGEL, J. José Rangel pergunta. *Preview*, Fortaleza, ano 1, n. 9, jun. 1983. Publicação da ACIPE, p. 26 (Recorte de jornal)

SCOTTINI, Alfredo. *Dicionário de nomes*. Blumenau: EKO, 1999. p. 25

SENA, P.G. O puxador de signos. *A Tarde Cultural*, Salvador, p. [?], 4 set. 1993. (Recorte de jornal)

SOUZA, A. S. de; MATOS, E. S.D.; ALMEIDA, I. S.de. Do arquivo filológico para a filologia do arquivo: adentrando espaços de preservação da memória do teatro baiano. In: SANTOS, Rosa Borges dos. *Edição e estudo de textos teatrais censurados na Bahia*. Salvador: Edufba, 2012. p. 119-137.

SOUZA, J.H.de. Moreira Campos: Tiro minhas histórias de simples fatos da vida. *O Povo*, Fortaleza, 30 nov. 1957. *Literatura & Arte*, p. [?]. (Recorte de jornal)

SOUZA, S.; PONTE, S.R.(Coord.). *Roteiro sentimental de Fortaleza: depoimentos de história oral de Moreira Campos, Antonio Girão Barroso e José Barros Maia*. Prefácio de José Carlos Sebe Bom Meihy; transcriutores: Oswaldo Barroso, Caterina de Saboya Oliveira e Sebastião Rogério Ponte. Fortaleza: UFC – NUDOC/SECULT – CE, 1996. p. 25-102.

TAVANI, G. Metodología y práctica de la edición crítica de textos literarios contemporáneos. In: *Litterature Latino-Americaine et des Caraïbes du XX siècle*. Roma: Bulzoni editore, 1988. p. 65-84.

VIANA, C. A. Estilo de vida, cultura e lazer. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, p. [?], 13 fev. 1989. (Recorte de jornal)

Apêndices

Apêndice A**Quadro 9 – Chave de leitura do confronto sinóptico**

	Título
Nº das linhas, Test. 8	Trecho do testemunho 8, em negrito
Nº das linhas, Test. 7	Trecho do testemunho 7
Nº das linhas, Test. 6	Trecho do testemunho 6
Nº das linhas, Test. 5	Trecho do testemunho 5
Nº das linhas, Test. 4	Trecho do testemunho 4
Nº das linhas, Test. 3	Trecho do testemunho 3
Nº das linhas, Test. 2	Trecho do testemunho 2
Nº das linhas, Test. 1	Trecho do testemunho 1

Apêndice B

Quadro 10 – Confronto sinóptico *Os caminhos*

	Título
Test. 8	OS CAMINHOS
Test. 7	OS CAMINHOS
Test. 6	<OS> CAMINHOS
Test. 5	DOIS NÁUFRAGOS
Test. 4	OS CAMINHOS
Test. 3	sem título
Test. 2	sem título
Test. 1	sem título
L.1-6, Test.8	Ela chegou à minha casa depois que a empregada velha e já quase caduca <↑que fora da minha mãe> morreu no hospital. Foi trazida, com a sua trouxa, por um caboclo que às vezes me presta serviço, depois de pedidos meus a várias pessoas para que me arranjassem uma empregada. Já [↑ andava cansado], sem poder, de comer em restaurantes, uma ou outra vez na casa de meu filho. Moça ainda, [a empregada nova,] pela faixa de trinta anos.
L.1-9, Test.7	Veio enfim parar na casa da minha mãe. Tinha então vinte e cinco anos. Se lhe fosse contar a vida, de que me inteirei com o tempo e a intimidade, daria um romance realmente. Deflorada aos quatorze anos pelo padrasto, a mãe, uma lavadeira, morreu cedo, o irmão único assassinado num forró. Lavou e passou roupa para muitas famílias, num trabalho duro. Fugiu da casa de uma megera que lhe negava até comida, escondendo a chave da despensa, pôde Comprar a passagem de ônibus e chegou à Capital, só, sozinha, ao Deus dará. Prostituiu-se, viveu em pensão de mulheres. Engalicou-se, tratava-se no ambulatório da farmácia pelas próprias mãos ou do enfermeiro, que a cantou depois de curada. Engravidou e fez aborto com uma comadre de terreiro.
L.1-11, Test.6	Veio enfim parar na casa de minha mãe. Tinha então [dezenove anos] <↑vinte e cinco anos.> Se lhe fosse contar a vida, de que me fui inteirando com o tempo e a intimidade, daria realmente um romance. Deflorada aos quatorze anos pelo padrasto, a mãe, uma lavadeira, [morta pouco tempo depois] <↑ morreu cedo>, o irmão único assassinado num forró. Lavou e passou roupa<s> para muitas famílias, num trabalho duro. Fugiu da casa de uma megera que lhe negava até comida, escondia a chave da despensa[.]/,[P]<↓p>ôde comprar a passagem de ônibus e chegou à Capital, só, sozinha, ao Deus dará. Prostituiu-se, viveu em pensões de mulheres <,> [.] [dançava à noite ao som da orquestra.] Egalicou-se, pegou doença do mundo, tratava-se no ambulatório da farmácia pelas suas próprias mãos e a do enfermeiro, que a cantou depois de curada. Engravidou e fez aborto com a comadre do terreiro.
L.1-11, Test. 5	Veio enfim parar na casa de minha mãe. Tinha então dezenove anos. Se lhe fosse contar a vida [que] de que me fui inteirando [com Ω1a intimidade] o passar do tempo, <Ω2↑e a intimidade> daria realmente um romance. Deflorada aos quatorze anos pelo padrasto, a mãe, uma lavadeira, morta pouco[s] [anos] <[↑tempo]> <↑pouco tempo depois> depois, o irmão único assassinado num forró.

	<p>Lavou e passou roupa para muitas famílias. Uma vida dura, com muito suor e dores. Fugiu da casa de uma megera, que lhe negava<↑até> comida, <↑escondia a chave da> <↑dispensa> pôde comprar a sua passagem de ônibus e chegou à Capital, só, sozinha, sem ninguém, ao Deus dará. Prostituiu-se, viveu em pensões de mulheres, dançava à noite ao som da orquestra. Engalicou-se, pegou [doença] do mundo, curava-se no ambulatório da farmácia, por ela própria e o enfermeiro, que a cantou depois de sarada. Engravidou e fez aborto com a comadre do terreiro.</p>
L.4-18 , Test.4	<p>Foi quando apareceu, aconteceu, Zuleica, [também de programa,] uma ar sério, grave, modelo de corpo. Um dia, perguntou-lhe se queria viver com ele. Ela o abraçou e beijou muito. Mas havia dificuldades. Zuleica [tinha] <↑tem> pais. Ele conhecia o velho de rua, corretor de imóveis, com a sua pesada pasta, sempre apressado. Este esteve em seu consultório. Ele próprio abriu-lhe a porta, prorrogou consultas, [ofereceu] <↑conduzi-o até> <↓conduzi-o até a cadeira> a cadeira. O corretor <X> olhava-o [muito], meio surpreso. O médico falou-lhe com palavras escolhidas bem ajustadas. O velho, sempre intrigado, ajustou-se melhor na cadeira[e] <[↑e]> [com os olhos no bico dos sapatos], <↑e> encereceu as qualidades da filha. Menina muito boa querida por todos de casa e das amigas.</p> <ul style="list-style-type: none"> – [Todos] [g]/G\ostam muito dela. – Sei, sei. <p>Acompanhou-o até a porta, com a mão no seu ombro.</p> <ul style="list-style-type: none"> – Aqui estamos ao seu dispor. – Obrigado.
L 7-12, Test.8	<p>Eu a possuí logo na noite seguinte. Empurrei-lhe de leve a porta do quarto, ela pareceu assustar-se, levantou-se de sua rede meio estremunhada, fez careta, mas acompanhou-me. Levei-a para o meu quarto. Ia ali à minha frente, passiva e dócil <com o seu> [<Foi ao>] <↓Procurou o> banheiro e veio para minha cama. Dormiu comigo o resto da <↑metida no> seu próprio vestido. [com que trabalha] noite e as que se seguiram, definitivamente. Marido e mulher, os dois travesseiros.</p>
L.22-25, Test.7	<p>[A primeira vez que a que a comi foi] <↑ Eu a possui pela primeira vez> ali mesmo na cozinha, em pé, minha mãe lá para os fundos da casa, eu atento ao arrastar da sua chinela, amparando-se à parede. Minha mãe me conhece bem. Uma vez, ainda moça, pegou-me com uma de suas empregadas no quarto desta.</p>
L.26 -30, Test.6	<p>A primeira vez que a comi <,> <↑e foi logo de começo,> foi logo ali na cozinha, em pé, minha mãe lá para os fundos de casa, eu atento ao arrastar de suas chinelas, amparando-se à parede. [Minha mãe] <↑Ela> me conhece bem. Uma vez, ainda <←bem→> moça <↑ [e mãe velhice] > pegou-me com uma de suas empregadas no quarto desta.</p>
L.17-20, Test. 5	<p>Eu a comia no seu quarto, às vezes em pleno dia, em pé ou dentro d[e]/a [sua] rede, atento ao arrastar de chinelas de minha mãe, já velha, amparando-se às paredes.[Já][ã]/\A\quele tempo, sendo uma adolescente, mas pelo muito que vivera, sabia comprar pílulas, preservativos, na farmácia, com o dinheiro que lhe sobrava.</p>
L.19-36, Test. 3	<p>Pois estava [ali] no [seu] quarto, sem palavras, Ω2 apenas em pé e depois sentado no banquinho de ela se servia e onde amontoava as[suas] <↑suas> roupas para lavagem. Afastou-as:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Estou muito só. – Sei, sei. <p>Ele sentiu que a energia gerada pela solidão e o pensamento vazio o abandonava. Enfim, já não era nenhum rapaz. Falou [que era triste]<↑da tristeza de> viver sozinho. Não podia conciliar o sono. Ela martelava com a cabeça, aprovando, na meia luz da lâmpada, <↑na área> que [fora aberta na área][.]/\<↑que ela própria acendera>Querida apenas que lhe fizesse companhia, ficasse ao seu lado, fosse para o seu quarto. Houve mais um silêncio.</p> <ul style="list-style-type: none"> – Na cama da finada? – Faz mal não. Só pra me fazer companhia. <p>Foram. Ela marchava à sua frente pelo corredor (as nádegas firmes) na sua camisola, o lençol em bolo sob o braço. Valeu-se do banheiro e acomodou-se na cama. Tiveram relações quando a mão dele [↑logo+] lhe procurou as coxas. <Pela madrugada, o sol já se infiltrando sob a porta, tiraram um cochilo></p> <p>< [Ela]> [A] <A>cabou [de] /pr\ dormir, ali nessa noite. <↑ali do seu</p>

	lado e> nas noites que se seguiram, marido e mulher, os dois travesseiros.
L.13-29, Test. 8	<p>Com o tempo, só por curiosidade, quis saber do seu passado. Trancava-se em si mesma, dava detalhes. Aludia a um pai desconhecido, que ninguém sabia quem era, a mãe morta muito cedo.</p> <p>– E mais? – Eu perguntava.</p> <p>Emperrava, corria os olhos pelo chão. Estalou os dedos:</p> <p>– Fui prejudicada por um tio meu [,] <.> [m]/M\eninota [./], [Q1ainda.] [Q]<q>uatorze anos. Adiantou Q2↑ainda, qualquer coisa [mais], vagamente:</p> <p>– Sem querer ofender, homem é bicho ruim.</p> <p>Parecia revoltar-se, porque se levantou de repente, rodava por dentro do quarto e repetia com energia:</p> <p>– Ruim, ruim, ruim! E porco!</p> <p>Eu a seguia com os olhos. Avaliava-lhe os duros momentos que vivera.</p> <p>E, em meio a tudo isso, era pura, ingênua. [Distraia-se] <↑Distrai-se> com crianças, <↑da vizinhança> sobretudo se pequenas. [Beija-as, cheira-as] olha-as perdidamente. [(é assim com as da vizinhança, quando por acaso as encontra)]. Uma outra coisa curiosa nela é o tom de voz, a maneira de falar, com aquele jeito seu de pôr as mãos nos quadris:</p> <p>– Seu menino, acha?</p>
L.10-21, Test.7	<p>Foi quando deu com os costados na casa de minha mãe. E, em meio a tudo isso, era pura, ingênua, via-se logo, pelos seus olhos grandes e límpidos, sempre surpreendidos, como se a vida ainda tivesse coisas a mostrar-lhe. Enrolava-se nos braços, os olhos no chão para uma resposta. Gostava de crianças, distraia-se com as da vizinhança, olhando-as perdidamente, entre o riso e a permanente surpresa. O engraçado era ainda o modo de falar, a maneira de apoiar as mãos nos quadris:</p> <p>– Seu menino, acha?</p>
L.11-20, Test. 6	<p>Foi quando deu com os costados na casa de minha mãe. E, em meio a tudo isso, [era] <↑era> pura, ingênua, via-se logo, pelos seus olhos grandes e límpidos, sempre surpreendidos, como se a vida ainda tivesse coisas a mostrar-lhe. Enrolava-se <↑ Enrolou-se> nos braços, os olhos no chão, para uma resposta. Gosta[v]a <↑gosta> de crianças <↑([esta diverte-se com os vizinhos,]> < ↓[aí pela vizinhança]>ficava olhando-as perdidamente, com aquele jeito seu, entre o riso e a permanente surpresa. O [encantador] <engraçado> nela ainda [era]<↑é> o modo de falar, a maneira de apoiar as mãos nos quadris:</p> <p>– Seu menino, acha?</p>
L.12-23, Test. 5	<p>Foi quando deu com os costados na casa de minha mãe. E em meio a tudo isso, era pura, ingênua, via-se logo, pelos seus olhos grandes e límpidos, sempre surpreendidos, como se a vida ainda tivesse coisas a mostrar-lhe. Enrolava-se nos braços, os olhos no chão, para uma resposta. Gostava de crianças, ficava olhando-as perdidamente, com aquele jeito seu, entre o riso e a permanente surpresa. Eu a comia no seu quarto, às vezes em pleno dia, em pé ou dentro d<e>/a\ <sua> rede, atento ao arrastar de chinelas de minha mãe, já velha, amparando-se às paredes.[Já][â]/\quele tempo, sendo uma adolescente, mas pelo muito que vivera, sabia comprar pílulas, preservativos, na farmácia, com o dinheiro que lhe sobrava. O encantador nela, entre muitas coisas, era o [seu] jeito de falar [aquela] <↑a> maneira de apoiar as mãos nos quadris:</p> <p>– Seu menino, acha?</p>
L.30-34, Test.8	<p>Não sei [porque] <↑milagre>, sabe ler um pouco, soletra, mas não [sabe] escreve[r]. [Ainda hoje a] [e]<E>ncontro<↑-a> sentada no banco da cozinha, em luta com a página do jornal, a que traz notícias das telenovelas:</p> <p>– Instruindo-se, hem?</p> <p>Ri</p>
L.17-21, Test.7	<p>Sabe ler um pouco, mas não escreve. Às vezes, eu a encontrava, e encontro, mal sentada no banco da cozinha, as coxas magras de fora em luta com a página do jornal, a que traz notícias das telenovelas. Brincava:</p> <p>– Instruindo-se, hem?</p> <p>Ria.</p>
L.21-25, Test.6	<p>Sabe ler um pouco, mas não escreve. Às vezes, eu a encontrava <↑</p>

	<p>encontrava> < [↑ encontra,]> mal sentada no banco da cozinha, as coxas magras de fora, em luta com a página do jornal, a que traz notícias das telenovelas. Brinca[va]/o.\:</p> <p>– Instruindo-se, hem? Ela [ria] [ri] /ri\</p>
L.30-34, Test.5	<p>[A menina sabe ler Ω1com dificuldade, mas] Não disse ainda que a menina lê pouco, Ω2com dificuldade, mas sabe escrever. Vez por outra eu a encontrava <↑e encontro> no banco da cozinha, as coxas magras [à mostra] <↑de fora>, em luta com o jornal.</p> <p>– Instruindo-se, hem! – eu dizia. [Ria] Ria [aquele]<↑o seu> riso manso, já agora tranqüilo, amparado.</p>
L.35-37, Test.8	<p>Sou desquitado e exerço um emprego razoável na fiscalização da Prefeitura. Melhero o salário com concessões, vista grossa para os faturamentos de algumas firmas.</p>
L.26-33, Test. 7	<p>O tom de minha velha agora era rallo suave, quase um riso, o dedo me comprimindo o nariz:</p> <p>– Não vá mexer com esta menina! Beije-lhe os cabelos ralos. Falava comigo com se eu ainda fosse o mesmo rapaz, e não o homem de tēmporas já grisalhas, desquitado e pai de um filho casado. Aliás, foi depois do desquite que voltei para a sua companhia.</p> <p>Exerço um emprego razoável na fiscalização da Prefeitura. Melhero o salário com concessões, vista grossa para o faturamento de algumas firmas comerciais.</p>
L.30-37, Test. 6	<p>O tom de minha [mãe] <↑velha> agora ,[era] <↑é> de rallo suave, quase um riso, o dedo me comprimindo o nariz:</p> <p>– Não vá se meter com esta menina! Beije-lhe os cabelos ralos. Falava comigo como se eu ainda fosse o mesmo rapaz, quando sou hoje um homem de tēmporas grisalhas, grisalhas, desquitado e pai de um filho casado. Exerço um emprego razoável [aqui] na fiscalização da Prefeitura. Melhero o salário com concessões, vista grossa para o faturamento de algumas firmas comerciais.</p>
L.24-29, Test. 5	<p>Gostava de minha mãe, entendia-a em tudo. Minha mãe me conhecia bem. Jamais dei para casamento aprecio mi[nha] <↑uma>cacheça, <↑ uma boa farra> [às vezes, um violão] <[uma farra.]> [Ω1A velha me advertia] Vivo deste [pequeno] emprego <↑fiscal> / na Prefeitura, que melhero com propina, vista grossa[na fiscalização] [de] firmas comerciais. Ω2 A velha me advertia:</p> <p>– Não vá mexer com esta menina...</p>
L.1-4, Test.4	<p>Ele é médico da Assistência e tem consultório modesto numa galeria, onde recebe os clientes populares, [gente do povo] que lhe traziam a guia do Instituto. Também desquitado de uma mulher que não lhe deu filhos (mas não foi esta a causa da separação). Tinha os seus quebra-galhos, uma ou outra menina que levava ao motel no seu fusca.</p>
L. 1-18, Test.3	<p>Perdeu a mulher no acidente de automóvel. Foram dias de muitas dores e lágrimas. Teve, pelo menos por uma semana, a companhia da filha casada e do filho, também casado, que apareciam com suas crianças. Mas chegou aquele momento mais terrível em que se encontrou só com o seu travesseiro, entregue à solidão e[à] insônia. Foi numa dessas noites que procurou os chinelos sob a cama e se encaminhou para o quarto da empregada. Bateu- lhe com o nó dos dedos na porta entreaberta. Houve um silêncio. Depois:</p> <p>Quem é? Sou eu. [Ω1Estava ali no seu quarto, sem palavras, apenas em pé, depois sentado no banquinho de que]</p> <p>Abriu-lhe a porta na sua camisola e envolvida no lençol. Não se admirava muito. Sentia-lhe [de] há muito os olhos que lhe seguiam as nádegas fortes, a própria maneira de falar-lhe com brandura na voz, ele, aquele homem caladão, de poucas palavras (ocupa um bom cargo no serviço públião federal). Indagava-lhe no café da manhã se dormira bem[(o que jamais fizera.)] nestes últimos dias até lhe trouxe um mimo da rua, o vidro de água-de-colônia. Vexou-se ela:</p>

	<p>– Pra mim? – É seu</p>
L.1-14, Test. 2	<p>Sou desquitado de uma mulher que não me deu filhos. Mas não foi este o motivo da separação. Quero apenas dizer que sou desquitado. <Já Ω1me> [a]<A>pareceram <↑Ω2-me> pretendentes, sem entusiasmo meu. Tenho tido quebra-galhos uma ou <↑outra> menina de programa, que levo para o motel no meu automóvel, entre estas uma cliente casada (sou médico). Até que apareceu, aconteceu Zuleica, <↑ também menina de programa.> Um rosto sério <↑A dif.e é de> <←a diferença entre nós é de uns 15 anos>, grava, um modelo de corpo. Trouxe-a muitas vezes ao motel. Perguntei-lhe um dia se queria viver comigo. Abraçou-me, beijou-me muito. [Para isso seriam]<↑XeramX> necessárias muitas providências, acertos. Zuleica tem pais. [O velho ainda [é] moço] <↑O pai> já esteve no consultório (é corretor de imóveis). Da sua cadeira, olhava-me muito, como que meio surpreendido <[↑Ω1Disse-lhe dos meus propósitos, ele]>. Encareceu qualidades da filha, muito querida em casa por todos. <↑Ω1Disse-lhe dos meus propósitos, com palavras escolhidas.> Eu avaliava o trabalho que iam dar-me, ele, a mulher e um filho rapaz, parece-me. <bem afastados, ele encareceu></p>
L.1-5, Test. 1	<p>[Era]<↑É> desquitado, sem filhos. Tinha os seus quebra-galhos, uma ou outra menina de programa, que levava ao motel no seu velho fusca. Tudo com parcimônia, dentro de suas possibilidades. Simples médico da assistência, com pequeno consultório[em rua anônima] <↑numa galeria>, para atendimento de clientes que [traziam]<↑trazem> a guia do Instituto, populares, gente do povo.</p> <p>Um dia, apareceu Zuleica, também menina de programa. Foi por quem [ele] se encantou: o rosto sério, grave, um modelo de corpo. [Fez-lhe proposta]<↑Perguntou- lhe> certa vez[:] [S]e queria viver com ele. Zuleica o abraçou e beijou muito.</p> <p>Mas havia muita coisa a acertar, a vencer. Zuleica [tinha] <↑tem> pais. O velho um corretor de imóveis, que ele conhecia de rua, com a sua pesada pasta, sempre apressado. [Os pais da menina estiveram no seu pequeno consultório]. Compareceu ao seu consultório. Recebeu-o com muita atenção, [in] ajeitou-lhe a cadeira:</p> <p>– Fique à vontade. – Estou bem.</p> <p>O homem o olhava muito, como que surpreendido. Disse-lhe, com palavras escolhidas, bem pensadas dos seus propósitos com Zuleica. O pai, sempre surpreso, fez o elogio da filha. Menina boa, amiga dos pais e do irmão. Muito querida por todos.</p>
L.38-48, Test. 8	<p>Meu filho, [que é bem moço, por assim dizer, quase um menino,] <↑ que se casou muito cedo e é comerciante> vem à minha casa uma vez ou outra [, atarefado com o seu emprego no serviço federal.] Quando [<pode aparecer-me] <↑foi possível aparecer-me> acompanhado da mulher, já nos encontrou<, a mim e à nova empregada,> instalados na sala, em frente a televisão. Hão de ter tido surpresa, pela intimidade e mocidade dela. Minha [moça] <↑companheira> até quis fugir para a cozinha, mas eu a contive. Apenas, mais tarde, saiu para passar um café, quando aproveitei a oportunidade para esclarecimentos. Era uma menina boa, trabalhadora, preenchia as minhas horas. Meu filho, que é brincalhão, bateu-me forte no joelho:</p> <p>– Ah, velho macho! Minha nora perdeu os olhos numa réstia de sol. – Está certo, a vida é do senhor.</p>
L.34-47, Test.7	<p>Meu filho e a mulher nos visitam, quando podem. Ele apesar de moço, tem cargo bom e concursado no serviço federal. Sei que ambos, ele e a mulher, têm certeza do meu relacionamento com a nova empregada, sem surpresa, e a respeitam, são gentis com ela. As coisas têm tal evidencia que, mesmo no começo de tudo, meu filho, <↑brincalhão que é,> ao despedir-se de mim na porta, pôs a mão no meu ombro: [e pilheriou]</p> <p>– Com menina nova em casa, hem, velho? – Deixa de esculhambação!</p> <p>Quando minha mãe morreu (um prejuízo, pois recebia a pensão deixada</p>

	<p>por meu pai), a empregada nova chorou, serviu o almoço de olhos vermelhos. Desde então, instalou-se na sala, ao meu lado, para assistir à televisão. Mas, de início, ainda se levantava e se metia pela cozinha, quando o meu filho e a mulher chegavam, ou aparecia, por acaso, pessoa estranha, um colega meu da Prefeitura. Mas terminou por ficar ao meu lado definitivamente, contida pela força de meu braço, e até dava seus palpites, entusiasmada, nas passagens mais interessantes das telenovelas.</p> <p>Uma família.</p>
<p>L.38-55, trecho acrescido no fim do texto datiloscrito, Test.6</p>	<p>Meu filho e a mulher nos visitam quando pode. [Ele], [tem cargo bom no e concursado no serviço federal.] <Ele, apesar de moço, tem cargo bom e concursado no serviço federal.> Sei que ambos, ele e a mulher têm certeza do meu relacionamento com a nova empregada, sem surpresas. Tanto é assim que, certa vez, meu filho [so] ao [sair], <↑despedir-se> pôs a mão no meu ombro e pilheriou:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Com menina nova em casa [hem?] <↑hum velho?> - Deixa de esculhambação! <p>Quando minha mãe morreu, o que foi <grande> prejuízo pois recebia a pensão [que meu pai deixou]<↑deixada por meu pai>, a empregada nova chorou. Serviu o almoço de olhos vermelhos. <XX> Desde então [passou a vir para sala] <↑instalou-se na sala>, ao meu lado para assistir à televisão <X> [(antes sentava-se na sua cadeirinha, à parte), embora d]e início, [ainda] se levantasse <↑ se levantava>[quando] e se met[esse] <ia> na cozinha [quando alguém (um colega) colega da Prefeitura) chegava, ou quando meu filho e a mulher] quando [alguém (um colega da Prefeitura) chegava meu filho e a mulher][chegavam, ou qualquer outra pessoa] por acaso chegavam, ou qualquer outra pessoa (um colega da Prefeitura). Mas com o tempo foi ficando, contido pela força do meu braço. Sentou-se definitivamente e já [dá] < [↑dava da as]> <[↓ dava os]/dá\seus palpites, entusiasmo, nas passagens mais interessantes das novelas.</p> <p>Um família.</p> <p><e até têm muita atenção para com ela [Mesmo no com] as coisas são tão evidentes que mesmo no começo de tudo, meu filho certa vez ao despedir-se ali na porta, pilheriou:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Com menina nova em casa, hem velho? - Deixa de esculhambação. <p><X> embora, de início, ainda se levantasse [quando meu filho chegava com] e se metesse na cozinha, quando meu filho e a mulher chegavam ou aparecia qualquer colega meu da Prefeitura.></p>
<p>L.35- 50, Test.5</p>	<p>Minha irmã casada nos visita. Vem com [a]/o\[sua récu]a<↑seu bando> de filhos, que se envolvem aí com a menina, numa verdadeira brincadeira de crianças. Minha irmã desconfia de que tenho relações com ela, mas aceita, não faz alarde, nem mesmo cochicha [com] <↑ao ouvido de> minha mãe. [Ω1É a vida] Aprova, <Ω2é a vida>. Quando minha velha morreu, [Ω1ela, a menina chorou, chorou, andava por dentro de casa e] (o que foi um grande prejuízo, pois recebia a pensão deixada [pelo marido]<↑por meu>), Ω2 ela, a menina, chorou, chorou, andava por dentro de casa e serviu o almoço de olhos vermelhos.</p> <p>Passou [então] a vir para a sala, sentada ao meu lado na espreguiçadeira, à vontade, embora, de início, se levantasse e se refugiava na cozinha, quando minha irmã chegava com os filhos. Mas o tempo e o[s] [costumes] [costume] <↑a verdade> tudo podem. Sentou-se de vez ao meu lado <↑obrigada pela força do meu braço>, [Ω1e dava] viesse[em] quem viesse Ω2e [já] dava os seus palpites [entusiasma]<↑entusiasmada> nas passagens mais [empolgantes] <↑interessantes> da<s> telenovela<s>.</p> <p>Uma família, dois naufragos, <↑eu + que ela>, que se encontraram, agarrados à mesma tábua.</p>
<p>L. 45-55Test.4</p>	<p>[Recebiam] <↑Recebem> também a visita dos pais de Zuleica. O velho já se valia de fumaças de bons negócios no seu remo, aludia a amizades de que desfrutava, valia de fumaças de bons negócios no seu remo, aludia a amizades de que desfrutava, citava nomes, um destes conhecido do médico.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sei, sei quem é. - Gente boa. <p>Aos domingos, fica[vam] <↑m> para o almoço quando</p>

	<p>[traziam]<↑trazem> um agrado qualquer, o doce raro ou a fruta desejada. [Da última vez,] <[↑Num desses domingos]> <↓Numa dessas vezes> a velha agradeceu muito o emprego que ele, médico, conseguiria para o seu filho no consultório de um colega. ----- Chegou abraçá-lo.</p> <p>– Nada, nada. Não me devem nada! – Bondade sua.</p>
L.37-43, Test.3	<p>Os filhos o visitavam. A filha tem verdadeira ternura pela empregada, que praticamente a criou. Beija-lhe a cabeça, elogia-lhe o vestido novo, o jeito que deu aos cabelos com a invenção daquela fita. A outra ria: <Ela acabou de dormir ali o resto da noite e as noites que se seguiram, marido e mulher, os 2 travesseiros.></p> <p>– Pra não ficar tão feia. – Você não é feia.</p>
L.35-38, Test. 2	<p>Os pais de Zuleica a visitam. Recebo-os atenciosamente. O velho <↑que não é velho>, pareceu-me mais seguro de si, com fumaças de bons negócios no seu ramo, os conhe[cimentos]<↑cidos> que tem [com pessoas de destaque] <↑de certo destaque>. Cita-me aqui estiveram, particularmente a mãe de Zuleica agradeceu-me muito o favor o emorejo que já nomes. Da última vez arranjei para o filho rapaz. Abraçou-me. Deixou-os aos cuidados da filha, que sempre me acompanha até a porta.</p> <p>Quanto a mim, também ainda tenho pais vivos. Estão com bastante idade. Devo-lhes muito, o sacrifício que fizeram para formar-me [,] longe deles. Meu velho foi comerciante sólido, mas veio a falência, sou eu que hoje os socorro financeiramente <,>[em momentos mais difíceis,] e isto evitava justificativas maiores.</p>
L.35-45, Test.1	<p>Recebem também a visita dos pais de Zuleica, [O] que são [recebidos] <↑acolhidos> com muita atenção. O velho[s] (que não é velho) parece-lhe, a ele médico, mais senhor de si, desembaraçado e até com fumaças de [boas relações] bons negócios no seu ramo. Alude [às]/a\ [boas] relações <↑de importância> que mantem, cita nomes conhecidos, um deles [conhecido do] <identificado pelo> médico.</p> <p>– Sei quem é. – Gente boa, gente boa!</p> <p>Aos domingos, [às vezes] <↑vez por outra>, ficam para almoçar, quando trazem um agrado qualquer [uma fruta,] uma fruta ou doce raro. Da última vez, o médico disse à mãe de Zuleica que já estava quase certo o emprego para o filho. Falara com um conhecido. Sairia nestes dias. A velha o abraçou muito, agradecida.</p>
L.49-52, Test.8	<p>Hoje, que saímos uma vez perdida para um cinema no bairro ou o sorvete no bar, ela com o seu velho vestido, ainda tenho preocupações <↑tolas> com o seu passado. Mas jamais encontrei um indivíduo que a reconhecesse, surpreso, ou por quem ela se interessasse. Diverte-se olhando as coisas e as pessoas, com um ou outro comentário, no comum ingênuo.</p>
L.52-56, Test.7	<p>Não disse, mas digo agora, que sempre me preocupou o seu passado. Hoje, que saímos uma vez perdida para uma sessão de cinema no bairro ou um sorvete no bar, ela com o seu melhor vestido, fico ainda atento. Mas jamais encontrei qualquer indivíduo, suponho, que a reconhecesse ou por quem ela se interessasse. Diverte-se olhando as coisas e as pessoas, curiosa, com um ou outro comentário.</p>
L.60-64, Test.6	<p>Não disse, mas digo agora, que sempre me preocupou o seu passado. Hoje, que saímos uma vez perdida para uma sessão de cinema no bairro ou um sorvete no bar, ela com o seu melhor vestido, fico ainda atento. Mas jamais encontrei qualquer indivíduo, suponho, que a reconhecesse, ou por quem ela se interessasse. Diverte-se olhando as coisas e as pessoas, curiosa, com um ou outro comentário.</p>
L.55-58, Test.5	<p>Não disse ainda, mas aqui digo, que pela vida desgarrada que [ele] levou e pela sua<↑que muito me [excitava] excita> experiência na cama, sempre [tive]atento <[e estou]estive e estou atento>a ela ou a qualquer homem, [quando saímos e saímos] quando saímos,< [↓ou] saímos> <↓saíndo>[ainda hoje,] para um cinema no bairro ou um sorvete no bar.</p>
L.56-62, Test.4	<p>Apenas por comodidade,<↑e de enc> o médico e Zuleica iam ao restaurante próximo <X> ou cinema do bairro. Mas passeiam ao cair da noite na</p>

	<p>pracinha em frente ou [vão ao] super-mercado <↑estão no>, se necessário, ele próprio empurrando o carrinho. Também comparecem ao cinema no centro, para um bom filme, e se demoram na sorveteria, um tipo moço os [encro] encarou com curiosidade e num meio sorriso. O médico olhou <←para> a companheira (no seu melhor vestido) e esta permaneceu tranquila, saboreando o sorvete.</p>
L.52-53, Test.3	<p>De resto, estão os dois no mercadinho próximo, escolhendo os produtos nas prateleiras. Ele empurra o carrinho [,] e cumprimenta, se necessário.</p>
L.46-52, Test.2	<p>Mas ainda tínhamos as nossas cautelas. Uma refeição em restaurante perto, um domingo em praia mais distante, o cinema do bairro. Hoje [já] estamos no super-mercado empurrando o carrinho [numa boa sorveteria], se necessário, numa boa sorveteria, nos cinemas do centro. Sei que <[ainda]>persistem comentários <[↑embora Ω1raros]> ([Zuleica veste-se bem]) olhares curiosos <↑(Ω2raros)>, que eu traduzo mais ou menos assim: “Este é doutor Eurico, ela a moça de programa que ele trouxe para casa”. Dessas pessoas [espero sempre o cumprimento atenci] algumas das quais distingo, espero sempre o cumprimento atencioso, que retribuo cordialmente.</p>
L.46-53, Test.1	<p>Ele e Zuleica saem para um jantar em restaurante próximo ou um cinema no bairro. Mais por comodidade, porque já andam por todos os lugares. Estão no supermercado, empurrando o carrinho, se necessário, na boa sorveteria, uma praia aos domingos ou um cinema no centro. Jamais tiveram surpresa. Apenas <Ω2 ↑ certa vez> num desses cinemas, [so] [Ω1 certa vez,] ao comprarem as entradas, um moço [correu-lhes a vista] <correu-lhes os olhos> com curiosidade, talvez surpresa. O companheiro [olhou] /olhou\ Zuleica, que não teve qualquer reação. E ambos caminharam superiores, desembaraçados, ela no seu melhor vestido.</p>
L.53-59, Test.8	<p><X> Pois não é que, talvez de propósito, suspendeu a pílula que tomava regularmente e engravidou! Levei a sua urina ao laboratório. Positivo. O ventre crescia, eu punha a mão na sua barriga. O menino ou a menina mexia-se. Ela andava pela cozinha em suores, falta de ar, os olhos [ainda mais] dilatados. Ainda teve vômitos, tontura, amparava-se à parede.</p> <p>A bolsa rompeu-se pela madrugada. Metia-a num táxi e levei-a à maternidade, com muitas contrações, caretas, a mão fria agarrada ao meu braço.</p> <p>Era um menino.</p>
L.48-51;57-59 Test.7	<p>Pois não é que, talvez de propósito, suspendeu a pílula que tomava regularmente e engravidou! Levei sua urina ao laboratório. Positivo. O ventre crescia, ela suspendia a luta na cozinha, soprava e enxugava o suor, pedindo ar, os olhos mais dilatados. Eu punha a mão na barriga, sentia mexer-se o menino ou a menina.</p> <p>Rompeu-se a bolsa pela madrugada. Meti-a dentro de um táxi e a levei à maternidade, com muitas caretas, contrações, a mão fria agarrada ao meu braço.</p> <p>Era um menino.</p>
L.56-59; 65-66, Test.6	<p>Pois não é que, talvez de propósito, suspendeu a pílula que tomava regularmente e engravidou! Levei sua urina ao laboratório. Positivo. O ventre crescia, ela suspendia os trabalhos na cozinha, soprava e enxugava o suor d[a]<o> [testa] <↑rosto>, pedindo ar, os olhos mais dilatados. Eu punha a mão na sua barriga, sentia [o menino] mexer-se o menino ou menina.</p> <p>Rómpeu-se a bolsa pela madrugada. Meti-a dentro de um táxi e a levei à maternidade, com gemidos, caretas, a mão fria agarrada ao meu braço.</p> <p>Era um menino.</p>
L.51-54; 59-61 Test.5	<p>Pois não é que, talvez de propósito, suspendeu as pílulas e engravidou! Levei sua urina ao laboratório. Positivo, o ventre crescia, ela suspendia o trabalho na cozinha, suspira<va> e enxugava o suor na testa, pedindo ar [./,\] <↑os olhos muito dilatados> EU punha a mão na sua barriga. Sentia-se mexer-se o menino ou a menina, e ria, satisfeito.</p> <p>Rompeu-se a bolsa pela madrugada. Metia-a dentro de um [táxi] táxi e a levei à maternidade, com muitos gemidos, agarrava-se, fria, ao meu braço[s]. [Já posso fazer es] Era um menino, que foi pela vida toda os <X> meu quindins, e dela também.</p>
L.60-68, Test.8	<p>Certa manhã, ela me disse: – Você sabe que faz hoje dez anos que a gente tá junto? Foi no dia</p>

	<p>que eu cheguei na sua casa. Olhei-a. Tive a ideia de levá-la a uma churrascaria aqui perto. Mas não passei da intenção. Almoçamos em casa mesmo, ao lado o nosso rapazinho, que é bonito.</p>
L. 60-64, Test.7	<p>Certa manhã, ela me disse: – Você sabe que faz hoje dez anos que a gente está junto? Foi no dia que cheguei na casa de sua mãe. Olhei-a. Tive a ideia de levá-la a uma churrascaria aqui perto. Mas não passei da intenção. Almoçamos em casa mesmo, ao lado o nosso rapazinho, que é bonito.</p>
L.67-72, Test.6	<p>Certa manhã, ela me disse: – Você sabe que faz dez anos que a gente está junto? Foi no dia que cheguei na casa de sua mãe. Olhei-a. tive a ideia de levá-la a [um restaurante modesto] a uma churrascaria aqui perto. Mas não passei da intenção. Almoçamos em casa mesmo, [o nosso rapazinho, que é bonito, ao lado.] <ao lado, o nosso rapazinho, que é bonito.></p>
L.62-69, Test.5	<p>Um dia, ela me disse: – Você sabe que faz [vint] hoje vinte [anos] <↑e cinco> que a gente está junto. [Contando do dia] Foi o dia que eu cheguei na casa de sua mãe. – [Quase] [b]/B\odas de ouro – eu disse. Olhei os cabelos, onde já aparecia<↑m> alguns fios brancos. Tive a intenção de convidá-la para um jantar em restaurante barato. Fiquei só na intenção. Jantamos em casa mesmo, eu, ela e o nosso [rapazinho, que é a nossa paixão] <rapaz.> <↓quando raramente saímos para um cinema no [bar] /bairro\ ou um sorvete no bar.></p>
L.63-66, Test.4	<p>Mas a verdade é que o tempo voa, corre. Estão ali na sala, diante da televisão, ele, Zuleica e o filho, um rapazinho já. Vieram para visita-lo, depois de conhecerem a cidade. passeiam</p>
L.54-62, Test.3	<p><X> Ela tem uma irmã casada, que vez por outra aparece [ali na cozinha] à procura de uma ajuda. Ele se limita a bater-lhe com a cabeça. Dá < ` >a companheira o dinheiro de que a outra diz estar necessitando. O mundo é deles dois [sós] <↑samente>, e dos filhos, que os visitam. Estão [ali] na sala, [diante] acompanhados das crianças diante da televisão, uma só família. <única> Ela tem um filho criado por uma irmã no interior. Este filho sempre teve o auxílio do casal, desde o tempo da finada, e a ajuda continua, sem maiores obrigações. O mundo de ambos se limita a eles dois, aos filhos casado e criança, que estão ali na sala diante da televisão, uma <↑só> família [única única]</p>
L.53-58, Test.2	<p>O tempo, em verdade, voa. Estamos aqui na sala, Zuleica, eu e o nosso filho, um rapazinho já. Eu já conhecia o pai dela, de longe. Corretor de imóveis, um lutador, com a sua pasta. Esteve no meu escritório, recebi-o com muita atenção [puxei-lhe] <ajeitei-lhe> a cadeira. Ele me olhava muito, como que meio surpreendido. [ui] Falei-lhe dos meus propósitos, com palavras escolhidas, bem ajustada. Ele encareceu qualidades da filha.</p>
L.54-55, Test. 1	<p>Mas o fato é que o tempo voa, passa rápido. Estão ali na sala de casa, diante da televisão, ele, Zuleica e o filho, um rapazinho já.</p>
L.65-68, Test.8	<p><X> Algumas vizinhas com as quais ela chegou a fazer amizade, ficam curiosas correm[até] <↑à> ajanela, quando dessas nossas saídas raras. Soube até que uma delas mais idosa chegou a comentar: – Esta menina teve sorte!</p>
L.19-44 , Test. 4	<p>Havia um outro [empecilhos] <↑empecilho> relativo: a preta velha que servia na sua casa desde o tempo de casado. Os mesmos elogios. [Menina] <↑criatura> dócil compreensiva. Tinha certeza de que iam dar-se bem. A preta fez muxoxo, ergueu os ombros e acabou de enxugar o prato: – A casa é do senhor. – Vai gostar dela. Gostou. [Ficam] <↑ficavam> na sala à noite diante da televisão,</p>

	<p>ri[em]<↑am> e comenta[m]<vam> as telenovelas. Os vizinhos tiveram surpresa: aquela moça vistosa, bonita, aparecia ali assim da noite para o dia.</p> <p>– Quem era? – Onde veio?</p> <p><<← a preta [resumia] <↑resumia>> tudo nesta frase: <<← – É a moça de quem ele se engraçou.></p> <p>Sabia disso pela própria preta, quando saía para o mercadinho próximo. Chamavam-na das janelas, indagavam. <↑X> [Mas] [e]Ele se dá com os vizinhos, acena-lhes com a mão, atende a um apelo de urgência, como ainda ontem, quando o menino quebrou o braço.</p> <p>Ele[, o médico][a]/A\chou de fazer carta breve aos pais, que moram no interior. <↑Explicava-se> Deve-lhes muito. O velho foi comerciante sólido, com armazéns. Mas veio a falência, e hoje [era] <↑é> o próprio filho que, quando [podia] <↑pode> lhes manda[va] uma ajuda, o que justifica [tudo] <↑os pais>.C<c>hegaram <↓contraried> <↓contrariedades> mesmo a visitá-lo <,> <?> [certo dia], desejosos de conhecer[em] a moça.</p> <p>Foram recebidos com grande surpresa e alegria. Zuleica desdobrava-se, arrumou-lhes o quarto, indagava se estava bem, atenta a tudo. Demoraram-se uns quatro dias. O médico e Zuleica foram deixá-los na rodoviária.</p> <p>As mulheres beijaram-se</p>
L.44-51, Test. 3	<p>Há uma aceitação tácita, sem [surpresas] <↑recusas> ou condenações. A lógica da vida. Apenas o filho casado [e] /,\ de poucas palavras.</p> <p>O tempo e as decisões firmes podem muito. Os vizinhos já não o olham com curiosidade ou cochichos nas janelas. Sabem que vivem juntos, não é novidade. Limitam- se a admirar as transformações porque [ele]<a>: o [novo] vestido, a fita permanentemente amarrada ao cabelo, [em rabo-de-cavalo, os sapatinhos baixos.] <os sapatos tênis.></p> <p>– Anita está outra. – Está.</p>
L.14-28; 39-52, Test. 2	<p>[Também foi necessário falar a] <↑preciso> [Ω1velha] <↓Tive tb. que preparar> a <Ω1 ↑velha> preta que me serve desde o [meu] tempo de casado. Tratava-se de uma menina dócil, compreensiva. A preta fez muxoxo, ergueu os ombros, acabou de enxugar o prato:</p> <p>– A casa é do senhor. – Vai gostar dela, garanto.</p> <p>Gostou, [deram] entenderam-se. Porque Zuleica [já] <↑já>. Assistem à televisão [am] na sala, distraem-se <↑X>.Procuo chegar mais cedo. Sei que houve curiosidades [da] e comentários da vizinhança: aquela [meni] moça vistosa, aparecida na minha casa da noite para o dia.</p> <p>– Quem é? – Onde veio?</p> <p>Dessas indagações eu sabia por intermédio da própria preta, quando sai para o mercadinho próximo. Chamam-na da janela, indagam. Não dou muita confiança a vizinhos, com este meu jeito seco, de poucas palavras, quando muito um bater de cabeça, se de todo do indispensável. Tenho as minhas relações, [um ótimo consultório, com] <↑uma> <excelente clientela> algum colega, vez por outra, me consulta em casos mais difíceis com os doentes (sou clínico geral).</p> <p>Há uma aceitação.</p> <p>Curioso é que, de início, quando dava para meu pai [aparecer por aqui] ou <↑me visitar> <apareceu> pessoa [de m] estranha e de mais destaque, Zuleica queria deixar a sala e meter- se lá por dentro. Eu a continha, e até chegava a fazer apresentações, sobretudo se se trata[va] de um colega:</p> <p>– Zuleica – Prazer</p> <p>Mas ainda tínhamos as nossas cautelas. Uma refeição em restaurante perto, um domingo em praia mais distante, o cinema do bairro. Hoje [já] estamos no super-mercado emprrando o carrinho [numa boa sorveteria], se necessário, numa boa sorveteria, nos cinemas do centro. Sei que <[↓ainda]> persistem comentários < [↑embora Ω1raros]> ([Zuleica veste-se bem]) olahres curiosos <↑(Ω2raros)>, que eu traduzo mais ou menos assim: “Este é doutor Eurico, ela a</p>

	<p>moça de programa que ele trouxe para casa”. Dessas pessoas [espero sempre o cumprimento atenci] algumas das quais distingo, espero sempre o cumprimento atencioso, que retribuo cordialmente.</p>
L.18-34, Test. 1	<p>Havia ainda um pequeno obstáculo, talvez apenas algumas palavras de [explicação] <↑esclarecimento>: a velha preta, que lhe servia desde o tempo de casado e que já fora dos seus pais. Explicou-lhe que se tratava de menina [boa] <↑ótima>, dócil, compreensiva. Iam dar-se bem, entender-se. A preta fez muxoxo, ergueu os ombros [,]<↑e> acabou de enxugar o prato:</p> <ul style="list-style-type: none"> – A casa é do senhor. – Vai gostar dela. <p>Gostou, entenderam-se porque Zuleica já está com ele. Ficam as duas, [ela e preta, aí] na sala, à noite, diante da televisão, [di] comentam os lances das telenovelas.</p> <p>Houve curiosidades da vizinhança: aquela moça vistosa, aparecida ali da noite para o dia.</p> <ul style="list-style-type: none"> – Quem era? – Onde veio? <p>Sabia dessas indagações pela própdia preta, quando saia para o mercado próximo. Chamavam-na das janelas, perguntavam. Ele contudo se dá com os vizinhos, cumprimenta-os, dando-lhes com a mão, ao sair no seu velho fusca. E já podem, depois do jantar, dar o seu passeio na pracinha em frente, com cumprimentos.</p>

Apêndice C
Quadro 11 - Confronto sinóptico *A nova empregada*

	Título
Test. 5	A NOVA EMPREGADA
Test. 4	A NOVA EMPREGADA
Test. 3	A NOVA EMPREGADA
Test. 2	sem título
Test. 1	sem título
L. 1-6, Test.5	<p>Na tarde de sábado, após a arrumação rigorosa da cozinha, punha o vidro de esmalte em cima do fogão, cruzava as pernas sentada no tamborete (umas coxas ainda bem fornidas) e pintava as unhas, soprando-as. Lúcia gabava-se à hora do almoço no restaurante do Instituto, fazendo inveja às colegas.</p> <p>– Sorte sua, minha filha. – Graças a Deus.</p>
L. 1- 6, Test.4	<p>[Muito limpa],[n] /N)a tarde de sábado, após a arrumação rigorosa da cozinha, punha o vidro de esmalte em cima do fogão, cruzava as pernas sentada no tamborete (umas coxas ainda bem fornidas) e pintava as unhas, soprando-as [Teria lá sua vida particular, isso era com ela. Lúcia fazia questão apenas de sua ajuda eficiente.] <Ω1↑Lúcia> [Estava satisfeita <Ω2↑Lúcia> gabava-a à hora do almoço no restaurante do Instituto. As colegas aprovavam:</p> <p>– É sorte.</p>
L. 4 -7, Test.3	<p>Lúcia gabava-se <↑na hora do almoço no restaurante do Instituto> no Instituto, [à hora do lanche,] fazendo inveja às colegas.</p> <p>– Sorte sua, minha filha. – Graças a Deus.</p>
L. 18-20, Test.2	<p>Lúcia a elogiava na mesa do almoço no restaurante do Instituto, fazendo inveja às colegas.</p> <p>– Sorte sua, minha filha. Puxe por ela.</p>
L.8-10, Test.1	<p>Nessa mesma tarde de sábado, após o jantar, punha o vidro de esmalte em cima do fogão [Ω1cruzava as pernas, sentada no] Ω2cruzava as pernas (os coxas ainda fornidas), sentada no tamborete e pintava as unhas, soprando-as.</p>
L32-34, Test.1	<p>Lucia elogiava-a na hora do almoço no restaurante do Instituto, fazendo inveja às colegas.</p> <p>– Sorte sua, minha filha. Cada um puxe por ela.</p>
L.7-20 Test.5	<p>Lúcia isolava, batendo na tábua da mesa. Servia-se discretamente do palito, que partia entre os dedos, atirando-o dentro do prato. Neide, a colega confidente, que queria o casamento de Lúcia com Seu Marcos, do Almojarifado, já conhecia Beatriz, a nova empregada. Estivera no último domingo, após a sessão no Centro Esotérico, no apartamento de Lúcia, e não esquecia o gesto delicado de Beatriz, oferecendo-lhe a flor que colhera no jarro da mesa:</p> <p>– Para a senhora voltar aqui outras vezes. Neide, já de saída na porta, curvava-se para abraçá-la, a haste da flor numa mão e a bolsa na outra:</p> <p>– Obrigada, minha nêga. Apontava-a com o dedo:</p> <p>– Tome conta de minha amiga. Ela está muito satisfeita com você. – Ah, isto é gente muito boa! – Ótima.</p>
L.7-21, Test.4	<p>Lúcia isolava, batendo na tábua da mesa. Servia-se discretamente do palito, que partia entre os dedos, atirando-o dentro do prato. Neide, confidente e protetora, que queria o casamento de Lúcia com Seu Marcos do almojarifado, já conhecia a nova empregada. Estivera no último domingo no apartamento de Lúcia e não esquecia o gesto delicado dela, oferecendo-lhe a flor que colhera no jarro:</p> <p>– Para a senhora voltar aqui outras vezes.</p>

	<p>Neide, já de saída na porta, [chegou a curva-se] <↑curvou-se> para [beijá-la] <↑para abraça-la>, a haste da flor numa mão e a bôlsa na outra: [<←-abraçá-la >] [<←- Cuida da minha amiga. >] [<←- A L. isto é gente muito boa>] <←- apontou-a com o dedo:> <←- Tome conta de minha amiga. Ela está muito satisfeita c/ você.> <←- A L. é gente muito boa> - Ótimo.</p>
L.8-13, Test.3	<p>E Lúcia isolava, batendo com os nós dos dedos na tábua da mesa [Juntava migalhas do sanduíche, que recolhia ao prato]. <↑ Servia-se reservadamente do palito, recompunha a pintura no espelhinho da bôlsa.> Neide, a colega querida e protetora, [[que frequentava as sessões] do Centro Esotérico [.] <→ Neide> <←-entusiástica> [conhecia] <↑e conhecedora> <d> os números propícios <,> [e queria o casamento de Lúcia com seu Marcos], chefe do almoxarifado <,>] já conhecia a nova empregada.</p>
L.28-31, Test.3	<p>Neide voltava à nova empregada. A sua impressão fôra a melhor possível. Não podia esquecer a idéia delicada que ela tivera de oferecer-lhe a flor tirada do jarro, no momento em que Neide se despedia. - É para a senhora voltar aqui outras vêzes.</p>
L.21, Test.2	<p>Lúcia isolava, batendo com os nós dos dedos na tábua da mesa.</p>
L. 104-107, Test.2	<p>U[m]a [m]/M[ulata] ainda fornida, de olhos rasgados, com uns restos de pintura. Tivera até um gesto muito delicado, no momento em que Neide [já Ω1se des-] Ω2se despedia, já na porta. Colhera uma rosa no jarro em cima da mesa: - Para a senhora voltar aqui outras vêzes.</p>
L.32-40, Test.1	<p>Lucia elogiava-a na hora do almoço no restaurante do Instituto, fazendo inveja às colegas. - Sorte sua, minha filha. Cada um puxe por ela. Lúcia isolava, batendo com os, [dedos na mesa] <nós dos dedos na mesa>. Servia-se discretamente do palito, que partia em dois, atirando-o dentro do prato, e retocava o batom no espelhinho da bôlsa. As colegas agora [vinham visitar Ω1Lúcia no hospital] <visitavam>Ω2Lúcia no hospital. Eram comandadas por Neide, a colega mais chegada e confidente (ela e Lúcia estavam sempre juntas na [hora do almô]<mesa do almoço> no restaurante). Dr. Miranda, Oficial de Gabinete</p>
L.47-52, Test.1	<p>Lúcia isolava, batendo com os [dedos] <nós> dos dedos na mesa. Servia-se discretamente do palíto, que partia em dois, atirando-o dentro do prato, e retocava o batom no espelhino da bôlsa. - É sorte mesmo. [E]<A>s colegas agora visitavam Lúcia no hospital, comandadas por Neide, a colega confidente (ela e Lúcia estavam sempre juntas na mesa do almoço no Instituto).</p>
L.70-73, Test.1	<p>No momento em que [Lúcia] <Neide> sai, já na porta do apartamento, ela tivera um gesto que muito a cativara. Colhera uma flor no jarro da mesa: - Para a senhora voltar aqui outras vezes.</p>
L.21-25, Test.5	<p>Beatriz tinha mania por flôres. Era a sua grande paixão. Lúcia as comprava raramente. Então ela descia até o mercado e voltava com palmas de avenca e margaridas, que distribuía pelos jarros da sala e do quarto, recuando um pouco para apreciá-las. Preocupava-se particularmente com o quarto de Lúcia. Mudava os lençóis, esticava repetidamente a colcha de chenila. De passagem, dava nôvo toque ao arranjo de flôres sôbre a mesinha de cabeceira.</p>
L.27-33, Test.4	<p>[Em verdade,] [t] /T\inha mania por flôres. [Embora] Lúcia as comprasse raramente < . > <↑Antes> ela descia até o mercado e voltava com palmas de avenca e margaridas, que distribuía pelos jarros da sala e do quarto, recuando um pouco para apreciá-las. Preocupava-se [...]. Emprenhava-se na mudança de lençóis, esticava repetidamente a colcha de chenila. De passagem, dava nôvo toque no arranjo de flo<↑>res d[a] <↑sôbre a> mesinha da cabeceira.</p>
L.33-41, Test.3	<p>- Minha filha, louca por flôres! As colegas, [no lanche>] <na mesa do restaurante:> - Sorte sua. Lúcia isolava. [na tábua da mesa.] Isso de flôres, era mania dela. Quando Lúcia não as comprava (e é claro que raramente as comprava), ela o fazia com o seu próprio dinheiro. Descia até o mercado, no seu passinho miúdo, atenciosa, sempre cedendo</p>

	<p>lugar, e trazia palmas de avenca, algumas margaridas, que distribuía pelos jarros da sala e do quarto, recuando um pouco para sentir o efeito. Queria o quarto de Lúcia bem cuidado, mudava os lençóis, esticava repetidamente a colcha de chenila.</p>
L.9-17, Test.2	<p>Fazia questão de comprar flôres para o apartamento. Quando Lúcia não o fazia (e raramente as comprava), ela própria descia até o mercado, naquele seu passo miúdo, escusando-se, e trazia as palmas de avencas e margaridas, que distribuía pelos jarros da sala e do quarto.</p> <p>– Mas isso é um absurdo, Beatriz! Com dinheiro seu? – Gosto delas, mas D. [Beatriz] <Lúcia>.</p> <p>Dava ainda uns toques no arranjo, [recuando] recuando para apreciá-lo. Punha empenho na arrumação do quarto de Lúcia. Queria-o um brinco. Mudava lençóis, que ia amontoando a um canto, esticava repetidamente a colcha de chenila.</p>
L.11-16, Test.1	<p>O seu [amor] <↑interesse> às flores. Quando Lucia não as comprava, ela própria descia até o mercado e voltava com palmas de avencas e margaridas, que distribuía pelos jarros da sala e do quarto, <↑ recuando um puco para sentir o efeito> cuidava particularmente do quarto de Lúcia. Mudava os lençóis da cama, esticava repetidamente a colcha de chenila. De passagem, dava mais um toque nas flores no jarro sôbre a mesinha de cabeceira.</p>
L.26-40, Test.5	<p>De manhã, ainda muito cêdo, Lúcia ouvia na cama quando Beatriz cautelosamente dava a volta à chave emperrada na porta de entrada de serviço. De início, talvez até andasse nas pontas dos pés. O ruído leve de atritos de painelas. Eram atenções, cuidados, que cativavam Lúcia.</p> <p>– Bom dia, D. Lúcia.</p> <p>O café já estava servido, porque Lúcia saía antes das oito horas: fazia dois expedientes no gabinete da presidência. Lúcia cedia-lhe o pacote de maizena ou a lata de presentada quase intata para as crianças. Antes de sair, vinha até a sala mostra-lhe o pacote.</p> <p>– Ora, Beatriz, precisa disso não. – Obrigada.</p> <p>No almôço de sábado, postava-se ao lado da mesa. Apressava-se em passar o prato:</p> <p>– Quer mais um pedacinho de bife? – Não. Estou ficando muito gorda.</p> <p>Sentia realmente dificuldade de meter a cinta diante do espelho. Outros desgostos: o cabelo curto e ralo, que reclamava a peruca, a cabeça redondamente medíocre.</p>
L.29-44, Test.4	<p>Dormia fora, <↑X> tinha a chave da entrada de serviço, e folgava aos domingos. Chegava muito cêdo, nas pontas dos pés, sem ruído. Ainda na cama, Lúcia ouvia o ranger cauteloso que ela dava na lingueta da fechadura.</p> <p>– Bom dia, D. Lúcia</p> <p>O café já estava [pronto] <↑novinho,> [<o serviço americano>] <muito bem posto na cabeceira da mesa> e a cabeceira da mesa preparada [porque] porque Lúcia saía antes das oito horas, para os dois expedientes no gabinete da presidência. Lúcia cedia-lhe o pacote de maizena ou a lata de presentada ainda intata para as crianças, [Antes de sair, vi-] “Os meus calungas”, como ela os chamava. Antes de sair, vinha até a sala mostra-lhe o pacote.</p> <p>– Ora, Beatriz, precisa disso não.</p> <p>No almôço de sábado, postava-se ao lado da mesa, apressava-se em passar o prato:</p> <p>– Quer mais um pedacinho do bife? – Não. Estou ficando redonda. Disforme.</p> <p>Contrariava-a o volume da barriga, a dificuldade de meter a cinta diante do espelho. Beatriz às vêzes a ajudava. Outros desgostos: o cabelo curto, que já se tornava ralo, a cabeça redondamente mediocre.</p>
L.46-62, Test.3	<p>No café da manhã ou no almôço de sábado, postava-se ao lado de Lúcia, muito apumada, as mãos cruzadas no ventre, e preocupava-se com a sua falta de apetite, embora Lúcia se contrariasse [com o volume da barriga, que resistia à cinta frente ao espelho do guarda-roupa.] <↑engordava,> <tinha dificuldade de meter a cinta> <↓diante do espelho do guarda-roupa></p> <p>– Estou <↓ficando> redonda.</p>

	<p>– Quer mais um pedacinho de bife? – Não, não. Já me servi bem.</p> <p>Folgava aos domingos. Lúcia cedia-lhe o pacote de maizena para os meninos ou a lata de presuntada quase inta[c]ta para o seu mais velho, que era paralítico, uma cruz.</p> <p>– Cada um sabe onde o sapato lhe aperta. – Sem dúvida. É muito triste. – Se é? Graças a Deus ainda tenho minha mãe. – É uma felicidade. Vinha mostrar o pacote a Lúcia antes de sair. – Ora Beatriz, precisa disso não. Está tudo certo. – Agradecida, D. Lúcia.</p>
L.4-8, Test.2	<p>A sua voz cavilosa, de mãos cruzadas no ventre, em pé ao lado da mesa, no almoço de sábado:</p> <p>– A senhora quer mais um pedacinho de bife? – Não, não. Já comi muito. Estou ficando gorda. Sentia realmente dificuldade de meter a cinta diante do espelho.</p>
L.47-60, Test.2	<p>A cautela com que, pela manhã, ela dava volta à chave emperrada da porta de serviço, para não incomodá-la. De início, talvez até andasse nas pontas dos pés. O atrito breve de panelas.</p> <p>– Bom dia, D. Lúcia. Dormiu bem? A mesa do café já estava servida, [o serviço americano posto com muito capricho] porque Lúcia saía cedo, fazia dois expedientes no gabinete da presidência.</p> <p>– Essa correria [diária] mata a gente. Lucia enxugava os cantos da boca com o guardanapo, retocava o batom: – Tchau. – Tchau.</p> <p>Beatriz juntava migalhas, recolhia o serviço americano. Folgava aos domingos. Então Lúcia cedia-lhe [a lata Ω1de maizena] <o pacote> Ω2de maizena ou a lata de presuntada ainda intacta para as crianças [os] “os meus calungas”, como Lúcia dizia. Antes de sair, vinha até a sala mostrar o pacote a Lúcia: – Tolice, Beatriz. Precisa disso não.</p>
L.26-43, Test.1	<p>Benedita dormia fora e folgava aos domingos. Chegava muito cedo, nas pontas dos pés, sem ruído. [Ainda na cama] Ainda na cama, Lucia ouvia ela dando a volta cautelosa na fechadura emperrada da porta de serviço.</p> <p>– Bom dia, D. Lúcia. O café já estava pronto e a cabeceira da mesa preparada porque Lúcia saía antes das oito, para os dois expedientes no gabinete da presidência do Instituto. Lucia elogiava-a na hora do almoço no restaurante do Instituto, fazendo inveja às colegas.</p> <p>– Sorte sua, minha filha. Cada um puxe por ela. Lúcia isolava, batendo com os, [dedos na mesa] <nós dos dedos na mesa>. Servia-se discretamente do palito, que partia em dois, atirando-o dentro do prato, e retocava o batom no espelhinho da bolsa. As colegas agora [vinham visitar Ω1Lúcia no hospital] <visitavam> Ω2Lúcia no hospital. Eram comandadas por Neide, a colega mais chegada e confiante (ela e Lúcia estavam sempre juntas na [hora do almô] <mesa do almoço> no restaurante). Dr. Miranda, Oficial de Gabinete Lúcia cedia-lhe o pacote de maizena ou a lata de presuntada ainda intacta para as crianças. Antes de sair, Benedita vinha mostrar-lhe o pacote na sala: – Ora, Beatriz, precisava disso, não!</p>
L.94-102, Test.1	<p>– A senhora quer mais um pedacinho de bife? – Não, não. Já comi demais. – Então está bom. – Estou muito gorda.</p> <p>Sentia realmente dificuldade de meter a [Ω1cinta. Então] Ω2cinta diante do espelho. Então a própria Beatriz a auxiliava. Havia outros desgostos: os cabelos aparados e ralos, a cabeça redondamente medíocre, [Talvez houvesse Pensava em comprar a peruca que vira na vitrine da loja em Copacabana.] Decidira-se a comprar a peruca.</p>
L.40- 48, Test.5	<p>Lembrava-se de Seu Marcos, do Almoxarifado, e os desgostos se acentuavam: o luto de Seu Marcos, a grande calva, o chapéu de massa em cima do</p>

	<p>armário de aço, o triunfo com que êle anotava gastos na sua caderneta particular. Não esquecia o domingo em que Neide arranjara para os três irem ao cinema. Seu Marcos lhe parecera terrivelmente ridículo de silaque. Os braços finos e muito brancos, com cabelos irritantemente encarapinhados. Neide os animava, dava-se como sempre. Ou seria uma espécie de masoquismo, já que ela própria não se realizara? Neide acreditava na força do pensamento:</p> <p>– As coisas precisam ser mentalizadas.</p>
L.44-56, Test.4	<p>Lembrava-se de Seu Marcos do almoxarifado, e os desgostos se acentuavam: o luto de Seu Marcos, a grande calva, o chapéu de massa em cima do armário de aço, o triunfo com que êle anotava gastos na sua caderneta particular. Não esquecia o domingo em que Neide arranjara para os três irem ao cinema. Então Seu Marcos lhe parecera [terrível] <↑irritantemente> ridículo: de silaque, os cotovelos murchos, os braços finos e muito brancos, com cabelos [irritantemente] <↑negros e> encarapinhados [.] /, \ <← lembrando bolinhas de pimenta-do-reino> Nunca o vira assim e surpreendera-se. Neide os aninava, dava-se. Ou seria uma espécie de masoquismo, já que ela própria não se realizara? [Sua última convicção eram] <↑aos domingos, frequentava> as sessões do Centro Esotérico, [e passara a acreditar com seriedade] <↑ e acreditava, c/ seriedade></p> <p>– As coisas devem ser mentalizadas. [Deveria repetir-se sempre: todos os dias, sob todos os pontos de vista, vou cada vez melhor.]</p> <p>De [qualquer modo, Neide era a colega protetora].</p>
L.10-25, Test.3	<p>Neide, a colega querida e protetora, [[que frequentava as sessões] do Centro Esotérico [.] <→ Neide> <←entusiástica> [conhecia] <↑e conhecedora> <d>os números propícios <, > [e queria o casamento de Lúcia com seu Marcos], chefe do almoxarifado<, >] já conhecia a nova empregada. Lembrava-se do domingo em que fôra ao apartamento triste de Lúcia. Triste não era pròpriamente o apartamento, mas o edifício velho, escuro, de elevador gasto, emperrando no terceiro andar e de repente descendo para o primeiro, se não se comprimisse logo o botão [se puxasse a porta de grades.] Triste também evidentemente a vida de Lúcia. Daí o interêsse de Neide (ou seria uma espécie de masoquismo, já que ela também não se realizara?) em que Lúcia [cedesse a] <↑viesse a gostar de> Seu Marcos, homem pautado, econômico, anotador de gastos na sua caderneta e capaz de brigar por lápis no almoxarifado, o que tranqüilizava a presidência. Seu Marcos guardava ainda o luto de viúvo e usava chapéu, com que cobria a grande calva. Mas era exatamente todo êsse conjunto que contrariava Lúcia, embora ela sentisse que os seus cabelos curtos <já> rareavam, tinha uma cabeça redondamente medíocre e a base da maquiagem não disfarçava as rugas, doridas à luz de néon no espelho da vitrina, de passagem pela calçada.</p>
L.80-86, Test.2	<p>Quando foi da visita de Seu Marcos, do Almoxarifado, Neide ajudou-a a ajeitar-se na cama, levantou mais o travesseiro, puxou o lençol de linho até a pala da camisa rendada, que devia ficar à mostra, acabou de empoar-lhe o peito sardento, e a própria Lúcia dava toques nos cabelos curtos e ralos. Seu Marcos era grave. Ainda na porta, arrastava sempre a mão para baixo num cumprimento longo, curvando-se, e conservava na lapela do paletó a targa da viuvez recente.</p>
L.54-58 Test.1	<p>Quando foi da visita de Seu Marcos, [no] /do\ Almoxarifado, Neide apressou-se em ajudar Lúcia. [Puxou-lhe mais] <Levantou-lhe> mais o travesseiro. Seu Marcos [era solene. Ω1Ainda na porta]<era grave>. Ω2Ainda na porta, arrastava sempre a mão para baixo num cumprimento longo, curvando-se, e conservava na lapela do paletó a targa da viuvez recente.</p>
L.49-57, Test.5	<p>Quando Lúcia sentiu repetir-se a dor na nuca, com pontadas fortes, que a faziam curvar-se sôbre a máquina de escrever, a mão no pescoço, foi Neide, a colega protetora, que a levou ao Serviço Médico, antes do lanche. Dr. Fausto tomou-lhe a pressão. Muito alta, como de costume. Seria bom uns dias de repouso:</p> <p>– Quer uma licença?</p> <p>Lúcia consultou Neide com os olhos.</p> <p>– Não. Talvez apenas uns dois dias.</p> <p>Dr. Fausto procurava no armário do ambulatório a amostra de remédio:</p> <p>– Tome logo uma drágea aqui mesmo.</p>
L.57-68, Test.4	<p>[Quando Lúcia sentiu repetir-se a dor de cabeça] <Quando Lúcia sentiu repetir-se a dor na nuca>, com pontadas fortes, que a faziam curvar-se sôbre a máquina de escrever, [levando] a mão [a/n\] pescoço, foi Neide que a levou ao Serviço Médico [.] /, \ antes do lanche. Dr. Fausto tomou-lhe a pressão. Um bocado alta. Seria bom uns dias de</p>

	<p>repouso:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Quer uma licença? <p>Lúcia consultou Neide com os olhos.</p> <ul style="list-style-type: none"> – Não. Talvez apenas uns dois dias. – Está bem. <p>Dr. Fausto procurava no armário do ambulatório a amostra d[e]/o\ remédio com [i]/o\ indicador amarelecido pelo cigarro:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Tome logo uma drágea aqui mesmo.
L.70-81, Test.3	<p>No dia em que Lúcia sentia repetir-se a dor na nuca, com pontadas fortes, que faziam [esquecer a máquina de escrever e] levar a mão ao pescoço, <↑curvando-se sobre a máquina de escrever.>Neide, a colega amiga e [interessada], <↑protetora> levou-a ao serviço médico, antes do lanche. Dr. Fausto tomou-lhe a pressão. Um bocado alta. Talvez fôsse bom uns dias de repouso:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Quer uma licença? <p>Lúcia consultou Neide com os olhos:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Não. Talvez apenas uns dois dias. – Está bem. <p>Dr. Fausto procurava no armário do ambulatório com o indicador amarelecido pelo cigarro o vidro de amostra do remédio.</p> <ul style="list-style-type: none"> – Pode tomar logo uma <↑drágea> aqui mesmo.
L.70, Test.2	Lúcia já estivera na Clínica Médica de emergência, na esquina.
L.79-84, Test.1	<p>[Tudo se] Seu Marcos, objetivo, desejava saber se ela já fora presa. Neide não sabia. Mas a queixa [na delegacia] estava registrada na delegacia.</p> <p>Tudo se dera no dia em que Lúcia sentira repetir-se a dor insistente da nuca, que a fazia levar a mão ao pescoço, curvada sobre a máquina de escrever. [Ω1 Dr. Fausto examinara no Serviço Médico] Sempre teve a pressão muito alta. [Ω2Dr. Fausto] a examinara no Serviço Médico.</p>
L.86-89, Test.1	Tudo se dera no dia em que Lúcia sentira repetir-se a dor insistente na nuca, que fazia levar a mão ao pescoço, curvando-se sobre a máquina de escrever. Sempre tivera a pressão muito alta. Dr. Fausto a examinara no Serviço Médico
L.58-61, Test.5	Neide queria conseguir com Dr. Miranda o automóvel da presidência. Lúcia recusava. Apanharia um táxi. Não, não iria no automóvel, não custava nada. Dr. Miranda cedeu, também interessado, formulando votos, porque era muito delicado, todos sabiam que servira no Itamarati.
L.69-72, Test.4	Neide queria conseguir com Dr. Miranda o automóvel da presidência. Lúcia recusava. Apanharia um táxi. Não, não, iria no automóvel, não custava nada. Dr. Miranda cedeu, também interessado, levantando-se da mesa, porque era muito elegante e delicado, todos sabiam que servira no Itamarati:
L.82-85, Test.3	Neide queria conseguir com Dr. Miranda o automóvel da presidência. Lúcia recusava, apanharia [mesmo] um táxi. Não, não, iria no automóvel, não custava nada. Dr. Miranda cedeu, também interessado, levantando-se da mesa, porque era muito delicado, todos sabiam que servira no Itamarati:
L.62-73, Test.5	<p>O motorista solene da presidência cortou o Flamengo, Botafogo, venceu o Túnel Nôvo:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Será que o nosso aumento vem mesmo, D. Lúcia? – Eles falam, não é, Seu Expedito? <p>Lúcia comprimia a cabeça contra o assento. A cada pequeno solavanco aumentava a dor. O motorista não perdia a solenidade. Alcançou a Praça General Osório:</p> <ul style="list-style-type: none"> – A vida está cada vez mais cara. – Caríssima. – É na Barão de Tôrres, D. Lúcia? – Sim. <p>Deu-lhe o número. Seu Expedito parou em frente ao velho edifício, de entrada escura, o depósito de lixo ainda na calçada. Lúcia agradeceu-lhe.</p>
L.85-100, Test.4	<ul style="list-style-type: none"> – Meus desejos de restabelecimento, D. Lúcia. – Obrigada, doutor. <p>O motorista solene da presidência cortou o Flamengo, Botafogo, venceu o Túnel Nôvo:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Será que nosso aumento vem mesmo, D. Lúcia?

	<p>– Eles falam, não é, Seu Expedito? Lúcia comprimia a cabeça contra o assento. A cada solavanco aumentava a dor. O motorista não perdia a solenidade. Alcançou a Praça General Osório: – A vida está cada vez mais cara. – Caríssima. – Eu não sei o que é que essas autoridades estão fazendo. É na Barão da Tôrre, D. Lúcia? – Sim. Deu-lhe o número. Seu Expedito parou em frente ao edifício velho, de entrada escura, [Ω1Lúcia agradeceu.]</p>
L.86-99, Test.3	<p>– Meus desejos de restabelecimento, D. Lúcia. – Obrigada, doutor. O motorista solene da presidência cortou o Flamengo, Botafogo, [Túnel do Pasmado e] <↑Venceu> Túnel Nôvo: – Será que o nosso aumento vem mesmo, D. Lúcia? – Êles falam, não é, Seu Expedito? Lúcia comprimia a cabeça contra o assento. A cada pequeno solavanco aumentava a dor. O motorista não perdia a solenidade. Alcançou a Praça General Osório: – A vida está cada vez mais cara. – Caríssima. – É na Barão da Tôrre, D. Lúcia. [./]?\</p> <p>– Sim. Deu-lhe o número. Agradeceu a Seu Expedito.</p>
L.73-88, Test.5	<p>O elevador enguiçou mais uma vez no terceiro andar. Ela voltou a comprimir repetidamente o botão. Procurou a chave do apartamento na bolsa. Surpreendeu-se, em grande pasmo, de encontrar na sala, junto à mesa, um homem de têmporas grisalhas, elegante, que precisamente naquele instante acendia o cigarro com o isqueiro. – Que é que o senhor deseja?! O homem guardava o isqueiro com calma no bolsinho da calça: – Eu... eu... nada. Teve certa relutância. Disse que ali era uma casa de recursos. Pertencia a madame Beatriz. Pelo menos, era o que êles sabiam. Êle estava em companhia de alguém, que ainda se demorava no quarto. Ela desse licença. Protegia a companheira, que passou pela sala de cabeça baixa, batendo o fêcho da bolsa, onde retocara o batom. – Com licença. Lúcia continuava interdita. Atirara-se à cadeira. A cabeça rachava, as têmporas iam partir. O cheiro das flôres murchas no jarro trouxe-lhe de repente uma onda de náusea. Correu até o banheiro, mais ainda lançou sôbre o tapête a primeira golfada de vômito.</p>
L.88-120, Test.4	<p>[O elevador] o depósito de lixo ainda na porta. Ω2Lúcia agradeceu. O elevador enguiçou [ainda] mais uma vez. <↑ no 3º andar. Ela voltou a comprimir o botão> [Detinha-se entre os andares, era preciso comprimir outra vez o botão, ajeitar] [a velha grade] [a grade da porta.] Procurou a chave do apartamento na bolsa. Surpreendeu-se, em grande pasmo, de encontrar na sala junto à mesa um homem de têmporas grisalhas, bem vestido, que precisamente naquele instante acendia com elegância um cigarro, protegendo a chama do isqueiro com a mão. – Que é que o senhor deseja?! O homem guardava o isqueiro com calma no bolsinho da calça: – Eu? ... [eu nada] eu... nada. Teve certa relutância. Disse que ali era uma casa de recursos. Pertencia a madame Beatriz. Pelo menos, era o que êles sabiam. Êle estava em companhia de alguém, que ainda se demorava no quarto. Ela desse licença. Protegia a companheira, que passou pela sala de cabeça baixa, batendo o fêcho da bêlsa, onde retocara o batom: – Com licença. Lúcia continuava interdita. Atirava-se à cadeira. A cabeça rachava, as têmporas iam partir. O cheiro das flôres murchas no jarro trouxe-lhe de repente uma onda de náusea < . > e [ali mesmo, sem socorro de alguém, a porta aberta, a bolsa jogada em</p>

	<p>cima da mesa, começou a vomitar sôbre o tapete.] [Correu até o banheiro, mas ainda vomitou sôbre o tapete da sala. mas ainda vomitou sobre o tapête.] Tentou correr até o banheiro, mas [sem triunfo, [il] se apoiou [il] [il] parede] ainda lançou sobre o tapete [da sala] a primeira golfada de vômito.</p>
L.99-104, Test.3	<p>O elevador enguiçou mais uma vez. Ela manteve o dedo no botão. Procurou a chave [↑do apartamento] na bolsa. Surpreendeu-se, em grande pasmo, [as mãos trêmulas na bolsa,] de encontrar na sala junto à mesa um homem [ainda jovem], <↑ de têmporas grisalhas,> bem vestido, que precisamente naquele instante acendia com elegância um cigarro, protegendo a chama do isqueiro com a mão.</p>
L.108-112, Test.2	<p>Depois conversava-se tudo em voz baixa na sala, Neide olhando para os lados sem necessidade, ou no corredor escuro, enquanto se aguardava o velho elevador, sempre enguiçado no terceiro andar. Gritava-se do alto: – Aperte de nôvo o botão e puxe a grade! As palavras eram abafadas. Tudo se dera por causa da nova</p>
L.106-109, Test.1	<p>E logo mais [as Ω1temporas grisalhas] o senhor elegante, de Ω2temporas grisalhas, que acendia o cigarro com o isqueiro, protegendo a chama. Não sabia porque essas temporas grisalhas, de prata, ficaram-lhe impressas nela, Lúcia.</p>